



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2016**



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Arno Jerke Júnior (interino)

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Arno Jerke Júnior (interino)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA **grãos**

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 8- Safra 2015/16 - Oitavo levantamento, Brasília, p. 1-178, maio 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)	João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)	João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)
Leonardo Amazonas (Geole -soja)	Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)	Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)
André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)	Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)		

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafras/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário



1. Resumo executivo	08
---------------------	----



2. Introdução	12
---------------	----



3. Estimativa de área plantada	14
--------------------------------	----



4. Estimativa de produtividade	17
--------------------------------	----



5. Estimativa de produção	19
---------------------------	----



6. Crédito rural	22
------------------	----



7. Monitoramento agrícola	46
---------------------------	----



8. Análise das culturas	75
-------------------------	----

8.1. Culturas de verão	75
------------------------	----

8.1.1. Algodão	75
----------------	----

8.1.2. Amendoim-----	83
8.1.3. Arroz -----	87
8.1.4. Feijão -----	95
8.1.5. Girassol -----	111
8.1.6. Mamona -----	114
8.1.7. Milho -----	116
8.1.8. Soja-----	127
8.1.9. Sorgo-----	138
8.2. Culturas de inverno-----	141
8.2.1. Aveia -----	142
8.2.2. Canola-----	144
8.2.3. Centeio-----	145
8.2.4. Cevada -----	146
8.2.5. Trigo-----	147
8.2.6. Triticale-----	150



9. Balanço de oferta e demanda----- 152



10. Preços ----- 154



11. Câmbio ----- 162



12. Exportação e importação ----- 164





1. RESUMO EXECUTIVO

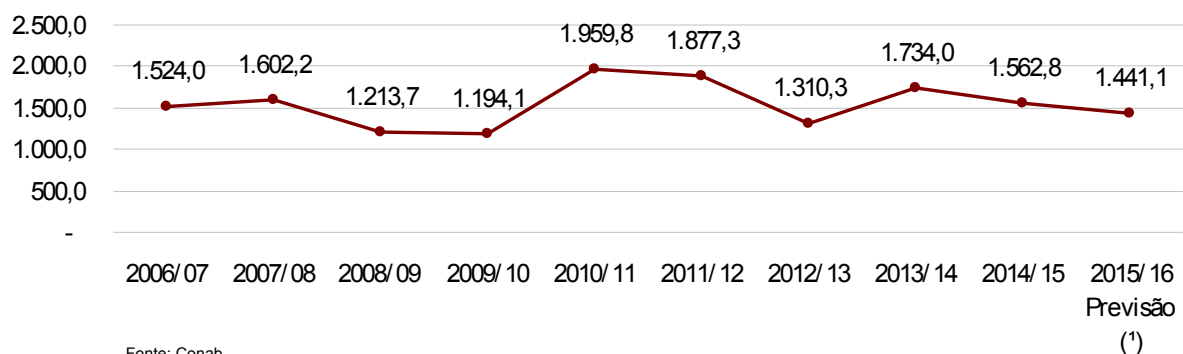
SAFRAS 2015/2016

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 202,39 milhões de toneladas. A redução deverá ser de 2,5% em relação a 2014/15, mas ainda superior à safra 2013/14.

A área plantada prevista é de 58,13 milhões de hectares, crescimento previsto de 0,3% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pela redução de área na Região Norte/Nordeste, e queda de produtividade, afetada pelo estresse hídrico e altas temperaturas. A produção deve ser menor das últimas duas safras, mas ainda superior à safra 2012/13.

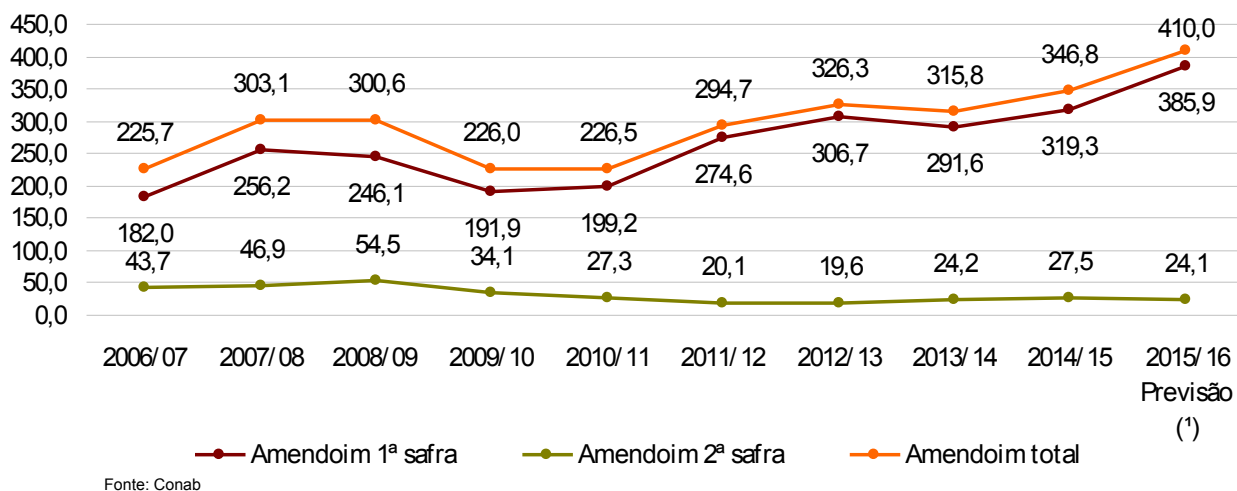
Gráfico 1 - Produção de algodão



Amendoim: a estimativa é de crescimento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento signi-

ficativo da área plantada em São Paulo. Aumento na produtividade média e na produção total.

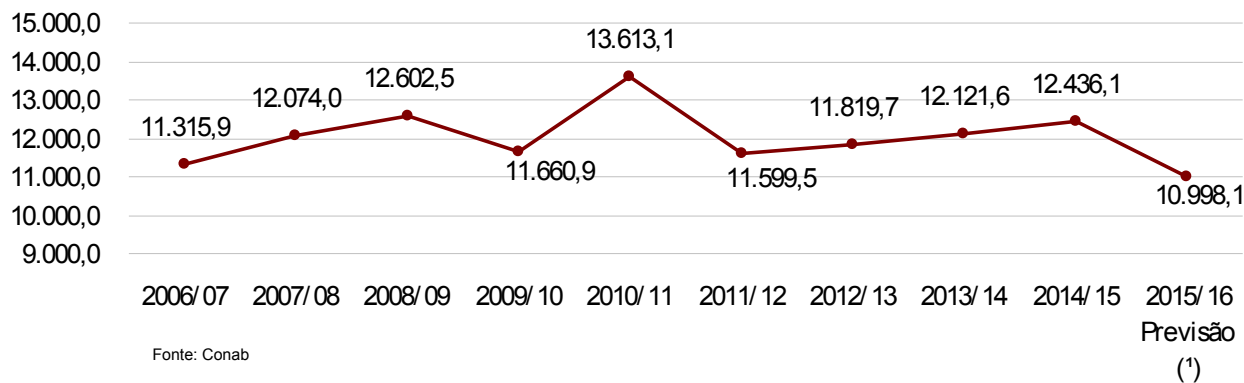
Gráfico 2 - Produção de amendoim



Arroz: houve redução na área plantada em quase todos os estados produtores e o excesso de chuvas ocasionou plantio fora da janela ideal e baixa lumi-

nosidade, refletindo em queda de produtividade na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul. Produção inferior à obtida em 2014/15.

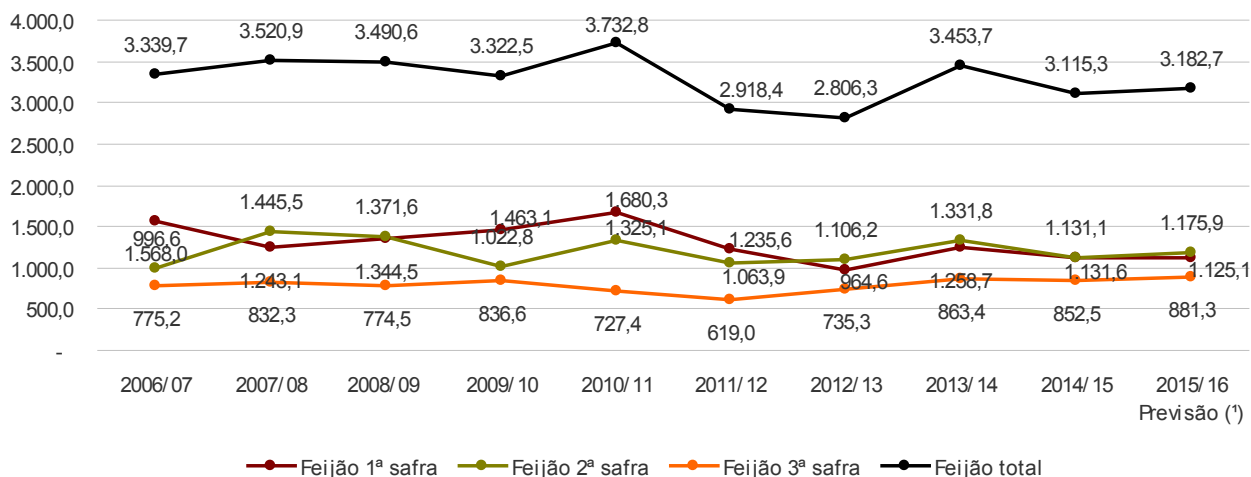
Gráfico 3 - Produção de arroz



Feijão: aumento da produção e produtividade do feijão primeira safra, mesmo com redução de área. Para a segunda safra a previsão indica aumento de área e

de produtividade. Lavouras ainda dependem do comportamento climático.

Gráfico 4 - Produção de feijão

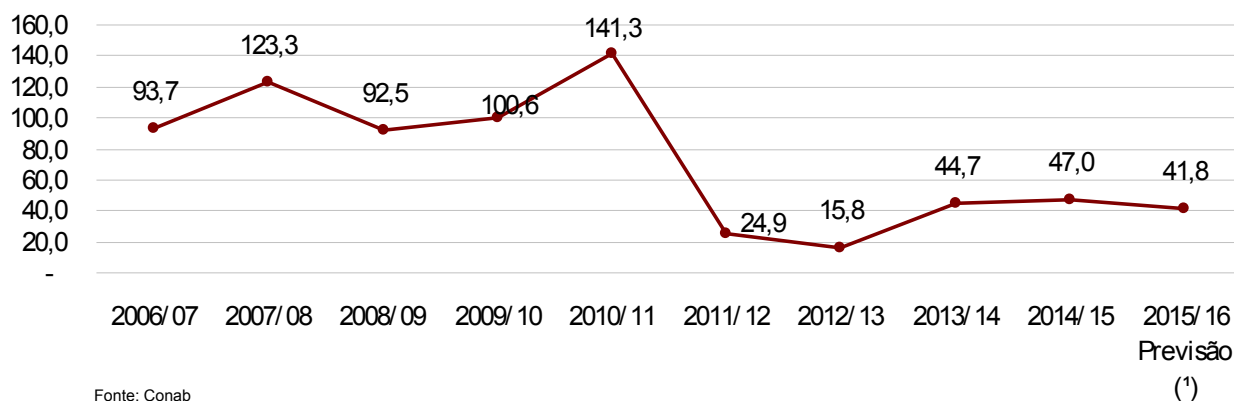


Fonte: Conab

Mamona: estimativa de queda na produção, sobretudo em função do menor plantio na Bahia, maior estado produtor. Eram aguardados um expressivo au-

mento de área em relação à safra anterior, no entanto, a baixa incidência de chuvas e a falta de sementes desestimulou os produtores.

Gráfico 5 - Produção de mamona



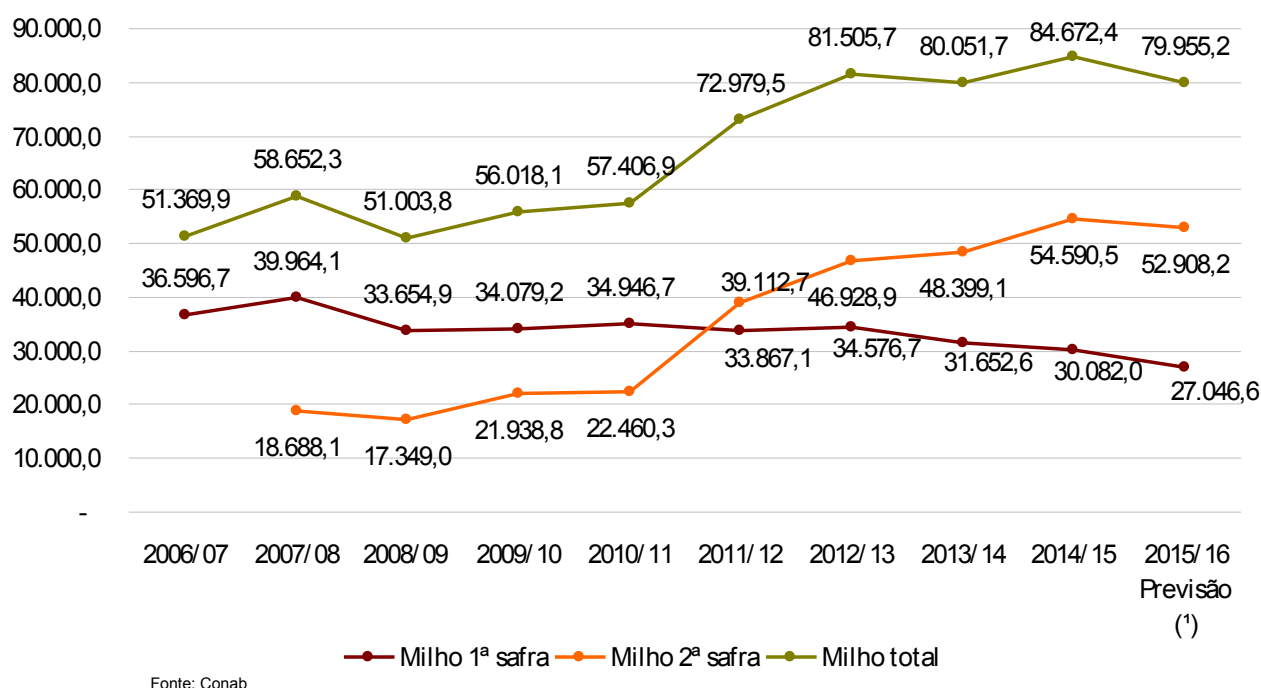
Fonte: Conab

Milho: consolidou-se a queda de área de milho primeira safra e, apesar da manutenção na produtividade, a produção sofreu queda em relação a safra 2014/15. Entre as safras 2006/07 e 2012/13 a produção de milho primeira safra no país esteve acima dos 33 milhões de toneladas. A queda consecutiva nas últimas três safras é reflexo do aumento no plantio de soja, fazendo com que a safra de milho fosse concentrada

na segundo período, após a colheita da soja. Para o milho segunda safra, apesar do ganho expressivo de área (6,4%), a queda de produtividade em função do estresse hídrico em abril impactou a produção, redução de 3,1%. A produção total deve ser de 80 milhões de toneladas, inferior a safra 2015/16, mas no mesmo patamar da safra 2013/14.



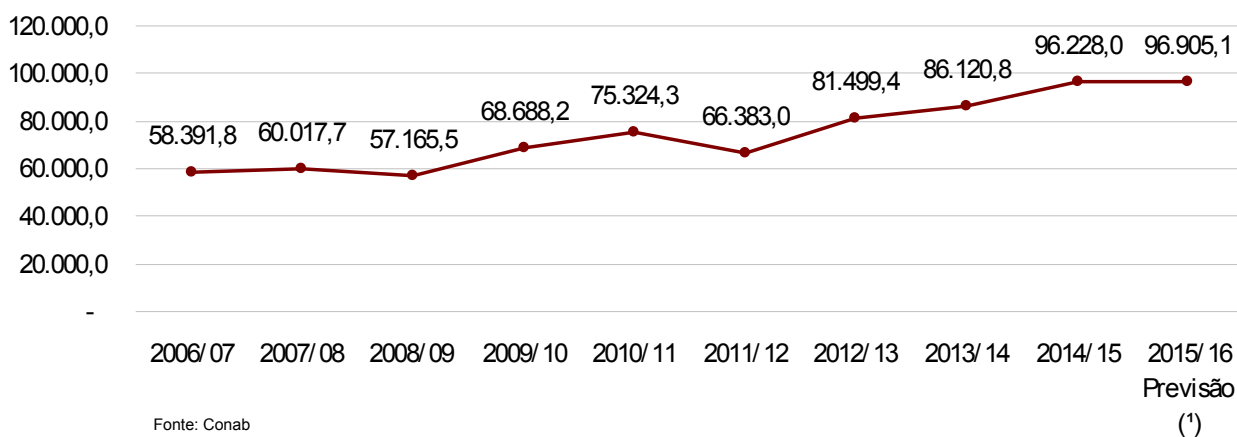
Gráfico 6 - Produção de milho



Soja: houve atraso no plantio em diversos estados e também veranico, o que impactou a produtividade média, inferior à safra passada. Em virtude do ganho de área, a safra 2015/16, estimada em 96,9 milhões de toneladas, é superior em relação à safra 2014/15. A re-

dução de 2,1% em relação ao levantamento anterior é resultado das condições climáticas desfavoráveis no Matopiba e término da colheita na maior parte dos estados produtores.

Gráfico 7 - Produção de soja





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra, que se encontram na fase final de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela

Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,5 MILHÕES DE HECTARES)

Para o oitavo levantamento da safra brasileira de grãos, a estimativa é de que a área plantada alcance 58,13 milhões de hectares (Tabela 1). No total, representará 0,3% de aumento, que equivale a 197,5 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57,93 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por 3,1% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento de 3,1% (33.082,3 milhões de hectares) na área cultivada com a oleaginosa. O algodão apresenta redução de 1,6% (960,4 mil hectares). Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução de 10,6% na área (5,48 mil hectares), a ser cultivada com soja. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de área de 6,4% (615,7 mil hectares). O feijão primeira safra apresenta redução de 7,3% (976,2 mil hectares). O feijão segunda safra apresenta aumento de 1,8% (1.341,6 mil hectares), já o feijão terceira safra apresenta redução de 6,6% (712,2 mil hectares).

Esta é a oitava previsão para a safra 2015/16.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	965,7	960,4	(1,6)	(15,8)
AMENDOIM TOTAL	108,9	121,4	121,0	11,1	12,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	110,5	110,1	12,7	12,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,9	10,9	(2,7)	(0,3)
ARROZ	2.295,1	2.023,8	2.000,1	(12,9)	(295,0)
FEIJÃO TOTAL	3.040,0	3.047,5	3.030,0	(0,3)	(10,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.013,2	976,2	(7,3)	(77,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.366,0	1.341,6	1,8	23,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	668,3	668,3	712,2	6,6	43,9
GIRASSOL	111,5	42,5	42,5	(61,9)	(69,0)
MAMONA	82,1	102,8	72,0	(12,3)	(10,1)
MILHO TOTAL	15.692,9	15.480,9	15.655,1	(0,2)	(37,8)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.579,0	5.488,8	(10,6)	(653,5)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.901,9	10.166,3	6,4	615,7
SOJA	32.092,9	33.130,1	33.082,3	3,1	989,4
SORGO	722,6	671,9	640,0	(11,4)	(82,6)
SUBTOTAL	55.122,2	55.586,6	55.603,4	0,9	481,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	189,5	261,5	38,0	72,0
CANOLA	44,4	44,4	42,4	(4,5)	(2,0)
CENTEIO	1,7	1,7	1,6	(5,9)	(0,1)
CEVADA	102,4	102,4	95,2	(7,0)	(7,2)
TRIGO	2.448,8	2.448,8	2.103,0	(14,1)	(345,8)
TRITICALE	21,5	21,5	20,9	(2,8)	(0,6)
SUBTOTAL	2.808,3	2.808,3	2.524,6	(10,1)	(283,7)
BRASIL	57.930,5	58.394,9	58.128,0	0,3	197,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2016.



Grafico 8 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)

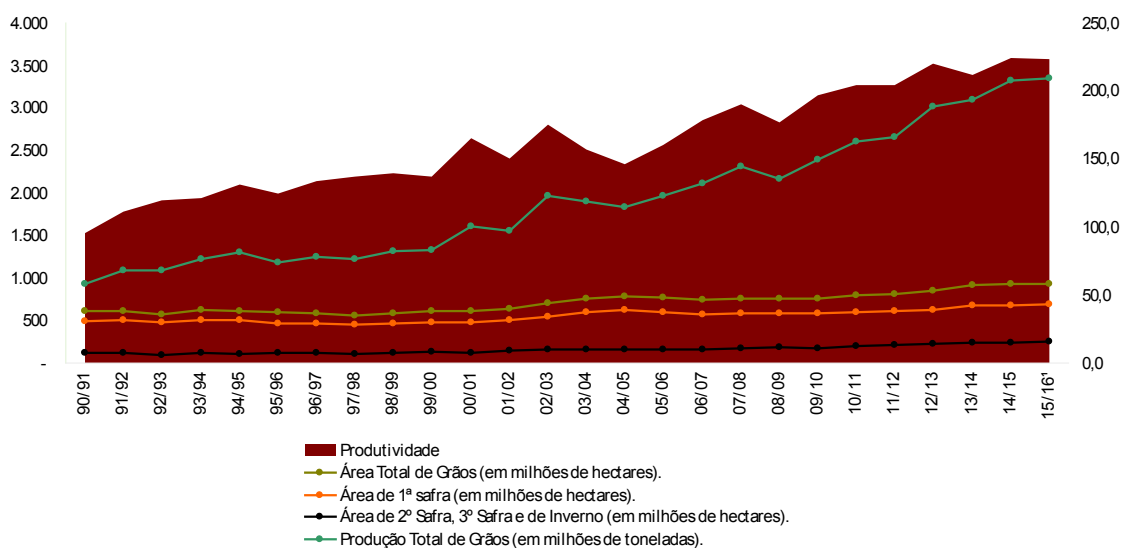


Grafico 9 – Brasil - Produção total por Unidade da Federação

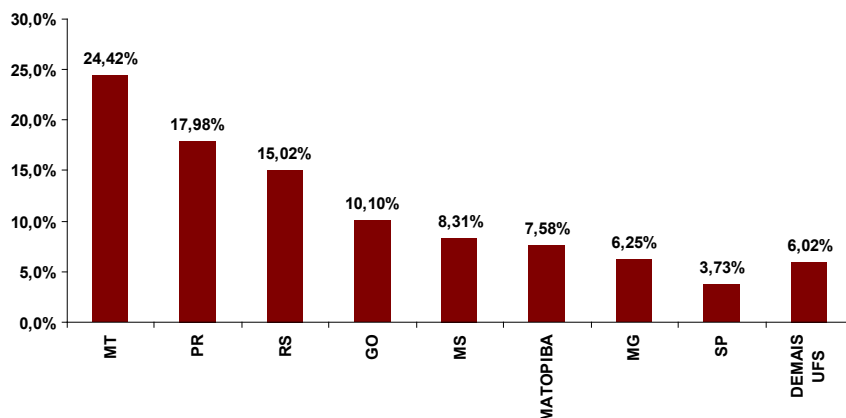
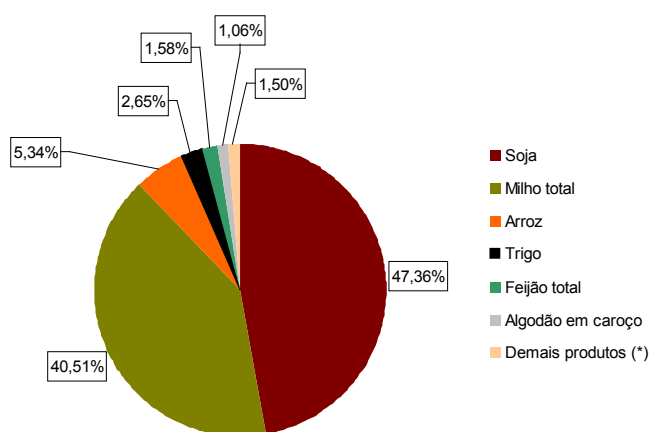


Grafico 10 – Brasil - Percentagem da produção total por produto





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utiliza metodologia estatística baseada em séries temporais para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontram em fase de plantio, tendo em vista a escassez de informações de campo, especificamente para as culturas de segunda safra. Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo, no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento, a estimativa é de que a produtividade seja superior à safra passada.

Para as culturas de feijão terceira safra, tendo em vista que o plantio se inicia em janeiro e abril, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos, com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.304	2.255	(6,3)	(151,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.533	1.501	(6,2)	(100,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.401	3.389	6,5	206,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.523	3.505	7,3	237,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.518	5.499	1,5	80,3
FEIJÃO TOTAL	1.025	1.086	1.050	2,5	25,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.179	1.153	7,3	78,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	858	924	877	2,2	18,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.276	1.276	1.237	(3,0)	(38,3)
GIRASSOL	1.374	1.473	1.474	7,3	99,8
MAMONA	573	743	581	1,4	8,2
MILHO TOTAL	5.396	5.469	5.107	(5,3)	(288,3)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.934	4.928	0,6	30,1
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.770	5.204	(9,0)	(511,6)
SOJA	2.998	2.988	2.929	(2,3)	(69,2)
SORGO	2.844	2.756	2.733	(3,9)	(111,9)
SUBTOTAL	3.654	3.647	3.515	(3,8)	(139,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	1.853	2.507	35,3	654,0
CANOLA	1.236	1.236	1.531	23,9	295,0
CENTEIO	1.706	1.706	2.063	20,9	357,0
CEVADA	2.568	2.568	3.300	28,5	732,0
TRIGO	2.260	2.260	2.770	22,6	510,0
TRITICALE	2.647	2.647	2.679	1,2	32,0
SUBTOTAL	2.230	2.230	2.741	22,9	511,0
BRASIL ⁽²⁾	3.585	3.579	3.482	(2,9)	(103,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2016





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (202,4 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 202,4 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse decréscimo equivale a 2,5% ou 5.237,4 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,7 milhões de toneladas (Tabela 3).

A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 677,1 mil de toneladas, estimada em 96,9 milhões de toneladas. Os ganhos de área e queda na produtividade da cultura refletem num aumento de 0,7% na produção total do país.

Para o arroz, milho primeira e o algodão a estimativa é de queda na produção total, impulsionada pela redução na área plantada. A recuperação das produtividades de feijão reflete em aumento da produção, apesar da queda na área plantada do país.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.224,9	2.165,4	(7,8)	(183,2)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.480,7	1.441,1	(7,8)	(121,7)
AMENDOIM TOTAL	346,8	413,0	410,0	18,2	63,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	389,4	385,9	20,9	66,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	23,6	24,1	(12,4)	(3,4)
ARROZ	12.436,1	11.167,6	10.998,1	(11,6)	(1.438,0)
FEIJÃO TOTAL	3.115,3	3.309,3	3.182,7	2,2	67,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.194,2	1.125,1	(0,6)	(6,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.131,1	1.262,6	1.175,9	4,0	44,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	852,5	853,1	881,3	3,4	28,8
GIRASSOL	153,2	62,6	62,6	(59,1)	(90,6)
MAMONA	47,0	76,3	41,8	(11,1)	(5,2)
MILHO TOTAL	84.672,4	84.659,9	79.955,2	(5,6)	(4.717,2)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	27.529,4	27.046,6	(10,1)	(3.035,4)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	57.130,3	52.908,2	(3,1)	(1.682,3)
SOJA	96.228,0	98.981,6	96.905,1	0,7	677,1
SORGO	2.055,3	1.851,7	1.748,7	(14,9)	(306,6)
SUBTOTAL	201.402,7	202.747,3	195.468,8	(2,9)	(5.933,9)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	ABR2016 (B) ¹	MAI/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	351,2	655,5	86,6	304,3
CANOLA	54,9	54,9	64,9	18,2	10,0
CENTEIO	2,9	2,9	3,3	13,8	0,4
CEVADA	263,0	263,0	314,2	19,5	51,2
TRIGO	5.534,9	5.534,9	5.825,5	5,3	290,6
TRITICALE	56,9	56,9	56,0	(1,6)	(0,9)
SUBTOTAL	6.263,8	6.263,8	6.919,4	10,5	655,6
BRASIL ²	207.666,5	209.011,1	202.388,2	(2,5)	(5.278,3)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.520,1	1,2	3.205	2.783	(13,2)	7.979,2	7.012,5	(12,1)
RR	44,7	38,9	(13,0)	3.559	3.910	9,9	159,1	152,1	(4,4)
RO	463,3	469,3	1,3	3.295	3.297	0,1	1.526,8	1.547,5	1,4
AC	55,5	52,5	(5,4)	1.953	2.158	10,5	108,4	113,3	4,5
AM	24,4	13,7	(43,9)	2.148	1.949	(9,3)	52,4	26,7	(49,0)
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	735,6	13,4	2.947	2.913	(1,2)	1.912,3	2.142,8	12,1
TO	1.248,0	1.205,1	(3,4)	3.378	2.510	(25,7)	4.215,8	3.025,3	(28,2)
NORDESTE	8.120,7	7.556,0	(7,0)	2.049	1.718	(16,2)	16.643,2	12.978,2	(22,0)
MA	1.728,7	1.238,1	(28,4)	2.392	2.097	(12,3)	4.134,2	2.596,6	(37,2)
PI	1.410,6	1.368,0	(3,0)	2.222	1.968	(11,4)	3.134,3	2.692,6	(14,1)
CE	907,7	921,9	1,6	336	500	48,7	304,8	460,7	51,1
RN	59,3	73,2	23,4	373	526	41,0	22,1	38,5	74,2
PB	122,9	185,2	50,7	299	477	59,6	36,8	88,4	140,2
PE	460,1	471,7	2,5	320	374	16,9	147,4	176,4	19,7
AL	79,9	79,9	-	841	755	(10,3)	67,2	60,3	(10,3)
SE	214,8	214,8	-	3.389	3.901	15,1	728,0	838,0	15,1
BA	3.136,7	3.003,2	(4,3)	2.572	2.007	(22,0)	8.068,4	6.026,7	(25,3)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.293,7	1,8	3.855	3.663	(5,0)	88.167,1	85.332,6	(3,2)
MT	13.586,9	13.779,8	1,4	3.803	3.598	(5,4)	51.670,2	49.576,7	(4,1)
MS	4.043,7	4.163,9	3,0	4.150	3.802	(8,4)	16.782,4	15.832,9	(5,7)
GO	5.100,4	5.193,7	1,8	3.718	3.686	(0,9)	18.961,2	19.144,1	1,0
DF	142,4	156,3	9,8	5.290	4.983	(5,8)	753,3	778,9	3,4
SUDESTE	5.105,3	5.271,9	3,3	3.772	3.987	5,7	19.257,4	21.017,3	9,1
MG	3.227,1	3.276,5	1,5	3.662	3.979	8,6	11.818,8	13.036,1	10,3
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	3,9	(18,8)	1.875	2.000	6,7	9,0	7,8	(13,3)
SP	1.840,9	1.961,8	6,6	4.016	4.038	0,6	7.393,7	7.922,5	7,2
SUL	19.341,3	19.486,3	0,7	3.910	3.903	(0,2)	75.619,6	76.047,9	0,6
PR	9.585,7	9.762,2	1,8	3.920	3.857	(1,6)	37.579,8	37.651,6	0,2
SC	1.300,8	1.279,2	(1,7)	4.936	4.940	0,1	6.421,0	6.319,2	(1,6)
RS	8.454,8	8.444,9	(0,1)	3.740	3.798	1,6	31.618,8	32.077,1	1,4
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.076,1	(5,0)	2.321	1.984	(14,5)	24.622,4	19.990,7	(18,8)
CENTRO-SUL	47.320,0	48.051,9	1,5	3.868	3.796	(1,9)	183.044,1	182.397,8	(0,4)
BRASIL	57.930,5	58.128,0	0,3	3.585	3.482	(2,9)	207.666,5	202.388,5	(2,5)

Legenda: Legenda: (*) Carroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio 2016.



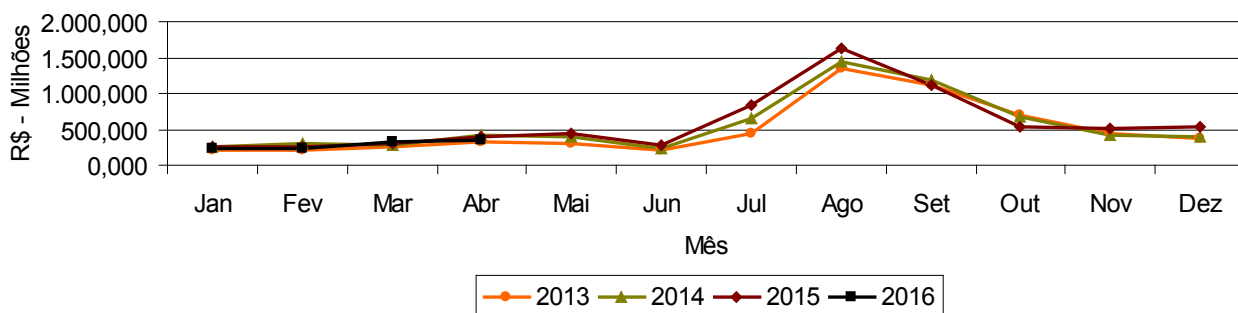


6. CRÉDITO RURAL

A Conab utiliza as informações do crédito rural obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi em 03/05/16, como parte do processo de avaliação do plantio da safra 15/16. No presente texto será objeto de análise os anos de 2013 a 2016 (até abril), para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja

A análise utiliza informações dos financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. Importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

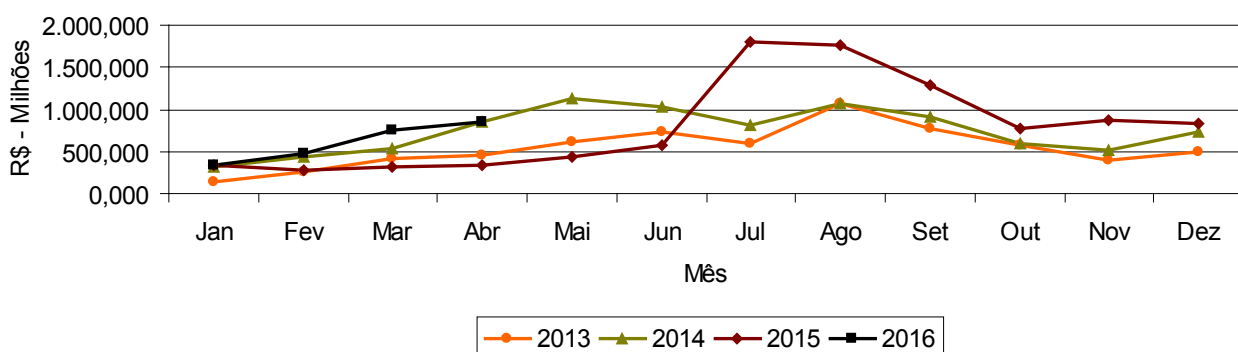
Gráfico 11 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

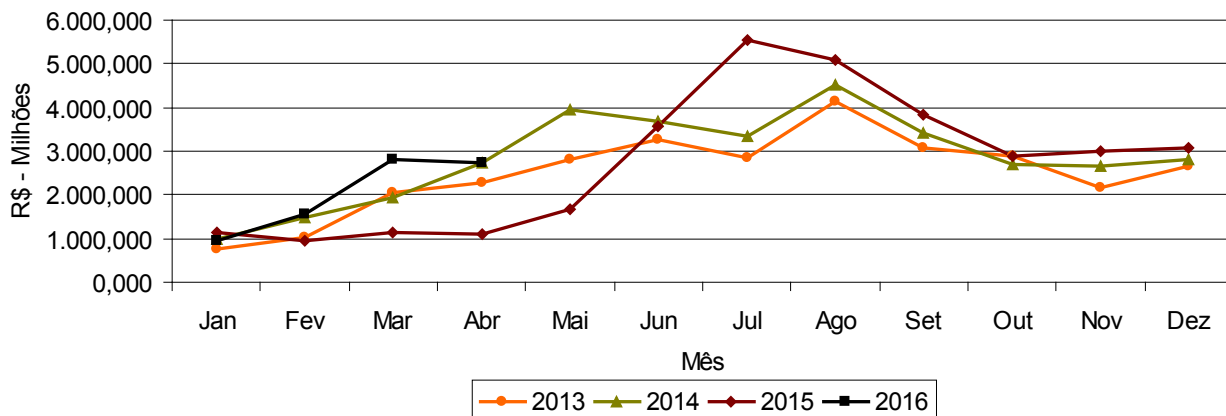
Gráfico 12 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 13 – Financiamento sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Os recursos disponibilizados pelo Pronaf entre Janeiro e Abril de 2016 (Gráfico 11) indicam comportamento do crédito semelhante aos anos anteriores. No caso do crédito das linhas do Pronamp (Gráfico 12) e do financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 13), observa-se que o volume de recursos

é superior aos anos anteriores. O comportamento do crédito retoma o procedimento natural, pois em 2015 houve atrasos na sua disponibilidade ao público-alvo.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.



6.1. ARROZ

A Tabela 1 e os Gráficos 14 a 17 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

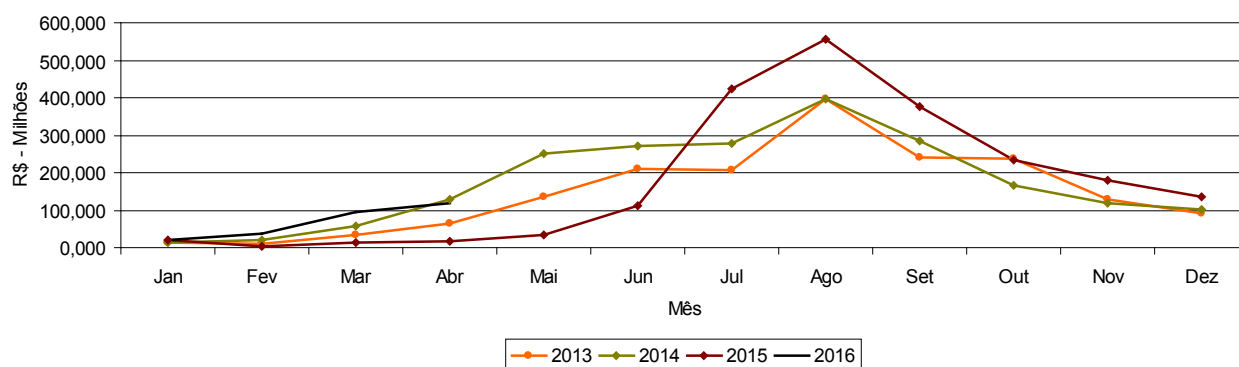
Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,029	1,587	0,294	0,238									6,148
Pronamp	3,371	6,985	20,970	30,528									61,854
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121	73,082	88,960									204,309
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,725									272,311

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a fevereiro/2016.

Gráfico 14 – Arroz – Total de financiamento

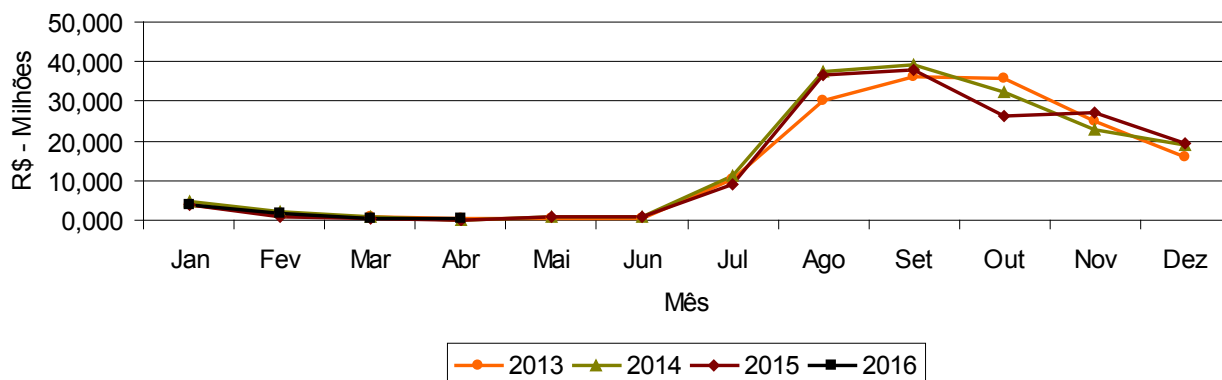


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



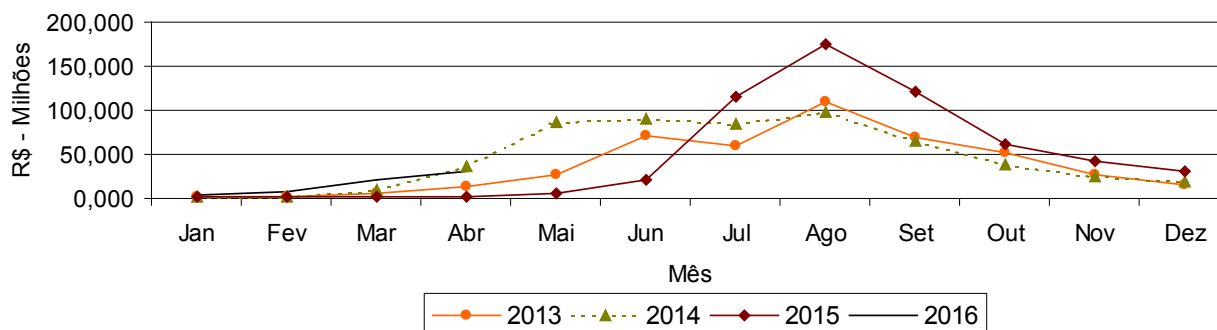
Gráfico 15 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

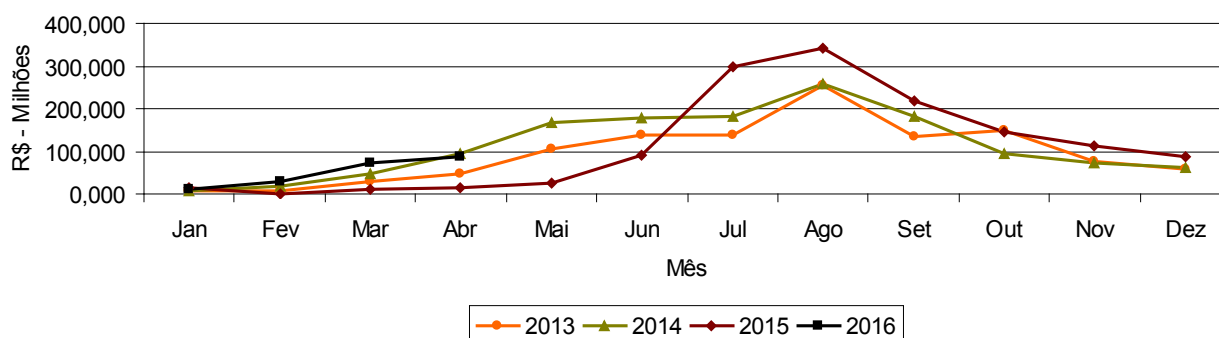
Gráfico 16 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 17 – Arroz - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito nos meses de Janeiro a Abril de 2016 é superior aos dos anos sob análise. Na linha do Pronaf o comportamento é o semelhante a 2013, 2014 e 2015. A situação pode ser explicada pela procura de recursos para o custeio da próxima safra e

pelo uso de recursos para o plantio de acordo com o calendário agrícola.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz e os Gráficos 18 a 22 representam tal distribuição.



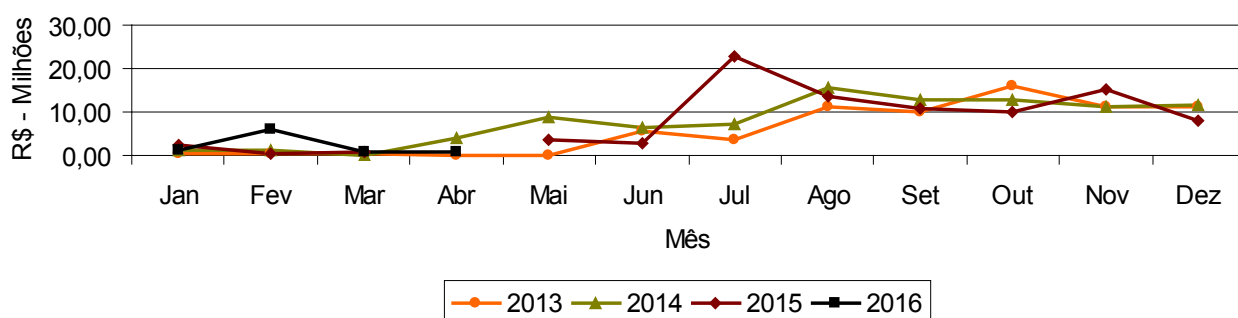
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,612									10,398
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223									5,195
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865									9,128
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130									0,278
SUL	13,284	30,605	90,527	112,897									247,312
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,725									272,311

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 18 – Arroz – Norte - Crédito

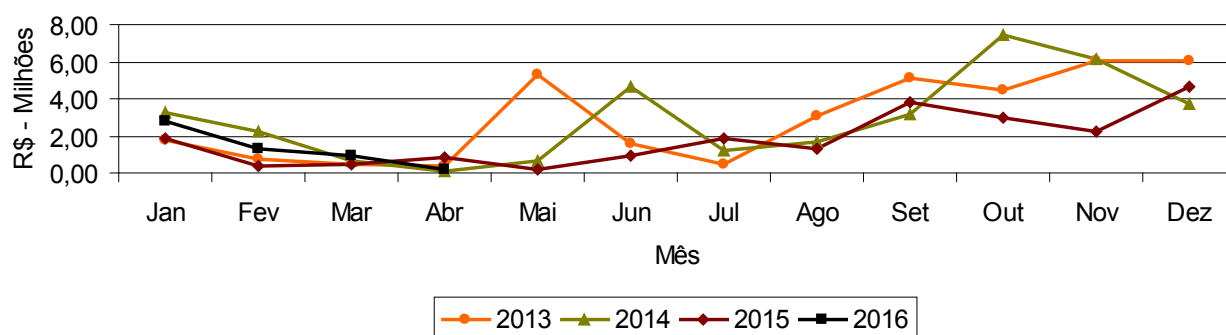


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



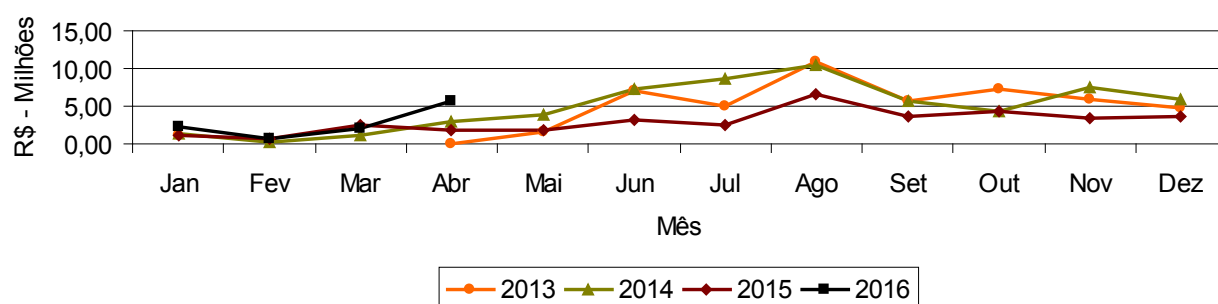
Gráfico 19 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

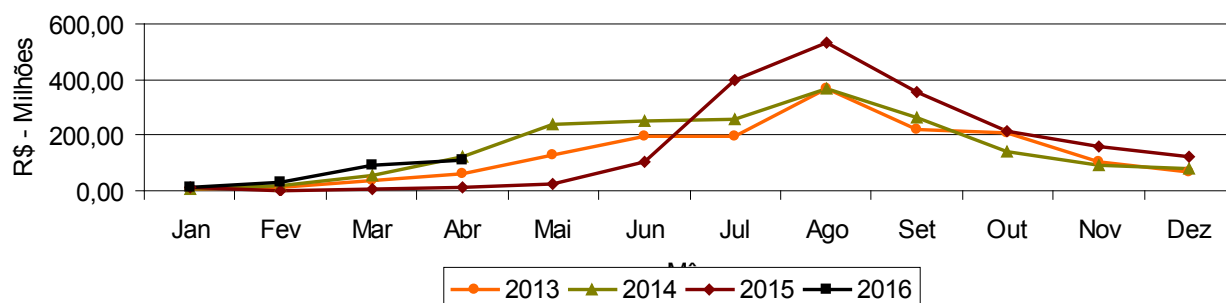
Gráfico 20 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

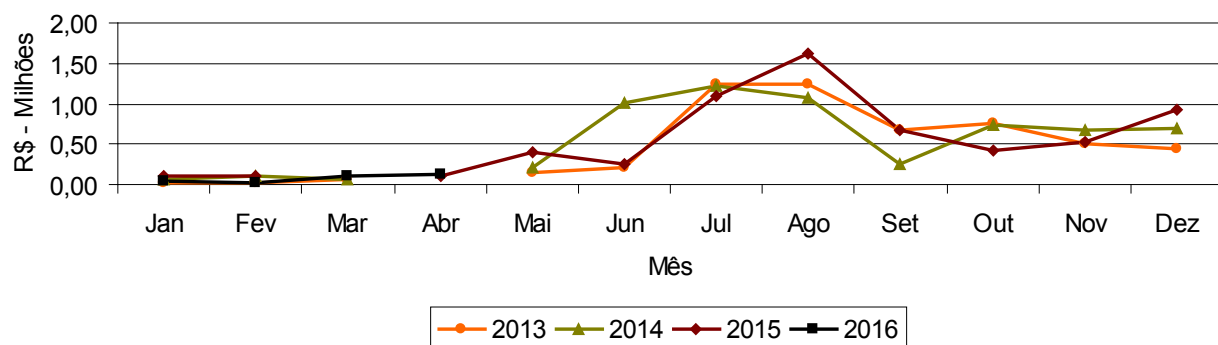
Gráfico 21 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 22 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



O aumento da utilização de recursos na Região Sul pode ser explicado pela obtenção de recursos para a próxima safra. Na Região Norte o atraso no plantio, em razão das condições climáticas, pode indicar os investimentos e sua estabilização no período. Para as demais regiões tem-se observado que o uso do arroz

para abertura de área de produção tem se reduzido. Outro fato que se observa é o menor investimento do produtor no plantio do arroz em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e por problemas climáticos.

6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho e os Gráficos 23 a 26 re-

presentam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

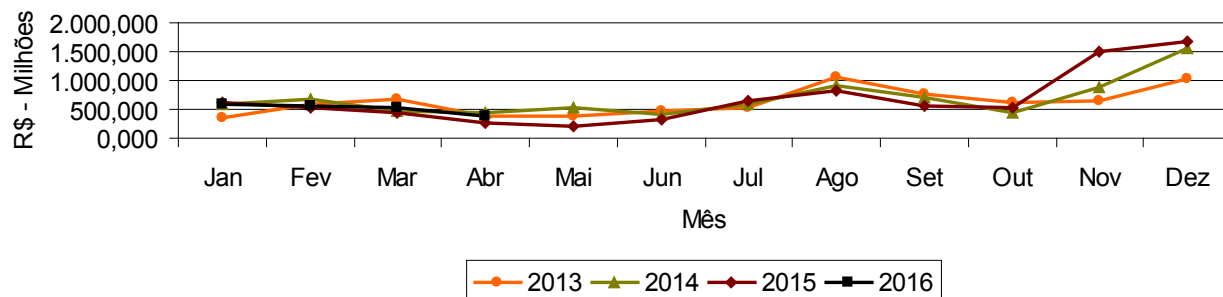
Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,867									320,379
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247									506,226
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	240,319									1.216,968
Total Global	588,086	571,934	515,121	368,432									2.043,573

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 23 – Milho– Total de investimento



Fonte: Bacen.

Nota: Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 24 – Milho - Pronaf - Crédito

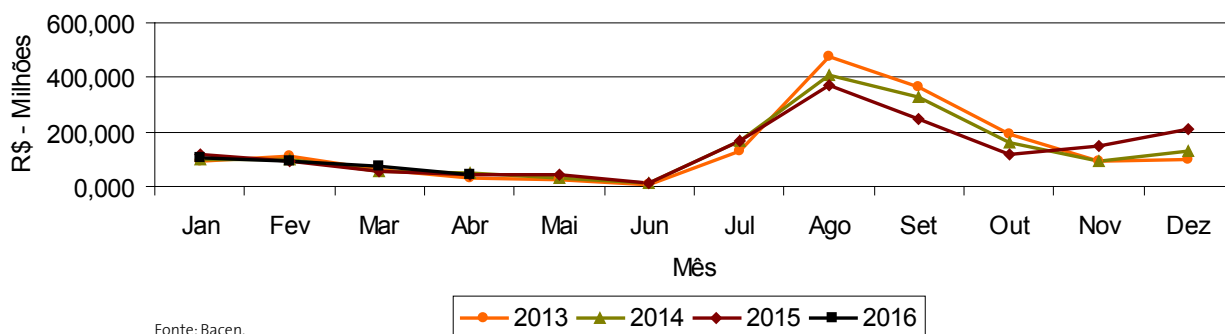


Gráfico 25 – Milho - Pronamp - Crédito

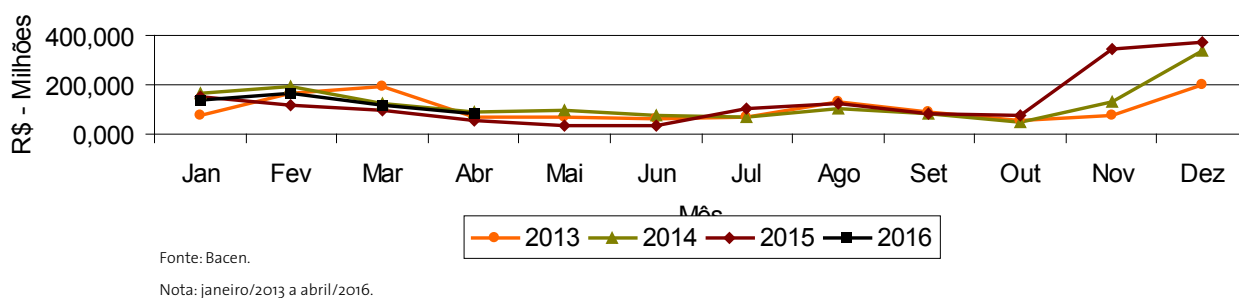
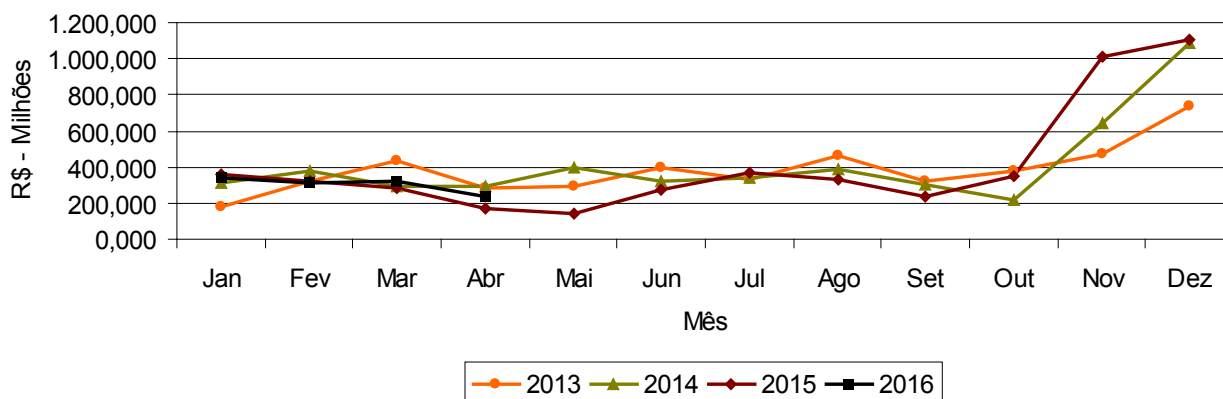


Gráfico 26 – Milho - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Observa-se que o crédito disponibilizado em 2016 tem semelhança com os anos anteriores. O movimento observado é compatível com o período de plantio da segunda safra e nas Regiões Norte e Nordeste. Outro indicativo é a possibilidade da procura de recursos

para o custeio da próxima safra.

A Tabela 8 e os Gráficos 27 a 31 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira.



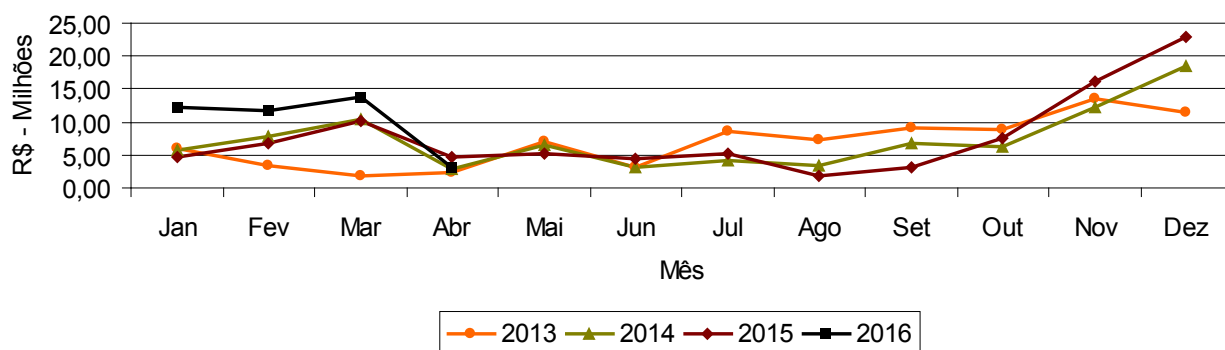
Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	116,570									810,926
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,987									189,868
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126									40,967
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,774									264,872
SUL	197,550	248,914	178,501	111,975									736,940
Total Global	588,086	571,934	515,121	368,432									2.043,573

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 27 – Milho – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 28 – Milho – Nordeste - Crédito

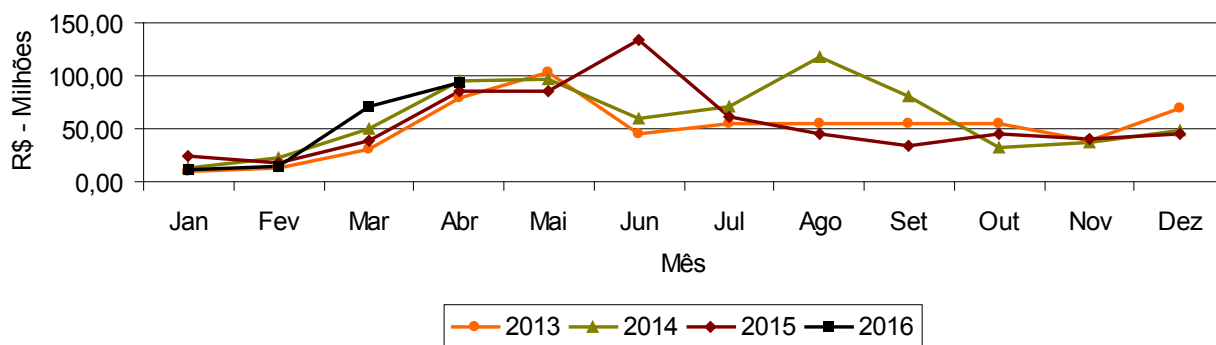


Gráfico 29 – Milho – Centro-Oeste - Crédito

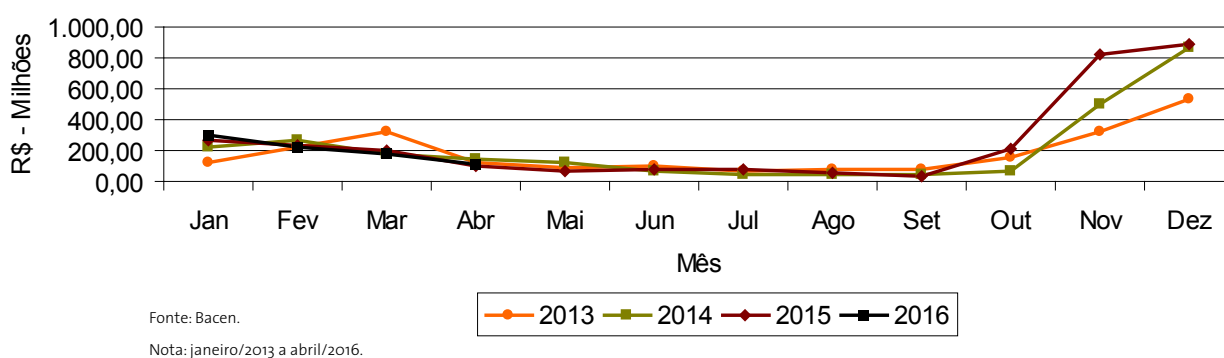


Gráfico 30 – Milho – Sul - Crédito

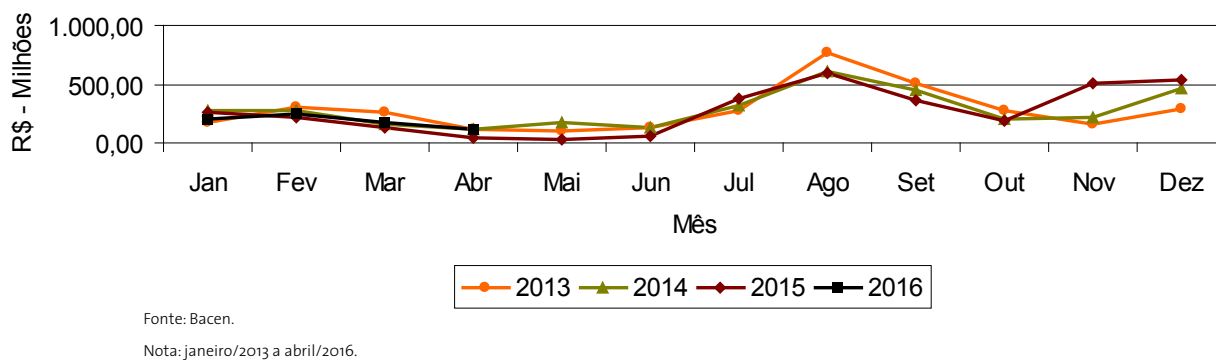
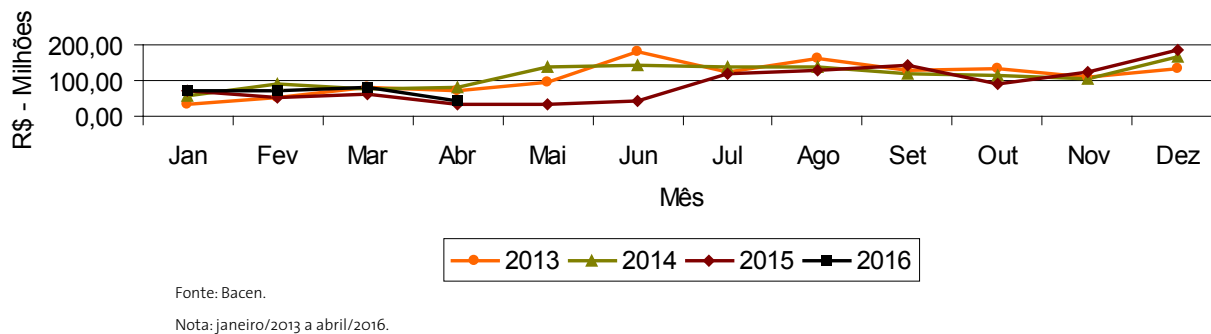


Gráfico 31 – Milho – Sudeste - Crédito



As informações são compatíveis com o calendário de plantio do milho em todas as regiões do país. Na Região Norte e Nordeste, o uso dos recursos disponibilizados atendem a demanda pelo plantio nas regiões, na forma do calendário agrícola. A tomada de decisão do produtor em virtude da redução da produção de

milho em outras regiões e os reflexos da demanda na Região Nordeste e nos preços do produto são fatores que ratificam a procura do crédito. No Sul, o Paraná tem investimentos na segunda safra de milho e nos demais estados e regiões pode-se inferir que os recursos são para custeio da próxima safra.

6.3. SOJA

A Tabela 9 e os gráficos 32 a 35 apresentam os valores de crédito por tipos de financiamentos exclusivamen-

te para o produto soja.

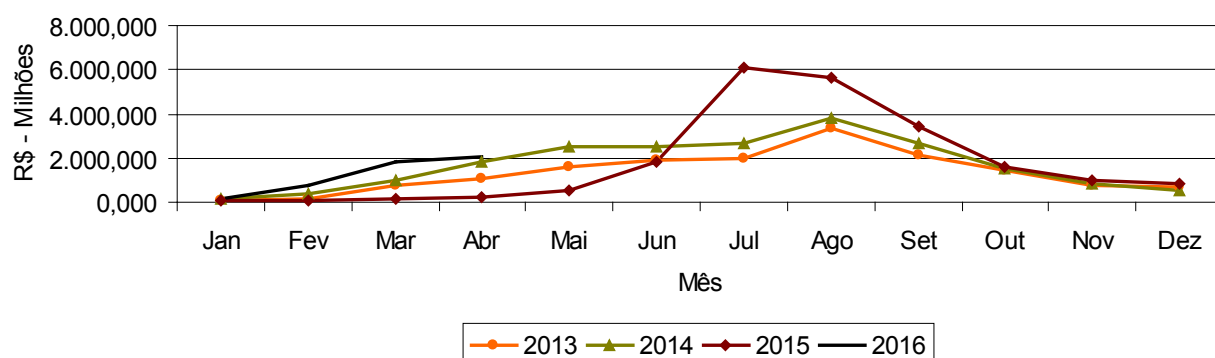
Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,646	2,366	0,573	1,570									11,155
Pronamp	11,745	111,419	332,896	452,902									908,962
Sem Vinc. Espec.	127,606	653,454	1.498,528	1.637,528									3.917,114
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.092,001									4.837,231

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 32– Soja– Total de financiamento

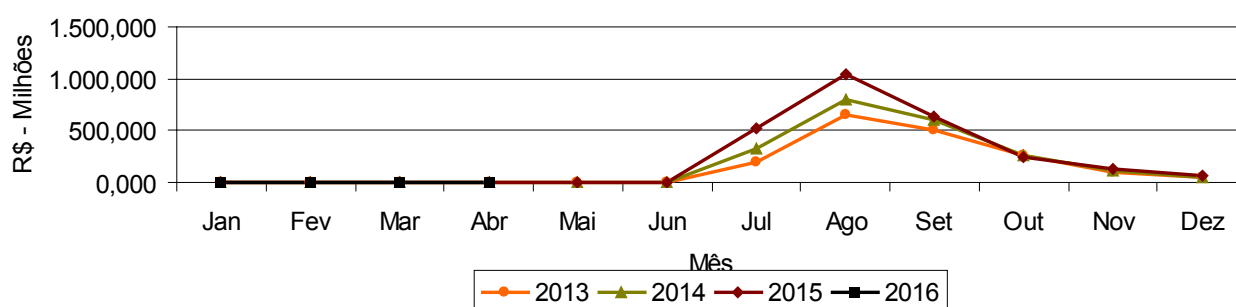


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



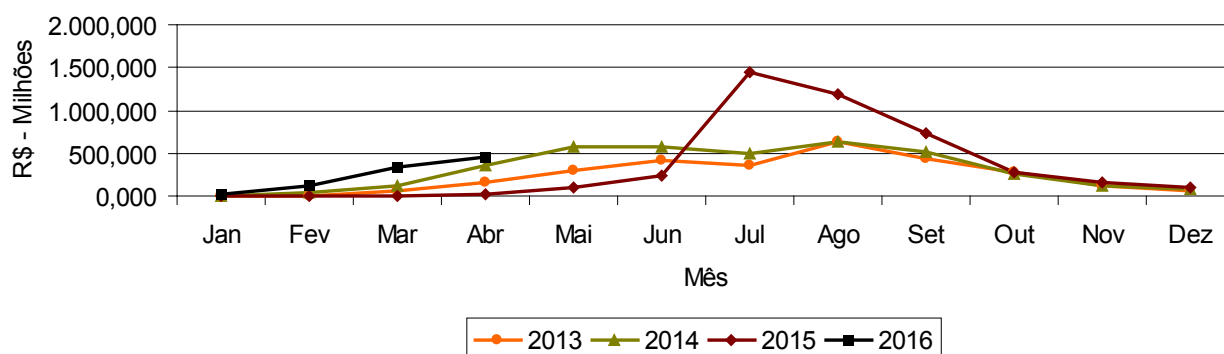
Gráfico 33– Soja - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

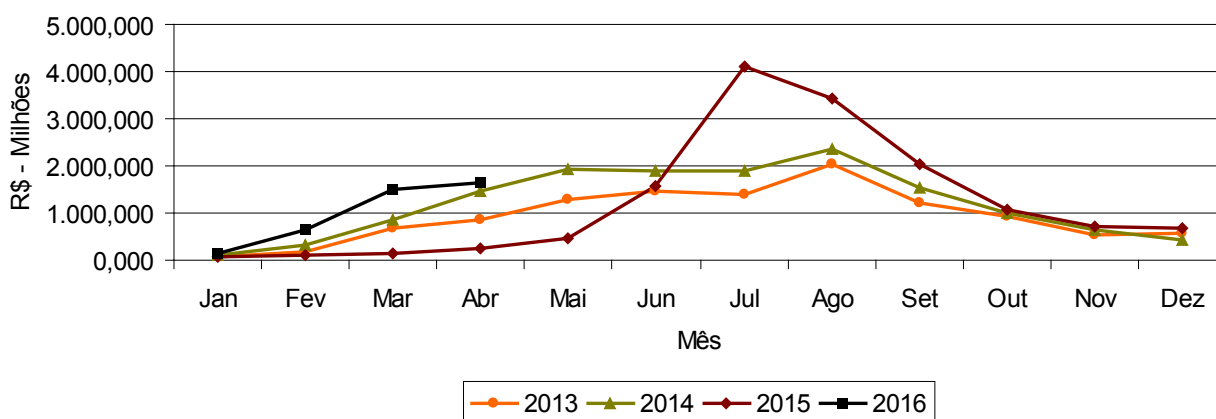
Gráfico 34 – Soja - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 35 – Soja - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilidade de crédito mostra-se superior a todos os anos sob análise, onde se destaca o uso dos recursos do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Essa situação tem relação com os investimentos na produção dessa oleaginosa, em

grande parte para o custeio da próxima safra.

A Tabela 6 e os Gráficos 36 a 40 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.



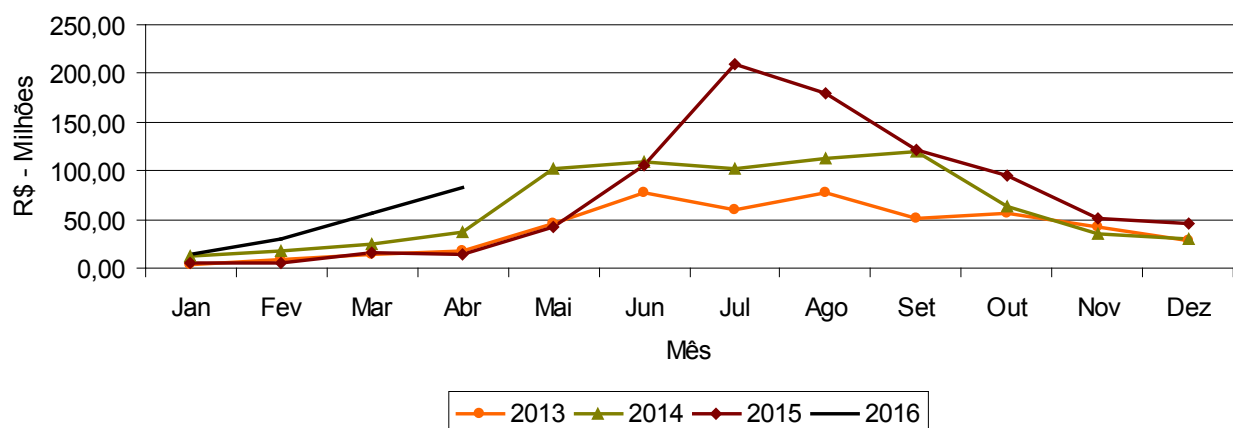
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	42,913	513,134	1.158,593	1.196,622									2.911,262
NORDESTE	62,263	44,046	96,596	154,232									357,136
NORTE	13,533	29,477	56,890	82,282									182,183
SUDESTE	13,192	27,854	82,266	123,987									247,299
SUL	14,096	152,727	437,651	534,877									1.139,351
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.092,001									4.837,231

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 36 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 37 – Soja – Nordeste - Crédito

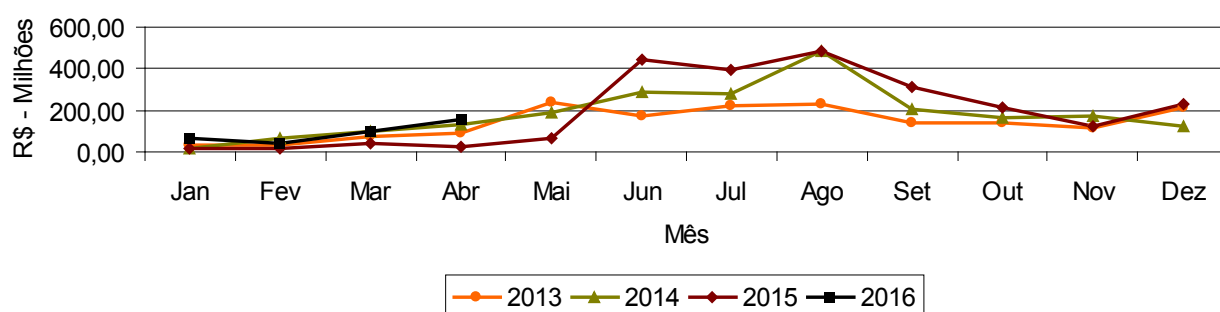


Gráfico 38 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

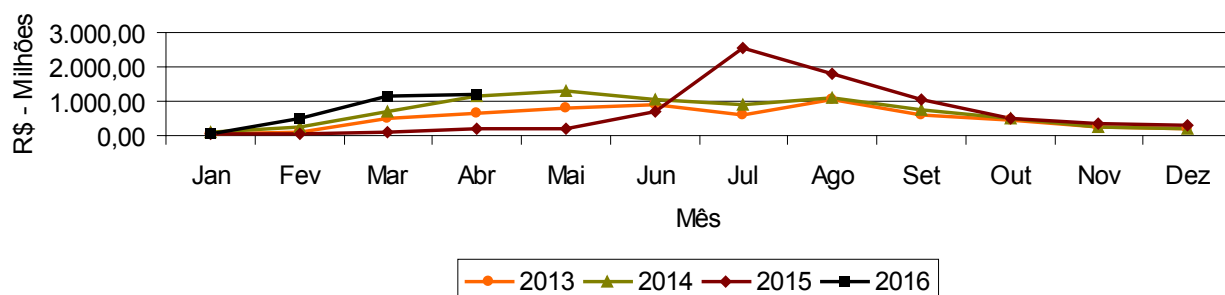


Gráfico 39 – Soja – Sul - Crédito

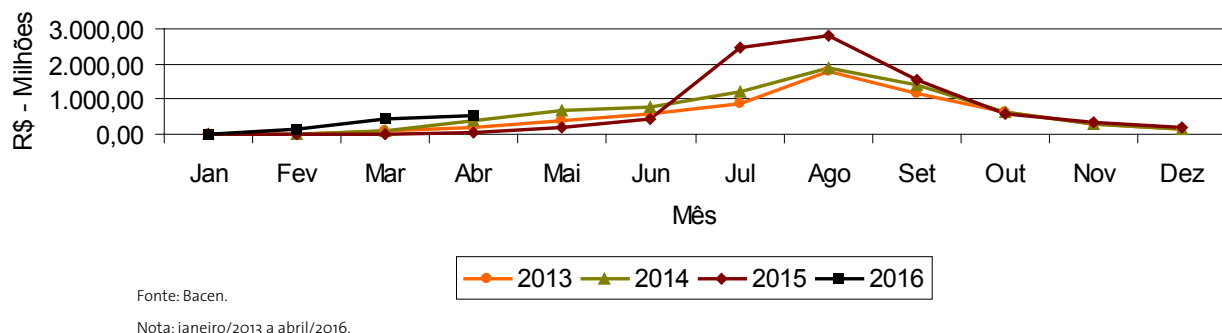
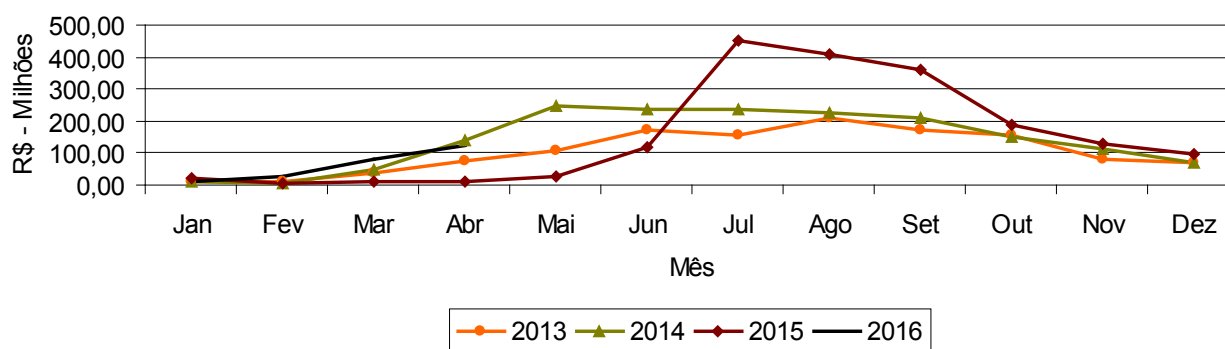


Gráfico 40 – Soja – Sudeste - Crédito



As informações destacadas na tabela e gráficos indicam a tendência observada nos últimos plantios onde a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. Além das informações

anteriores, o aumento do uso de recursos pode ter relação com a obtenção de crédito de custeio para a próxima safra.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 e os gráficos 41 e 42 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

Tabela 11 –Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf													0,000
Pronamp			0,400	0,441									0,841
Sem Vinc. Espec.	20,386	16,486	60,087	42,859									139,818
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300									140,659

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 41– Algodão – Total de financiamento

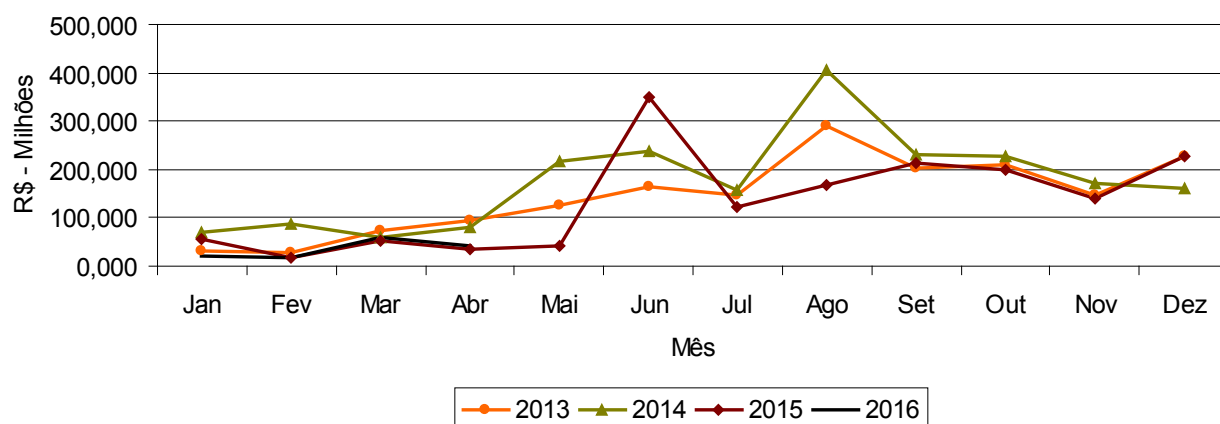
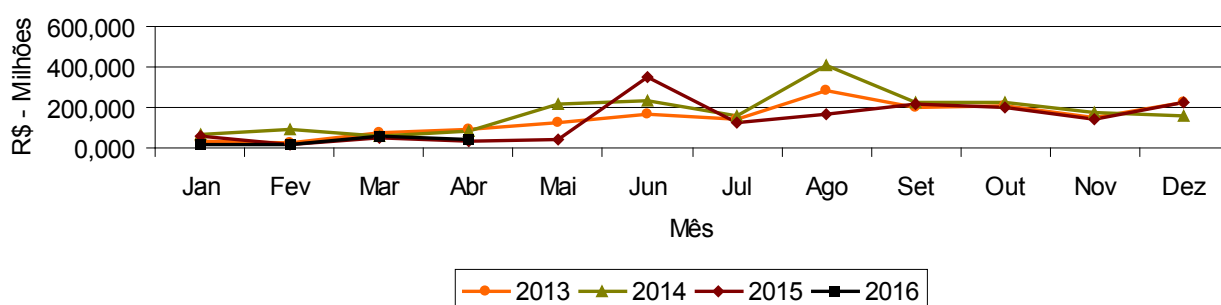


Gráfico 42 – Algodão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Observa-se que os aportes financeiros para a lavoura de algodão tem como destaque o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. Observa-se que nos meses de março e abril há registros de financiamento da cultura com recursos do Pronamp. É de se registrar que o plantio de algodão exige investi-

mentos de alta tecnologia e os recursos disponibilizados são compatíveis com o calendário agrícola.

A Tabela 12 e os gráficos 43 e 44 representam os valores de crédito disponibilizado por região brasileira.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

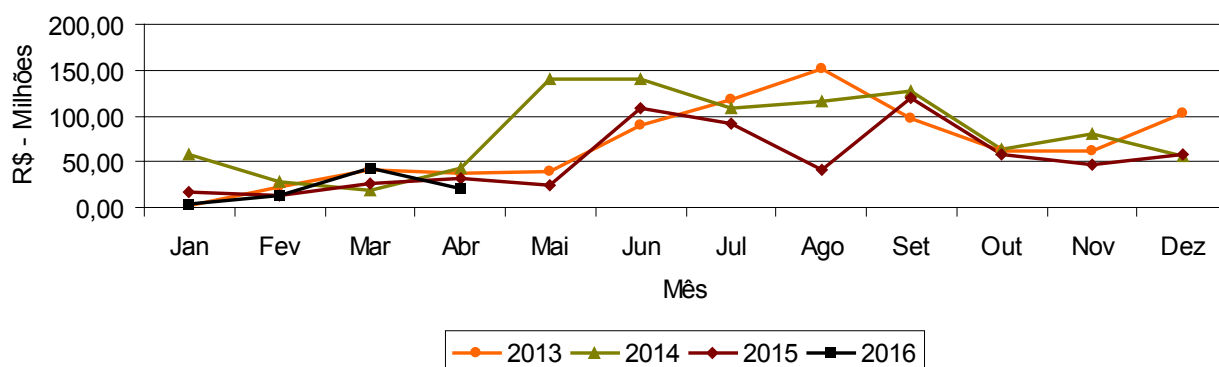
2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,295	13,345	43,459	19,834									80,933
NORDESTE	14,406	1,578	13,927	17,466									47,378
NORTE	1,685	0,763	2,600										5,049
SUDESTE		0,799	0,500	6,000									7,299
SUL													0,000
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300									140,659

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



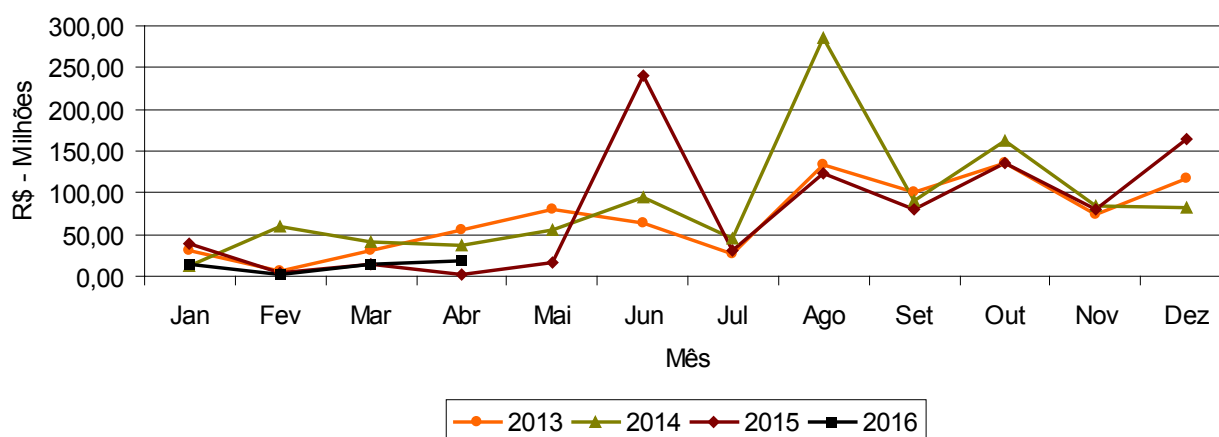
Gráfico 43 – Algodão– Centro - Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 44 – Algodão– Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Os estados da Bahia e do Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cul-

tura, inclusive com o padrão de se buscar os recursos antecipados para custeio da safra. Deve-se observar que neste ano, diferente dos anteriores, houve procura de recursos para a Região Norte.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 e os Gráficos 45 a 48 apresentam os valo-

res de crédito por tipo de financiamento.



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,461									28,408
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827									22,811
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,400									87,830
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,689									139,049

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 45 – Feijão – Total de financiamento

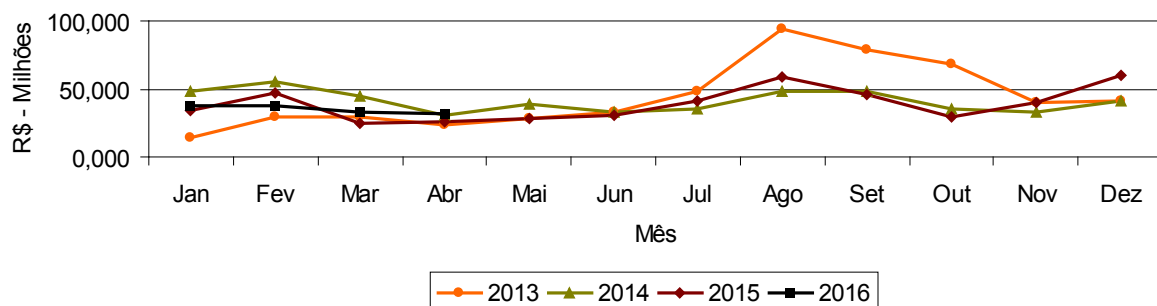


Gráfico 46 – Feijão - Pronaf - Crédito

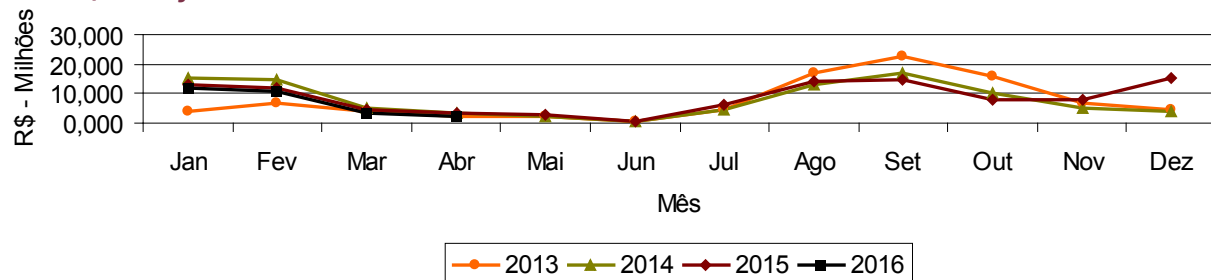
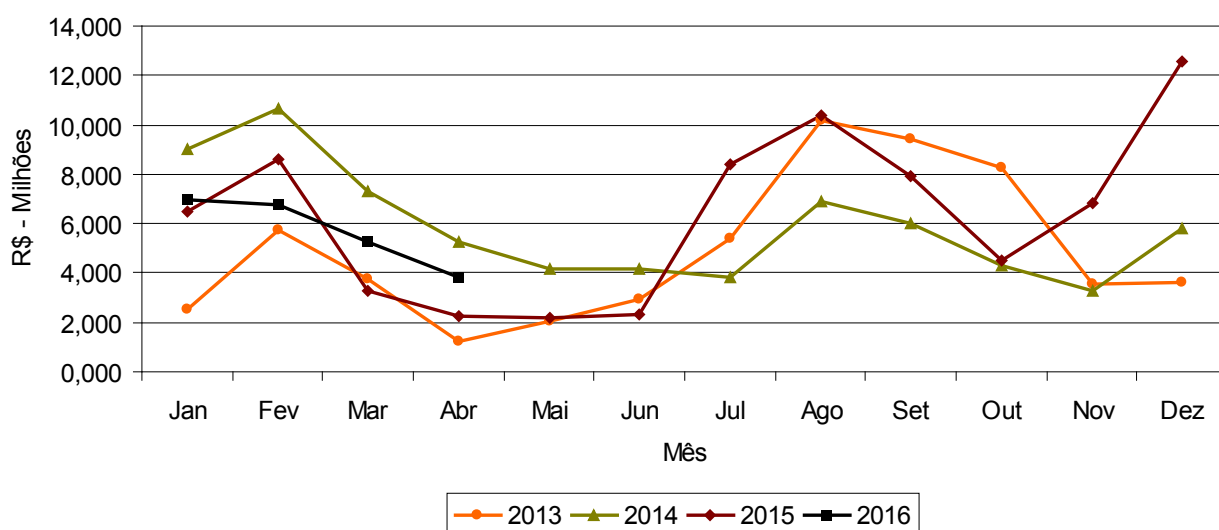


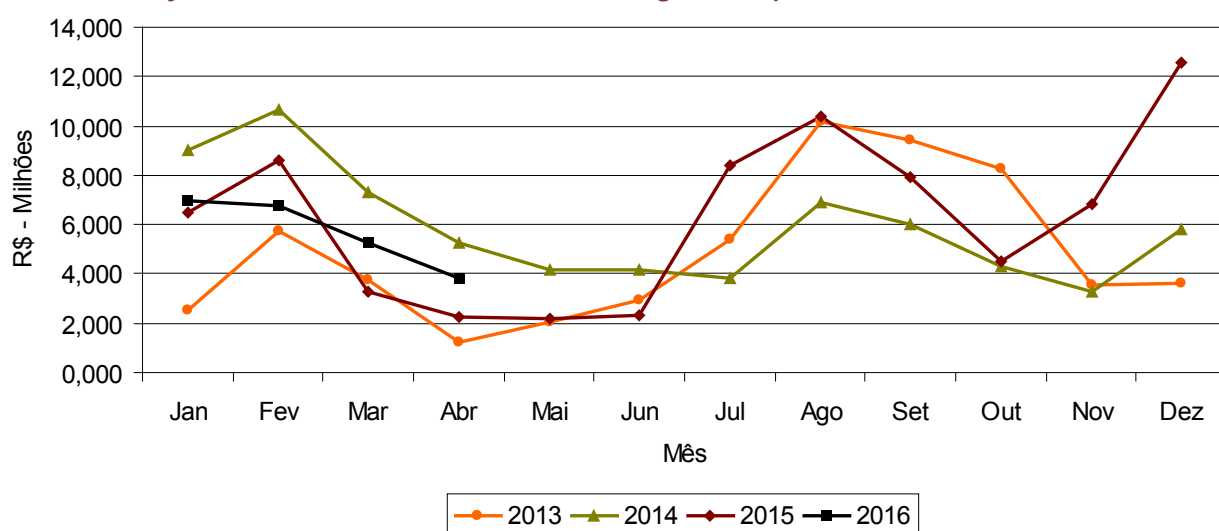
Gráfico 47 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 48 – Feijão - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior a 2015 e 2014, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Tem-se observado a redução

de área no plantio do feijão o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 14 e os Gráficos 49 a 52 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.



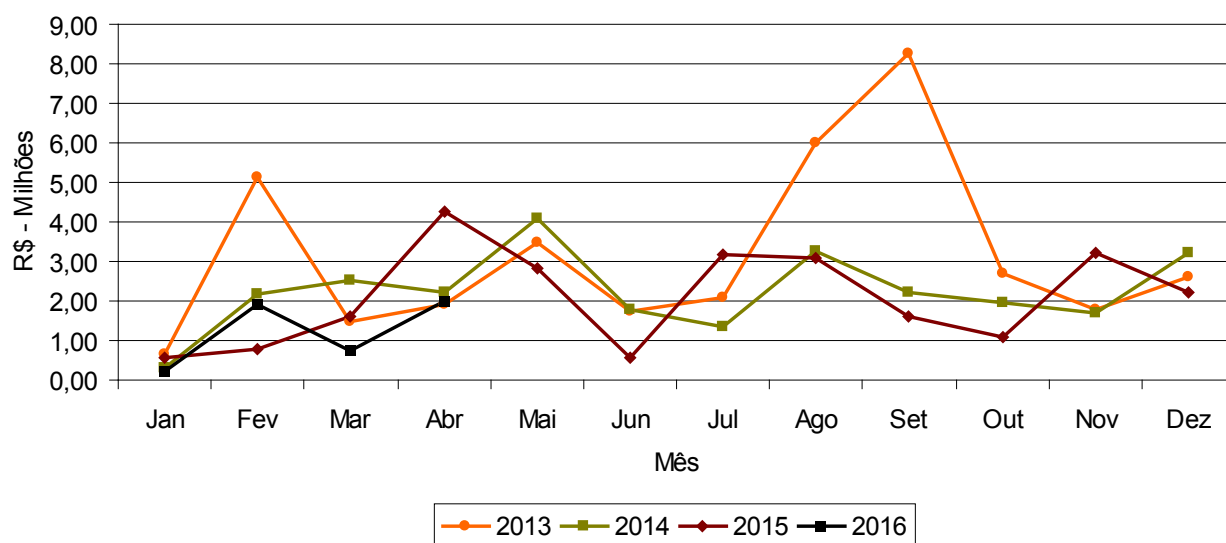
Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	5,320											12,233
NORDESTE	0,226	1,929											2,156
NORTE	0,381	0,000											0,381
SUDESTE	8,727	13,184											21,911
SUL	21,269	18,141											39,411
Total Global	37,517	38,575											76,092

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 49 – Feijão – Nordeste - Crédito

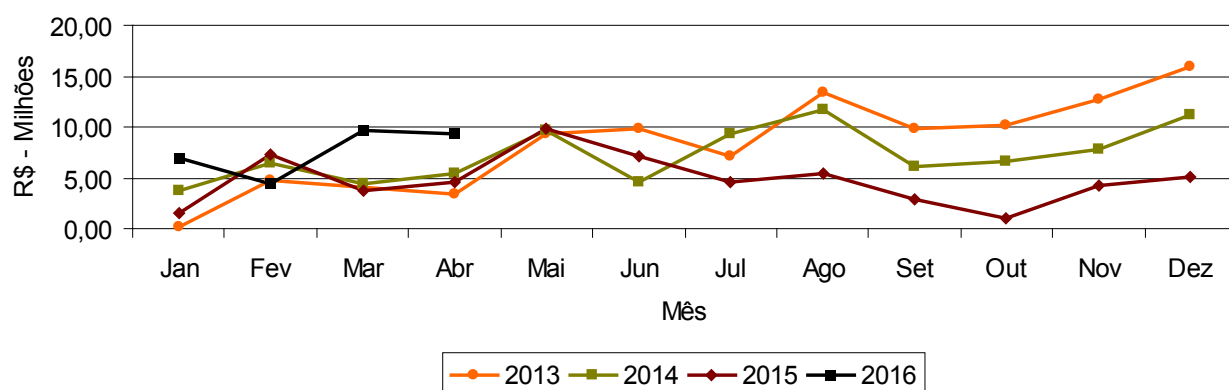


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



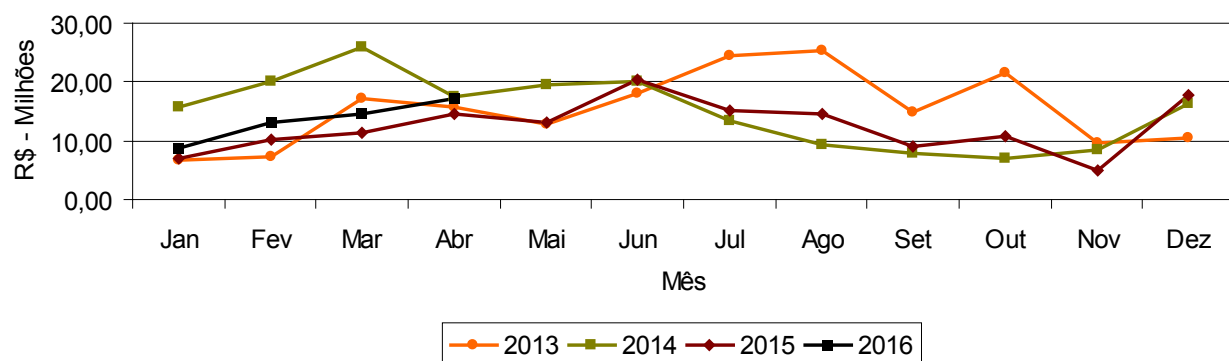
Gráfico 50 – Feijão– Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

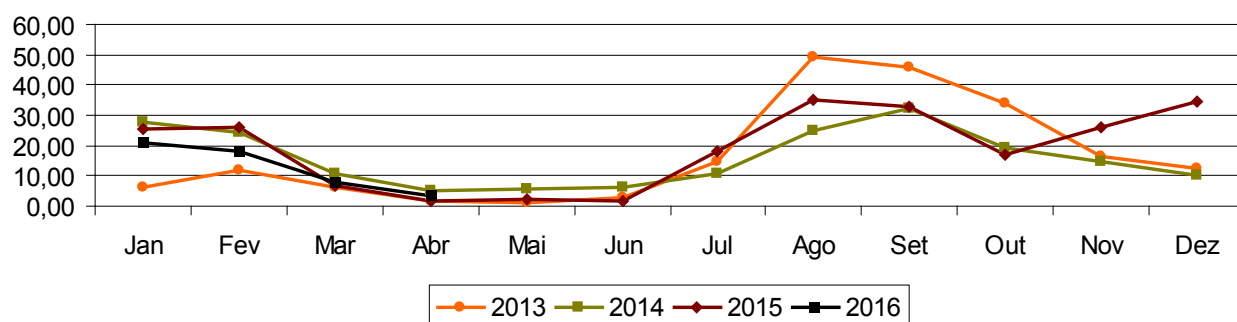
Gráfico 51 – Feijão– Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 52 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

As informações destacadas na tabela e nos gráficos, em 2016, indicam a disponibilidade de recursos para o plantio da segunda e terceira safra. Observa-se que

há tendência de redução do uso do crédito para a cultura do feijão, o que é compatível com a redução da área da cultura.



6.6. TRIGO

A Tabela 11 e os Gráficos 53 a 56 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

Gráfico 53 –Trigo -Tipo de financiamento – Crédito - Janeiro de 2013 a abril de 2016

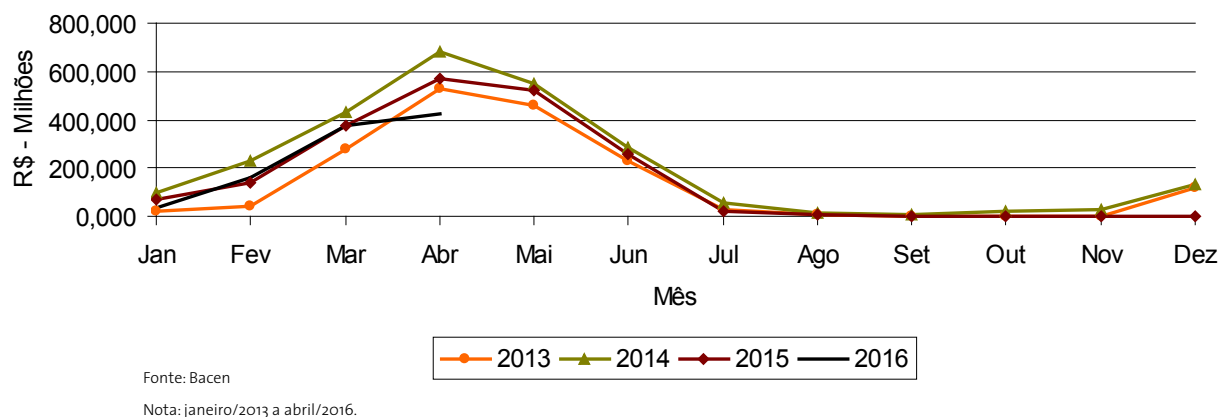


Gráfico 54 –Trigo - Pronaf - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

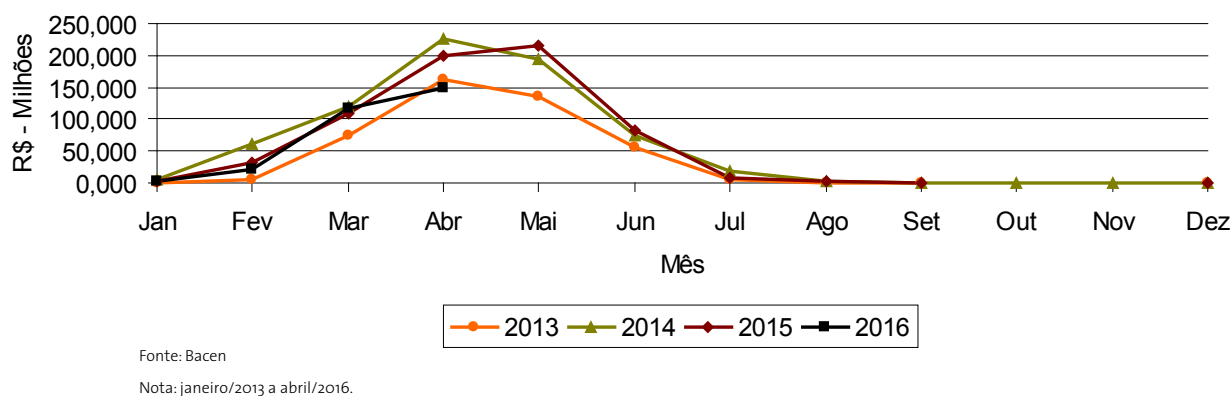


Gráfico 55 –Trigo - Pronamp - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

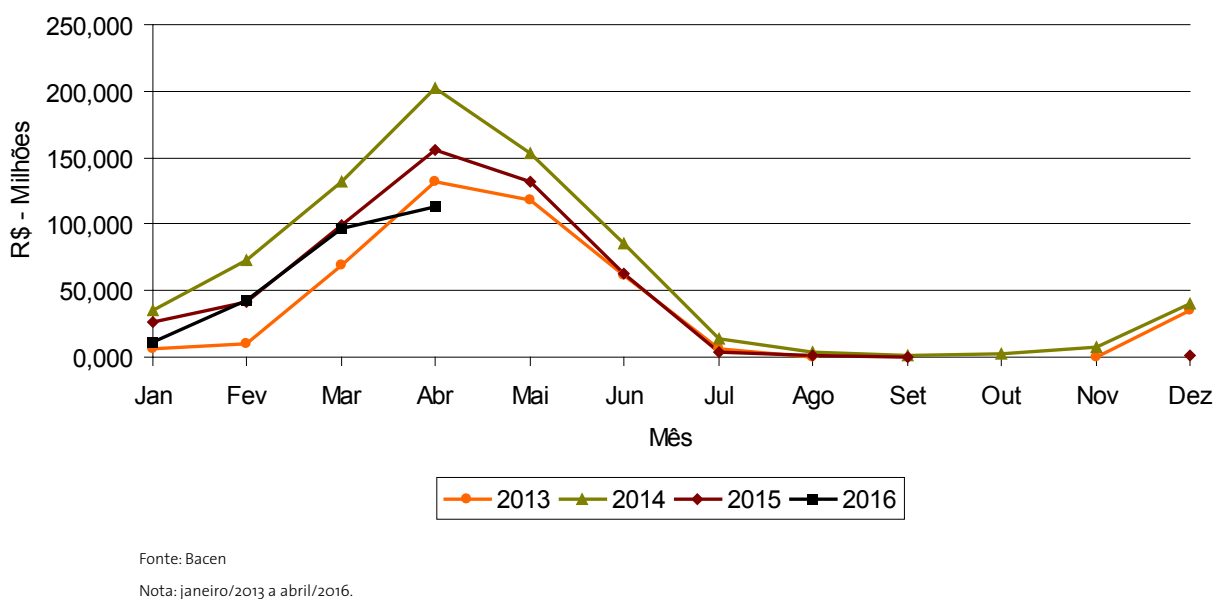
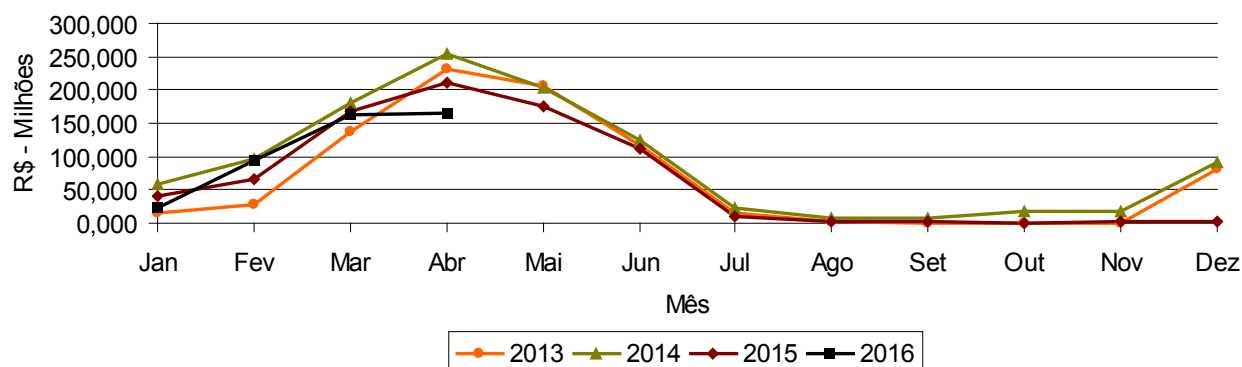


Gráfico 56 – Trigo - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

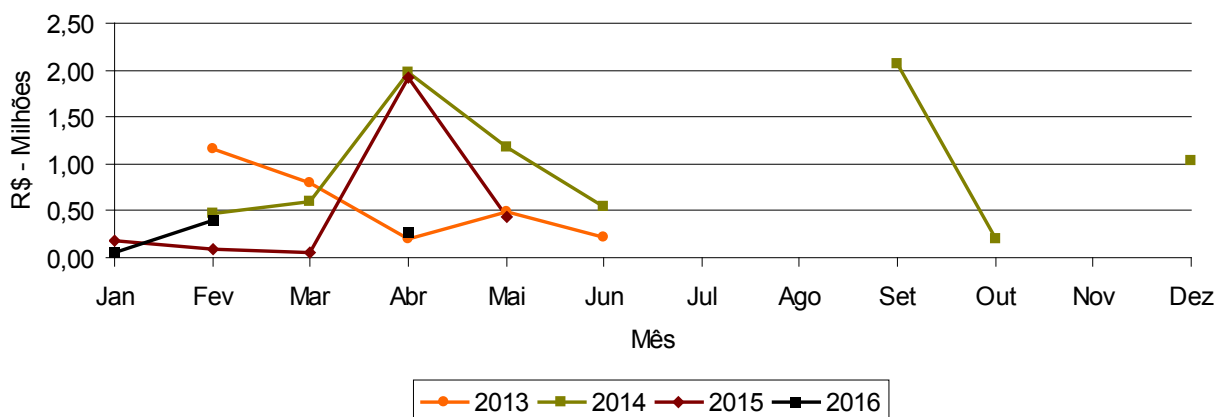
Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior a 2014 e semelhante a 2015, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Tem-se observado a redução de área no plantio do trigo em

razão de problemas climáticos, o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 12 e os gráficos 57 a 59 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

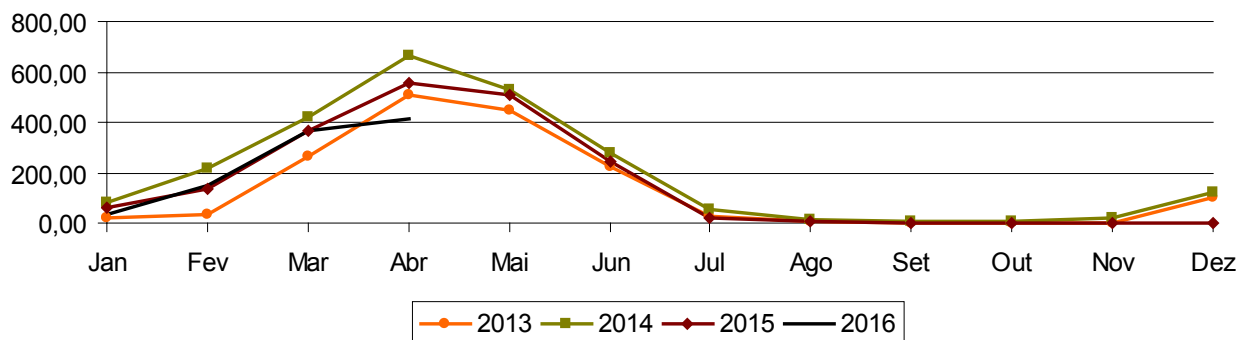
Gráfico 57 – Trigo– Centro-Oeste - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

Gráfico 58 – Trigo – Sul - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016

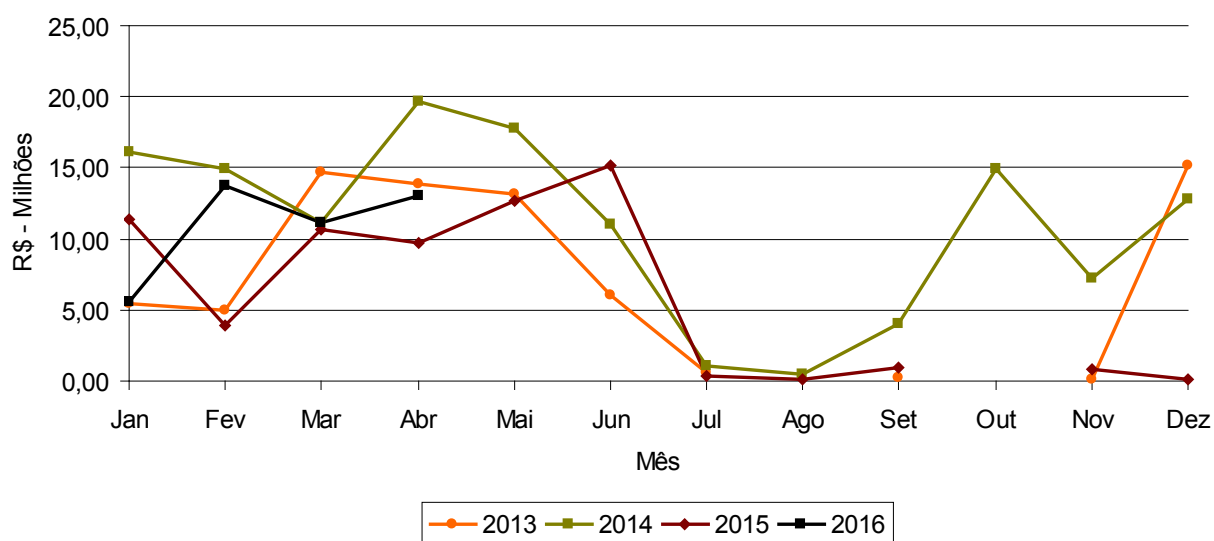


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.



Gráfico 59 –Trigo – Sudeste - Crédito – Janeiro de 2013 a abril de 2016



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a abril/2016.

A disponibilidade de recursos estão compatível com a concentração da produção na Região Sul. A Região

Centro-Oeste e Sudeste são produtoras potenciais de trigo.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – ABRIL DE 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado no boletim de acompanhamento de safras e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, arroz, feijão segunda safras, girassol, milho primeira e segunda safra soja, sorgo, trigo e aveia.

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS RECENTES²

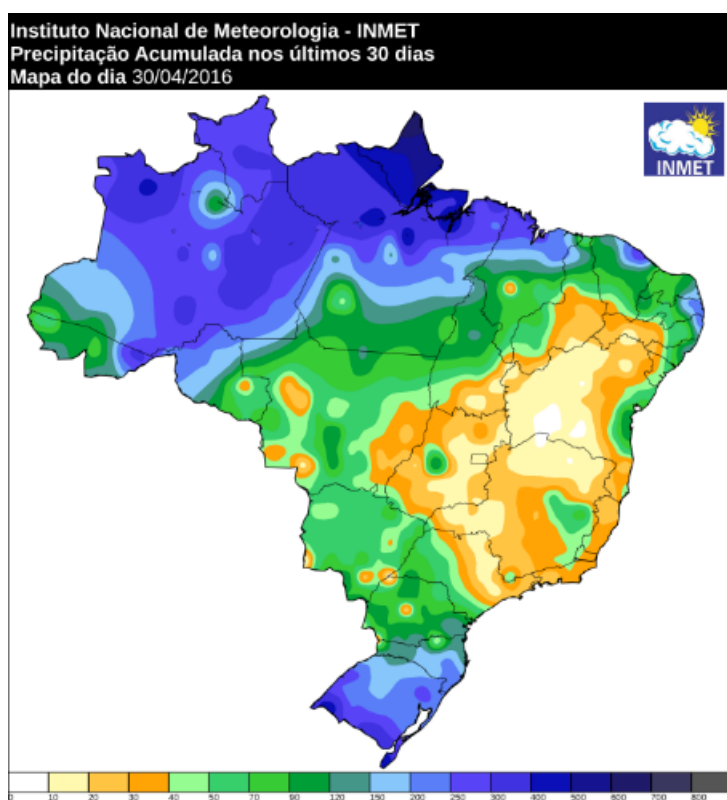
Durante abril, os maiores totais de chuva (acima de 150 mm), estiveram localizados na Região Norte, parte norte e leste da Região Nordeste e Região Sul, exceto o do Paraná (Figura 1). No Rio Grande Sul e Santa Catarina, apesar destas chuvas ocorridas no fim do ciclo do milho (primeira safra) e da soja, as condições foram favoráveis às lavouras que estão em estágio de colheita. Porém, o excesso de chuva ao longo do plantio e do desenvolvimento do arroz irrigado reduziu a produção em relação à safra anterior no Rio Grande do Sul, bem como, atrasou a colheita em abril.

Na região do Matopiba, os volumes de chuva foram abaixo da média histórica, principalmente no sul do Tocantins e centro-oeste baiano (Figura 1). No município de Santa Rita de Cássia, na Bahia, foi registrado 0,3 mm na estação meteorológica do Inmet, visto que a média histórica corresponde a 80 mm. A falta de chuvas ao longo do desenvolvimento da soja e milho (primeira safra) resultou na redução da produção em relação à safra anterior. No entanto, não afetou significativamente a cultura de arroz no sudoeste do Tocantins (irrigado) e centro do Maranhão, onde as

condições, em abril, foram favoráveis às lavouras em frutificação e em maturação e colheita.

Já na Região Sudeste e parte do Centro-Oeste, que abrange Goiás, sudeste do Mato Grosso e nordeste do Mato Grosso do Sul as chuvas foram inferiores a 40 mm (Figura 1). Durante as três primeiras semanas de abril as chuvas reduzidas aliadas a altas temperaturas foram relacionadas com a intensificação do sistema alta pressão subtropical do Atlântico Sul (ASAS), antecipando o fim da estação chuvosa na maior parte da área central do Brasil. Por exemplo, nas capitais Goiânia e Brasília, locais que normalmente chove em torno de 120 mm durante abril, houve o registro de chuva de 1,3 e 10,8 mm, respectivamente. Com isso, os produtores de milho segunda safra destas regiões e do Paraná, estão em estado de atenção, pois haverá aumento na quebra de produtividade caso as chuvas não retornem. Esta situação pode ser amenizada devido ao enfraquecimento do bloqueio atmosférico na última semana de abril, que permitiu a entrada de uma frente fria, trazendo chuvas às regiões produtoras. A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), indicam

Figura 1 - Precipitação acumulada (mm) em abril/2016.



Fonte: CDP/Inmet

2 Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA EM 2016³

que condições do El Niño continuarão enfraquecendo durante o resto do outono, com provável término no final do inverno, havendo posteriormente chances de haver o desenvolvimento de um La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial). Baseado nos impactos conhecidos historicamente do La Niña sobre o Brasil, tem-se chuvas abaixo da média na Região Sul, enquanto que nas Regiões Norte e Nordeste são veri-

ficados aumentos nas chuvas e vazões dos rios amazônicos. Os efeitos no regime de chuvas como consequência do La Niña, dependerá do comportamento da temperatura da superfície do mar (TSM), sua intensidade e localização, pois a temperatura do oceano Atlântico também interfere no clima, contribuindo ou não para a atuação dos sistemas meteorológicos locais.

Figura 2 - Mapas das anomalias de TSM na: (a) primeira e (b) segunda quinzena do mês de abril/2016

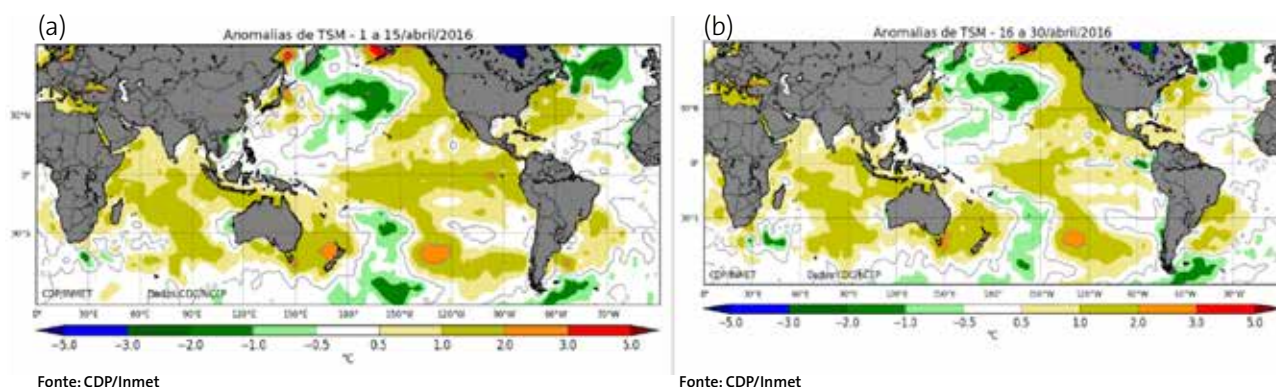
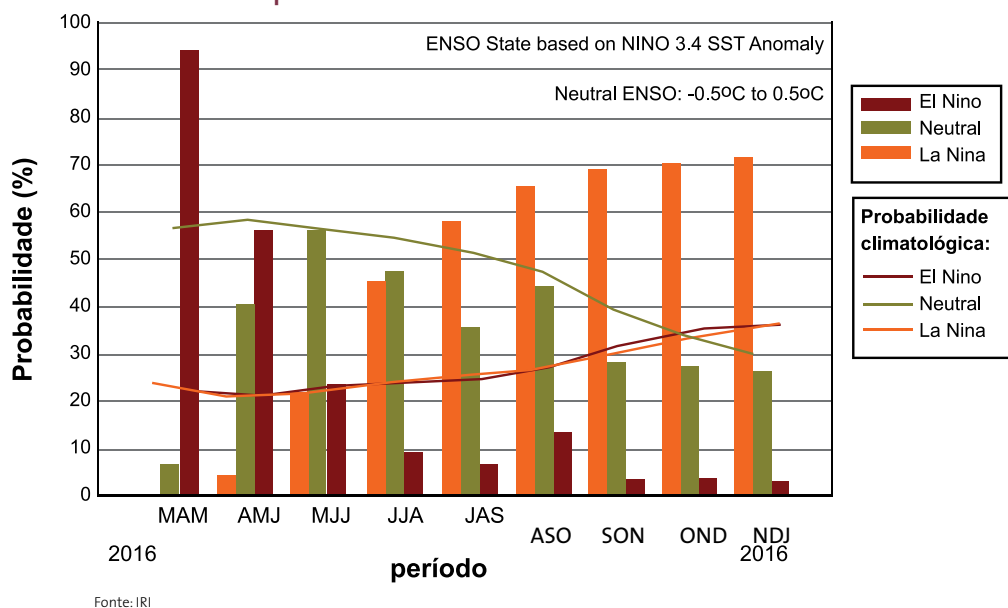


Gráfico 60- Previsão probabilística de El Niño



3 O fenômeno El Niño encontra-se em declínio no Pacífico Equatorial, especialmente na área adjacente à costa da América do Sul (na região conhecida como Niño 1+2), em que ao longo das últimas semanas passou a apresentar uma anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) negativa. As anomalias positivas de TSM entre 1 e 2°C estiveram presentes em toda extensão do oceano Pacífico Equatorial durante a primeira quinzena de abril (Figura 2 (a)), enquanto que na segunda quinzena houve a formação de uma pequena porção de águas mais frias, com desvios da ordem de 2°C abaixo da média próximo à costa da América do Sul (Figura 2(b)).



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL DE 2016⁴

Os mapas do modelo climático estatístico do Inmet (Figura 3) indicam que nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste predominam as áreas com maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre maio-junho-julho/2016 ocorrerem na categoria dentro da faixa normal ou acima da média, exceto no oeste de Goiás e sudoeste do Mato Grosso. Observa-se que o mapa de anomalias previstas de precipitação não apresenta desvios muito acentuados, tanto nas áreas acima quanto abaixo da média. Contudo, no início do trimestre devem predominar chuvas sobre a Região Sudeste, exceto no noroeste de Minas Gerais.

Na Região Sul as probabilidades indicam que devem prevalecer as áreas com totais acima da média do trimestre, principalmente no noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina, onde as chuvas podem exceder entre 200 e 300 mm acima da média.

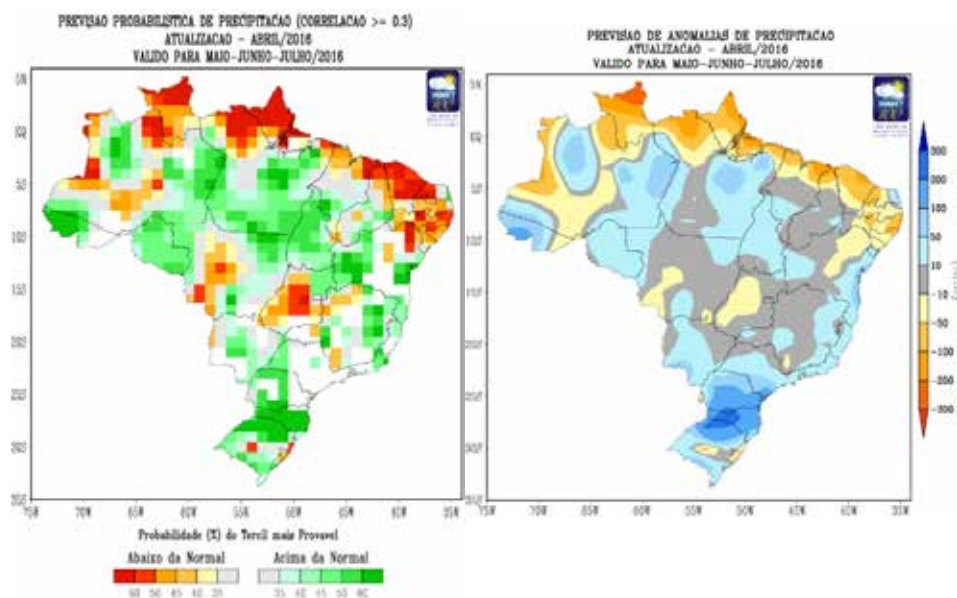
Na região do Matopiba existe maior probabilidade da ocorrência de precipitação um pouco acima da faixa normal climatológica. Na área que compreende o norte e o leste da Região Nordeste a previsão indica maior probabilidade do total trimestral de chuva ocorrer na categoria abaixo da normal climatológica, um inverno atípico nesta região.

alterando a qualidade da estação chuvosa entre o litoral do Rio Grande do Norte e nordeste da Bahia.

Para o centro-oeste do Amazonas, norte do Pará, Ro

raima e Amapá, a previsão indica maior probabilidade dos totais pluviométricos no trimestre ocorrerem na categoria abaixo da normal climatológica. Nas demais áreas da Região Norte as chuvas podem exceder entre 50 e 100 mm acima da média.

As previsões de temperatura média indicam uma forte probabilidade de que as temperaturas apresentem desvios positivos em relação à média do período em todo o Brasil, com desvios mais acentuados no centro-norte do país (Figura 4). No Rio Grande do Sul, oeste de Mato Grosso do Sul e Paraná e parte de Santa Catarina, a tendência de maio a julho é o predomínio de temperaturas médias dentro do padrão climatológico. Nesta época do ano é muito comum ocorrer entrada de massas de ar, porém com o enfraquecimento do El Niño, podem ocorrer dias com declínios significativos de temperatura e ocorrência de geadas mais intensas com relação ao ano passado, em que presenciamos

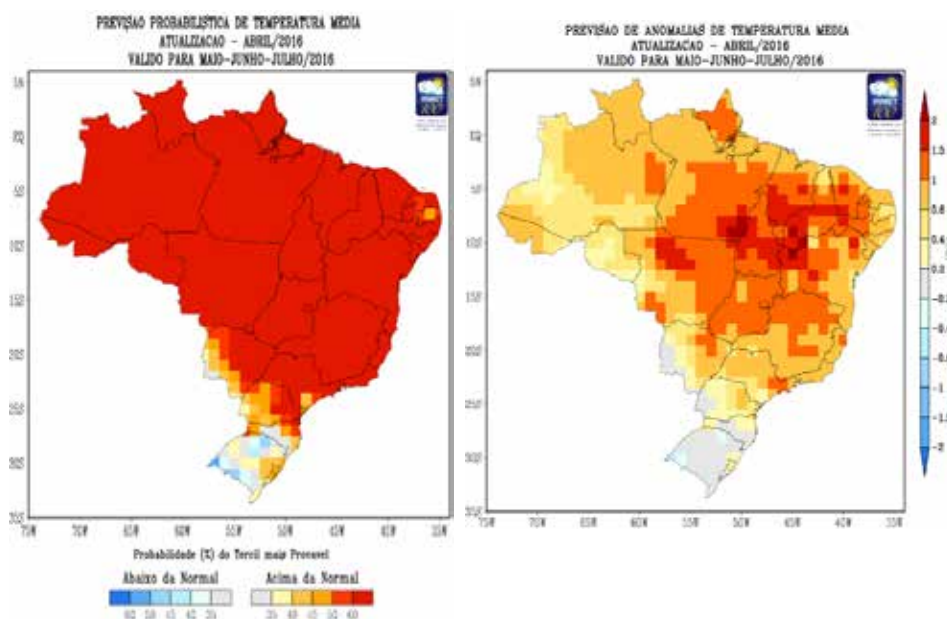


Fonte: Inmet.

4 Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Figuras 4 – Previsão climática de temperatura média (probabilidades e anomalias) para o período maio, Junho e Julho de 2016



Fonte: Inmet.

Figura 3 - Previsão climática (probabilidades e anomalias) para o pe-

ríodo maio, junho e julho de 2016

7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que iniciarão o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi abril de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver

problemas pontuais;

- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil e na maior parte do Paraná, em abril, predominaram condições de chuvas abaixo da média e de altas temperaturas (Figuras 1, 5 e 6). Houve favorecimento à finalização da colheita de primeira safra, mas essas condições climáticas geraram impactos às culturas de segunda



safrá, predominantemente, em fases críticas. No entanto, a ocorrência de precipitação em maior volume no Paraná, sul e leste do Mato Grosso do Sul e sul de São Paulo no final do mês (Figuras 5) evitou maiores prejuízos na produção. Principalmente no Paraná e no sul de São Paulo verificou-se maior armazenamento hídrico em 30 abril em relação ao observado em 20 de abril (Figuras 7).

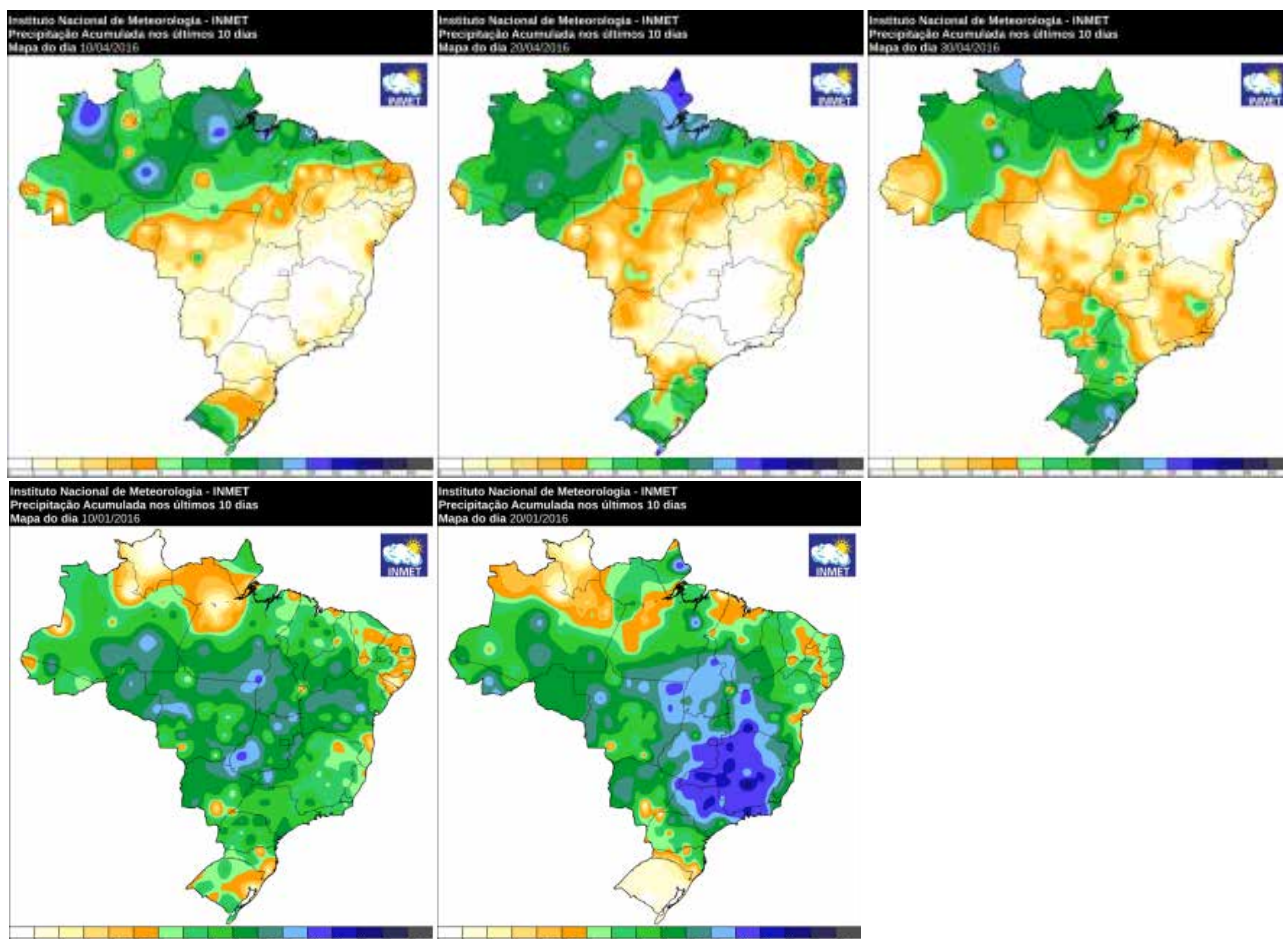
No noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina, regiões com maiores áreas de milho e soja nos respectivos estados, as chuvas reduzidas no primeiro e segundo decêndio (Figuras 5) favoreceram o avanço da colheita. Em relação à colheita do arroz do Rio Grande do Sul, houve restrições por excesso de chuva (Figuras 1 e 5).

Na região do Matopiba, manteve-se o cenário observado desde fevereiro com baixos volumes de chuva e

altas temperaturas (Figuras 1, 5 e 6), que resultou em impactos nas culturas de primeira e segunda safras. O maior déficit hídrico foi verificado no oeste da Bahia (Figuras 7).

Na região do semiárido do Nordeste, o cenário é similar à região do Matopiba: desde fevereiro predominaram condições de chuvas reduzidas, altas temperaturas e baixo armazenamento hídrico (Figuras 1, 5, 6 e 7). Portanto, há restrições nos plantios de feijão e milho realizados em janeiro, estimulados pelos bons volumes de chuva daquele mês, e nos plantios realizados a partir de fevereiro. A intensidade da estiagem foi maior no interior dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. No entanto, em áreas de feijão e arroz no noroeste e centro-norte do Maranhão, as chuvas, apesar de ficarem abaixo da média, ocorreram, em geral, em volume suficiente.

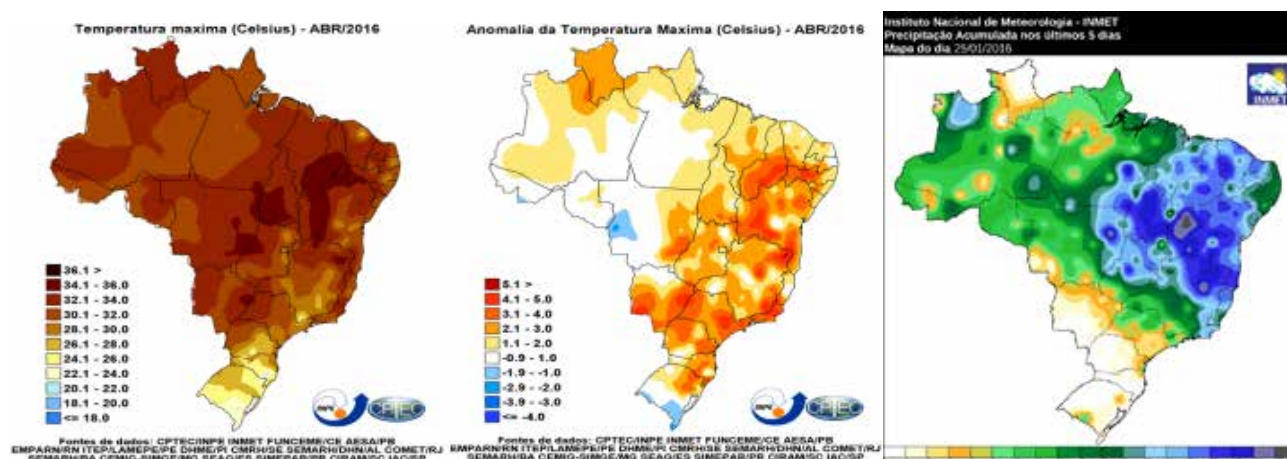
Figuras 5 – Precipitação pluviométrica acumulada de 1º a 10, 11 a 20 e de 20 a 30 de abril/16



Fonte: Inmet.

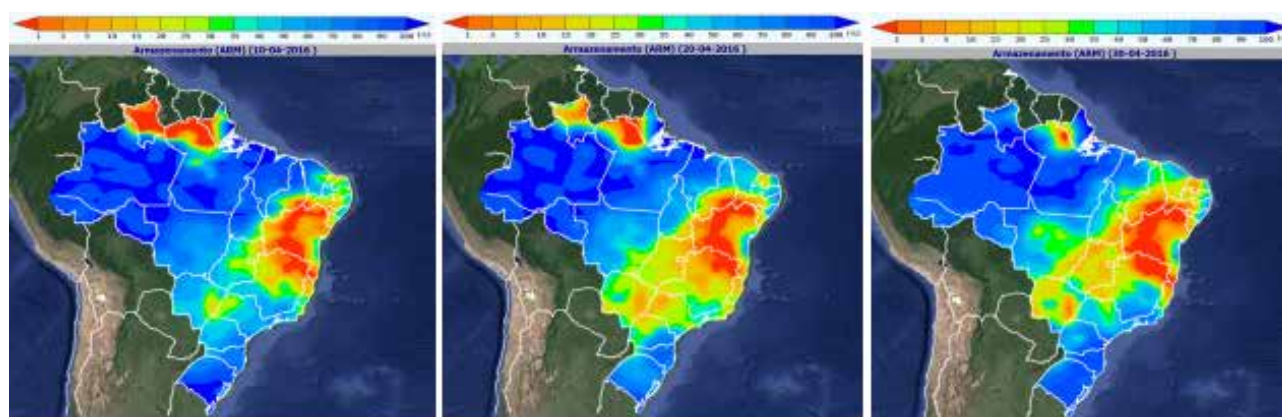


Figuras 6 – Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em abril/2016



Fonte: CPTEC

Figuras 7 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de abril/16



Fonte: Inmet.

Em relação milho segunda safra de Alagoas, Sergipe e nordeste da Bahia, há necessidade de chuvas mais regulares de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos 6 últimos anos nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

No monitoramento estão sendo analisadas as mesor-regiões do Mato Grosso, do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Goiás, do Mato Grosso do Sul, além de parte da região do Matopiba. As regiões monitoradas cobrem juntas mais de 80% do milho segunda safra e 20% da área nacional de soja, milho primeira safra, algodão e feijão. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola,

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de outros eventuais fatores que influenciam o padrão dos cultivos, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal são os cultivos da primeira e segunda safras de verão 2015/16.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite do período de 6 a 21 de abril, em Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e da região do Matopiba e de 22 a 29 de abril, no Paraná. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unida-



que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de destaques da

página principal do site da Companhia.

Tabela 2 – Mesorregiões monitoradas em estados produtores de milho 2ª safra

	Mesorregião	Área em hectares - milho 2ª	%(Milho 2ª)/ Total Brasil
1	Norte Mato-grossense - MT	2.298.001	23%
2	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.208.991	12%
3	Sul Goiano - GO	981.752	10%
4	Oeste Paranaense - PR	718.804	7%
5	Sudeste Mato-grossense - MT	582.402	6%
7	Norte Central Paranaense - PR	519.273	5%
8	Nordeste Mato-grossense - MT	474.513	5%
9	Centro Norte do Mato Grosso do Sul - MS	323.744	3%
10	Centro Ocidental Paranaense - PR	309.005	3%
11	Norte Pioneiro Paranaense - PR	235.676	2%
12	Sul Maranhense - MA	182.396	2%
13	Leste Goiano - GO	180.529	2%
14	Noroeste Paranaense - PR	145.829	1%
	Total 13 mesorregiões	8.160.916	82%
	Total Brasil	9.901.900	100%

Fonte: IBGE/Conab

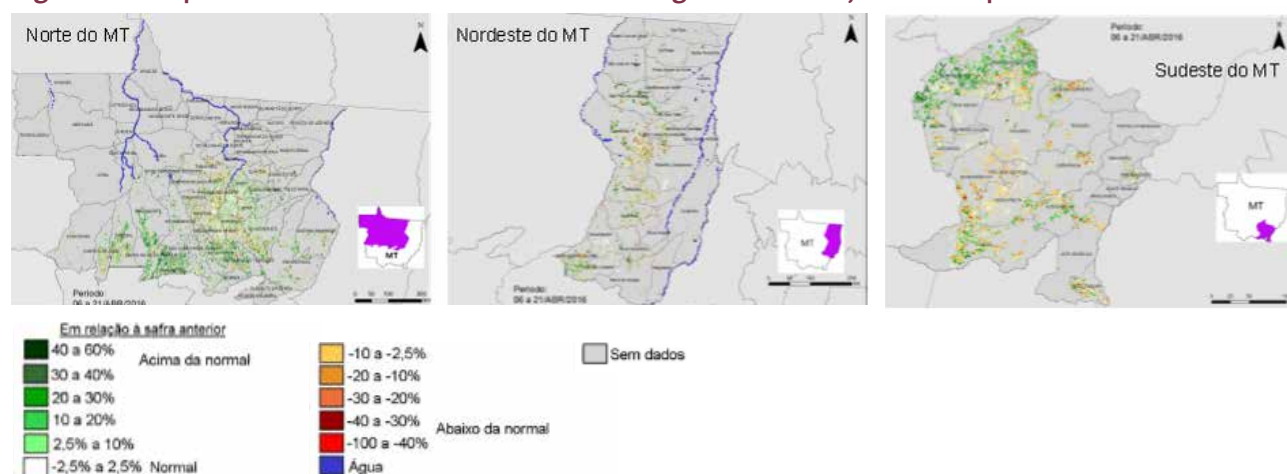
Tabela 2 – Mesorregiões monitoradas em estados produtores de milho 1ª safra, algodão e feijão total

Mesorregião	Área em hectares					%(a+b+c+d)/ Tot. Brasil
	Soja (a)	Milho 1ª(b)	Algodão (c)	Feijão T(d)	(a+b+c+d)	
Noroeste Rio-grandense - RS	3.172.648	417.680	0	31.416	3.621.744	8%
Extremo Oeste Baiano - BA	1.397.834	291.586	272.008	54.201	2.015.630	5%
Centro Ocidental Rio-grandense - RS	729.746	39.402	0	6.369	775.517	2%
Sudoeste Piauiense - PI	681.050	182.291	9.347		872.688	2%
Sul Maranhense - MA	579.145	59.881	18.588	13.937	671.551	2%
Oriental do Tocantins - TO	425.234	22.185	4.124		451.543	1%
Total 6 Mesorregiões	6.985.657	1.013.025	304.067	105.924	8.408.673	20%
Total Brasil	33.130.100	5.579.000	965.700	3.047.500	42.722.300	100%

Fonte: IBGE/Conab

res para a intensificação do plantio (Figuras 1 e 5).

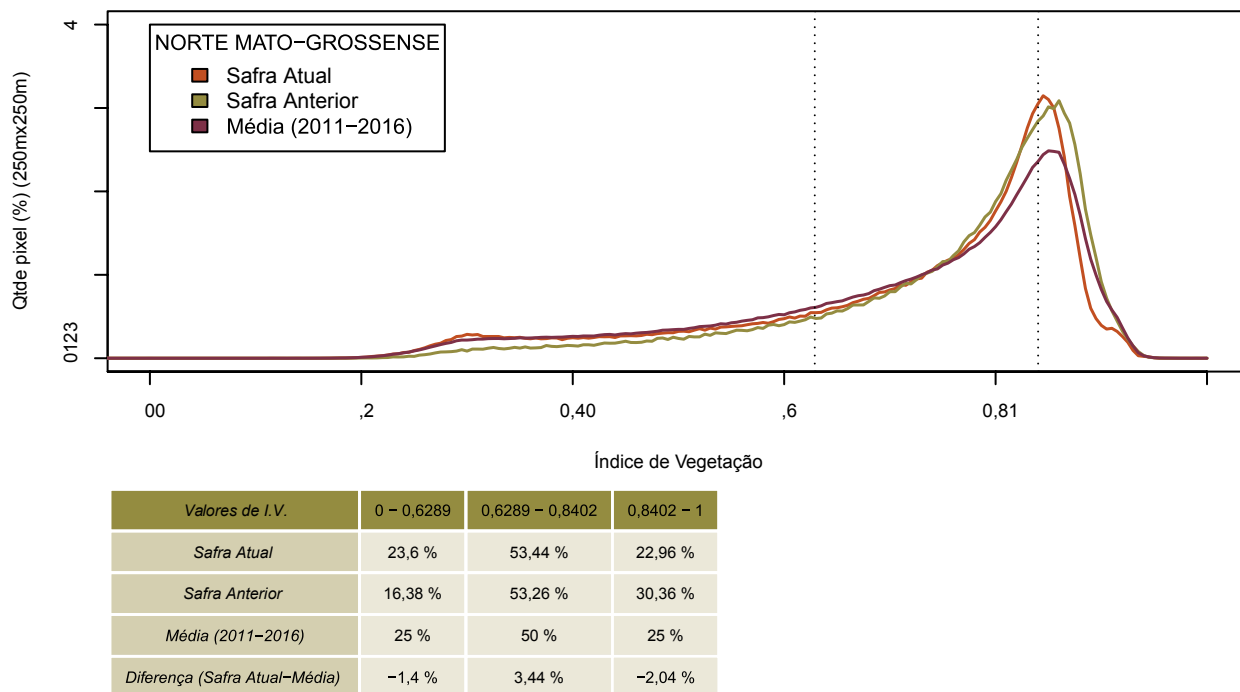
7.5 MONITORAMENTO ESPECTRAL



As cores em amarelo, laranja, e marrom, nos mapas, mostram onde as atuais lavouras, principalmente do milho segunda safra, apresentam padrão inferior ao ano passado. Pouca disponibilidade hídrica é a princi-

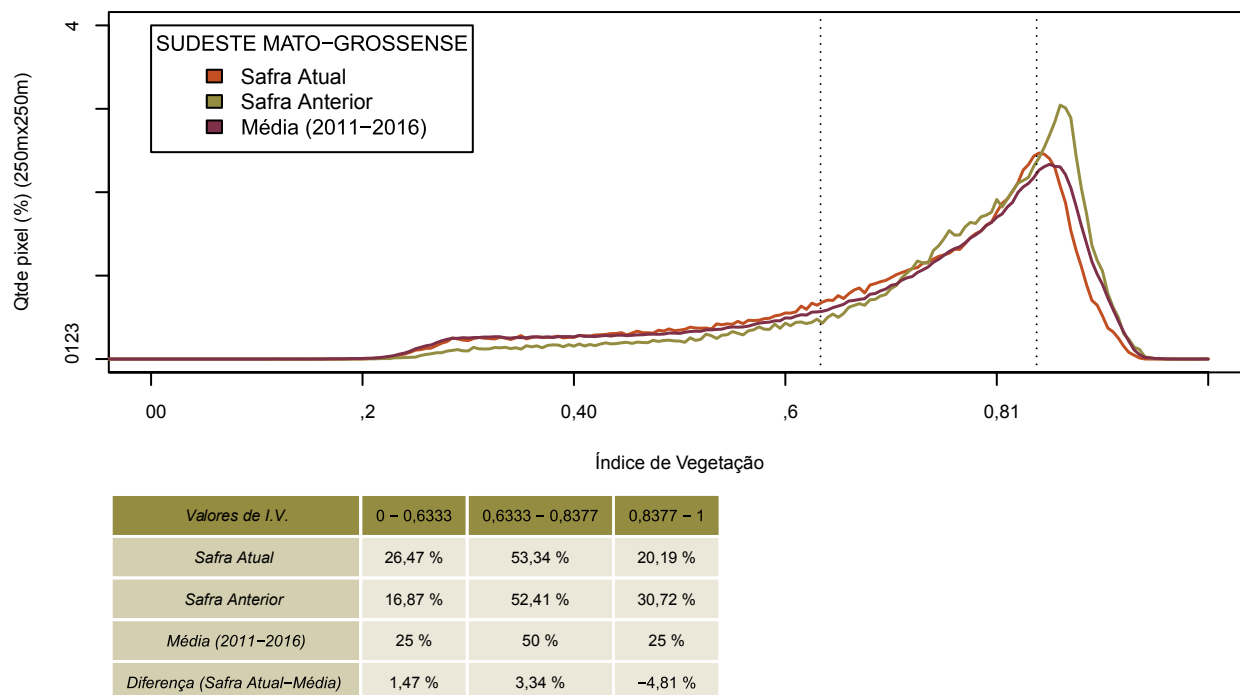
pal causa desta anomalia negativa. Em branco estão as áreas com padrão similar ao ano anterior. Em verde são lavouras com padrão superior ao ano de 2015.

Gráfico 61 – Gráficos de quantificação de áreas - Norte-mato-grossense



Fonte: Glam/Inmet.

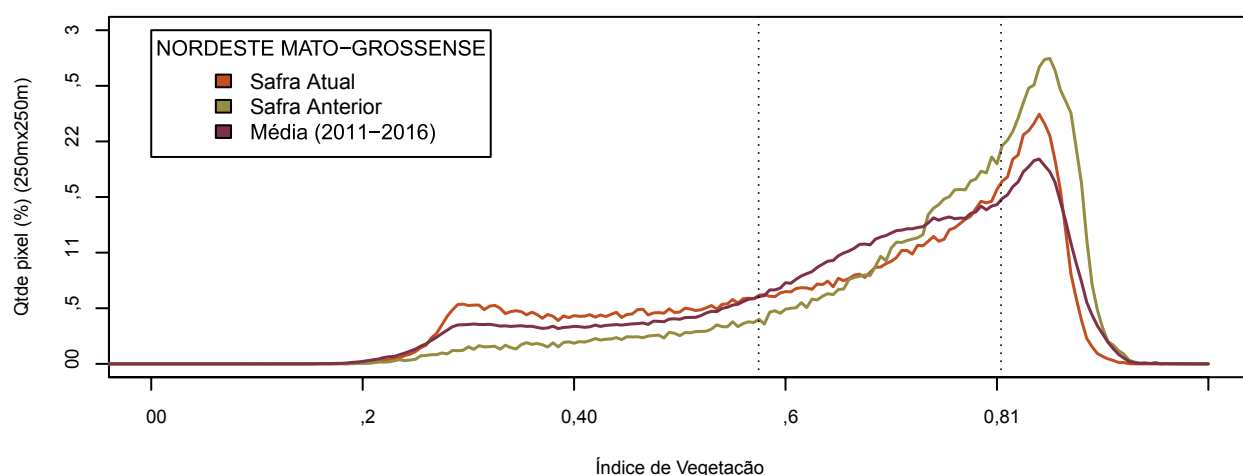
Gráfico 63 – Gráficos de quantificação de áreas - Sudeste-mato-grossense



Fonte: Glam/Inmet.



Gráfico 64 – Gráficos de quantificação de áreas - Nordeste-mato-grossense



Valores de I.V.	0 – 0,5746	0,5746 – 0,8039	0,8039 – 1
Safral Atual	30,49 %	43,94 %	25,57 %
Safral Anterior	14,25 %	46,92 %	38,83 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safral Atual-Média)	5,49 %	-6,06 %	0,57 %

Fonte: Glam/Inmet.

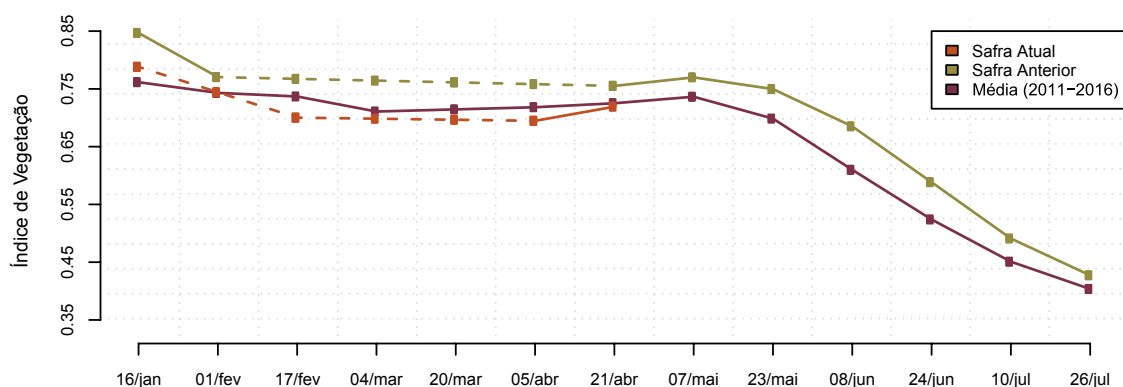
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que as relações dos percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV, da safra atual/safra passada, são: 76% / 84% no Norte; 70% / 86% no Nordeste e 74% / 83% no Sudeste. Conclui-se que, Mato Grosso, a presente safra tem, em relação à safra passada, uma menor quantidade de lavouras respondendo com médios e altos valores de IV, em decorrência do déficit hídrico em boa parte das lavouras. Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas

com seus respectivos valores de IV indicam:

- Norte, 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 5% abaixo da safra anterior;
- Nordeste, 3% abaixo da média dos 6 últimos anos e 10% abaixo da safra anterior;
- Sudeste, 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 6% abaixo da safra anterior.

Os gráficos das três regiões mostram respostas pró-

Gráfico 64 – Evolução temporal - Norte-mato-grossense

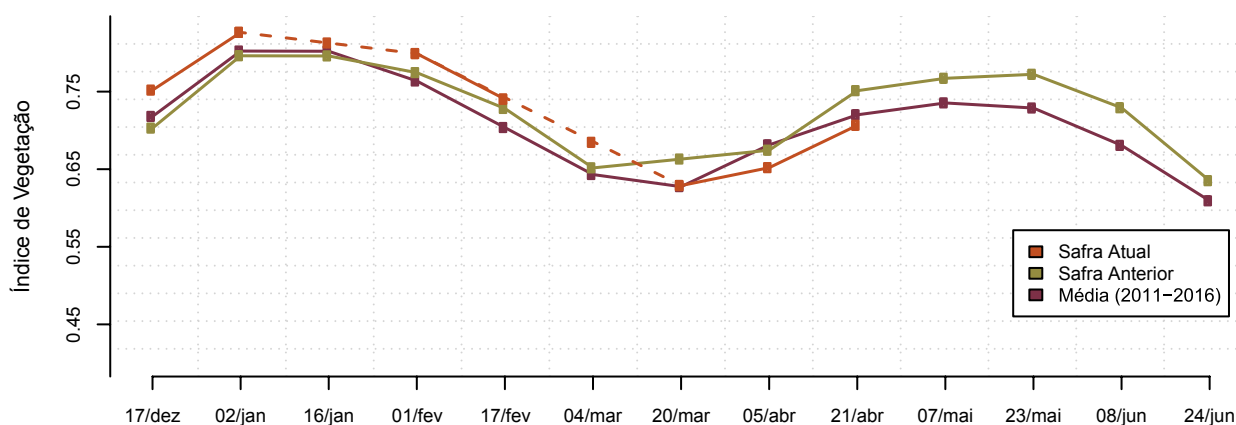


Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	3		-5			-3	-1						
% safra anterior	-7						-5						
Fases – 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam

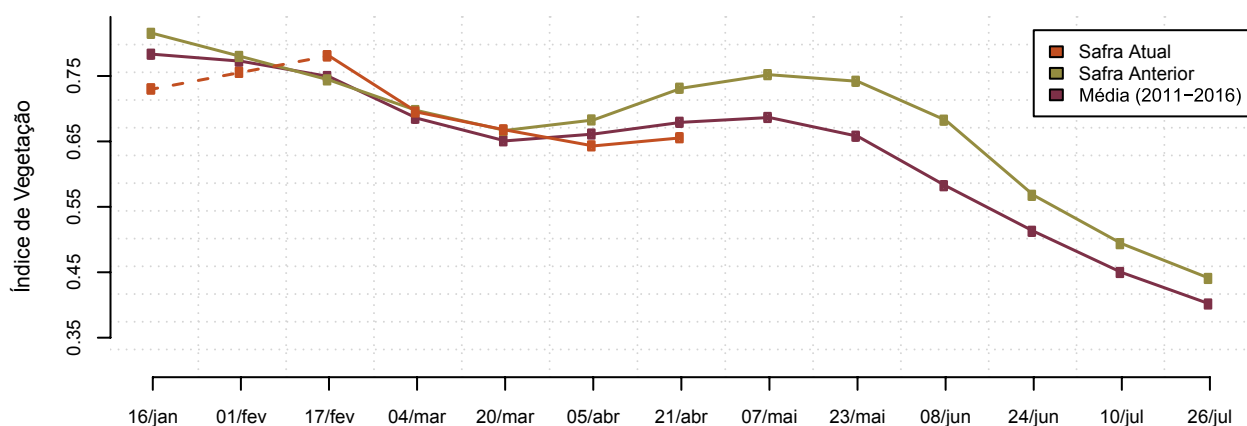


Gráfico 65 – Evolução temporal - Sudeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 66 – Evolução temporal - Nordeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

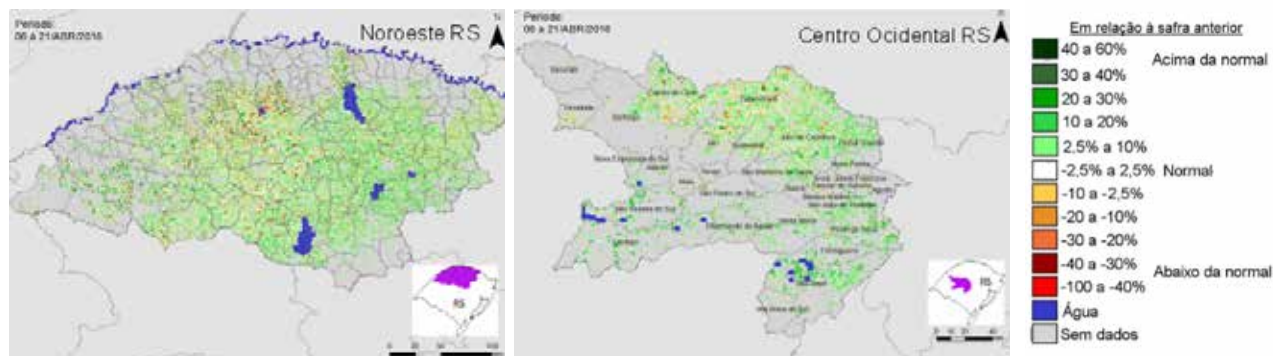
ximas à média, mas inferiores ao ano safra anterior. Trata-se do reflexo da falta de chuvas em boa parte do estado em período de muita demanda hídrica das

atuais lavouras de segunda safra.



7.5.2. RIO GRANDE DO SUL

Figura 9 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

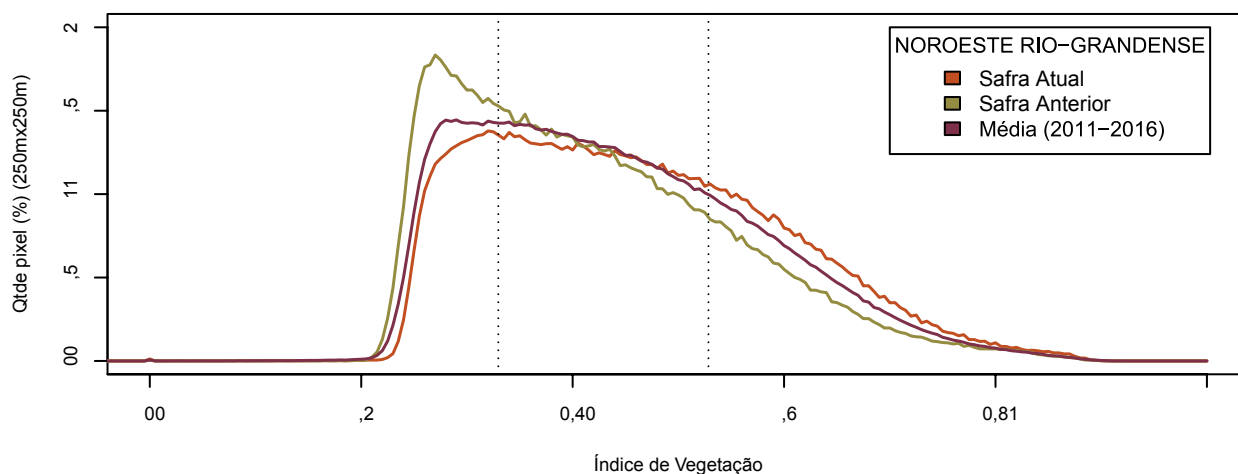


Fonte: Projeto Glam

Nos mapas acima prevalecem as áreas em verde, mostrando onde as lavouras da atual safra respondem com IV acima do ano passado. As chuvas excessivas no início da safra de soja implicaram em atrasos e até mesmo replantios de parte das lavouras. No entanto, o suficiente volume de chuvas na fase do enchimento de grãos, tanto da soja quanto do milho plantado mais tarde, favoreceu as lavouras e manteve o IV rela-

tivamente alto, comparado com o ano anterior. Além disso, a substituição de culturas e as diferenças entre os calendários agrícolas da soja, do milho e do feijão também podem provocar anomalia do Índice de Vegetação. As áreas mostradas em amarelo e marrom (padrão inferior ao ano passado) podem ser devido à maturação/colheita e à diferença de calendários da atual safra e da anterior.

Gráfico 67 - Quantificação de áreas - Noroeste Rio-grandense

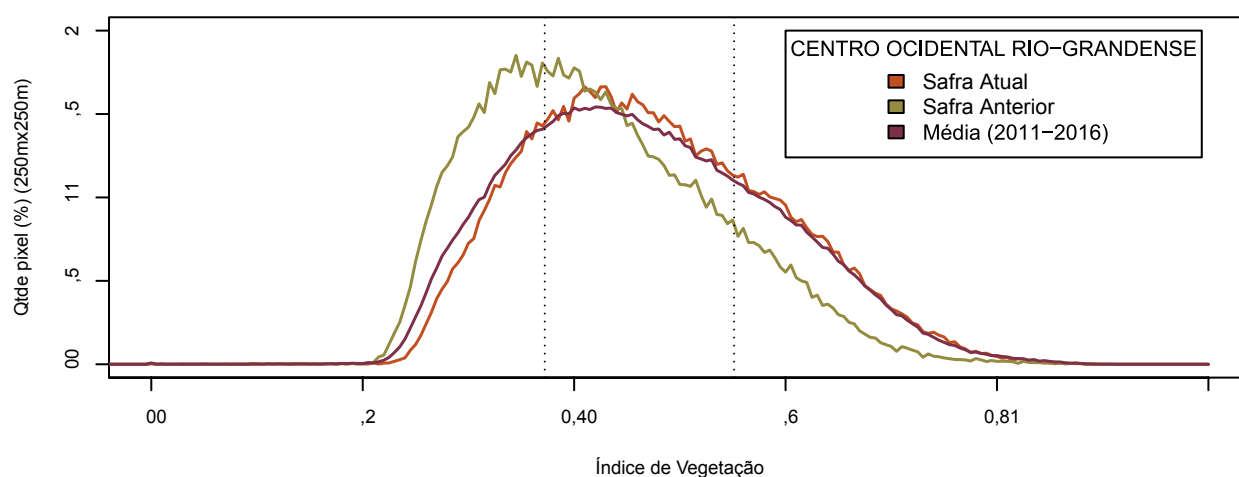


Valores de I.V.	0 - 0,3297	0,3297 - 0,5285	0,5285 - 1
Safra Atual	21,48 %	48,85 %	29,67 %
Safra Anterior	31,85 %	48,23 %	19,92 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-3,52 %	-1,15 %	4,67 %

Fonte: Glam/Inmet.



Gráfico 68 - Quantificação de áreas -Centro-Occidental Rio-grandense



Valores de I. V.	0 – 0,3722	0,3722 – 0,5513	0,5513 – 1
Safra Atual	21,78 %	52,26 %	25,96 %
Safra Anterior	38,12 %	48,02 %	13,86 %
Média (2011–2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	–3,22 %	2,26 %	0,96 %

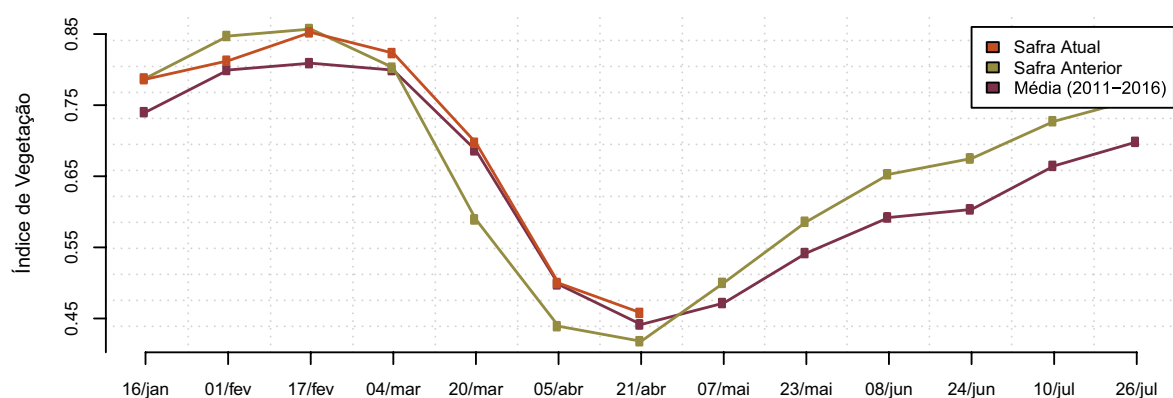
Fonte: Projeto Glam

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que, no Noroeste, em torno de 79% das lavouras da safra atual, respondem com médios e altos valores de IV, contra 68% nas mesmas condições da safra passada no mesmo período. No Centro Ocidental, a safra atual tem também 78% das lavouras com médios e altos valores de IV, contra 62% na safra passada.

Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica:

- Noroeste, 4% acima da média dos 6 últimos anos e 10% acima da safra passada.
- Centro Ocidental, 2% acima da média dos 6 últimos anos e 12% acima da safra passada.

Gráfico 69 - Evolução temporal - Noroeste Rio-grandense

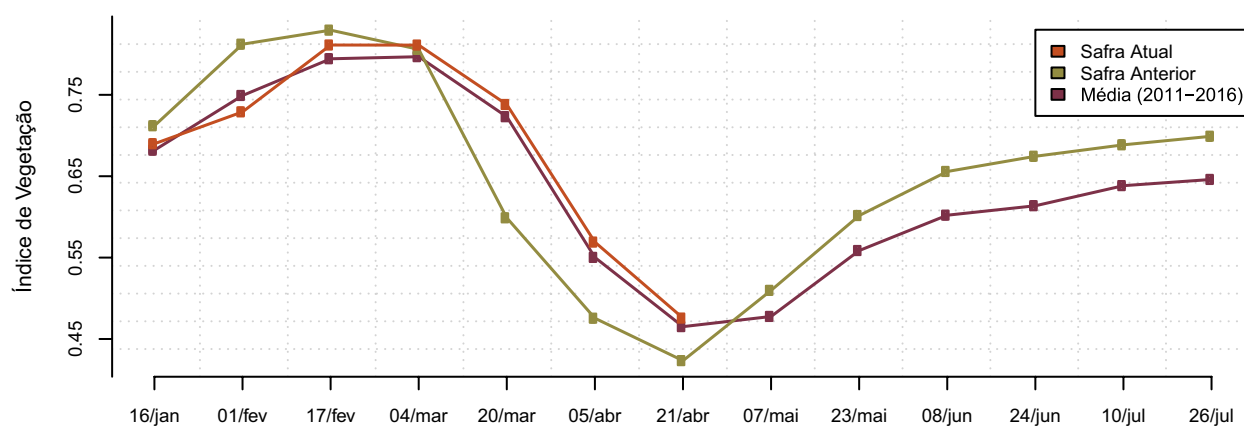


Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	6	2	5	3	2	0	4						
% safra anterior	0	–4	–1	3	18	14	10						
Fases – safra verão	□□	□□/□	□	□/□	□	□	□						
Fases – 2ª Safra	□	□	□/□V	□V	□V/□	□/□□	□□	□□	□□	□□/□	□/□	□	□

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 70 - Evolução temporal - Centro-Ocidental Rio-grandense



Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	1	-3	2	2	2	3	2						
% safra anterior	-3	-10	-2	1	23	20	12						
Fases – safra verão	□	□/□	□	□/□	□	□	□						
Fases – 2ª Safra	□	□	□/□	□	□/□	□/□	□	□	□	□	□	□	□

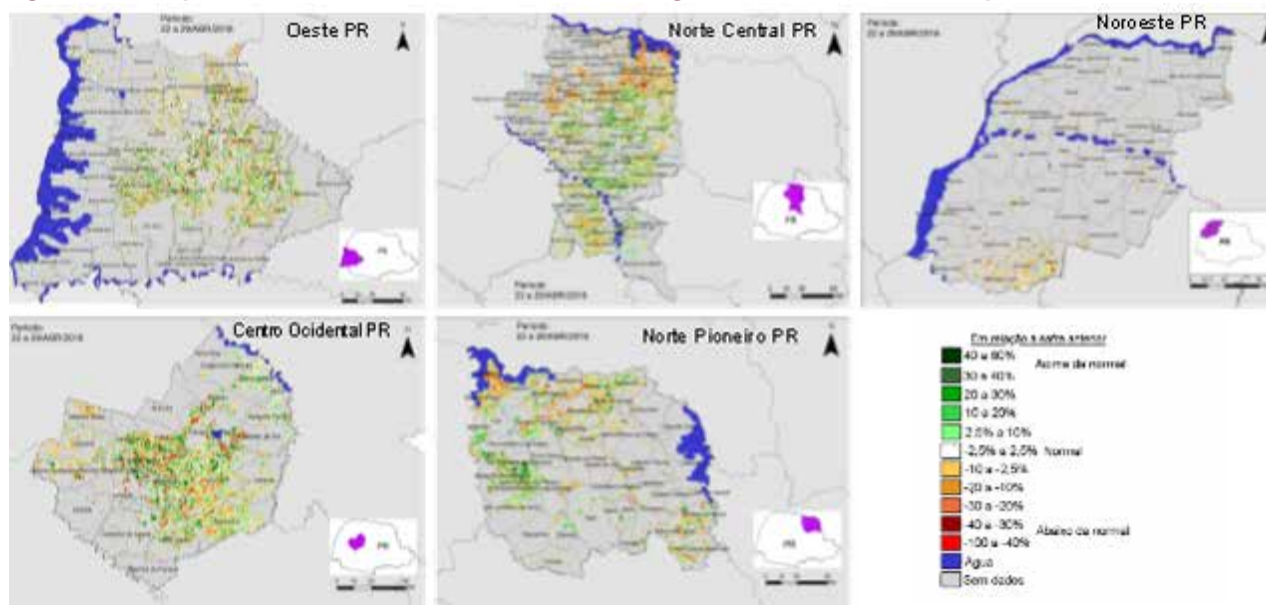
Fonte: Projeto Glam

Nos gráficos acima, os trechos das linhas em decida correspondem aos períodos de maturação e colheita da safra verão dos respectivos anos safra. Constatase que, em março e abril, o comportamento da atual safra é bem parecido ao da média dos 6 últimos anos e com respostas de IV superior ao ano passado. Indica-

tivo de que a safra verão 2015/16 no Rio Grande do Sul, apresenta padrão normal em termos da produtividade agrícola da região. Os trechos em ascensão mostrados nas linhas dos anos anteriores, a partir de abril, correspondem ao crescimento de coberturas verdes.

7.5.3. PARANÁ⁵

Figura 10 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

5 Monitoramento no período de 22 a 29 de abril.



As áreas com anomalia negativa, mostradas nos mapas em cores amarelo, marrom e vermelho indicam onde as lavouras da atual safra respondem com IV inferior ao ano passado. Constata-se queda no padrão de desenvolvimento desde o último monitoramento,

que se deve ao deficit hídrico nas áreas agrícolas do estado. As áreas em verde mostram onde o IV das lavouras atuais é superior ao do ano passado, ou houve substituição do trigo pelo milho.

Gráfico 71 - Quantificação de áreas - Oeste Paranaense

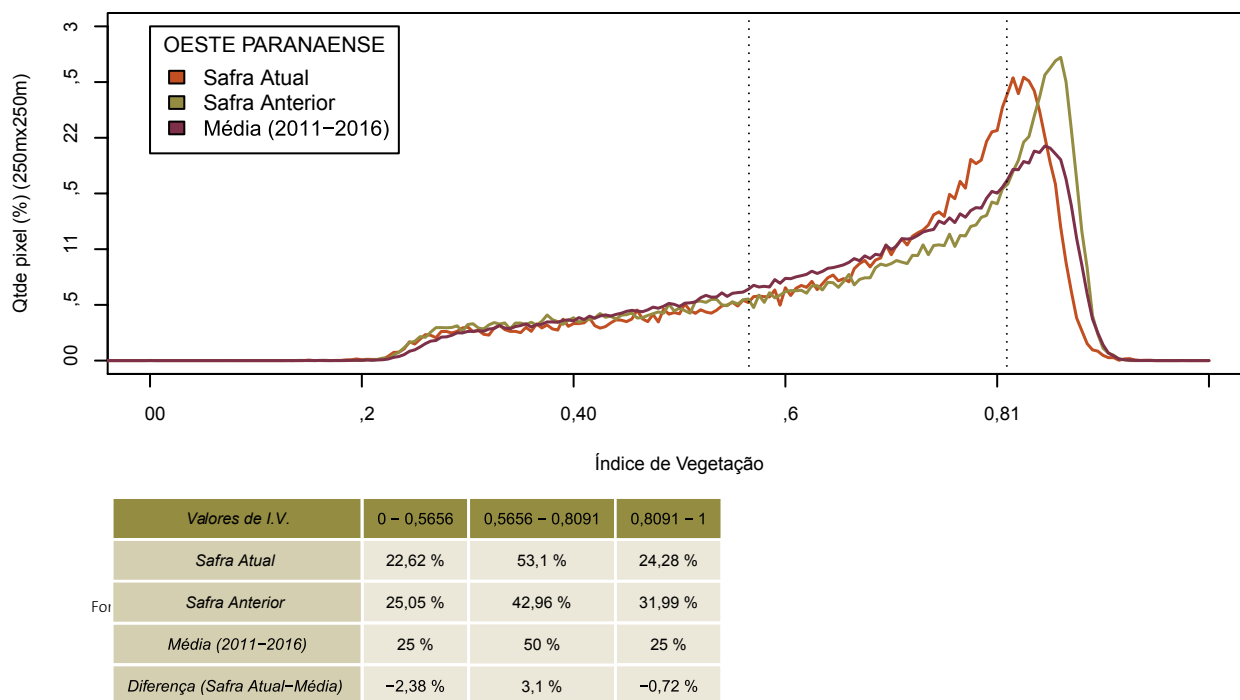
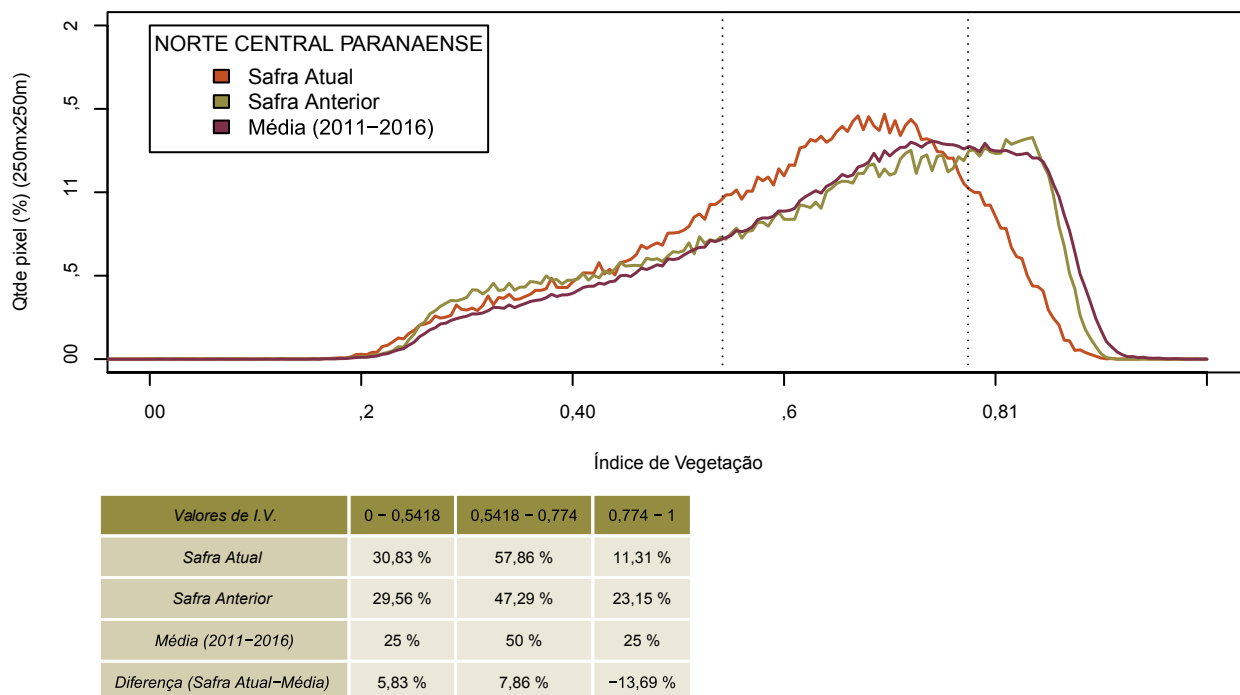


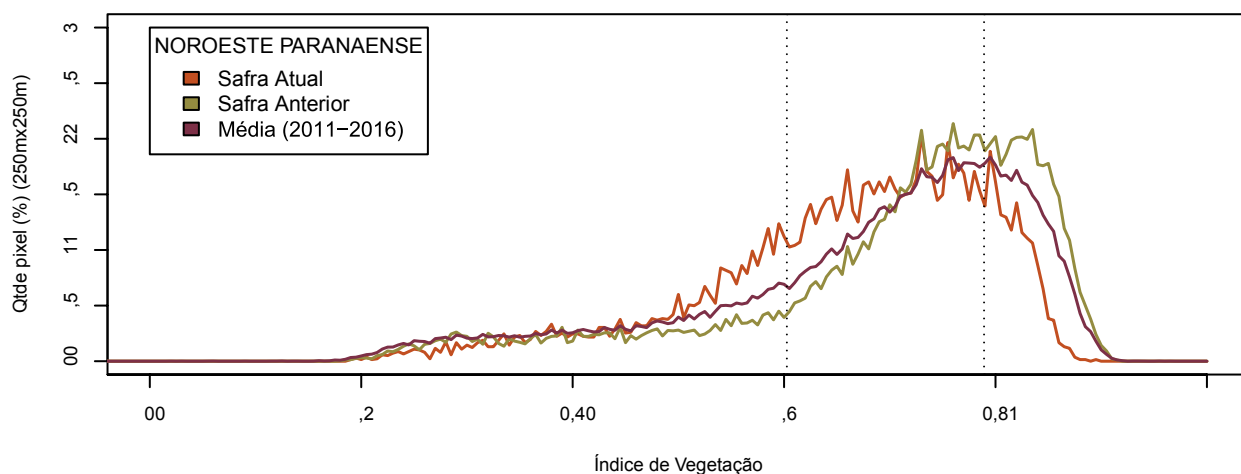
Gráfico 72 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Fonte: Projeto Glam



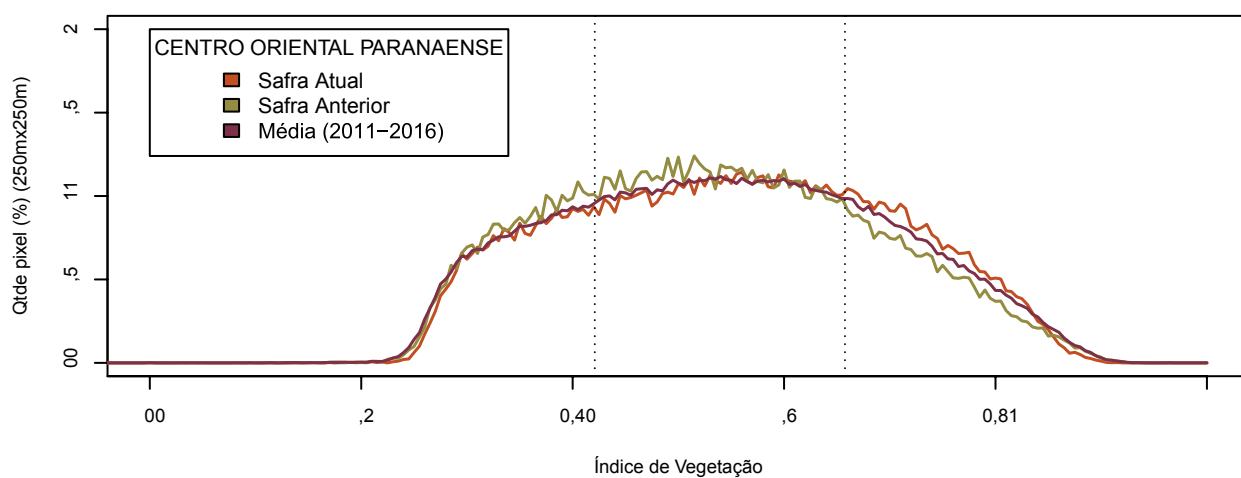
Gráfico 73 - Quantificação de áreas - Noroeste Paranaense



Valores de I.V.	0 - 0,6026	0,6026 - 0,7892	0,7892 - 1
Safra Atual	28,72 %	56,25 %	15,02 %
Safra Anterior	18,68 %	49,82 %	31,5 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	3,72 %	6,25 %	-9,98 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 74 - Quantificação de áreas - Centro-Ocidental Paranaense

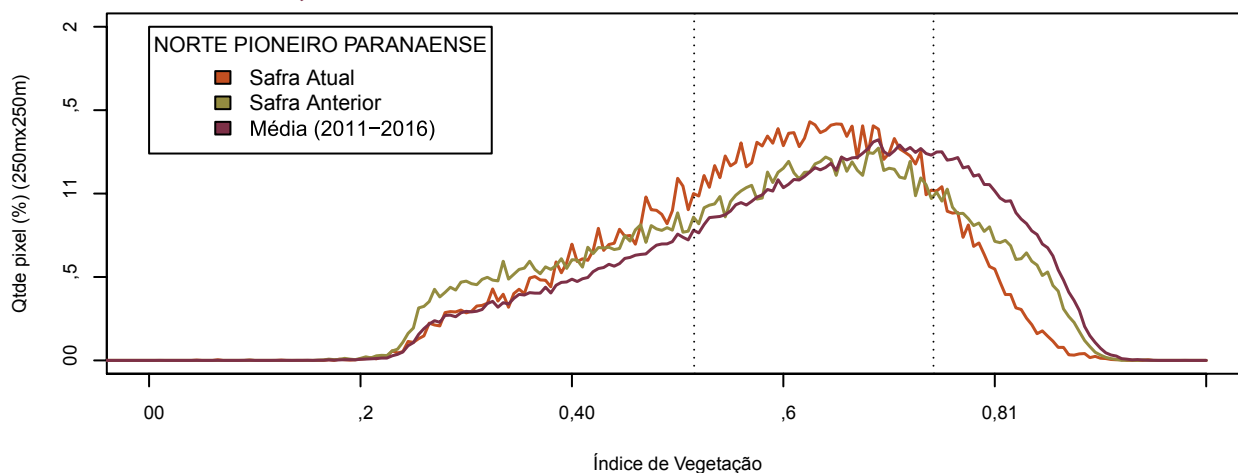


Valores de I.V.	0 - 0,4209	0,4209 - 0,6576	0,6576 - 1
Safra Atual	23,85 %	49,53 %	26,62 %
Safra Anterior	26,36 %	51,93 %	21,7 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-1,15 %	-0,47 %	1,62 %

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 75 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,5156	0,5156 – 0,742	0,742 – 1
Safra Atual	30,32 %	57,35 %	12,33 %
Safra Anterior	32,38 %	49,25 %	18,37 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	5,32 %	7,35 %	-12,67 %

Fonte: Projeto Glam

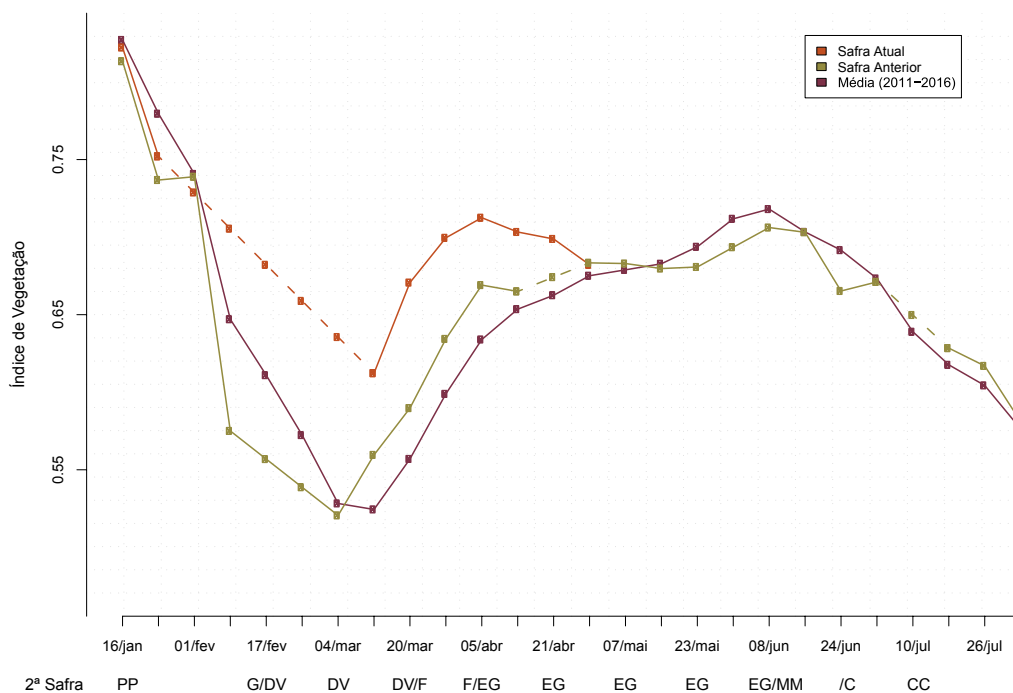
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Oeste – 77% na atual safra, contra 75% na safra passada; b) Norte Central - 69% neste ano, contra 70% no ano passado; c) Centro Ocidental – 73% em 2016, contra 73% em 2015 e; d) Norte Pioneiro, 70% na atual safra, contra 68% na safra anterior; f) No Noroeste, 71% na presente safra, contra 81% no ano passado. Os complementos destes percentuais são áreas com baixas respostas de IV.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Oeste: 1% acima da média dos 6 últimos anos e equivalente à safra anterior;
- Norte Central: 7% abaixo da média dos 6 últimos anos e 4% abaixo da safra anterior;
- Centro Ocidental: 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 2% abaixo da safra anterior;
- Norte Pioneiro: 6% abaixo da média dos 6 últimos anos e 1% abaixo da safra anterior;
- Noroeste: equivalente à média dos 6 últimos anos e 3% abaixo da safra anterior.



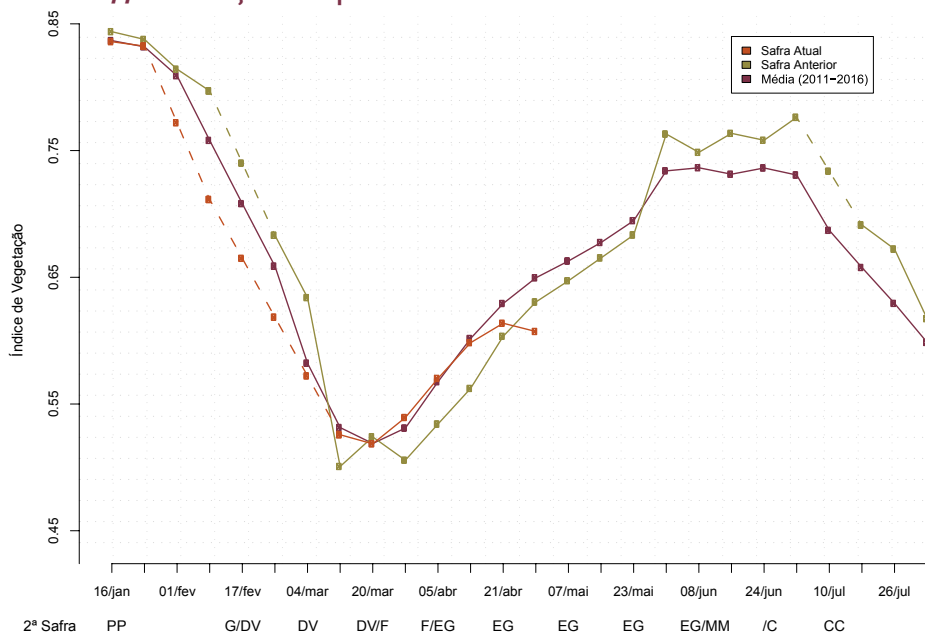
Gráfico 76 - Evolução temporal - Oeste Paranaense



O índice da safra atual está, neste período, 1% maior em relação ao da média e 0% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 77 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense

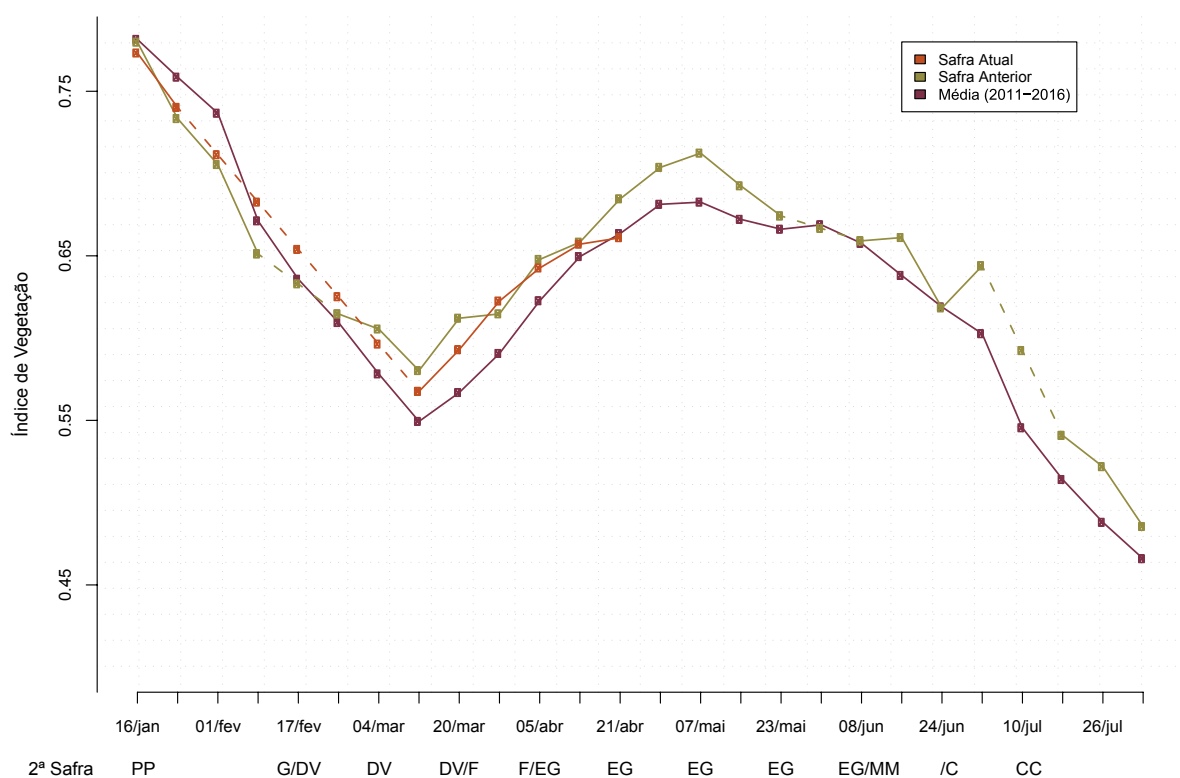


O índice da safra atual está, neste período, 7% menor em relação ao da média e 4% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam



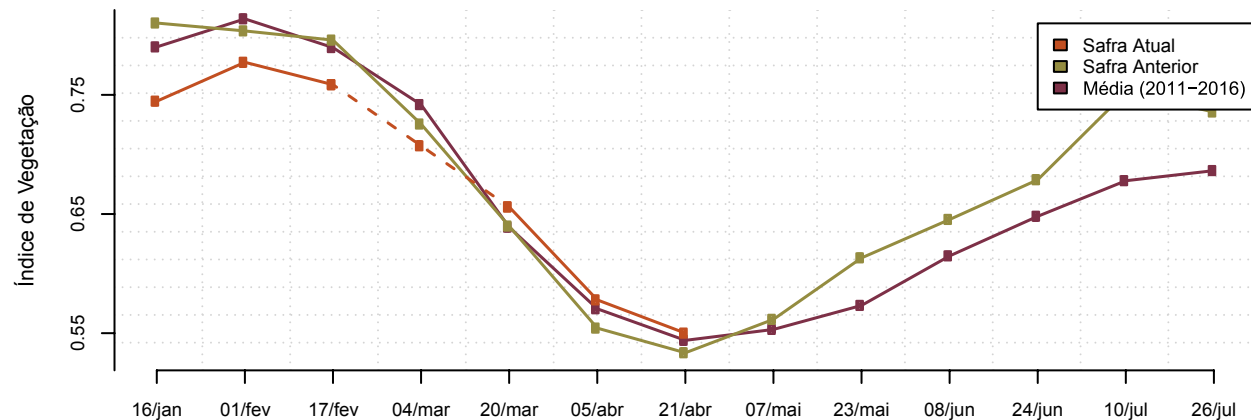
Gráfico 78 - Evolução temporal - Noroeste Paranaense



O índice da safra atual está, neste período, 0% menor em relação ao da média e 3% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 79 - Evolução temporal - Centro-Ocidental Paranaense

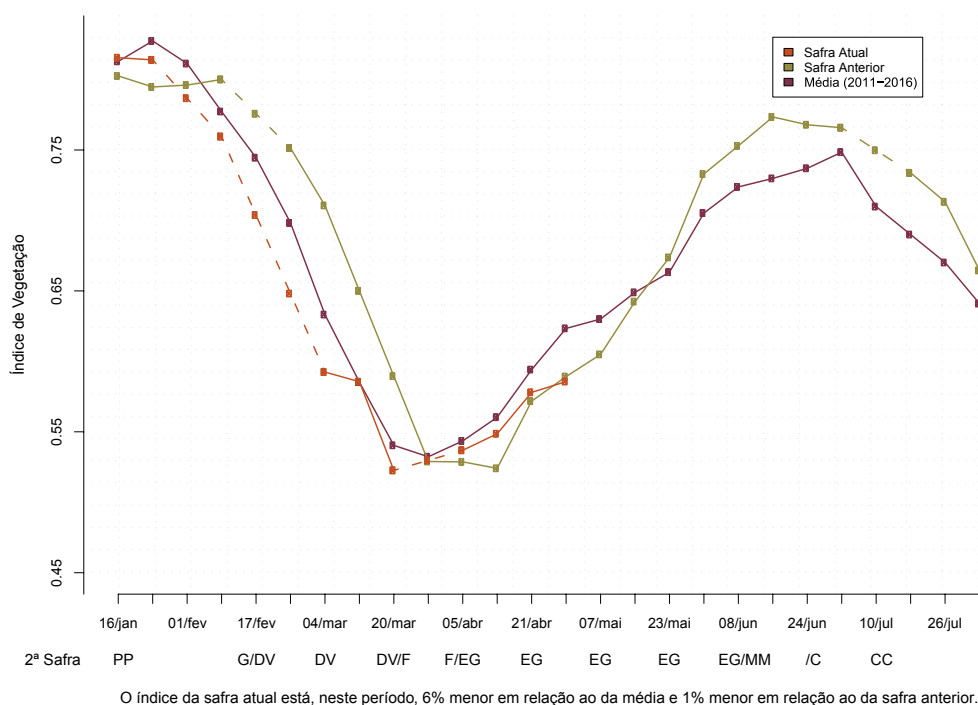


Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	-6	-4	-4		3	1	1						
% safra anterior	-8	-3	-5		3	4	3						
Fases – 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 8o - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense



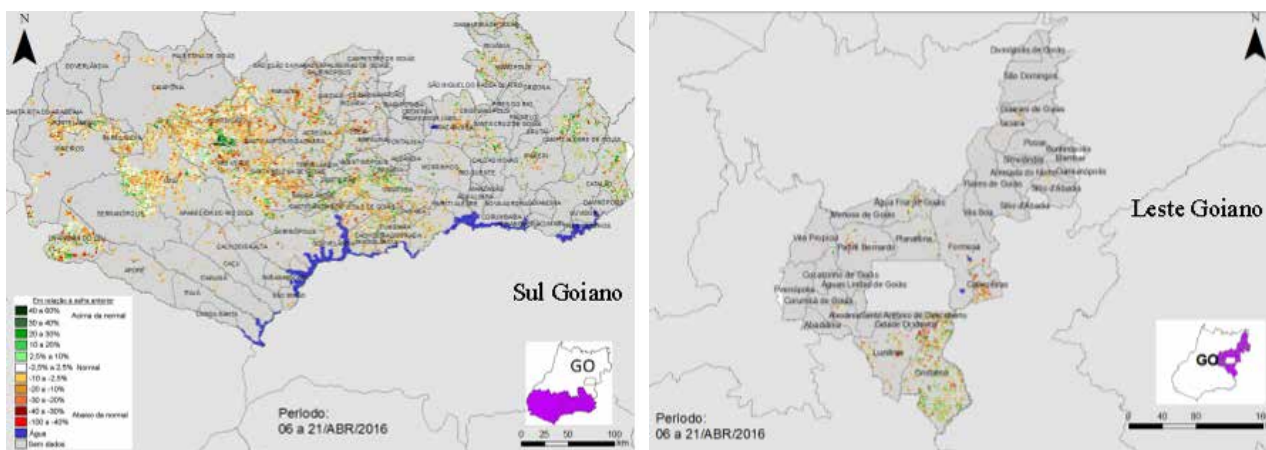
Fonte: Projeto Glam

Os trechos em descida desde janeiro até o início da março correspondem às fases de maturação e colheitas da soja e do milho primeira safra. O último trecho das linhas vermelhas nos gráficos acima, em declínio ou tendendo a inclinação negativa, mostra a redução

na atividade fotossintética das lavouras atuais, principalmente dos cultivos de segunda safra em desenvolvimento e também em fases reprodutivas. Efeito da falta de chuvas no estado.

7.5.4. GOIÁS

Figura 11 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



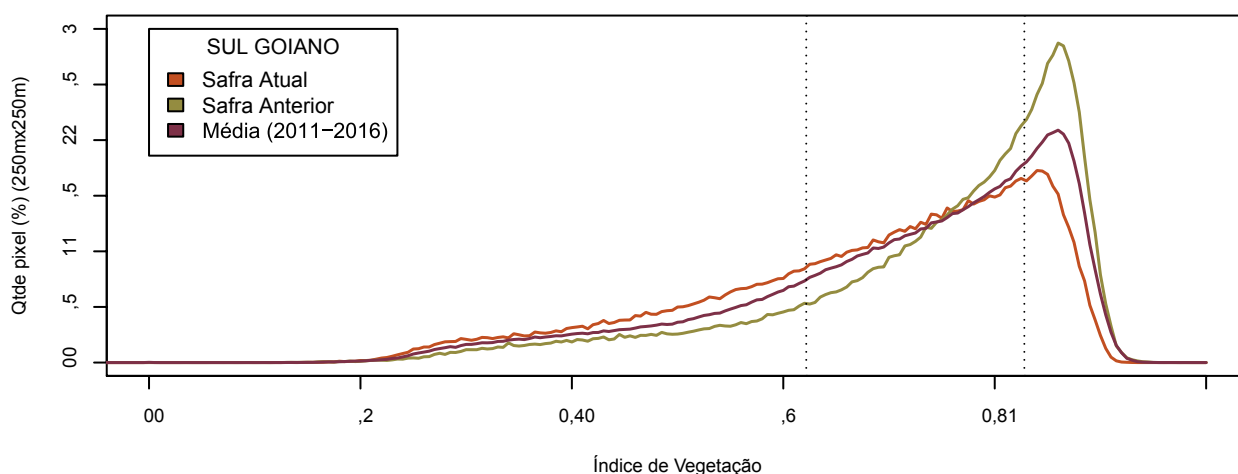
Fonte: Projeto Glam

O predomínio das cores amarelo, marrom e vermelho, mostra onde as áreas agrícolas apresentam padrão de desenvolvimento inferior ao ano passado. A escassez de chuvas é a principal causa desta anomalia negati-

va. O milho segunda safra é a cultura mais penalizada. Áreas em branco estão com padrão similar à safra passada. Em verde, em menor quantidade, estão as lavouras com padrão atual acima do ano anterior.



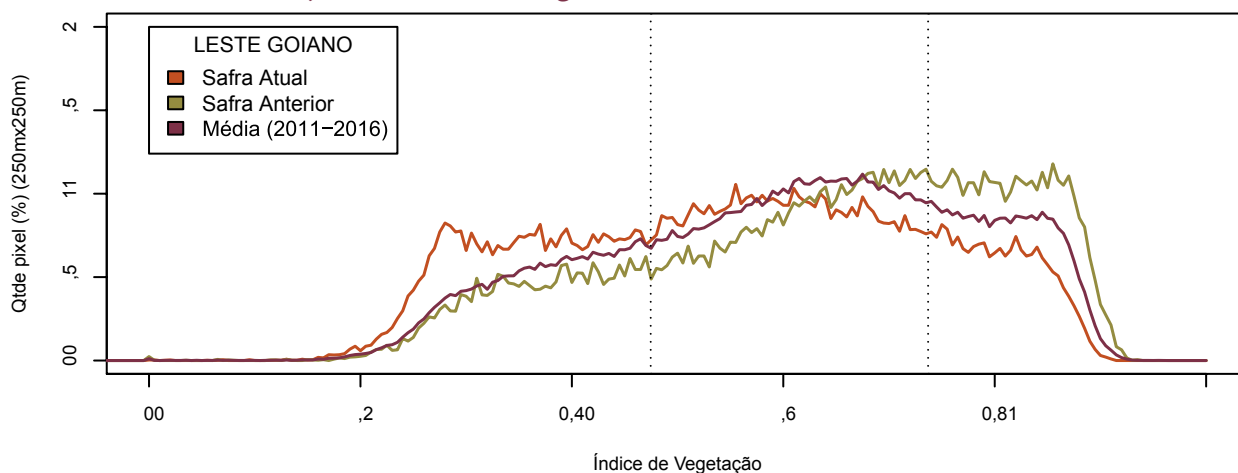
Gráfico 81 - Quantificação de áreas - Sul goiano



Valores de I.V.	0 – 0,6217	0,6217 – 0,828	0,828 – 1
Safra Atual	31,58 %	51,29 %	17,13 %
Safra Anterior	18,03 %	48,8 %	33,18 %
Média (2011–2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	6,58 %	1,29 %	–7,87 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 82 - Quantificação de áreas - Leste goiano



Valores de I.V.	0 – 0,4746	0,4746 – 0,737	0,737 – 1
Safra Atual	34,66 %	47,05 %	18,29 %
Safra Anterior	21,03 %	45,86 %	33,11 %
Média (2011–2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	9,66 %	–2,95 %	–6,71 %

Fonte: Projeto Glam

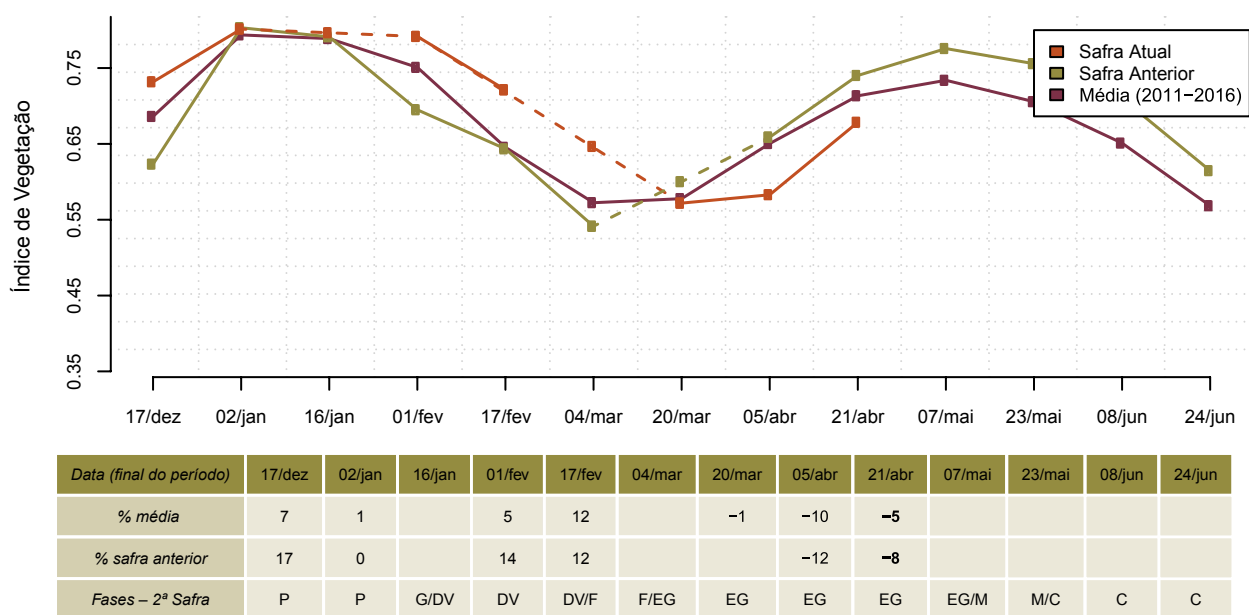
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que, no Sul Goiano, a atual safra tem 68% de suas lavouras com médias e altas respostas de IV, contra 82% no mesmo período do ano passado. E no Leste são 65% da atual safra, contra 79% no mesmo período do ano anterior. Consequentemente, a safra

atual tem, nas 2 regiões, mais lavouras em baixo padrão que a safra passada teve no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica:



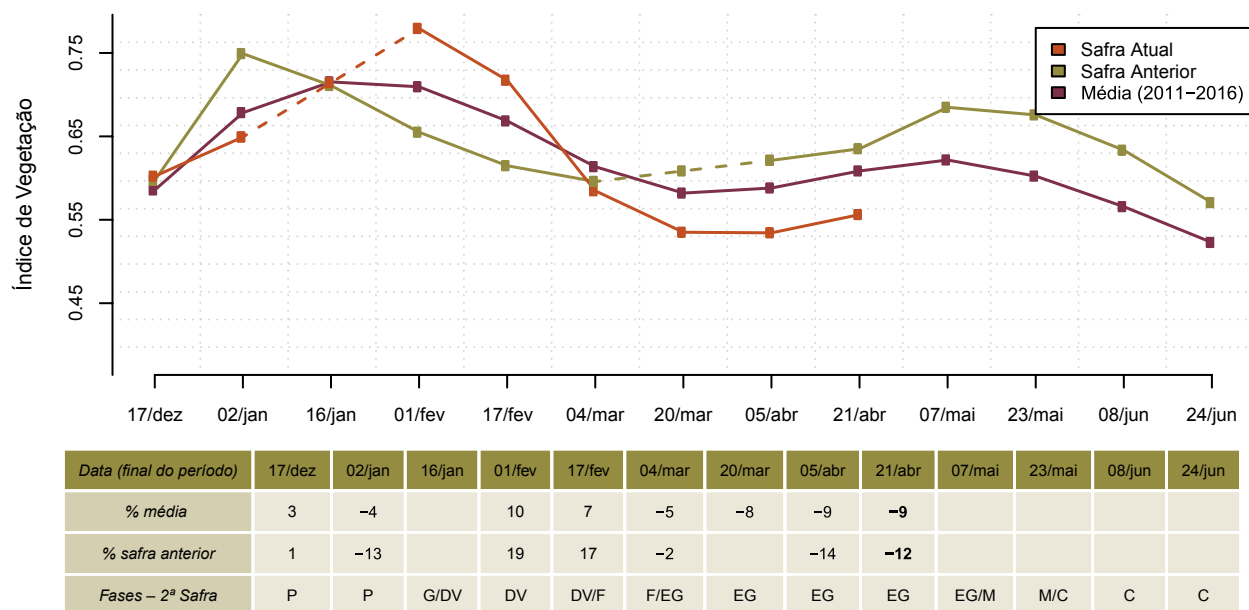
- Sul, 5% abaixo da média dos 6 últimos anos e 8% abaixo da safra passada.
- Leste, 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 12% abaixo da safra passada.

Gráfico 83- Evolução temporal - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 84 - Evolução temporal - Leste goiano



Fonte: Projeto Glam

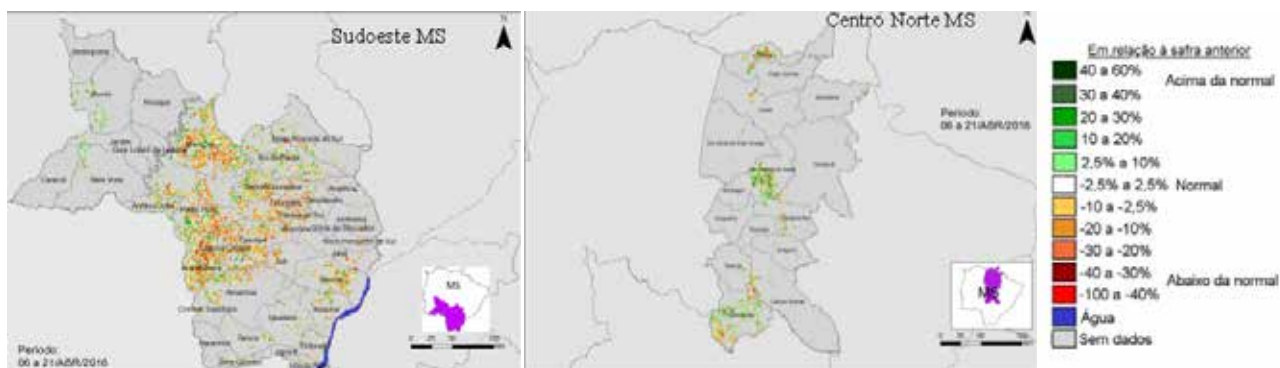
Nos gráficos acima, o traçado da linha vermelha abaixo dos anos anteriores, desde março, mostra redução forte do padrão de desenvolvimento das lavouras da

atual safra, principalmente do milho de segunda safra. Reflexo da falta de chuva em período de grande demanda de água pelas plantações.



7.5.5. MATO GROSSO DO SUL

Figura 12 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

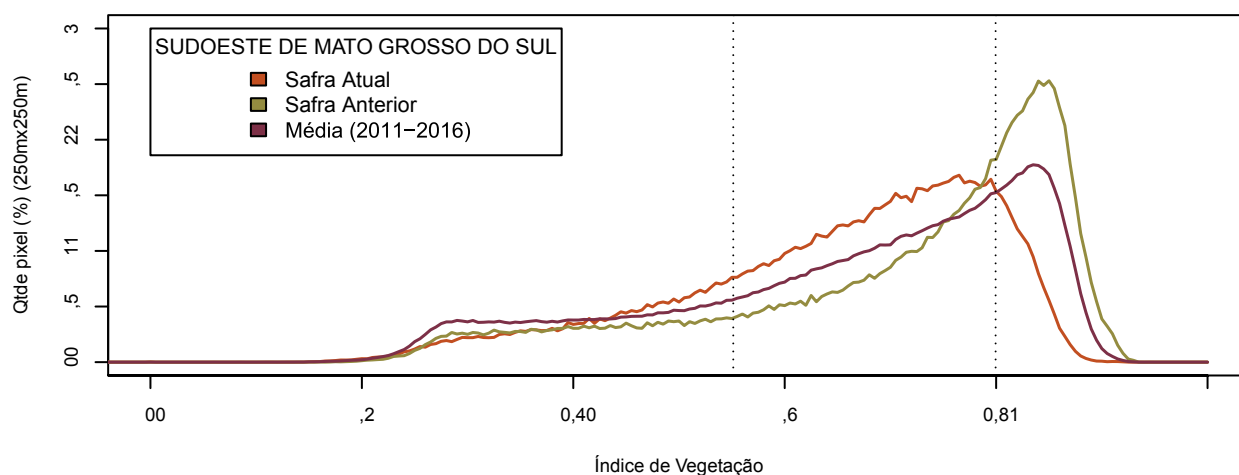


Fonte: Projeto Glam

O mapa do Sudoeste mostra predomínio das áreas em amarelo e marrom indicando onde as atuais lavouras respondem com IV inferior ao ano passado. Esta condição decorre da escassez de chuvas e temperaturas elevadas em parte do estado, nas últimas semanas. No Centro Norte a situação atual está mais

equilibrada em relação à safra anterior. Em verde são áreas onde os cultivos de segunda safra estão no momento com IV maiores que no ano passado. No entanto, como houve atraso no início do plantio, essa anomalia positiva também se deve à diferença nos calendários da safra atual e anterior.

Gráfico 85 - Quantificação de áreas - Sudoeste do Mato Grosso do Sul

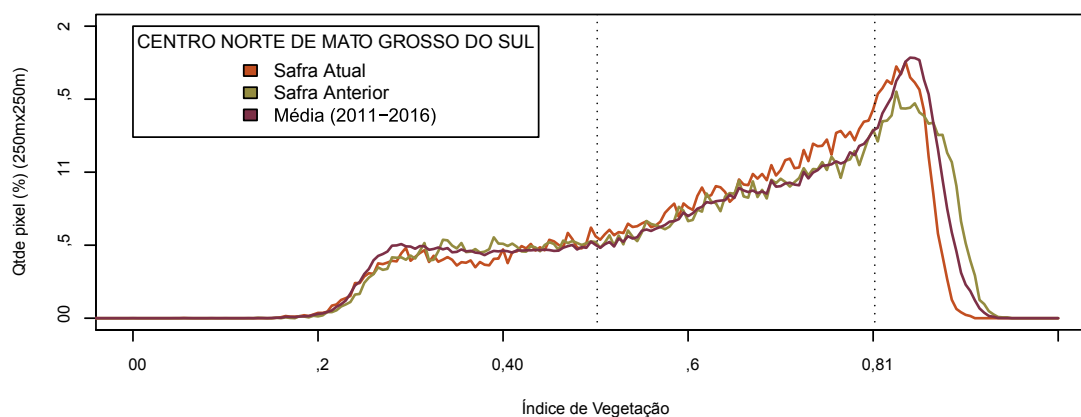


Valores de I.V.	0 – 0,5513	0,5513 – 0,7995	0,7995 – 1
Safra Atual	23,92 %	64 %	12,08 %
Safra Anterior	18,72 %	43,38 %	37,9 %
Média (2011–2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	-1,08 %	14 %	-12,92 %

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 86 - Quantificação de áreas - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul



Valores de I.V.	0 – 0,5018	0,5018 – 0,8018	0,8018 – 1
Safra Atual	23,66 %	55,65 %	20,7 %
Safra Anterior	24,45 %	50,08 %	25,47 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-1,34 %	5,65 %	-4,3 %

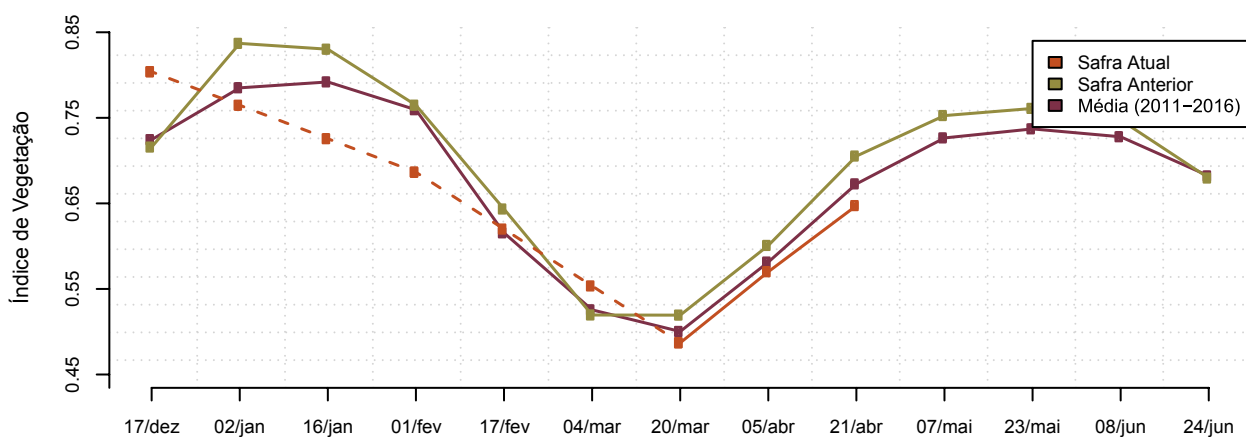
Fonte: Projeto Glam

O traçado da linha vermelha nos gráficos de quantificação de áreas mostra que: no Sudoeste a safra atual tem 76% de suas lavouras com médios e altos valores de IV, contra 81% no mesmo período do ano passado e; no Centro Norte os correspondentes percentuais são 76% da safra atual contra 76% da safra passada. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas

de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica:

- Sudoeste: 4% abaixo da média dos 6 últimos anos e 8% abaixo da safra passada.
- Centro Norte: equivalente à média dos 6 últimos anos e 1% abaixo da safra passada.

Gráfico 87 - Evolução temporal - Sudoeste do Mato Grosso do Sul

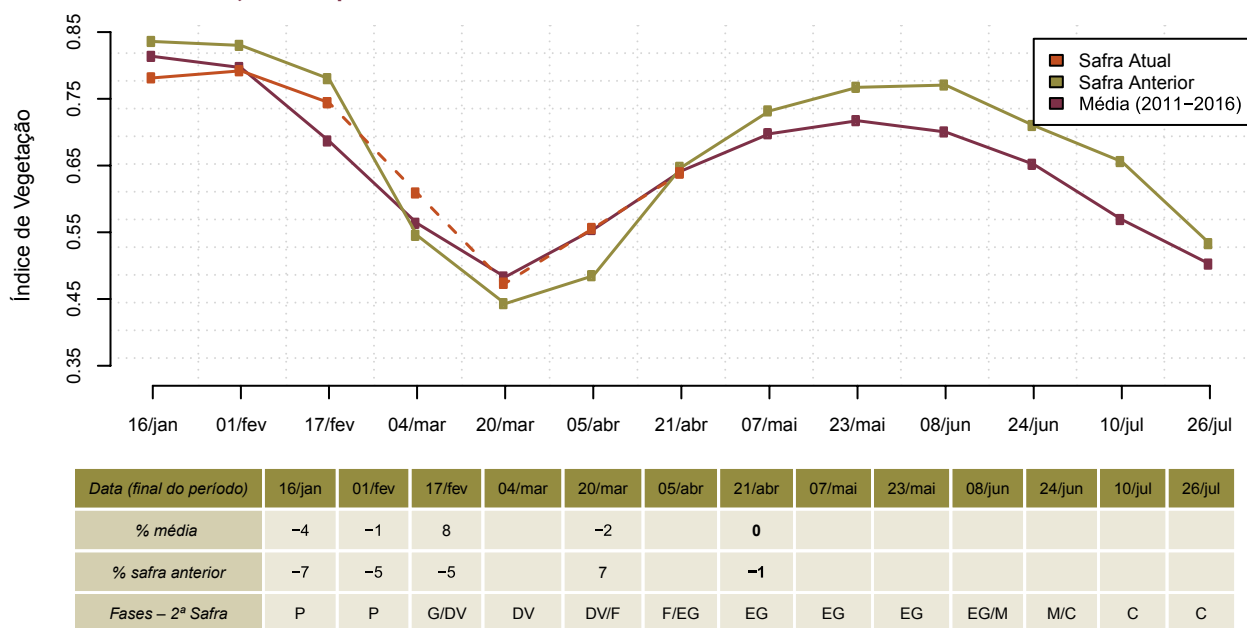


Data (final do período)	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun
% média	11			-10			-3	-2	-4				
% safra anterior	12			-10			-6	-5	-8				
Fases – 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam



Gráfico 88 - Evolução temporal - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul



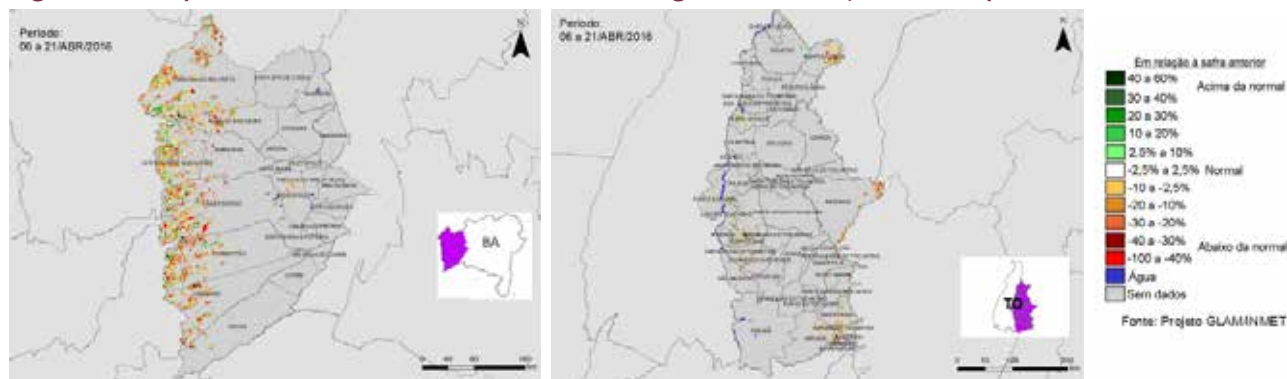
Fonte: Projeto Glam

O traçado dos últimos trechos da linha vermelha no gráfico do Sudoeste, abaixo dos anos anteriores, mostra que a atual safra tem comportamento inferior aos das safras passadas. A falta de chuvas e altas temperaturas em período recente está comprometendo, até o

momento, o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra na região. Já o gráfico do Centro Norte mostra a linha vermelha em traçado semelhante ao da média dos 6 últimos anos a partir de 20 de março.

7.5.6. MATOPIBA

Figura 13 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



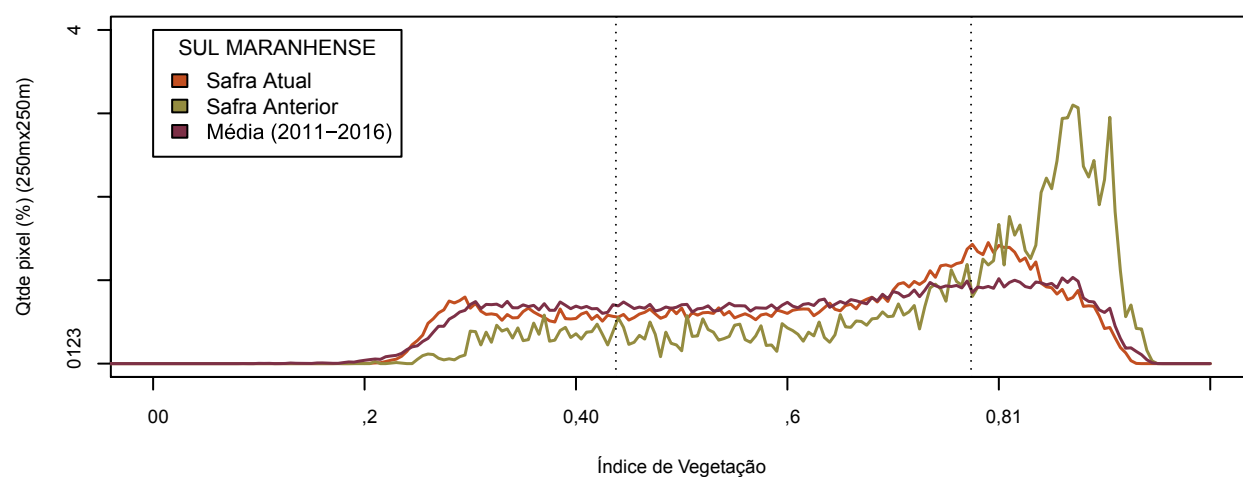
Fonte: Projeto Glam

Os mapas mostram predomínio de áreas em amarelo, marrom e vermelho. São lavouras com anomalia negativa da safra atual em relação ao ano passado. Estiagens e altas temperaturas prejudicaram principalmente as lavouras de primeira safra. Consequen-

temente, provocaram queda no padrão de desenvolvimento no período em que boa parte das lavouras estava em fase reprodutiva. Em verde são lavouras menos penalizadas e também cultivos irrigados.



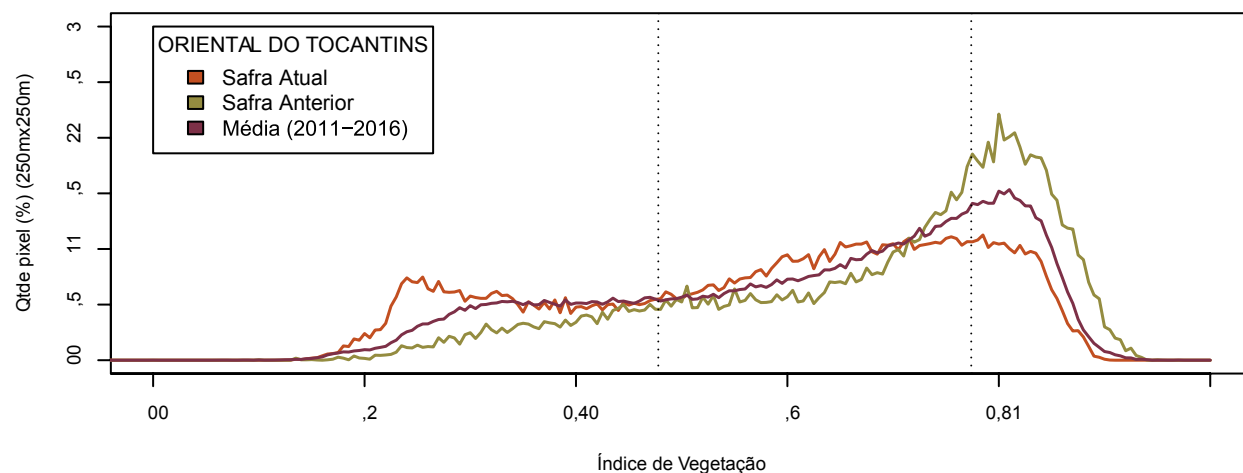
Gráfico 89 - Quantificação de área - Sul Maranhense



Valores de I.V.	0 – 0,4378	0,4378 – 0,7737	0,7737 – 1
Safra Atual	23,13 %	49,58 %	27,29 %
Safra Anterior	11,27 %	31,91 %	56,82 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-1,87 %	-0,42 %	2,29 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 90 - Quantificação de área - Oriental do Tocantins

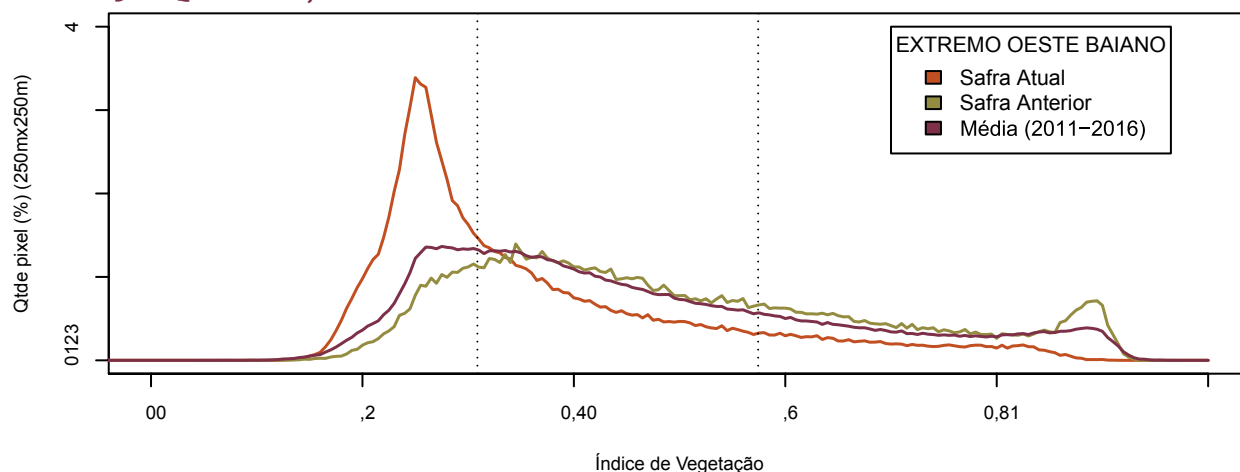


Valores de I.V.	0 – 0,4779	0,4779 – 0,7739	0,7739 – 1
Safra Atual	30,62 %	52,33 %	17,04 %
Safra Anterior	15,42 %	46,36 %	38,22 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	5,62 %	2,33 %	-7,96 %

Fonte: Projeto Glam



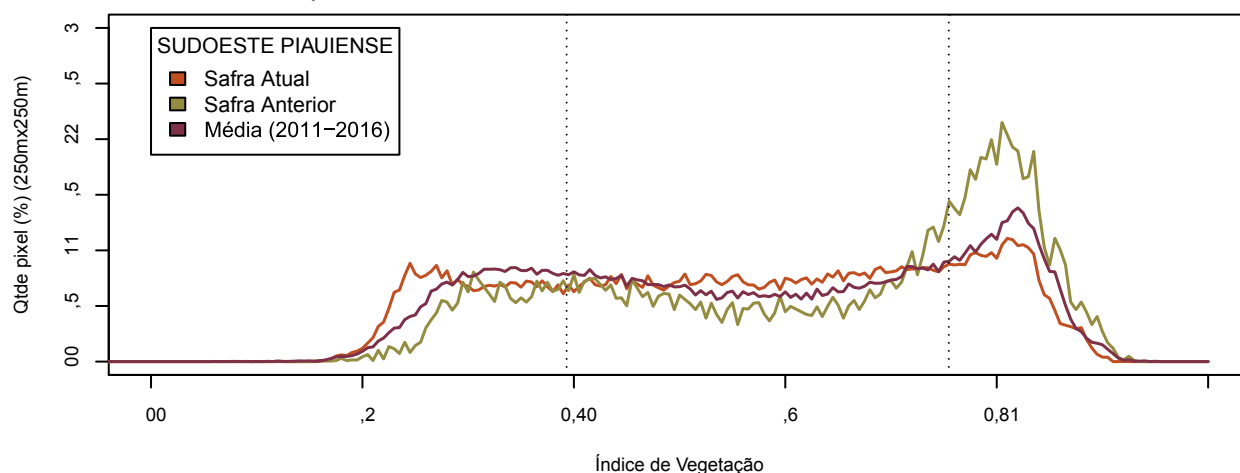
Gráfico g1 - Quantificação de área - Extremo oeste baiano



Valores de I.V.	0 – 0,3087	0,3087 – 0,5743	0,5743 – 1
Safra Atual	51,4 %	36,62 %	11,99 %
Safra Anterior	17,08 %	52,17 %	30,74 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	26,4 %	-13,38 %	-13,01 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico g2 - Quantificação de área - Sudoeste Piauiense



Valores de I.V.	0 – 0,3931	0,3931 – 0,7546	0,7546 – 1
Safra Atual	25,96 %	53,87 %	20,17 %
Safra Anterior	17,79 %	44,31 %	37,9 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	0,96 %	3,87 %	-4,83 %

Fonte: Projeto Glam

Nos quatro gráficos acima a linha vermelha mais deslocada para a esquerda em relação às demais registra uma maior quantidade de lavouras da atual safra com baixas respostas de IV em comparação aos outros anos safra. Em termos percentuais de lavouras com médios e altos valores de IV, as tabelas indicam o se-

guinte: a) Sul MA, 77% da safra atual, contra 89% da safra anterior; b) Oriental do TO, 69% em 2016, contra 85% em 2015; c) Sudoeste PI, 74% este ano contra 82% do ano passado e; d) Extremo Oeste BA, 49% da presente safra contra, 83% da safra passada.

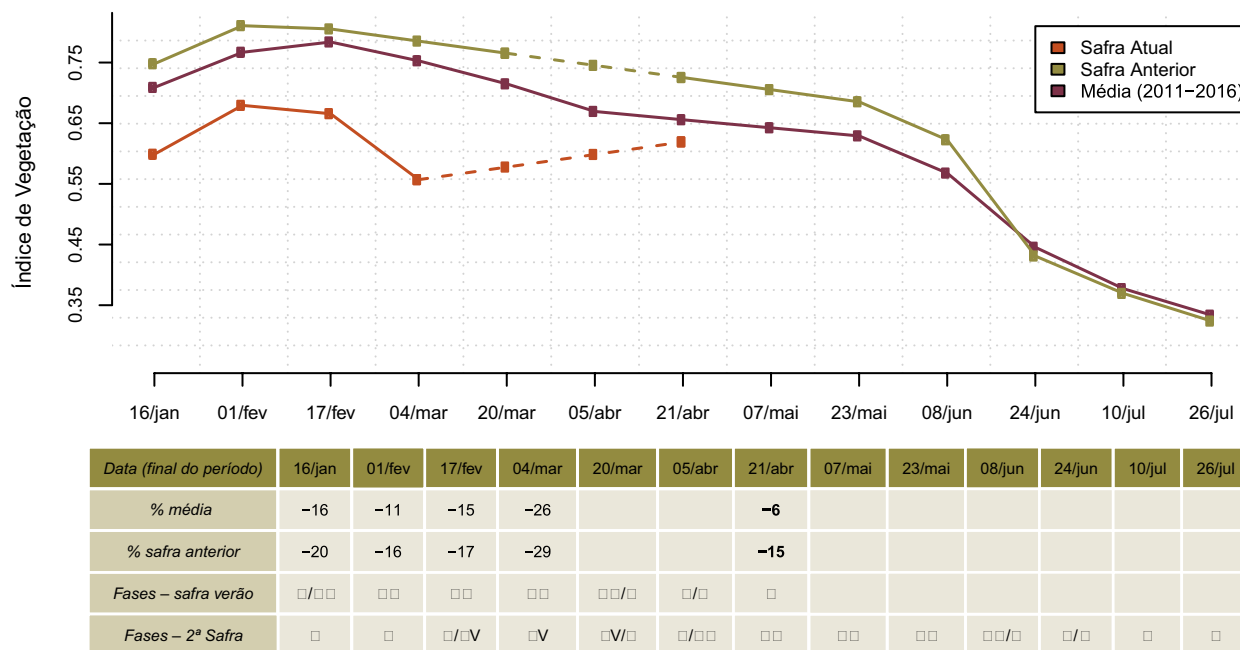


Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam:

- Sul MA, 6% abaixo da média dos 6 últimos anos e 15% abaixo da safra passada;

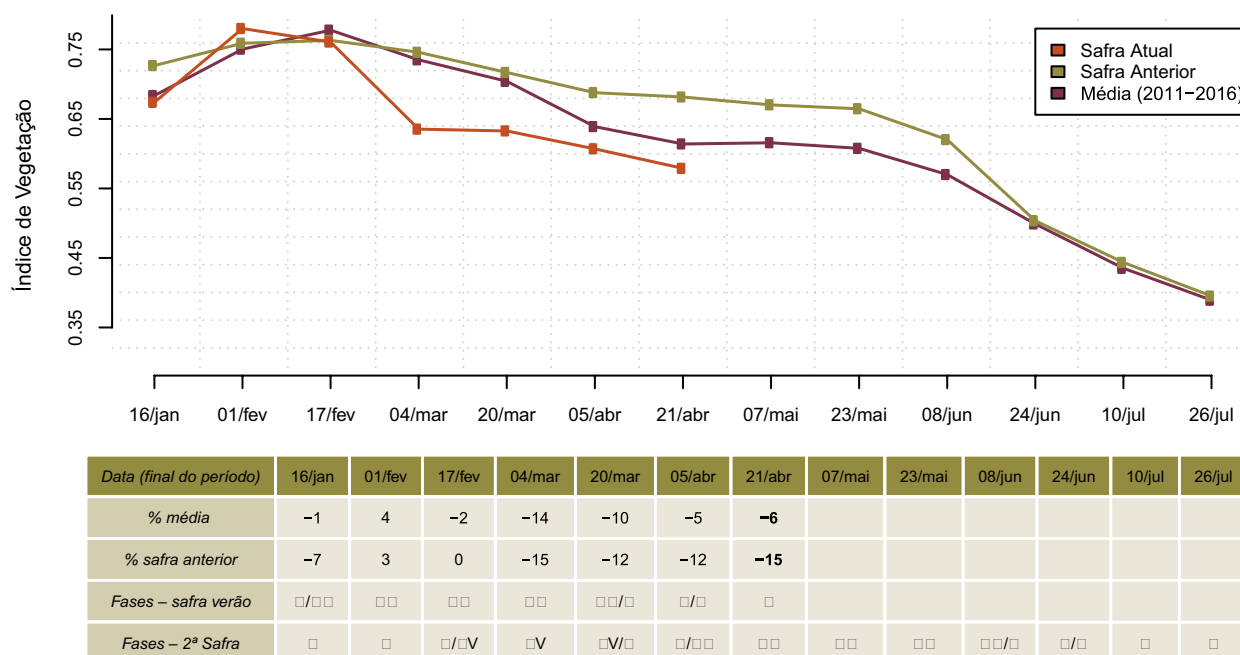
- Oriental do TO, 6% abaixo da média dos 6 últimos anos e 15% abaixo da safra passada;
- Sudoeste PI, 3% abaixo da média dos 6 últimos anos e 11% abaixo da safra passada;
- Extremo Oeste BA, 20% abaixo da média dos 6 últimos anos e 27% abaixo da safra passada.

Gráfico 93 - Evolução temporal - Sul Maranhense



Fonte: Projeto Glam

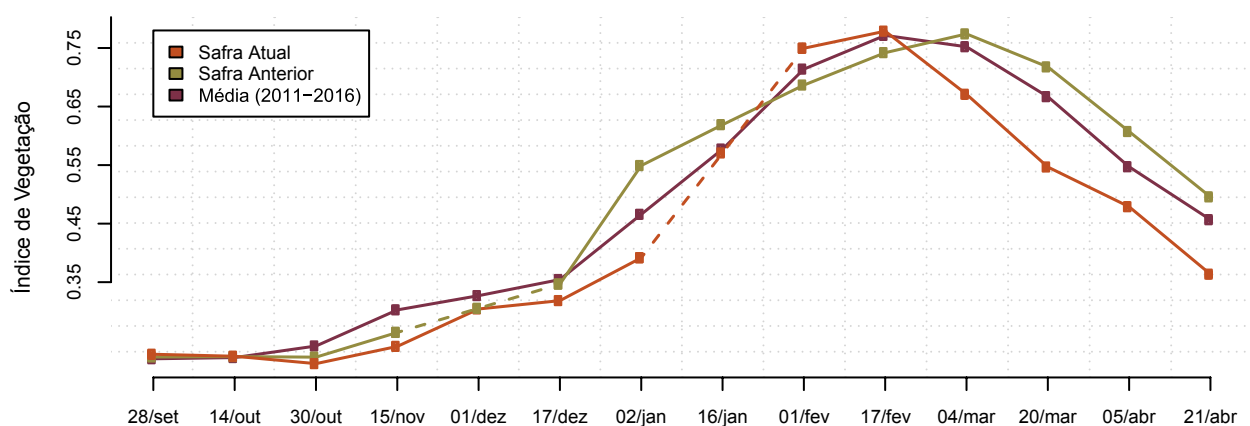
Gráfico 94 - Evolução temporal - Oriental do Tocantins



Fonte: Projeto Glam



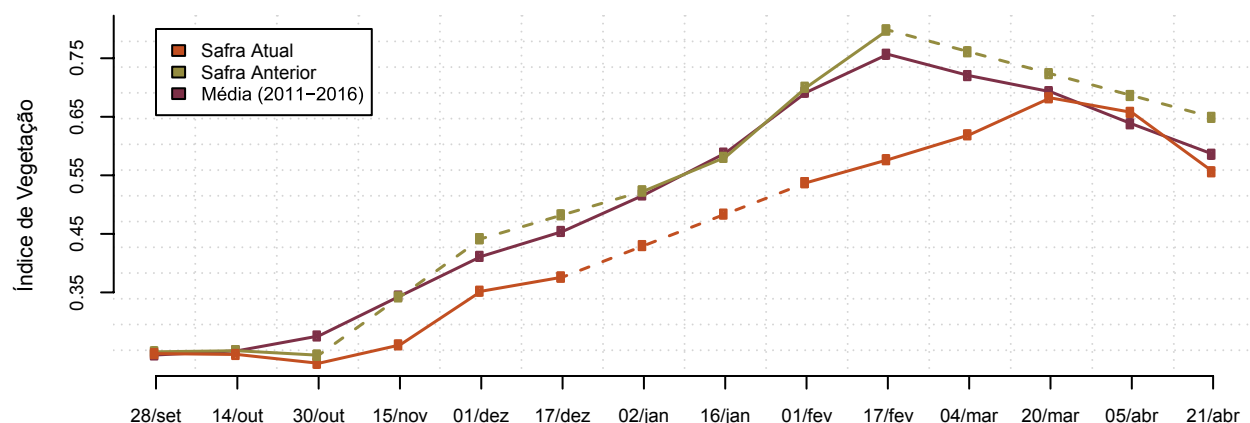
Gráfico 95 - Evolução temporal - Extremo oeste baiano



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	4	1	-13	-21	-7	-10	-16		5	1	-11	-18	-12	-20
% safra anterior	2	0	-5	-9		-8	-29		9	5	-13	-24	-21	-27
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 96 - Evolução temporal - Sudoeste Piauiense



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	1	-3	-17	-24	-14	-17			-22	-24	-14	-2	3	-5
% safra anterior	-1	-3	-6		-20				-23	-28				
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto Glam

Nos gráficos acima, os traçados das linhas vermelhas, abaixo das demais indicam penalização dos cultivos pelas condições climáticas desfavoráveis. Ocorreu uma breve recuperação em fevereiro, mas o IV voltou

a cair a partir de março, em função das altas temperaturas e das estiagens. Os últimos trechos em declínio já indicam o início da maturação e das colheitas.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O oitavo levantamento aponta para a redução na área plantada de 1,6% na temporada 2015/16, atingindo 960,4 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior.

Em Mato Grosso, a área plantada de algodão permaneceu praticamente estável desde o último levantamento em março, com 597,6 mil hectares, aumento de 6,2% em relação à safra 2014/15 que registrou 562,7 mil hectares da pluma. O atual estágio da cultura do algodoeiro de ambas safras se encontra predominantemente em floração e frutificação. No entanto, a redução das chuvas no atual período ainda não é tão sentida na cultura, pois até o momento as lavouras não foram prejudicadas. Isso reflete na produtividade, cuja média estimada no atual levantamento é de 3.980 kg/ha, incremento de rendimento de 0,9% em relação ao último levantamento e redução de 2,8% em relação à safra passada, que registraram respectivamente 3.945 kg/ha e 4.095 kg/ha. Apesar dos bons números, há possibilidade de leve retração, nos próximos levantamentos, caso não haja chuvas que atendam a demanda hídrica do algodoeiro.

Em todos os municípios goianos foram encerrados os plantios da primeira e segunda safras. O veranico que ocorreu em meados de março e abril, afetou as lavouras de algodão. Os capulhos e maçãs não formaram de forma ideal. O número baixo de capulhos por plan-

ta poderá vir a refletir em menores produtividades. Em Chapadão do Céu as chuvas ocorridas entre os dias 26 e 28 de abril trouxeram alívio aos produtores que estão com as lavouras em pleno florescimento. O ataque e controle do bicudo do algodoeiro tem se tornado constante nas regiões produtoras de algodão.

Em Mato Grosso do Sul, para a safra atual, houve redução da área plantada com a cultura no estado em decorrência da substituição pela cultura da soja, estimando-se um plantio de 29,5 mil hectares e uma redução de 5,1% quando comparado com a safra anterior. De acordo com informações coletadas, esse evento ocorreu em decorrência dos bons preços praticados no mercado para o grão, além do elevado custo de produção do algodão (acima de R\$ 7,5 mil, considerando-se desde o plantio até o beneficiamento) em função da alta do dólar, além das condições de comercialização desfavoráveis para o produto. A área com a cultura para esta safra no estado deve ser de aproximadamente 29,5 mil hectares. Os produtores tradicionais do município de São Gabriel do Oeste que plantariam a cultura resolveram não efetuar o plantio, optando pelas culturas de milho verão e principalmente a soja. Para os produtores que cultivam algodão em sucessão à soja, houve um impasse, pois, mesmo sendo usadas cultivares de soja precoces, a janela de plantio ficou curta, porque o prazo para se semear o algodão é até 31 de janeiro, em função do vazio sanitário. Como na região norte do estado a colheita da soja somente foi iniciada a partir do final do mês de janeiro, a implantação da cultura do algodão em sucessão à soja foi inviabilizada, de forma que as denominações de algodão safra e safrinha ficaram confusas para esta safra. A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinoópolis, estava no período de vazio sanitário entre 15 de setembro e 30 de novembro, ou seja, mesmo que houvesse precipitação favorável e manejo do solo aquedado, não foi possível o plantio em decorrência de questões legais e de manejo. Vale ressaltar que a prática do vazio sanitário tem um embasamento legal, a qual preconiza que o solo esteja sem plantas vivas de algodão com o intuito de quebrar o ciclo das principais pragas e doenças que acometem a cultura da próxima safra. O plantio da cultura na referida região ocorreu em dezembro de 2015 e terminou no final no mês de janeiro de 2016. Como para o plantio do algodão se utiliza a mesma capacidade instalada da soja, houve um atraso decorrente para o plantio da fibrosa. Na região centro-sul do estado, apenas nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia planta-se a cultura. Nestes dois municípios o plantio ocorreu mais cedo em comparação ao norte do estado em decorrência de o vazio sanitário terminar antes, e também porque as precipitações se estabilizaram em meados de outubro e novembro

em Aral Moreira e Sidrolândia. Em Sidrolândia a cultura está em processo de maturação e o excesso de chuva ocorrido no final do ano de 2015 e início 2016 vão reduzir a expectativa de produtividade. Em Aral Moreira a cultura está colhida e a produtividade foi muito aquém do esperado, em decorrência do apodrecimento das maçãs. No norte do estado, onde há a maior área cultivada, a cultura está em processo de floração e maturação com aproximadamente 140 dias de idade. Como o algodão é uma cultura que não se desenvolve bem em períodos de alta nebulosidade e chuvosos (o que ocorreu na região em janeiro), as plantas ficaram comprometidas, porém como o ciclo da cultura é longo, espera-se que haja recuperação sem maiores problemas de quebras de produtividade. A partir do final de fevereiro, houve dias sem chuvas no norte do Estado, os produtores aproveitaram para entrar com o maquinário na lavoura, fazendo as aplicações necessárias para o controle das pragas iniciais, tais como percevejos, pulgões, bicudo e lagartas Lepidópteras. Atualmente o clima não está favorável para a cultura do algodão. O estresse hídrico que acometeu a cultura durante o mês de abril trará redução da produtividade. Além da falta de chuvas, as temperaturas estiveram muito altas na região norte do estado, dificultando a planta a manter o turgor e realizar a fotossíntese. Para esta safra, a tendência é que o comércio esteja mais voltado para o mercado interno, pois houve redução da área plantada em todas as regiões produtoras do país, tais como no estado do Mato Grosso e Bahia. Porém, o setor têxtil nacional está com pouca atividade em decorrência da crise política e econômica nacional. O atraso na concessão de crédito, bem como do plantio, em decorrência do deslocamento da janela da soja, contribuiu para que a cultura seja praticamente toda plantada no sistema primeira safra. As principais pragas que acometem a cultura atualmente são as típicas de período da seca, tais como *Helicoverpa armigera*, lagarta das maçãs, *Spodoptera frugiperda*, ácaro rajado (*Tetranychus urticae*) e mosca branca (*Bemisia tabaci*). Ressalta-se que o bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*), o qual foi uma praga importante nas safras anteriores, está sob controle graças à conscientização dos produtores e a adoção de práticas de manejo inovadoras de controle do coleóptero, como as aplicações em Ultra Baixo Volume (UBV). No início de abril foi aplicado reguladores de crescimento para travar o desenvolvimento da planta, forçar a maturação e uniformizar a cultura. Os produtores têm reclamado do câmbio, pois enquanto os insumos tiveram uma alta de aproximadamente 40%, o preço pago aos produtores teve um reajuste de apenas 20% em comparação à safra 2014/2015. Ainda há pouco produto comercializado pelos produtores, de forma que estima-se que apenas 25% do produto já foi comercializado. No MS, a cultura do algodão é cultivada por poucos produtores no estado, porém muito



tecnificados, de forma que a agricultura de precisão é praticada em aproximadamente 60% das lavouras. Esta técnica de cultivo condiciona um manejo mais racional dos fatores de produção e proporciona incrementos significativos de produtividade.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte incremento de 7,7% na sua área plantada.

Em Minas Gerais, principal produtor regional, estima-se um crescimento de 4,3% na área de algodão, que deve passar de 18,8 mil ha em 2015 para 19,6 mil ha na safra atual, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras - Noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares. O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu no mês de fevereiro. As lavouras de verão se encontram predominantemente em fase de frutificação e a safrinha em fase de desenvolvimento vegetativo. Se confirmada a expectativa de que a produtividade se mantenha em torno de uma média de 3.724kg/ha, a produção poderá atingir 73,0 mil toneladas de algodão em caroço, sendo 29,2 mil t de pluma e 73 mil toneladas de caroço, e representando um crescimento de 7,8% relativamente à safra anterior.

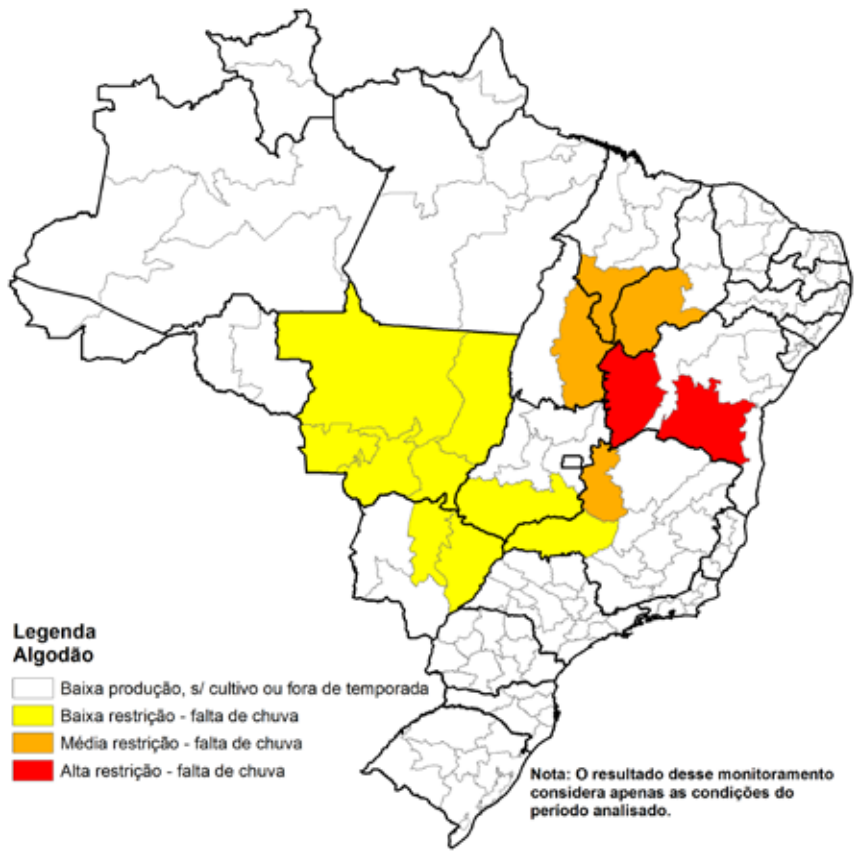
A Região Nordeste, segunda maior produtora do país, será a responsável pela maior redução percentual na

área plantada com algodão para a temporada 2015/16 – 14,3%.

Na Bahia, segundo maior produtor nacional, estima-se que serão cultivados cerca de 240,6 mil hectares, representando redução de 14,4% em relação à temporada passada. Os plantios já foram encerrados e estima-se que cerca de 20.000 hectares serão cultivados em sucessão à soja irrigada, sob o pivô central. O veranico de fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros. Por ter ciclo tardio, acredita-se que haverá recuperação das plantas, evitando assim, grandes perdas. As plantas já iniciaram o ciclo reprodutivo, e já é possível encontrar plantas com flores e maçãs. Até o momento não foi identificada forte incidência de pragas e doenças. Para a atual safra, estima-se que seja produzido 759,6 mil toneladas de caroço de algodão em uma área de 240,6 mil ha.

No Maranhão a área plantada com algodão situa-se no entorno dos municípios de Balsas, Alto Parnaíba e Tasso Fragoso, localizados no sul do estado. A estimativa nesta temporada corresponde a 25,2 mil hectares, representando incremento de 17,8% em relação à safra passada. Diferentemente das demais culturas de sequeiro avaliadas, as lavouras de algodão herbáceo se encontravam em sua quase totalidade bem estabelecidas, exceção feita de forma pontual no município de Alto Parnaíba no mês de janeiro, em que evidenciamos excesso de chuvas suficientes para retardar o desenvolvimento da cultura que se encontra em sua totalidade no estágio de floração.

Figura 14 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16.



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão				- leste do TO (F/FR) - sul do MA (F/FR) - sudoeste do PI (F/FR) - oeste e centro-sul da BA (F/FR) - todo estado do MT (1ª e 2ª safra) (FR) - centro-norte e leste do MS (FR) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (FR) - Triângulo e noroeste de MG (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Algodão

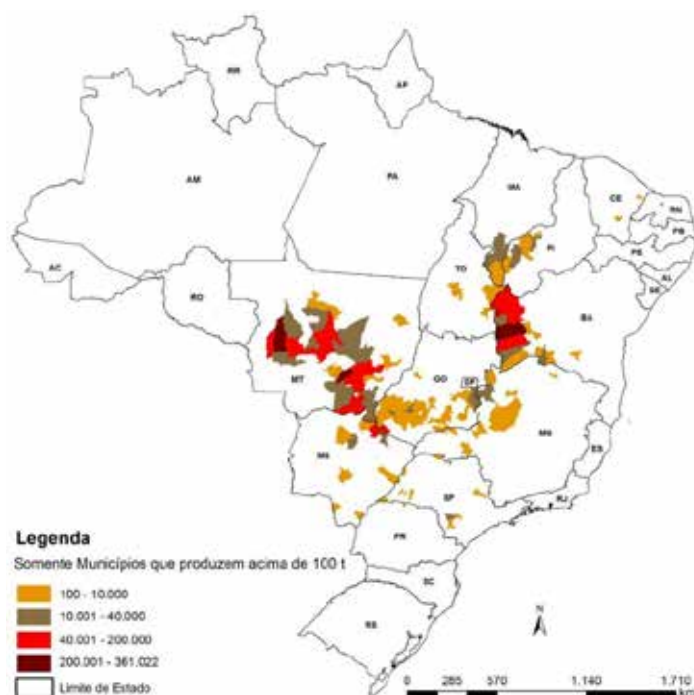


Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	3.830	3.709	(3,2)	29,5	26,0	(11,9)
TO	7,7	7,0	(9,4)	3.830	3.709	(3,2)	29,5	26,0	(11,9)
NORDESTE	317,8	272,2	(14,3)	3.851	3.202	(16,9)	1.223,7	871,4	(28,8)
MA	21,4	25,2	17,8	3.984	3.699	(7,2)	85,3	93,2	9,3
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	3.144	(11,1)	50,2	17,3	(65,5)
CE	0,4	0,3	(25,0)	306	653	113,4	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
PB	0,2	0,3	50,0	1.210	1.125	(7,0)	0,2	0,3	50,0
PE	0,1	-	(100,0)	512	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	240,6	(14,4)	3.836	3.157	(17,7)	1.086,4	759,6	(30,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	4.106	3.991	(2,8)	2.576,8	2.620,5	1,7
MT	562,7	597,6	6,2	4.095	3.980	(2,8)	2.304,3	2.378,4	3,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.140	(8,0)	140,0	122,1	(12,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	3.919	4.069	3,8	132,5	120,0	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,7	6,8	3.574	3.662	2,4	79,4	86,8	9,3
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.724	3,4	67,7	73,0	7,8
SP	3,4	4,1	20,6	3.432	3.364	(2,0)	11,7	13,8	17,9
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	279,2	(14,2)	3.850	3.214	(16,5)	1.253,2	897,4	(28,4)
CENTRO-SUL	650,7	681,2	4,7	4.085	3.977	(2,6)	2.658,2	2.709,3	1,9
BRASIL	976,2	960,4	(1,6)	4.007	3.756	(6,3)	3.911,4	3.606,7	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Tabela 22- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	1.532	1.486	(3,0)	11,8	10,4	(11,9)
TO	7,7	7,0	(9,4)	1.532	1.484	(3,1)	11,8	10,4	(11,9)
NORDESTE	317,8	272,2	(14,3)	1.540	1.280	(16,9)	489,4	348,5	(28,8)
MA	21,4	25,2	17,8	1.594	1.480	(7,2)	34,1	37,3	9,4
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	1.258	(11,0)	20,1	6,9	(65,7)
CE	0,4	0,3	(25,0)	107	229	114,0	-	0,1	-
RN	0,3	0,2	(33,3)	1.710	1.520	(11,1)	0,5	0,3	(40,0)
PB	0,2	0,3	50,0	424	394	(7,1)	0,1	0,1	-
PE	0,1	-	(100,0)	179	-	(100,0)	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	172	173	0,6	-	-	-
BA	281,1	240,6	(14,4)	1.546	1.263	(18,3)	434,6	303,8	(30,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	1.640	1.594	(2,8)	1.029,2	1.046,9	1,7
MT	562,7	597,6	6,2	1.638	1.592	(2,8)	921,7	951,4	3,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.635	(8,0)	55,3	48,2	(12,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	1.544	1.603	3,8	52,2	47,3	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,7	6,8	1.428	1.460	2,2	31,7	34,6	9,1
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.490	3,5	27,1	29,2	7,7
SP	3,4	4,1	20,6	1.356	1.329	(2,0)	4,6	5,4	17,4
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	279,2	(14,2)	1.540	1.285	(16,6)	501,2	358,9	(28,4)
CENTRO-SUL	650,7	681,2	4,7	1.631	1.589	(2,6)	1.061,6	1.082,2	1,9
BRASIL	976,2	960,4	(1,6)	1.601	1.501	(6,2)	1.562,8	1.441,1	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Tabela23 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão



















































































































REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	2.298	2.225	(3,2)	17,7	15,6	(11,9)
TO	7,7	7,0	(9,4)	2.298	2.225	(3,2)	17,7	15,6	(11,9)
NORDESTE	317,8	272,2	(14,3)	2.311	1.921	(16,9)	734,3	522,8	(28,8)
MA	21,4	25,2	17,8	2.390	2.219	(7,2)	51,2	55,9	9,2
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	1.886	(11,1)	30,1	10,4	(65,4)
CE	0,4	0,3	(25,0)	199	424	113,1	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,2	(33,3)	2.790	2.480	(11,1)	0,9	0,5	(44,4)
PB	0,2	0,3	50,0	787	731	(7,1)	0,1	0,2	100,0
PE	0,1	-	(100,0)	333	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	319	322	0,9	-	-	-
BA	281,1	240,6	(14,4)	2.319	1.894	(18,3)	651,8	455,7	(30,1)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	2.466	2.397	(2,8)	1.547,6	1.573,7	1,7
MT	562,7	597,6	6,2	2.457	2.388	(2,8)	1.382,6	1.427,1	3,2
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.505	(8,0)	84,7	73,9	(12,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	2.375	2.466	3,8	80,3	72,7	(9,5)
SUDESTE	22,2	23,7	6,8	2.147	2.200	2,5	47,7	52,1	9,2
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.234	3,4	40,6	43,8	7,9
SP	3,4	4,1	20,6	2.076	2.035	(2,0)	7,1	8,3	16,9
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	279,2	(14,2)	2.310	1.929	(16,5)	752,0	538,4	(28,4)
CENTRO-SUL	650,7	681,2	4,7	2.453	2.389	(2,6)	1.596,6	1.627,0	1,9
BRASIL	976,2	960,4	(1,6)	2.406	2.255	(6,3)	2.348,6	2.165,4	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Quadro 2 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda, relativamente ao ano safra 2015/16 e para a previsão de 2016/17. De acordo com o relatório semanal de 26 de abril de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.980 mil toneladas e de 22.960 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam redução de 15,9% e 12,1%, respectivamente. Uma avaliação dos três maiores produtores demonstra que todos eles reduzirão sua produção de algodão, fato explicado pelo grande volume de estoque mundial que se manteve em crescimento até a safra 2014/15.

O consumo mundial, segundo o comitê, deverá ser de 23.740 mil em 2015/16 e 23.840 mil toneladas. Esses

números indicam decréscimo no consumo global de 2,5% e 2,0%, respectivamente, em comparação à safra 2014/15. A menor demanda mundial se justifica no menor crescimento da economia chinesa, maior consumidor mundial de algodão, e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas. Em valores absolutos, a retração do consumo total será de 598 mil de toneladas de pluma em 2015/16.

Posto esses números, cabe aqui destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo em 1.760 mil toneladas, ou seja, menor em 7,4%, fato que não ocorre desde a safra 2009/10. É importante lembrar, o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China. Estima-se que aquele país irá consumir de 7.110



mil toneladas de pluma na safra 2015/16, seguido da Índia com 5.270 mil toneladas e Paquistão com 2.220 mil toneladas.

É importante enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para uma redução de 7,96% nos estoques mundiais de passagem no ano safra 2015/16,

projetado em 20.350 mil toneladas, contra 22.111 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 85,72%, contra 90,8% na safra 2014/15. Contudo, é necessário lembrar que cerca de 59,06% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 58,29% da safra anterior.

Panorama nacional

O oitavo levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab em abril/2016 não apresentou significativas mudanças em relação ao relatório divulgado no mês anterior. Dessa maneira, é estimada uma produção em 2015/16 de 1.441,1 mil toneladas e indica uma queda de 7,8% em relação ao montante produzido na safra 2014/15, ou seja, de 1.562,8 mil toneladas.

A justificativa para esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015 e início de 2016. Apesar da moeda estadunidense apreciada permitir que o excedente da produção de pluma não consumida pela Indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores, eleva com magnitude o custo dos insumos importados que, representam, aproximadamente, segundo as estimativas mais recentes da Conab, 55% do custo total. Dessa maneira, o saldo dessa operação traz pouco ou nenhum incremento na remuneração do cotonicultor. Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da Indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora estimado em 800 mil toneladas para a safra 2015/16.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em princípio, para 2016, a Conab mantém sua estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo, redução explicada pela perspectiva de retração da produção interna e menor consumo da pluma em 2016 pela China, Paquistão e Turquia, que são tradicionais compradores do produto brasileiro. Por outro lado, a Conab mantém a atenção aos grandes volumes já exportados desde janeiro de 2016 e não descarta a possibilidade de aumentar essa estimativa.

Cabe aqui observar que o volume, recorde para o período, de exportações observado entre janeiro e abril de 2016 e a redução da produção em 2015 e 2016, justificados pela elevação do dólar e custos de produção, reduzirão os estoques finais de algodão em 2016 em 26,9% para 255,2 mil toneladas.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.795,2 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540,0 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para

o encerramento de 2016 passa a ser de 255,2 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e abastecer a indústria nacional, bem como, honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.



Tabela 24 - Algodão - Oferta e demanda
































DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.849,5
1. Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.441,1
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	1.082,2
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	358,9
3. Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	5,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.540,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	800,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	255,2
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,8

Fonte: Conab.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

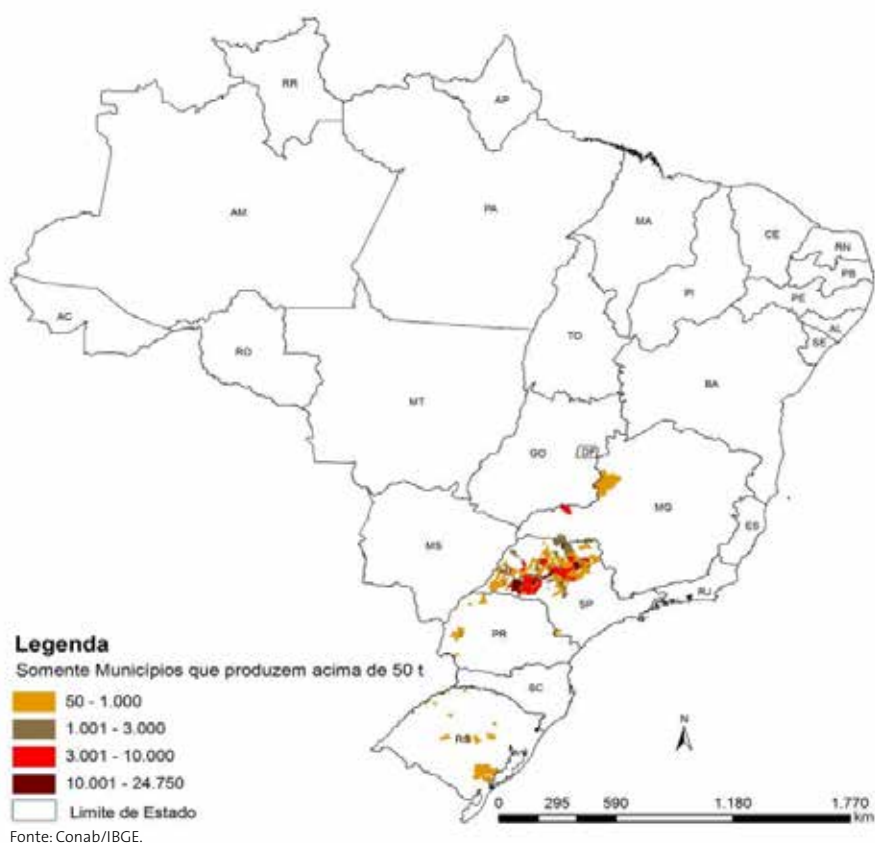
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,2	13,7	3.315	3.553	7,2	306,6	373,7	21,9
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	4.000	19,8	9,0	8,0	(11,1)
SP	89,8	103,2	14,9	3.314	3.544	6,9	297,6	365,7	22,9
SUL	5,2	4,9	(5,8)	2.429	2.484	2,3	12,7	12,2	(3,9)
PR	2,2	1,9	(13,6)	2.400	2.538	5,8	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,0	(1,6)	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
CENTRO-SUL	97,7	110,1	12,7	3.268	3.505	7,3	319,3	385,9	20,9
BRASIL	97,7	110,1	12,7	3.268	3.505	7,3	319,3	385,9	20,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Figura 16 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



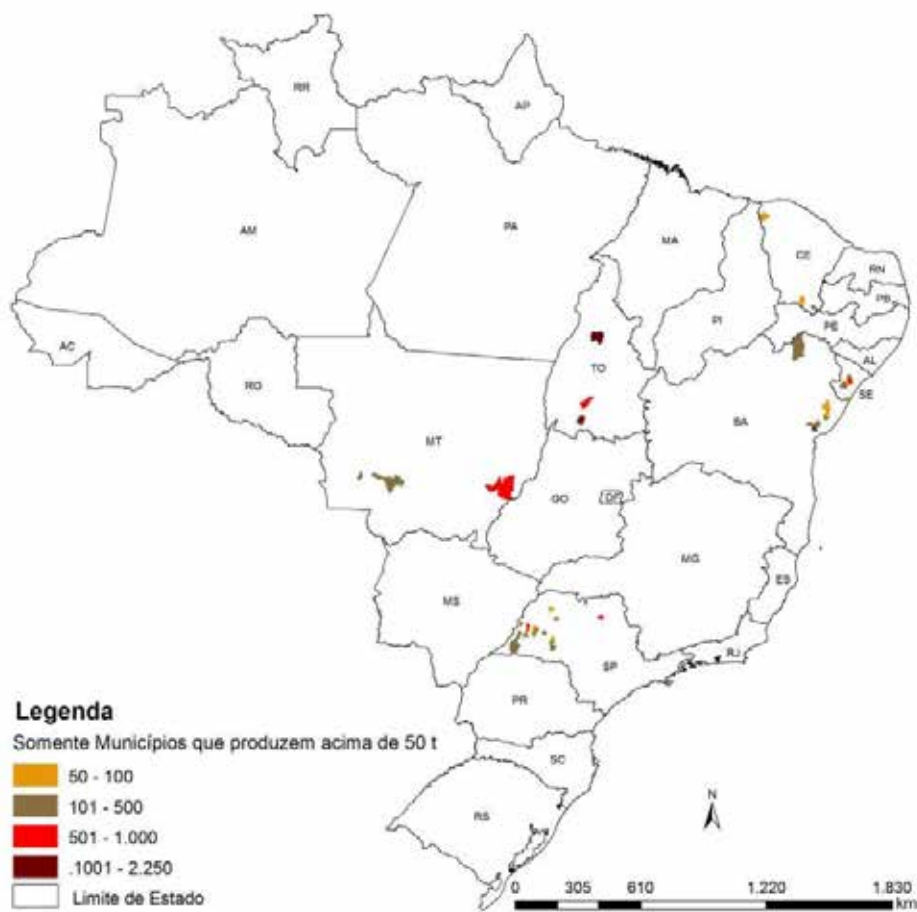
Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
TO	2,4	1,4	(42,0)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
NORDESTE	3,3	3,7	12,1	1.156	1.049	(9,2)	3,9	3,9	-
CE	0,4	0,4	-	662	710	7,3	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,7	133,0	609	803	31,9	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,6	5,7	2.615	2.693	3,0	13,9	15,1	8,6
SP	5,3	5,6	5,7	2.615	2.693	3,0	13,9	15,1	8,6
NORTE/NORDESTE	5,7	5,1	(10,5)	2.010	2.299	14,4	13,2	8,6	(34,8)
CENTRO-SUL	5,5	5,8	5,5	2.587	2.511	(2,9)	14,3	15,5	8,4
BRASIL	11,2	10,9	(2,7)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	24,1	(12,4)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra

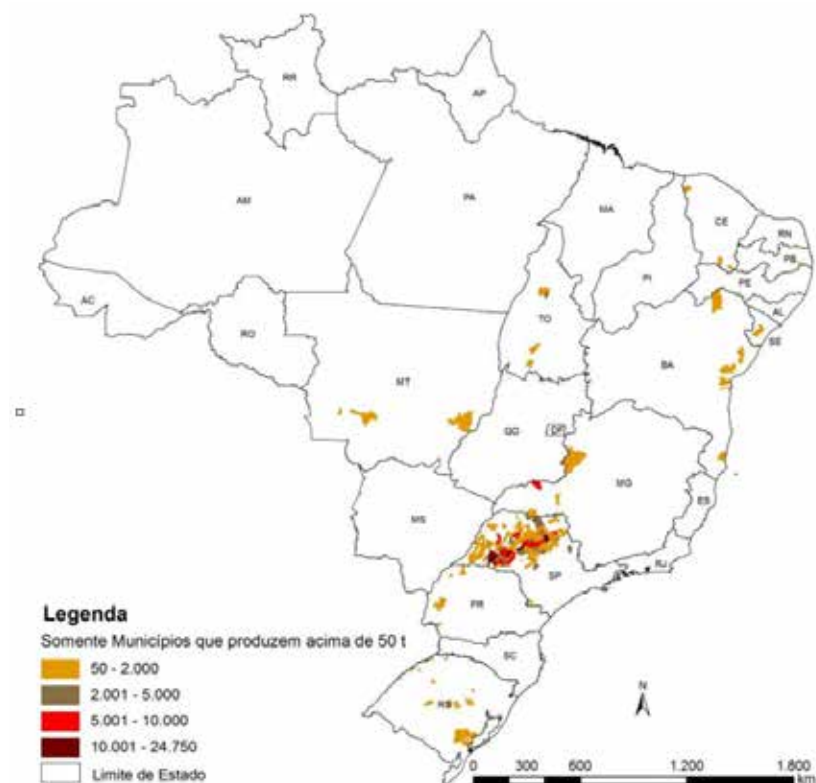


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 18 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
TO	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.367	(13,1)	9,3	4,7	(49,5)
NORDESTE	3,3	3,7	12,1	1.156	1.049	(9,2)	3,9	3,9	-
CE	0,4	0,4	-	662	710	7,3	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,7	133,3	609	803	31,9	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	110,8	13,3	3.277	3.509	7,1	320,5	388,8	21,3
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	4.000	19,8	9,0	8,0	(11,1)
SP	95,1	108,8	14,4	3.275	3.500	6,9	311,5	380,8	22,2
SUL	5,2	4,9	(5,8)	2.429	2.484	2,3	12,7	12,2	(3,9)
PR	2,2	1,9	(13,6)	2.400	2.538	5,8	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,0	-	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
NORTE/NORDESTE	5,7	5,1	(10,5)	2.300	1.686	(26,7)	13,2	8,6	(34,8)
CENTRO-SUL	103,2	115,9	12,3	3.231	3.464	7,2	333,6	401,4	20,3
BRASIL	108,9	121,0	11,1	3.183	3.389	6,5	346,8	410,0	18,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



8.1.3. ARROZ

A safra 2015/16 de arroz indica redução de 11,6% na produção do cereal em relação à safra 2014/15. Isso se deve à redução da área plantada, menos 12,9%, pois a produtividade média nacional será 1,5% maior em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul, consolidada a área da lavoura de arroz, na safra 2015/16 foram semeados 1,08 milhão de hectares, incluindo a área perdida, que não foi ressemeada. Isso significa 3,9% a menos do que a safra passada. O número final será apurado no final da colheita após a análise da lavoura de cada município produtor de arroz. A colheita ultrapassa 72% da área semeada no estado. A região mais adiantada é a Fronteira Oeste que já colheu mais de 84% da área. O atraso maior está na Depressão Central, região que teve maior atraso na semeadura e onde ocorreram as maiores perdas devido ao excesso de chuvas, enchentes e enxurradas. Na Zona Sul foram colhidas 59,4% da área.

A estimativa de produtividade vem decrescendo, tendo em vista o atraso no plantio das lavouras que retardaram o ciclo, saindo do período ideal recomendado. A produtividade média estimada da safra será de 7,1% menor do que a safra passada. Cabe-se destacar que na metodologia de levantamento de safra da Conab, é utilizada a área total semeada e não somente a área remanescente após as perdas.

Em Santa Catarina o clima para o plantio da safra foi, em geral, favorável, com a presença do chamado “veranico”, que antecipou a semeadura do arroz em muitas localidades. Em novembro e dezembro chuvas acima da média no estado ocasionaram atraso no plantio em alguns municípios que implantam a cultura mais tardiamente e criou a necessidade de replantio em algumas cidades.

Há previsão de redução de produtividade na ordem de 1% em relação à safra anterior, estimada em 7.078 kg/ha. No momento constata-se que 96,9% das lavouras já foram colhidas.

Em relação ao levantamento anterior houve uma leve redução da produtividade prevista, devido a lavouras que enfrentaram problemas de doenças na fase final do ciclo. De acordo com dados obtidos no levantamento, o arroz da soca será colhido totalmente em maio e a produtividade média estimada para esta colheita é de 2.000 kg/ha, resultando em 22,6 mil toneladas de arroz.

Segundo dados levantados a área de plantio desta safra apresentou uma redução de 0,3% em relação à sa-

fra anterior, cedendo espaço para o milho, mandioca, olericultura e frutíferas, além de áreas ocupadas pela expansão do ramo imobiliário em regiões específicas do estado. Com isso, a produção de arroz em Santa Catarina deve ficar em 1,04 milhão de toneladas.

No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, com tendência de queda na área plantada e essas lavouras não recebem tratos culturais adequados, muitas vezes, nem mesmo adubação. O arroz de sequeiro está com a colheita praticamente finalizada. Na região norte do estado cultiva-se em pequenas áreas, intercaladas entre o café, com a colheita já concluída nas regiões de Apucarana, Jacarezinho e Maringá. Na região oeste o plantio é “pulverizado” em pequenas propriedades, sendo mais utilizado para subsistência e a área foi colhida. Na região centro-sul a cultura de sequeiro é de total subsistência, com tendência a acabar. As lavouras não recebem nenhum tipo de trato cultural, nem mesmo adubação, fertilização ou aplicação de defensivos. A área plantada diminui a cada ano e pode ser ainda menor que a declarada, em todas as regiões visitadas.

Já o arroz irrigado no Paraná concentra-se no noroeste, especificamente na região de Querência do Norte. A área da cultura atingiu 19,6 hectares no estado e metade disso já foi colhida. O restante está na fase final do ciclo, ou seja, em floração, frutificação e maturação. A produtividade estimada é de 6.631 kg/ha. Quanto ao arroz irrigado, a região de Umuarama tem 90% da área do roteiro nas proximidades do rio Ivaí. Também para essa cultura as áreas ainda são remanescentes de regiões de várzea e devem desaparecer, permanecendo apenas as áreas de cultivo em canteiros autorizados.

No Maranhão serão cultivados 178 mil hectares de arroz, 49,1% a menos do que a safra 2014/15 e produtividade média de 1.430 kg/ha, 0,8% superior à safra passada.

Há inúmeras variações de cultivos de arroz em solo maranhense, desde alta tecnologia até cultivos de subsistência. No mesmo sentido há variações de calendário de plantio, o que determina lavouras em variados estádios de desenvolvimento.

O cultivo de arroz, vinculado aos agricultores familiares, que fazem quase que exclusivamente o controle mecânico de plantas daninhas, sofrem com a incidência de pragas como: broca do colo (*Elasmopalpus lignosellus*), cigarrinhas (*Deois flavopicta*), curuquerê



(*Mocis latipes*) e percevejos (*Tibraca limbativentris* e *Oebalus ypsilongriseus*). Até o momento não houve relatos de presença de brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*) nas lavouras de arroz.

No mesmo sentido há lavouras de arroz que são vinculadas à abertura de áreas novas e igualmente com baixo rendimento para, no futuro, expansão dos cultivos de soja. Essa prática vem sendo reduzida nas últimas safras devido à baixa lucratividade que a cultura do arroz proporciona e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas.

Na região sul do estado são poucas as informações relativas ao cultivo de arroz de sequeiro, pois esta cultura vem sendo sistematicamente substituída por outras de maior rentabilidade ou pela pecuária de corte. Na Microrregião de São João dos Patos ainda se evidencia o predomínio de diversas pequenas unidades produtivas que incluem o cultivo de arroz de sequeiro em seus sistemas produtivos. Em razão dos Veranicos observados em fevereiro e início de março, haverá perdas de produtividade média, que será mensurada nas próximas avaliações. Na microrregião de Balsas deverá ocorrer uma redução da área plantada e rendimento médio, em função da baixa pluviosidade média e alto custo de produção. Na microrregião de Milagres do Maranhão sofreu um período de 16 dias sem chuvas. No entanto, as lavouras conseguiram recuperar-se sem maiores prejuízos.

Desta forma, a produção total da lavoura de arroz no Maranhão será de 254,5 mil toneladas, 48,7% menor do que a safra passada.

A cultura do arroz semeada em terras altas no Tocantins foi prejudicada pelo clima adverso deste ano, com veranicos e chuvas mal distribuídas. A perda estimada de 16,3% no rendimento do arroz de sequeiro e ainda não está totalmente contabilizada, considerando que a colheita não foi concluída. Em algumas regiões produtoras de arroz no sequeiro há áreas plantadas que estão com grande risco de perda total, devido à escassez significativa de chuva e altas temperaturas.

Em se tratando da cultura irrigada, os números da área plantada são positivos, com crescimento de 5,4% em relação à safra 2014/15.

No geral, apesar de muitas lavouras plantadas no sistema de irrigação, as intempéries climáticas prejudicaram o arroz de sequeiro e com a presença de doenças em algumas lavouras, contribuíram para a queda de 3,4% da produtividade média estadual. Com redução de 1,4% na área plantada, a produção total

será 4,7% inferior à safra passada, sendo estimada em 576,3 mil toneladas.

A área plantada e a produção da cultura do arroz no estado do Acre vêm decrescendo com o passar dos anos. A baixa produtividade, falta de cultivares adaptadas e os custos para produzir arroz são os principais motivos para tal decréscimo. A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. As doenças que causam prejuízos significativos na produção e qualidade dos grãos mais importantes são: brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*), mancha de grãos (*Phoma sorghina* e *Bipolaris oryzae*) e escaldadura (*Monographella albescentis*). O cultivo, geralmente sem irrigação, se dá por conta do regime pluviométrico e regularidade das chuvas. Com isso, a produção de arroz será de 7,4 mil toneladas, cultivados em 5,6 mil hectares.

Uma parte do arroz produzido em Rondônia é comercializado em mercados fora do estado como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia. O plantio dessa cultura, fortemente incentivado pela iniciativa privada, aconteceu com atraso em função das chuvas que começaram também mais tarde. Os 40,3 mil hectares plantados encontram-se em bom estado de desenvolvimento, com produtividade média de 2.715 kg/ha, atingindo uma produção total de 109,4 mil toneladas.

No Ceará, em grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente e semeado em covas. Em Lavras da Mangabeira, o preparo do solo para a cultura se inicia em novembro e dezembro, onde fazem o manejo para controlar a tiririca, principal erva daninha da cultura na região. Normalmente as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e baixos, observados nas cidades de Iguaçu, Acopiara, Missão Velha e Lavras da Mangabeira.

A cultura vem sofrendo estresse hídrico, causado por veranicos em quase toda as regiões do estado, onde a cultura é explorada e alguns produtores realizam irrigações complementares para evitar perdas.

Foi relatado o ataque da lagarta curuquerê (*Mocis latipes*) no município de Lavras da Mangabeira, Missão Velha e Viçosa do Ceará. A cidade de Viçosa do Ceará, localizada na Serra da Ibiapaba, é a que possui a maior estimativa de área plantada.

No Ceará são estimados o plantio de 4,6 mil hectares de arroz, com produtividade média de 1.244 kg/ha e produção total de 5,7 mil toneladas. As lavouras se en-



contram em sua totalidade em estágio de frutificação. No Piauí há uma expectativa de redução de 16,6% na área plantada de arroz. Ao contrário, há expectativa que a produtividade seja 19,7% maior em relação à safra anterior, chegando a 1.417 kg/ha, totalizando a produção em 112,4 mil toneladas, 0,2% inferior à safra 2014/15.

Na Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas devido, principalmente, à sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Há relatos que 100% do plantio foi finalizado. Estima-se que sejam cultivados 6.000 hectares, com expectativa de produtividade em 800 kg/ha. Comparando-se às estimativas da safra passada, com a expectativa da safra atual há uma redução de 29,5% na área cultivada. A produção esperada é de 4.800 toneladas, uma redução de 30,4% em relação à safra passada.

Em Pernambuco o cultivo de arroz vem sendo gradativamente substituído por outras culturas mais rentáveis e de maior facilidade de comercialização na região como cebola, banana, maracujá e melancia. Nas áreas remanescentes o arroz é produzido com irrigação. A baixa atratividade econômica nesta atividade desestimula a continuação da rizicultura no baixo São Francisco, onde já teve significativa expressão. Atualmente prevê-se o cultivo de apenas 0,3 hectares, com produtividade média de 4.500 kg/ha.

O oitavo levantamento de safra confirma o recuo de área plantada de arroz em Mato Grosso. A redução foi de 16,7% em relação ao visto na safra passada, mesmo com inserção da cultura em algumas áreas de soja que não puderam ser plantadas. A colheita da safra segue em ritmo lento. Até o momento estima-se que pouco mais da metade da área total de arroz tenha sido colhida, com produto de média e baixa qualidade, principalmente na região Norte e Médio-norte, devido à estiagem. Existem áreas, principalmente no Alto Xingú e Araguaia, cuja colheita iniciará apenas em maio. A média de produtividade para o atual levantamento ficou em 3.237 kg/ha, rendimento 0,6% inferior à safra passada.

Vale ressaltar, por fim, que nas últimas safras a graminéia vem perdendo espaço para a produção da soja. No atual levantamento as áreas dedicadas ao arroz registraram queda de 16,7% em relação à safra passada, período em que se plantou 188,1 mil hectares.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do arroz encontra-se em fase final de colheita nos principais municípios produtores e já foi finalizada nos municípios de Miranda, Itaporã e Maracaju. Nesta safra foram registrados

problemas graves em consequência do excesso de chuvas que atingiram o estado no período de janeiro a março, provocando redução significativa na produtividade, com perdas de algumas áreas por alagamento.

Em Douradina não foi possível concluir o plantio devido ao excesso de chuvas ocorridas de dezembro a janeiro e a área cultivada sofreu redução de 25%. No município de Fátima do Sul a perda da área plantada foi de 100% em função do alagamento provocado pelo excesso de chuvas. Em Rio Brilhante e Deodápolis também ocorreram perdas relevantes nas áreas sujeitas a alagamentos. Em consequência do excesso de umidade houve o aparecimento de várias doenças fúngicas, diminuindo as produtividades dos principais municípios produtores do estado. A baixa luminosidade em vários municípios do sul do estado também colaborou para a queda nas produtividades. A área cultivada, da safra atual, diminuiu 22,7% quando comparada com a safra passada, chegando a 14 mil hectares. Com relação à produtividade as perdas também foram significativas, sendo estimada em 20,1% quando comparada com a safra anterior, chegando a 4.920 kg/ha. A produção do grão no estado será de 68,9 mil toneladas. É relativamente pequena e é comercializada regionalmente e imediatamente após a colheita.

A média estimada para produtividade foi reduzida para 4.860 kg/ha, 21,1% abaixo da média da safra anterior. A maior incidência de doenças fúngicas e a menor intensidade de luz sobre as áreas cultivadas contribuíram para acentuar a redução da produtividade. No mesmo sentido, a área cultivada no estado sofre redução a cada safra e para suprir a demanda regional, o produto é importado dos estados da região sul, principalmente do Rio Grande do Sul. Na atual safra a área plantada foi de 14 mil hectares, 22,7% inferior à safra passada.

A área de plantio de arroz em Minas Gerais segue em tendência de queda, apresentando uma redução de 30,8% quando comparada com a safra anterior, passando de 12 mil hectares para 8,3 mil hectares em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos e de restrições ao cultivo em áreas de várzea. O plantio foi realizado em novembro e dezembro. O clima vem favorecendo o desenvolvimento das lavouras, ao contrário de anos anteriores. Com isso a produtividade está estimada em 2.400 kg/ha, 14,3% maior do que na safra 2014/15. A produção deverá ficar em 19,9 mil toneladas, 21% inferior à safra 2014/15. Estima-se que o percentual de colheita até o momento é de 95%.

Para a cultura de arroz em casca no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos da que-

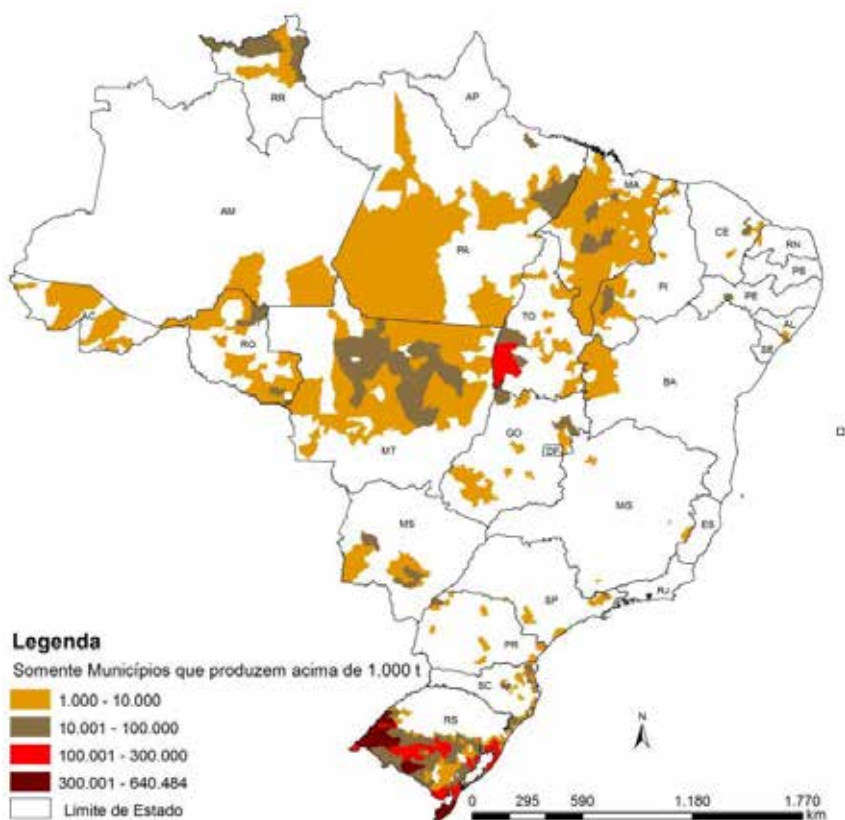


da estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de máquinas beneficiadoras, fazendo com que o plantio de arroz seja praticamente erradicado nessas regiões. O ponto positivo é o aumento de 53,7% na produtividade média das lavouras, chegando a 3.694 kg/ha e a produção total será 8,3% maior do que a safra passada.

Em São Paulo a escassez de água para irrigação e preços baixos na presente safra fizeram os produto-

res migrarem para culturas mais rentáveis, principalmente soja, com parte dos agricultores optando em aumentar a área do milho para silagem. Quase todo o arroz paulista está concentrado nas regiões de Pindamonhangaba e Guaratinguetá e sob irrigação. A área caiu de 14,5 mil hectares na safra 2014/15 para 10 mil hectares na atual, o que significa um recuo de 31,6%. Mesmo com aumento de 11,6% na produtividade, a produção total será 23,4 mil hectares.

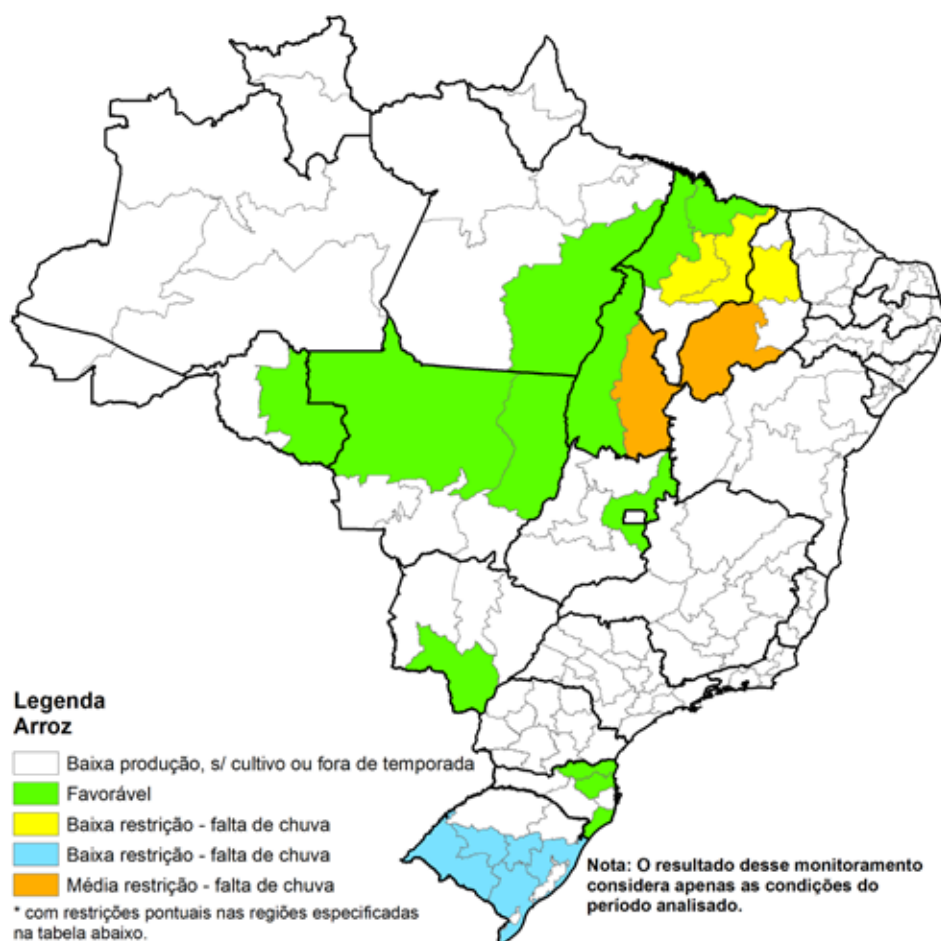
Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 20 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 5 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- norte e oeste do MA (FR)	- sudeste, sudoeste, nordeste e centro do RS (C)	- sudeste do PA (M/C) - oeste do TO (C) - leste de RO (C) - norte e nordeste do MT (C) - sudoeste do MS (C) - leste de GO (C) - leste de SC (C)	- leste do TO (FR) - centro e leste do MA (FR) - centro-norte do PI (FR) - sudoeste do PI (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..



Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz





REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	255,0	(2,6)	3.797	3.651	(3,8)	993,6	930,9	(6,3)
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.000	7,7	78,0	60,2	(22,8)
RO	44,3	40,3	(9,0)	2.859	2.715	(5,0)	126,7	109,4	(13,7)
AC	6,7	5,6	(16,4)	1.143	1.316	15,1	7,7	7,4	(3,9)
AM	3,4	2,3	(32,4)	2.189	2.296	4,9	7,4	5,3	(28,4)
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	70,6	7,1	2.537	2.413	(4,9)	167,2	170,4	1,9
TO	127,5	125,7	(1,4)	4.745	4.585	(3,4)	605,0	576,3	(4,7)
NORDESTE	476,6	278,8	(41,5)	1.440	1.570	9,0	686,3	437,6	(36,2)
MA	349,8	178,0	(49,1)	1.418	1.430	0,8	496,0	254,5	(48,7)
PI	95,1	79,3	(16,6)	1.184	1.417	19,7	112,6	112,4	(0,2)
CE	12,5	4,6	(63,2)	1.436	1.244	(13,4)	18,0	5,7	(68,3)
RN	0,9	1,2	33,1	2.590	2.777	7,2	2,3	3,3	43,5
PB	0,9	0,8	(11,0)	53	639	1.105,7	-	0,5	-
PE	0,2	0,2	-	4.500	4.500	-	0,9	0,9	-
AL	2,7	2,7	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	1,9
SE	6,0	6,0	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	16,4
BA	8,5	6,0	(29,5)	812	800	(1,5)	6,9	4,8	(30,4)
CENTRO-OESTE	234,2	197,7	(15,6)	3.582	3.476	(2,9)	838,9	687,2	(18,1)
MT	188,1	156,7	(16,7)	3.257	3.237	(0,6)	612,6	507,2	(17,2)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.860	(21,1)	111,5	68,0	(39,0)
GO	28,0	27,0	(3,6)	4.100	4.149	1,2	114,8	112,0	(2,4)
SUDESTE	27,4	18,9	(31,0)	2.796	3.172	13,4	76,6	59,9	(21,8)
MG	12,0	8,3	(30,8)	2.100	2.400	14,3	25,2	19,9	(21,0)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.694	53,7	1,2	1,1	(8,3)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.809	12,3	49,5	38,1	(23,0)
SUL	1.295,2	1.249,7	(3,5)	7.598	7.108	(6,5)	9.840,7	8.882,5	(9,7)
PR	27,2	26,3	(3,3)	5.825	5.379	(7,7)	158,4	141,5	(10,7)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.078	(1,0)	1.057,5	1.043,3	(1,3)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	7.154	(7,1)	8.624,8	7.697,7	(10,7)
NORTE/NORDESTE	738,3	533,8	(27,7)	2.275	2.564	12,7	1.679,9	1.368,5	(18,5)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.466,3	(5,8)	6.909	6.567	(4,9)	10.756,2	9.629,6	(10,5)
BRASIL	2.295,1	2.000,1	(12,9)	5.419	5.499	1,5	12.436,1	10.998,1	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em março de 2016, foram importadas 53,9 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 6 de maio, não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de abril e por esse

motivo, o mês de fevereiro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma leve expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em março de 2015, essas aquisições foram de 45,8 mil toneladas, sendo 8,8 mil provenientes de outros países não per-



tencentos ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma amena redução, passando de 142,6 mil toneladas em março/2015 para 140,8 mil toneladas em março/2016.

Mais especificamente sobre as compras nacionais de arroz internacional ao longo do mês de março, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 39,3 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 305,25 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 456,36 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/2015, obteve-se um superávit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. No período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superávit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas.

Para a safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.436,1 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorreu principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/2013, o volume consolidado em 28 de Fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do Governo Federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 11,7 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 11,6 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superávit em relação ao período anterior, resultará em uma redução do estoque de passagem para 758,0 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 11,6% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 10.998,1 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

Ainda sobre a projeção de mercado para a comercialização da safra 2015/16, esperam-se um aumento

no volume importado, principalmente produto proveniente do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um déficit de 100 mil toneladas na balança comercial do arroz.

Hoje, no mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observa-se uma oferta restrita, apesar do atual período de colheita. Estima-se que mais de 85% da área plantada foi colhida e, para o mês de maio, espera-se a quase finalização da colheita. Importante ressaltar que no mesmo período da safra passada o volume colhido era significativamente superior. Hoje, em razão da expectativa de preço elevados na entressafra, identifica-se um mercado com pouco ofertado, ou seja, para aquisições de altos volumes, as indústrias de beneficiamento estão oferecendo preços superiores a média atual de mercado de R\$ 39,65 por saco de 50kg. Ademias, há expectativa que o movimento de queda nos preços no RS possa ter chegado ao fim, pois grande parte dos produtores não têm demonstrado disposição para operar nos patamares atuais de mercado. No Mato Grosso, a menor produção do estado implicou em valorização do arroz, que encerrou a semana cotado a um preço médio de R\$50,76 por saco de 60kg. Ressalta-se, ainda, a menor qualidade do grão colhido na atual safra em virtude dos problemas climáticos ao longo da safra.

Em relação ao mercado atacado, a alta observada no início de 2016 ocorreu devido às valorizações das cotações ao produtor na Região Sul do país nos meses de outubro e novembro de 2015. Hoje, apesar da baixa semanal de 2,83%, o mercado mantém-se com leve viés de alta em face dos preços aquecidos ao produtor. Todavia, destaca-se a baixa demanda no varejo, sendo projetado uma retração no PIB brasileiro de 3,88%^{aa} de acordo com o Boletim Focus do Banco Central.

No mercado de arroz tailandês, no mês de março, o preço do grão apresentou leve alta em virtude da redução da capacidade hídrica tailandesa, resultado do fenômeno El Niño. No ano, indo de encontro à anti-ga política intervencionista do Governo da Tailândia, a cotação do arroz sofreu arrefecimento de 1,25% e ainda não recuperou o patamar anterior ao estabelecimento de tal política, porém, há tendência de alta no médio e longo prazo em virtude da menor oferta do produto em função da menor produção asiática e da provável diminuição da presença do arroz indiano no mercado internacional. No mercado de arroz norte-americano, os preços apresentam leve tendência de baixa, todavia, as cotações asiáticas sinalizam que este movimento de queda possa estar chegando ao fim.



No mercosul, mais precisamente na Argentina e no Uruguai, na semana, os preços do produto apresentaram estabilidade e, no mês, reduções, sendo a redução argentina mais acentuada. No ano, o arroz perdeu valor na Argentina em 25,00% e, no Uruguai, de 24,56%. Como fatores determinantes da queda dos preços

mercosulinos, destacam-se a desvalorização cambial das moedas locais em relação ao Dólar, o volume de estoque de passagem do passagem na Argentina e no Paraguai e, por último, a queda das cotações asiáticas no decorrer do ano de 2015.

8.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área de feijão primeira safra no país para esse oitavo levantamento está estimada em 976,2 mil hectares, o que configura um decréscimo de 7,3% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita já está 100% encerrada no estado, enquanto que a comercialização já está finalizada com bons preços pagos ao produtor, haja vista que o feijão apresentou uma redução na área plantada que foi de 180,1 mil hectares, redução de 6,5% em relação à safra anterior que foi de 192,7 mil hectares, o que ocasionou em menor oferta do produto no mercado. A redução de área também se pode creditar à dificuldade do produtor na contratação de mão de obra. Trata-se de áreas pulverizadas pelas diversas regiões do roteiro ainda dependente da mão de obra. Redução também na produtividade foi de 1.621 kg/ha, 5% menor que a safra passada que foi de 1.707 kg/ha. Mesmo com alguns apontamentos de perda na qualidade do grão, devido ao excesso de chuva, o produto foi todo comercializado, proporcionado pela grande procura do mercado, estimulado pelo preço elevado deste produto.

A área semeada com feijão primeira safra no Rio Grande do Sul foi de 43,5 mil hectares, o que confirma um acréscimo de 22,5% em relação à safra passada, somando o cultivo da agricultura empresarial, agricultura familiar e agricultura de subsistência. A maior parte da área semeada já foi colhida e a produtividade foi estimada em 1.915 kg/ha. Os produtores tiveram resultado econômico positivo devido aos bons preços do mercado.

No Distrito Federal manteve-se a área semeada na safra anterior, 12,1 mil hectares. A produtividade média, por sua vez, foi reduzida para 1.475 kg/ha, ante os 1.949 kg/ha obtidos na safra passada, configurando uma produção de 17,8 mil toneladas, 24,6% inferior à produção da safra passada, que foi de 23,6 mil toneladas. As lavouras foram afetadas negativamente pelo intenso veranico registrado em dezembro, prejudicando, sobremaneira, a fase germinativa da planta. A colheita já foi concluída, o que também foi afetada negativamente pelo alto volume de chuvas registrado em janeiro de 2016, o que acabou influenciando no ca-

lendário de colheita. O feijão semeado em meados de setembro acabou tendo que esperar para ser colhido, em meados de novembro e dezembro, por causa do excesso de chuva. Tal fenômeno ocasionou brotação dentro da vagem, ocorrendo problemas de coloração do produto e, conseqüentemente, baixa qualidade da leguminosa.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, a área está estimada em 146,6 mil hectares, o que representa redução de 7,9% em comparação com a safra anterior, visto que a maior parte dos produtores tem optado por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. Predomina na maior parte do estado o plantio de feijão cores, notadamente carioquinha. Há nichos de mercado na região da Zona da Mata e plantio também de feijão cores/vermelho e de feijão-preto. Já o plantio do feijão caupi se concentra no Norte. O plantio apresentou maior concentração em novembro, mas se estendeu até o início de dezembro. As lavouras já foram colhidas na sua totalidade. Há registros pontuais de perdas decorrentes da ocorrência de chuvas na colheita, mas de modo geral, as lavouras apresentam potencial de bons resultados, estimando-se uma produtividade média de 1.310 kg/ha, bem acima dos resultados da safra anterior, que foi severamente prejudicada pela estiagem. A produção estimada é de 192 mil toneladas, 16,8% superior à safra 2014/15.

Em Santa Catarina, com aproximadamente 90% das lavouras colhidas, e o restante em maturação, a primeira safra de feijão apresentou redução de área de 12,7%, com o cultivo de 46 mil hectares em relação ao observado na safra anterior, resultado, principalmente, da migração destas para o cultivo da soja em função da melhor rentabilidade da oleaginosa. Em relação às condições climáticas podemos considerar que o excesso de chuvas nos meses anteriores foi relativamente desfavorável para esta cultura, principalmente no início do desenvolvimento, favorecendo a incidência de doenças e causando transtorno aos agricultores que necessitaram, em alguns casos, replantar parte das lavouras. As instabilidades observadas durante a fase de plantio resultaram em atraso na implantação da maioria das lavouras e, conseqüentemente, no



ciclo da cultura, a qual deve ter sua colheita finalizada no final de abril. Neste momento, em que as lavouras estão nas fases finais e em colheita, as chuvas amenizaram e vem possibilitando uma boa conclusão da safra. As produtividades devem ficar dentro do esperado para as safras normais, mas abaixo do obtido na última safra, partindo de 1.950 kg/ha na safra 2014/15 para 1.870 kg/ha na safra 2015/16, principalmente para o feijão preto, resultado das instabilidades climáticas ocorridas durante o ciclo.

Em Mato Grosso o plantio da primeira safra encontra-se finalizada, a área plantada está praticamente com 40% colhida. Esse levantamento apontou para retração de 44,4% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 6 mil hectares, motivada principalmente pela baixa disponibilidade de sementes no mercado; pelo elevado custo de produção e pelo preço atrativo da soja e milho. Além disso, diante do padrão de chuvas atípico no início da safra, os produtores preferiram reduzir a lavoura de feijão, pois a cultura é muito sensível a condições climáticas adversas, embora os preços ainda permaneçam atrativos. Estimando-se uma produtividade média de 1.641 kg/ha, 4,5% superior à safra passada, a produção deve ficar em 9,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão é pouco expressiva no estado, visto que para esta safra foi registrado plantio apenas no município de Chapadão do Sul. A área cultivada foi de 0,6 hectares, redução de 14,3% em relação à área da safra anterior e a produtividade deve sofrer queda acentuada em comparação à safra passada, devendo atingir em torno de 1.300 kg/ha. Esta queda de produtividade ocorreu devido ao excesso de chuvas na região, o que acarretou a perda de aproximadamente 35% da área cultivada. A cultura encontra-se em fase de maturação. Redução também na produção, passando de 1,4 mil toneladas para 0,8 mil toneladas, 42,9% menor em relação à safra 2014/15. A cultura encontra-se em fase de frutificação e maturação.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, a estimativa é de redução de área, com o cultivo de 193,3 mil hectares, e que será produzido 492 mil toneladas. A estimativa para o feijão macaçar primeira safra, é de que no estado sejam cultivados 141,45 mil hectares e que seja produzido 53,57 mil toneladas. A redução em relação à safra anterior é devido às condições adversas climáticas e a demora na distribuição de sementes. Apesar de apresentar maior resistência ao déficit hídrico, quando comparado ao feijão cores, o feijão macaçar também não resistiu à falta de chuvas em fevereiro e março. As perdas foram estimadas em 60/65% e o estresse hídrico afetou a cultura nas fases de flores-

cimento e frutificação. O feijão macaçar é mais cultivado na região centro sul do estado, com estimativa de área de 85.270 hectares, ante a 82.574 hectares na safra passada. Os principais territórios produtores são o Velho Chico e o Sertão Produtivo. Foram plantados na região 17.720 hectares de feijão macaçar, com estimativa de produtividade média de 220 kg/ha, o que deve gerar uma produção de cerca 3.900 toneladas do grão. Na microrregião de Jacobina era esperado que os agricultores efetuassem o plantio de 4.890 hectares com produtividade de 600 kg/ha, no entanto, como na avaliação anterior haviam sido plantados cerca de 70% desse total e não ocorreu plantio em fevereiro e março, e ainda, a falta de chuvas comprometendo a produtividade da cultura, essa reduziu para 3.423 hectares. Na época da floração, considerado o período em que a planta mais consome água, não houve ocorrência de chuvas, levando muitos produtores perderem as suas safras precocemente. A produtividade esperada devido a essas adversidades climáticas é de cerca de 300 Kg/ha. Na microrregião Piemonte Norte do Itapicuru, onde fica localizada a cidade de Senhor do Bonfim, era esperado uma área de 14.730 hectares, mas devido à ausência de chuvas em fevereiro e março, foram plantados 70% da área prevista, num total de 10.210 hectares, com produtividade esperada de 600 para 140 kg/ha, uma vez que as perdas na cultura já chegam a 70% devido à falta de chuvas. Na microrregião de Itaberaba, a área cultivada com o feijão macaçar é de 466 hectares, com produtividade esperada de 120 kg/ha. A expectativa de queda na produtividade é consequência das condições climáticas adversas que acometeram estas lavouras. Outro fator responsável é o uso como sementes, de grãos adquiridos no comércio local e/ou produzido pelos agricultores na safra anterior. Esta produção é utilizada principalmente para a subsistência das famílias com pequeno excedente, sendo comercializado em feiras livres (verde). Na microrregião de Seabra, o plantio de feijão cores foi utilizado uma área de 3.000 hectares, com produtividade média de 600 kg/ha, entretanto, diante das condições climáticas adversas enfrentadas pelas lavouras no território, registra-se uma perda de aproximadamente 80%, estima uma produtividade de 120 kg/ha. No território de Juazeiro, estavam previstos inicialmente cerca de 4.942 hectares, esse valor subiu para 28.434 hectares, em função das boas condições de chuvas em janeiro, mas não se concretizou. Segundo levantamento da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiatel) foram plantados apenas 3.200 hectares, com estimativa de produtividade reduzindo de 960 para 300 kg/ha devido ao déficit hídrico. A cultura encontra-se no estágio de enchimento de grãos. A estimativa é que sejam cultivados 35.000 hectares, com rendimento de 880 kg/ha. A área plantada está estimada em



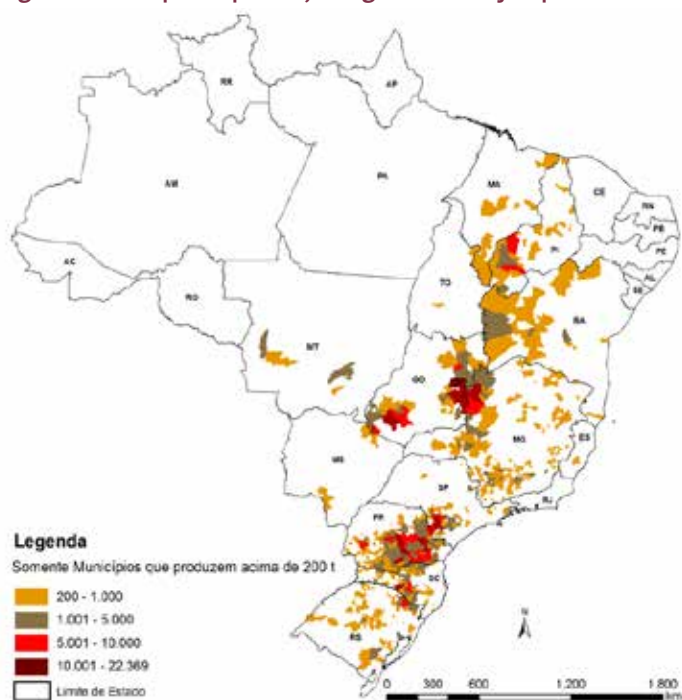
80%, 14.000 hectares, plantados em dezembro de 2015 e deverá ser colhido logo após a finalização da colheita da soja. Comparando-se às estimativas da safra passada com a safra atual há uma redução de 23% na área cultivada. A produção esperada é de 30.800 toneladas, uma redução de 23% em relação à safra passada. A produção total do estado, para o feijão cores primeira safra, está estimada em 41,4 mil toneladas em uma área de 51,871 mil hectares. Pode-se atribuir à redução, em relação à safra anterior, as condições adversas climáticas e a demora na distribuição de sementes. As boas expectativas de produtividade foram frustradas com o estresse hídrico em fevereiro, março e abril. Estima-se perdas de cerca de 80/85% no feijoeiro. Percebe-se ainda a necessidade de se avaliar o cultivo do feijão cores nas regiões de forte irregularidade no regime de chuvas. O bom regime chuvoso em janeiro de 2016 estimulou o plantio, no entanto, as culturas foram seriamente prejudicadas nas fases de florescimento e frutificação. Observou-se uma redução na área plantada do feijão cores em 6,5%, de 25.366 hectares, para 23.713 hectares, fomentada pelas expectativas criadas com as frustrações das últimas safras, bem como pela falta de chuvas em outubro e novembro do ano passado. No entanto, as ações do Garantia Safra, as expectativas criadas com as chuvas de janeiro e o aspecto cultural do plantio de feijão não permitiram uma drástica redução da área plantada. A influência negativa das questões climáticas na região, apesar das chuvas abundantes de janeiro e bom preço do produto no mercado, deverá reduzir as estimativas de produção, uma vez que a área cultivada está abaixo do esperado e a cultura está sofrendo com a falta de chuvas em momento importante do desenvolvimento da planta. As taxas de produtividade deverão diminuir esse ano. A produção total da região está estimada em 800 toneladas, em uma área de 4.662 hectares. No território de Irecê foi plantada apenas 7,5% da área prevista, com 2.030 hectares e rendimento de cerca de 30 kg/ha. Os dados mencionados na previsão de plantio era de que nessa safra de verão seriam cultivados cerca de 27.000 hectares, com produtividade média esperada de 600 kg/ha. No entanto, isso não se confirmou. As chuvas nos meses posteriores a janeiro não vieram, o que inviabilizou o plantio da área prevista e diminuiu severamente as expectativas de rendimento. Segundo a Bahiater 95% da cultura foi perdida por falta de chuvas e que o território deverá produzir cerca de 60 toneladas do produto. No Terri-

tório Piemonte da Diamantina, onde está localizado o município de Jacobina, também não atingiu a área prevista. As intenções do plantio da safra verão apontava para 3.760 hectares com produtividade de 600 kg/ha, mas apenas 70% foram plantados. São esperados agora 2.632 hectares com rendimento médio de 300 kg/ha. Na microrregião de Itaberaba, com o plantio de feijão cores, ocupou-se uma área de 1.300 hectares, com produtividade média de 140 kg/ha. A estimativa de queda na produtividade corresponde às condições climáticas adversas que acometeram estas lavouras durante o ciclo. Já na microrregião de Seabra, o plantio de feijão cores foi ocupado com uma área de 7.495 hectares, com produtividade média de 600 kg/ha, entretanto, diante das condições climáticas, que recai sobre o território, registra-se uma perda de aproximadamente 90%, esperando-se uma produtividade de 60 kg/ha. A estimativa é que sejam cultivados 16.000 hectares, com rendimento de 2.025 kg/ha. Os plantios foram finalizados e espera-se o início da colheita para final de maio. Há registro da incidência de mosca branca, mas sem comprometimento da produtividade. Os maiores danos foram causados pelo veranico, ainda não mensurados. Comparando-se as estimativas da safra passada com a da safra atual há uma redução de 17,6% na área cultivada, causada pela grande incidência da mosca branca. A produção esperada é de 95,1 mil toneladas, representando uma redução de 26,8% em relação à safra passada.

Em São Paulo é na região Sudoeste do estado que está concentrada praticamente toda a produção de feijão. Diferentemente de outras regiões, onde o plantio é realizado entre setembro e outubro, aqui semeia-se o feijão em julho e agosto e colhe-se entre novembro e dezembro. O produtor apostou nessa cultura devido aos excelentes preços de mercado pago a essa leguminosa no momento da semeadura. O mercado paulista de feijão ressentiu-se da falta desse produto devido aos prejuízos ocorridos durante a colheita e, em razão disso, os preços estão em patamares elevados. Parte do abastecimento está vindo das praças de Mato Grosso e Goiás. O produtor sinaliza com aumento na área plantada, com o cultivo de 50 mil hectares, incremento na produtividade de 0,7% em relação à safra de 2014/15, saindo de 2.331 kg/ha para 2.348 kg/ha. Incremento também de 19,1% na produção em relação à safra passada, saindo de 98,6 mil toneladas para 117,4 mil toneladas



Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	3,7	(22,9)	707	594	(16,0)	3,4	2,2	(35,3)
TO	4,8	3,7	(22,9)	707	594	(16,0)	3,4	2,2	(35,3)
NORDESTE	484,5	428,8	(11,5)	460	452	(1,8)	223,1	193,8	(13,1)
MA	38,6	23,8	(38,3)	464	468	0,9	17,9	11,1	(38,0)
PI	211,3	211,7	0,2	356	414	16,3	75,2	87,6	16,5
BA	234,6	193,3	(17,6)	554	492	(11,2)	130,0	95,1	(26,8)
CENTRO-OESTE	74,9	70,7	(5,6)	1.997	2.168	8,6	149,6	153,2	2,4
MT	10,8	6,0	(44,4)	1.570	1.641	4,5	17,0	9,8	(42,4)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.300	(35,0)	1,4	0,8	(42,9)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.475	(24,3)	23,6	17,8	(24,6)
SUDESTE	208,1	203,4	(2,3)	1.286	1.548	20,3	267,7	314,7	17,6
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.310	26,8	164,4	192,0	16,8
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,6	(14,3)	917	1.063	15,9	0,6	0,6	-
SP	42,3	50,0	18,2	2.331	2.348	0,7	98,6	117,4	19,1
SUL	280,9	269,6	(4,0)	1.737	1.711	(1,5)	487,8	461,2	(5,5)
PR	192,7	180,1	(6,5)	1.707	1.621	(5,0)	328,9	291,9	(11,2)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.870	(4,1)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	489,3	432,5	(11,6)	463	453	(2,1)	226,5	196,0	(13,5)
CENTRO-SUL	563,9	543,7	(3,6)	1.605	1.709	6,5	905,1	929,1	2,7
BRASIL	1.053,2	976,2	(7,3)	1.074	1.153	7,3	1.131,6	1.125,1	(0,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	51,8	800	41,4
BA	51,8	800	41,4
CENTRO-OESTE	68,0	2.202	149,8
MT	4,5	1.800	8,1
MS	0,6	1.300	0,8
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.475	16,1
SUDESTE	198,7	1.566	311,1
MG	144,0	1.319	190,0
ES	4,7	787	3,7
SP	50,0	2.348	117,4
SUL	94,6	1.801	170,4
PR	54,7	1.614	88,3
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	51,8	800	41,4
CENTRO-SUL	361,3	1.747	631,3
BRASIL	413,1	1.628	672,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Tabela 31– Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	1.450	1,7
DF	1,2	1.450	1,7
SUDESTE	4,1	749	3,1
MG	2,0	730	1,5
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,6	1.063	0,6
SUL	175,0	1.661	290,8
PR	125,4	1.624	203,6
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	180,3	1.639	295,6
BRASIL	180,3	1.639	295,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,7	594	2,2
TO	3,7	594	2,2
NORDESTE	377,0	404	152,3
MA	23,8	468	11,1
PI	211,7	414	87,6
BA	141,5	379	53,6
CENTRO-OESTE	1,5	1.133	1,7
MT	1,5	1.133	1,7
SUDESTE	0,6	900	0,5
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	380,7	406	154,5
CENTRO-SUL	2,1	1.066	2,2
BRASIL	382,8	410	156,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A área de feijão segunda safra está estimada para este oitavo levantamento em 1.341,6 mil de hectares, o que configura um acréscimo de 1,8% em relação à safra passada.

No Paraná a área já está 100% plantada e 20% colhida. A colheita atinge 70,09% da área, enquanto o restante da área está nas fases de frutificação e maturação. A área plantada para essa segunda safra é de 205,5 mil hectares, redução de 1,3% em relação à safra passada que foi de 208,1 mil hectares, com incremento na produtividade de 21,4%, passando de 1.475 kg/ha da safra passada para 1.790 kg/ha na presente safra, produção de 367,8 mil toneladas, incremento de 19,8% em relação à safra passada que foi de 306,9 mil tone-

ladas. Comerciantes do norte pioneiro informam que é pequena a oferta de feijão de qualidade na região. Área já em frutificação e até em maturação que pode recuperar em partes a produtividade menor apontada devido às chuvas ocorridas nesta semana. As condições favoráveis de mercado propiciam um cenário bastante favorável. As colheitas realizadas já estão equivalentemente vendidas. O destaque fitossanitário é para a ocorrência da Mosca Branca, que nesta safra teve maior expressão, podendo tornar-se uma praga de maior prejuízo à cultura. Muitos aventureiros investiram no cultivo de feijão motivados pelos bons preços. Porém, o desenvolvimento das lavouras não foi muito bom, passando por excesso de chuvas no início do ciclo e estresse hídrico no último mês. As



lavouras mais tardias, plantadas em março, correm grave risco de morrer nas geadas de maio. Apesar do aumento da área plantada a oferta do produto não deve aumentar.

No Rio Grande do Sul a semeadura do feijão segunda safra encontra-se em fase de conclusão. Está previsto o cultivo de 16,4 mil hectares, que deverão render 1.653 kg/ha conforme o histórico da produtividade e a tecnologia agregada. Os dados da área poderão sofrer alguma alteração para mais devido ao comportamento dos preços do feijão no mercado, que de certa forma estimula os produtores.

No Distrito Federal os preços de mercado elevado não estão sendo atrativos suficientes para estimular o crescimento da área de plantio do feijão segunda safra. A incidência de mosca branca, praticamente, inibe o plantio do feijão da segunda safra em diversas áreas do Distrito Federal. Na safra anterior a área semeada com feijão segunda safra foi de 900 hectares. Neste levantamento estima-se, até o momento, manutenção de área. A produtividade média está estimada em 2.055 kg/ha, ante os 2.000 kg/ha obtidos na safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 1.8 mil toneladas o mesmo em relação à safra anterior. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10%, respectivamente.

No Mato Grosso, a área total plantada de feijão segunda safra é de 173,5 mil hectares, que é a maior das três que o estado possui, registrou aumento de área de 12,9% em relação ao último levantamento 199,2 mil hectares. O referido aumento ocorreu na variedade Caupi, com acréscimo de área de 9,8%, com 12.000 hectares, e no carioca 4,4%, com 1.000 hectares. Contudo, quando analisamos a safra 2014/15 constata-se uma queda acentuada de área de 17,9% e 58%, respectivamente, para as referidas variedades, que equivale a uma redução geral de 12,9% de área dedicada à cultura, devido à preferência dos produtores por plantar milho. Com a segunda safra toda plantada desde o final de março, espera-se um aumento de produtividade na ordem de 9% para o Caupi e queda de 8,3% para o carioca, que é uma variedade mais sensível, devido ao clima seco típico de abril no estado.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão segunda safra é pouco expressiva no estado, com aproximadamente 14.000 hectares de área cultivada para esta safra, visto que a estimativa é de que ocorra redução na área de aproximadamente 12,5% em relação à safra passada. A produção encontra-se concentrada principalmente nos municípios de Caarapó, Sidrolândia, Bonito e Maracaju. A produtividade esperada está sendo estimada em torno de 1.650 kg/ha, com redução de aproximadamente 3,1% em relação à safra anterior.

Esta redução ocorre em função da estiagem prolongada durante abril, que atingiu as áreas produtoras. Na região de Nova Andradina, Bataiporã e Taquarussu o plantio foi antecipado em relação às outras áreas e a estiagem atingiu as lavouras em período reprodutivo, o que acarretou maior perda na produtividade.

Em Goiás, ainda há áreas sendo colhidas no Estado. O atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de 74,2%, passando de 13,2 mil hectares em 2014/15 para 23 mil hectares na presente safra. A falta de chuvas resultou em menores rendimentos da cultura no estado, em algumas áreas ocorreu a perda total da área de feijão. Mosca branca ainda representa aumento nos custos de produção. Apesar dos preços atraentes, a produtividade ainda não é a esperada que é de 1.500 kg/ha, decréscimo de 19,2% em relação à safra anterior que foi de 1.857 kg/ha.

Em Minas Gerais o atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de feijão segunda safra na ordem de 11%, passando de 105,9 mil hectares em 2014/15 para 117,5 mil hectares na presente safra. Este incremento se deve aos preços de mercado que se encontram bastante atraentes. Nas regiões que vêm enfrentando problemas mais sérios com o controle de pragas e doenças, no entanto, pode ocorrer, inclusive, uma retração, seja pelo receio do risco, seja pela proibição do plantio nesta época, como é o caso de municípios do Noroeste na área de abrangência da legislação do vazio sanitário. O plantio teve início em fevereiro, e se estendeu até março. As lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo 50%, floração 30% e frutificação 20%. Com a completa ausência de chuvas ao longo deste primeiro e segundo decêndio de abril, aliado ao tempo seco e quente, já há indícios de quebra de produtividade, no momento, estimada em 1.400 kg/ha, redução de 5,9%, quando comparada com a safra anterior. Dessa forma, a produção poderá alcançar 164,5 mil toneladas, 4,4% acima da safra passada.

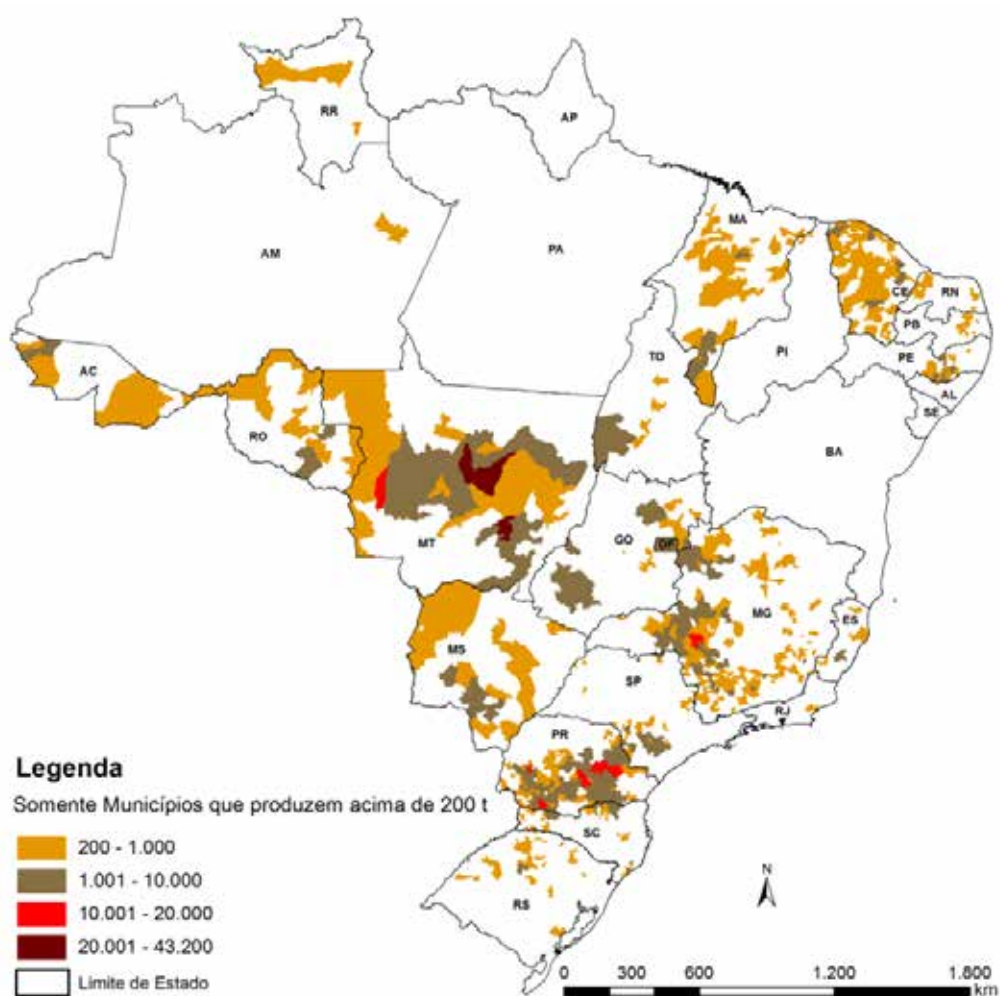
Em Santa Catarina a grande parte das lavouras encontram-se em maturação 60%, as quais não dependem tanto das condições climáticas para finalizar seu desenvolvimento. Contudo, caso a previsão de chuvas se confirme para os próximos dias, perdas em qualidade e quantidade podem ser observadas, principalmente em regiões onde as lavouras encontram-se em ponto de colheita. As condições fitossanitárias são consideradas satisfatórias, resultado, entre outros, do clima mais estável ocorrido em grande parte do ciclo da cultura, apresentando chuvas em bom volume, embora espaçadas e, por vezes, regionalizadas. As temperaturas têm ficado acima da média para a estação do outono, o que favorece, de certa forma, o desenvolvimento da cultura, que não tolera tempe-



raturas baixas. Em alguns locais as chuvas ficaram abaixo da média por alguns dias, o que pode desfavorecer as lavouras que se encontram em fases mais atrasadas, desde floração até enchimento de grãos, as quais representam, ainda, em torno de 30% do total. A passagem de uma frente fria com chuvas generalizadas e possibilidade de queda acentuada da temperatura nos últimos dias de abril podem comprometer algumas lavouras mais atrasadas caso haja formação de geadas. O resultado da safra deve ficar dentro do esperado, já que a produtividade da cultura semeada na segunda safra não alcança produtividades altas em função do clima mais instável nesta época. Devido

aos bons preços praticados durante a comercialização do feijão primeira safra, observou-se um aumento da área plantada, principalmente para o feijão-preto, de aproximadamente 28%. As vendas por parte do produtor ocorrem em bom ritmo, aproveitando as boas cotações. Desta forma, reduziu-se a área semeada na safra anterior, 17,4 mil hectares. A produtividade média, por sua vez, foi incrementada para 1.874 kg/ha, ante os 1.450 kg/ha obtidos na safra passada, configurando uma produção de 32,6 mil toneladas, 11,3% inferior à produção da safra passada, que foi de 29,3 mil toneladas.

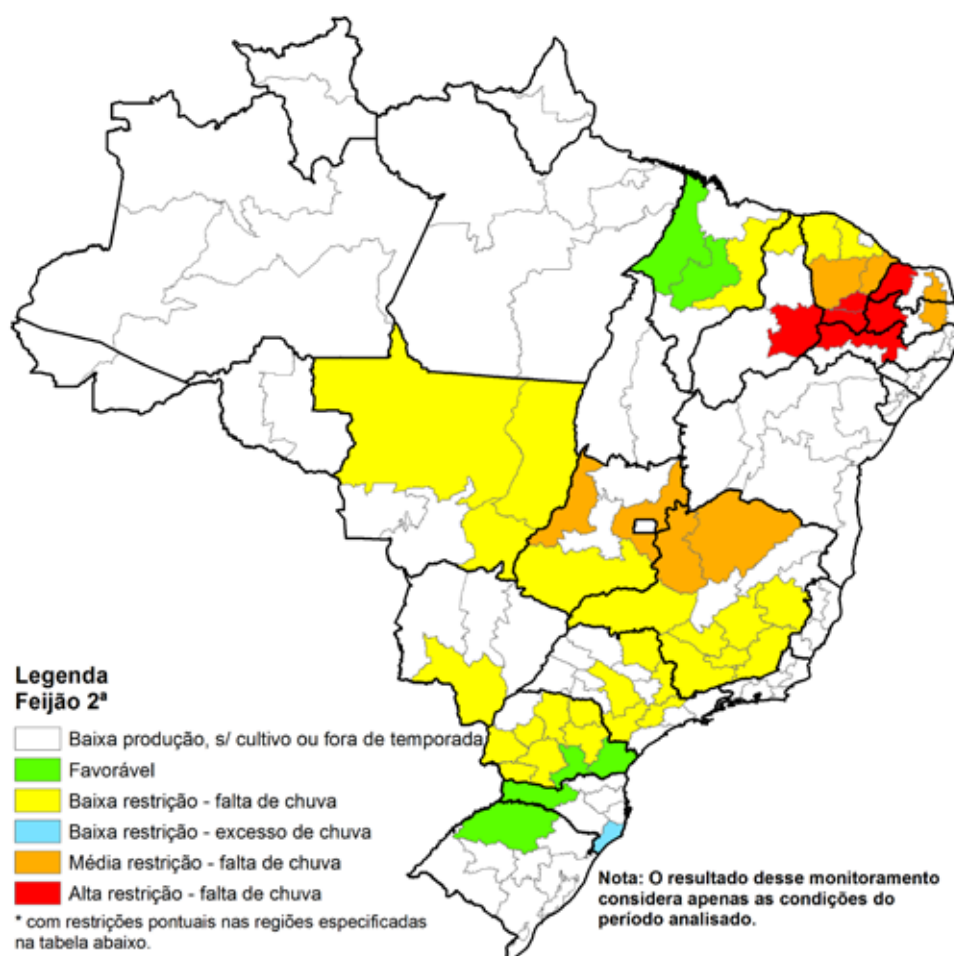
Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..



Figura 24 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.




















































































































































Quadro 9 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - oeste e centro do MA (F), exceto regiões pontuais - sudeste do PR (FR) - oeste de SC (FR) - noroeste do RS (FR) 	<ul style="list-style-type: none"> - sul de SC (FR) 		<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do oeste e centro do MA (F) - leste do MA (F) - extremo norte e sudeste do PI (FR) - todo estado do CE (FR) - oeste do RN (F) - Agreste do RN (F) - Sertão da PB (FR) - Agreste da PB (F) - Sertão de PE (FR) - norte, nordeste e sudeste do MT (FR) - sudoeste do MS (FR) - oeste, leste e sul de GO (FR) - todo estado de MG (FR) - norte e sul de SP (FR) - norte, oeste, leste, sudoeste e sul do PR (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	44,2	(15,6)	762	841	10,4	40,0	37,1	(7,3)
RR	2,7	2,7	-	667	731	9,6	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	20,2	(8,2)	722	882	22,2	15,9	17,8	11,9
AC	7,5	7,3	(2,7)	582	619	6,4	4,4	4,5	2,3
AM	5,5	4,7	(14,5)	1.027	900	(12,4)	5,6	4,2	(25,0)
AP	1,3	1,3	-	902	915	1,4	1,2	1,2	-
TO	13,4	8,0	(40,6)	825	931	12,8	11,1	7,4	(33,3)
NORDESTE	657,3	705,2	7,3	318	296	(7,1)	209,2	208,5	(0,3)
MA	55,0	46,2	(16,0)	549	548	(0,2)	30,2	25,3	(16,2)
PI	3,1	3,0	(3,2)	756	900	19,0	2,3	2,7	17,4
CE	393,8	403,8	2,5	309	271	(12,3)	121,7	109,4	(10,1)
RN	31,6	36,2	14,6	333	380	14,1	10,5	13,8	31,4
PB	58,6	91,8	56,7	277	373	34,7	16,2	34,2	111,1
PE	115,2	124,2	7,8	246	186	(24,4)	28,3	23,1	(18,4)
CENTRO-OESTE	229,3	211,4	(7,8)	1.406	1.398	(0,6)	322,4	295,5	(8,3)
MT	199,2	173,5	(12,9)	1.358	1.361	0,2	270,5	236,1	(12,7)
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.650	3,1	25,6	23,1	(9,8)
GO	13,2	23,0	74,2	1.857	1.500	(19,2)	24,5	34,5	40,8
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.055	2,8	1,8	1,8	-
SUDESTE	130,9	141,5	8,1	1.454	1.465	0,8	190,4	207,3	8,9
MG	105,9	117,5	11,0	1.487	1.400	(5,9)	157,5	164,5	4,4
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	916	(3,7)	1,0	0,9	(10,0)
SP	15,6	14,6	(6,4)	1.606	2.225	38,5	25,1	32,5	29,5
SUL	248,6	239,3	(3,7)	1.485	1.787	20,3	369,1	427,5	15,8
PR	208,1	205,5	(1,3)	1.475	1.790	21,4	306,9	367,8	19,8
SC	20,2	17,4	(13,9)	1.450	1.874	29,2	29,3	32,6	11,3
RS	20,3	16,4	(19,2)	1.622	1.653	1,9	32,9	27,1	(17,6)
NORTE/NORDESTE	709,7	749,4	5,6	351	328	(6,6)	249,2	245,6	(1,4)
CENTRO-SUL	608,8	592,2	(2,7)	1.449	1.571	8,5	881,9	930,3	5,5
BRASIL	1.318,5	1.341,6	1,8	858	877	2,2	1.131,1	1.175,9	4,0
BRASIL	1.318,5	1.366,0	3,6	858	924	7,7	1.131,1	1.262,6	11,6

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	0,1	1.910	0,2
MT	-		-
MS	-		-
GO	-		-
DF	0,1	1.910	0,2
SUDESTE	5,1	931	4,7
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	1.119	2,3
RJ	1,0	916	0,9
SUL	104,9	1.741	182,6
PR	75,0	1.753	131,5
SC	13,5	1.778	24,0
RS	16,4	1.653	27,1
CENTRO-SUL	110,1	1.703	187,5
BRASIL	110,1	1.703	187,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	43,1	844	36,3
RR	2,7	731	2,0
RO	19,1	890	17,0
AC	7,3	619	4,5
AM	4,7	900	4,2
AP	1,3	915	1,2
TO	8,0	931	7,4
NORDESTE	41,2	473	19,5
MA	0,5	400	0,2
CE	7,9	279	2,2
PB	27,0	559	15,1
PE	5,8	345	2,0
CENTRO-OESTE	61,8	1.731	107,0
MT	25,4	1.963	49,9
MS	14,0	1.650	23,1
GO	21,6	1.500	32,4
DF	0,8	2.055	1,6
SUDESTE	136,4	1.485	202,6
MG	115,5	1.411	163,0
ES	6,3	1.120	7,1
SP	14,6	2.225	32,5
SUL	134,4	1.822	244,9
PR	130,5	1.811	236,3
SC	3,9	2.205	8,6
NORTE/NORDESTE	84,3	663	55,8
CENTRO-SUL	332,6	1.667	554,5
BRASIL	416,9	1.464	610,3

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	1,1	727	0,8
RO	1,1	727	0,8
NORDESTE	664,0	285	189,0
MA	45,7	549	25,1
PI	3,0	900	2,7
CE	395,9	271	107,2
RN	36,2	380	13,8
PB	64,8	294	19,1
PE	118,4	178	21,1
CENTRO-OESTE	149,4	1.260	188,3
MT	148,0	1.258	186,2
GO	1,4	1.500	2,1
NORTE/NORDESTE	665,1	285	189,8
CENTRO-SUL	149,4	1.260	188,3
BRASIL	814,5	464	378,1

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.

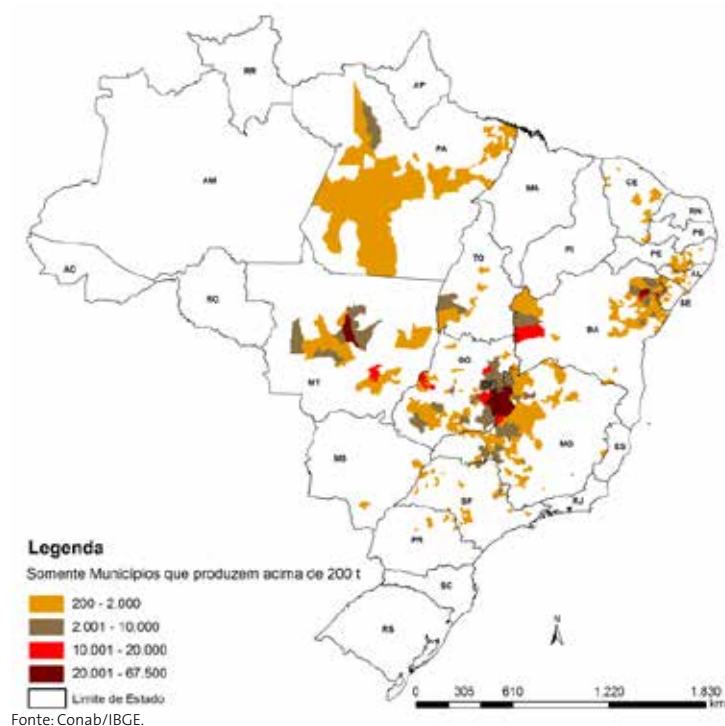
8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, a área estimada para este oitavo levantamento é de 712,2 mil de hectares, o que configura um acréscimo de 6,6% em relação à safra

passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 881,3 mil toneladas e 3,4% maior que a última temporada.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	39,3	27,2	809	769	(4,9)	25,0	30,2	20,8
PA	28,0	36,2	29,3	760	703	(7,5)	21,3	25,4	19,2
TO	2,9	3,1	6,9	1.281	1.540	20,2	3,7	4,8	29,7
NORDESTE	423,5	463,6	9,5	654	695	6,4	276,8	322,5	16,5
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	122,2	0,1	467	550	17,8	57,0	67,2	17,9
AL	47,0	47,0	-	458	546	19,2	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	736	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	212,6	252,6	18,8	771	769	(0,2)	163,9	194,4	18,6
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.543	(4,8)	312,4	297,3	(4,8)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.352	(8,3)	197,1	180,6	(8,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.886	0,6	104,7	105,3	0,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.362	6,4	10,1	10,8	6,9
SUDESTE	92,1	87,2	(5,3)	2.533	2.577	1,7	233,3	224,7	(3,7)
MG	74,0	74,0	-	2.576	2.600	0,9	190,6	192,4	0,9
SP	18,1	13,2	(27,0)	2.359	2.446	3,7	42,7	32,3	(24,4)
SUL	4,9	5,2	6,1	1.013	1.273	25,7	5,0	6,6	32,0
PR	4,9	5,2	6,1	1.013	1.273	25,7	5,0	6,6	32,0
NORTE/NORDESTE	454,4	502,9	10,7	664	701	5,6	301,8	352,7	16,9
CENTRO-SUL	213,9	209,3	(2,2)	2.574	2.526	(1,9)	550,7	528,6	(4,0)
BRASIL	668,3	712,2	6,6	1.276	1.237	(3,0)	852,5	881,3	3,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

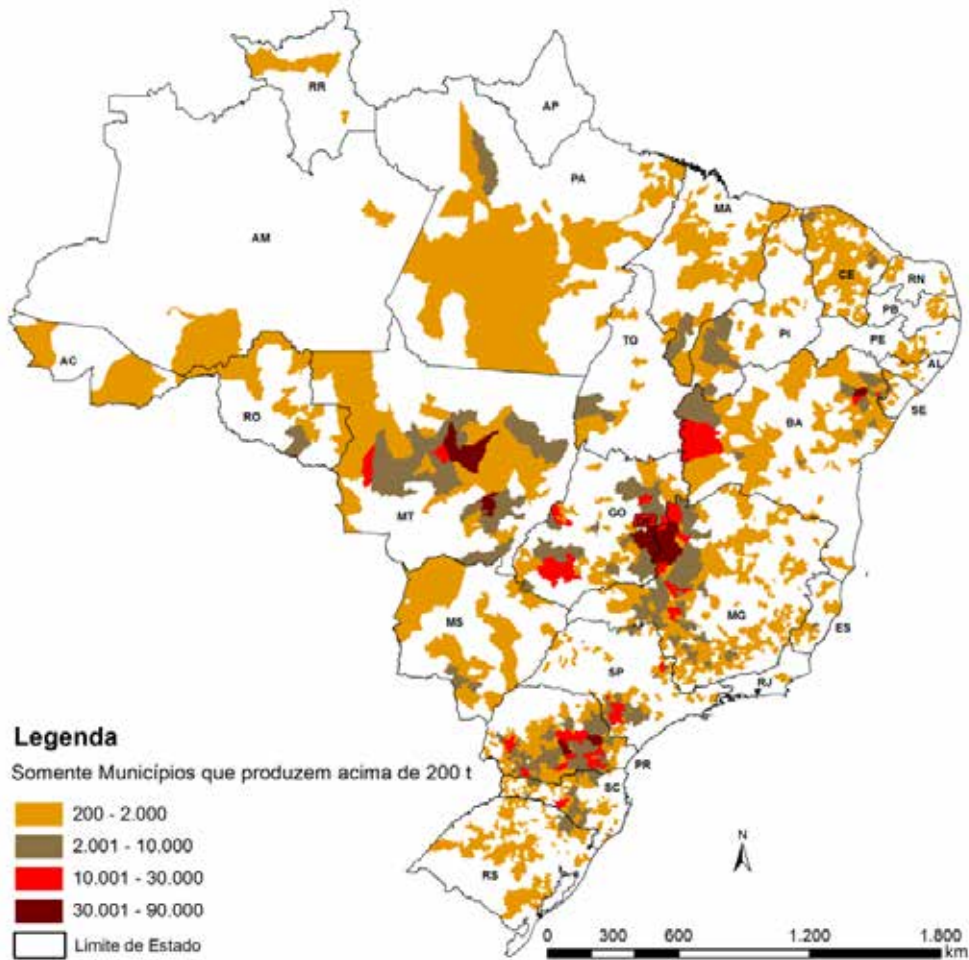
8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras estima-se para esse oitavo acompanhamento, que a área total de feijão será de 3.030,0 mil hectares, redução de 0,3% em relação

à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 1.050 mil toneladas e 2,5% maior que a última temporada.



Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	87,2	(1,0)	775	798	2,9	68,4	69,5	1,6
RR	2,7	2,7	-	667	741	11,1	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	20,2	(8,2)	723	881	21,9	15,9	17,8	11,9
AC	7,5	7,3	(2,7)	587	616	5,1	4,4	4,5	2,3
AM	5,5	4,7	(14,5)	1.018	894	(12,2)	5,6	4,2	(25,0)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	36,2	29,3	761	702	(7,8)	21,3	25,4	19,2
TO	21,1	14,8	(29,9)	863	973	12,8	18,2	14,4	(20,9)
NORDESTE	1.565,3	1.597,6	2,1	453	454	0,1	709,2	724,9	2,2
MA	93,6	70,0	(25,2)	514	521	1,5	48,1	36,5	(24,1)
PI	214,4	214,7	0,1	362	421	16,2	77,6	90,3	16,4
CE	404,1	414,1	2,5	328	293	(10,6)	132,5	121,4	(8,4)
RN	31,6	36,2	14,6	332	381	14,7	10,5	13,8	31,4
PB	58,6	91,8	56,7	276	373	34,8	16,2	34,2	111,1
PE	237,3	246,4	3,8	360	366	1,8	85,4	90,3	5,7
AL	47,0	47,0	-	457	547	19,5	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	737	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	447,2	445,9	(0,3)	657	649	(1,2)	293,9	289,5	(1,5)
CENTRO-OESTE	421,1	399,0	(5,2)	1.863	1.870	0,4	784,3	746,1	(4,9)
MT	286,8	256,3	(10,6)	1.689	1.664	(1,5)	484,5	426,6	(12,0)
MS	17,1	15,0	(12,3)	1.608	1.627	1,1	27,5	24,4	(11,3)
GO	101,0	111,5	10,4	2.345	2.373	1,2	236,8	264,6	11,7
DF	16,2	16,2	-	2.191	1.883	(14,1)	35,5	30,5	(14,1)
SUDESTE	431,1	432,1	0,2	1.604	1.728	7,8	691,4	746,8	8,0
MG	339,0	338,1	(0,3)	1.512	1.623	7,4	512,4	548,9	7,1
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,6	(5,9)	941	1.000	6,3	1,6	1,6	-
SP	76,0	77,8	2,4	2.189	2.342	7,0	166,4	182,2	9,5
SUL	534,4	514,1	(3,8)	1.613	1.742	8,0	862,0	895,4	3,9
PR	405,7	390,8	(3,7)	1.580	1.705	7,9	640,9	666,4	4,0
SC	72,9	63,4	(13,0)	1.812	1.871	3,2	132,1	118,6	(10,2)
RS	55,8	59,9	7,3	1.595	1.843	15,6	89,0	110,4	24,0
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.684,8	1,9	470	472	0,3	777,6	794,4	2,2
CENTRO-SUL	1.386,6	1.345,2	(3,0)	1.686	1.775	5,3	2.337,7	2.388,3	2,2
BRASIL	3.040,0	3.030,0	(0,3)	1.025	1.050	2,5	3.115,3	3.182,7	2,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum carioca

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado em sua maioria, com produtos provenientes do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás. O clima irregular dos últimos dias (atrapalhando as colheitas) vem interferindo nas negociações diante da menor qualidade ofertada.

No Sul do País, cerca de metade da área semeada na segunda safra foi colhida, e as lavouras atravessam, em grande parte, as fases de frutificação/maturação. A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade têm provocado substancial alta nos preços, que devem permanecer em patamares elevados pelo menos



até o avanço da colheita da 2ª safra a partir deste mês de maio.

No momento, o volume produzido atende (de uma forma bem ajustada) o mercado, em função, basicamente, da baixa demanda varejista. Desta forma, as cotações devem continuar oscilando de forma positiva/negativa, de acordo com as quantidades ofertadas e suas respectivas demandas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares.

A expectativa continua focada na quantidade e na qualidade da mercadoria que vem sendo ofertada e nas condições climáticas. Observa-se que quando os

Feijão comum preto

Os preços seguem estáveis desde janeiro próximo passado. No Paraná o plantio da segunda safra foi finalizado em março com expectativa de uma colheita em torno de 183,0 mil toneladas. O volume previsto é pequeno e, doravante, o país passará a depender de importações, principalmente da Argentina, maior fornecedor, que concluiu o seu plantio também em março. O produto argentino habitualmente começa a ser ofertado a partir deste mês de maio.

Do volume a ser produzido na Argentina, cerca de 70% da produção de feijão comum preto e entre 10.000 e 15.000 toneladas de feijão comum branco são destinados ao Brasil.

No momento o volume ofertado atende plenamente à fraca demanda, e os produtores continuam restando

valores recebidos pelos agricultores entram em queda, os produtores adotam a estratégia de reduzir as quantidades para a venda, visando, desta forma, melhor remuneração para o seu produto.

Com todos os problemas verificados nesta temporada, é difícil estimar o comportamento dos preços, devido às dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar em repassar aumentos ao setor varejista, e este aos consumidores. No entanto, em função da menor oferta na Região Centro-Sul do país e do prolongamento da entressafra nordestina, a expectativa é de que os preços continuem elevados. No momento o mercado opera com baixos estoques e fica sujeito à demanda varejista.

e escalonando as vendas com o objetivo de melhor remuneração para o seu produto. Apesar da estratégia, a esperada reação dos preços ainda não aconteceu. Contudo, em vista da pouca quantidade disponível e dos elevados preços praticados para o grupo carioca, a expectativa é de um mercado mais firme, com aumento das cotações.

Para a temporada 2015/2016, tomando os dados de produção estimados em 3.182,7 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 103,2 mil toneladas, um consumo menor em 50,0 mil toneladas, as importações em 200,0 mil toneladas e as exportações de 65,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 120,9 mil toneladas.

8.1.5. GIRASSOL

Líder na produção nacional, o Mato Grosso deverá registrar redução na área plantada com o girassol. A estimativa é de que sejam cultivados 20,9 mil hectares, redução de 75,8% em relação à safra anterior, que foi de 86,4 mil hectares, produção de 29,9 mil toneladas, redução de 74,3% em relação à safra passada, que foi de 116,5 mil toneladas e produtividade de 1.431 kg/ha, decréscimo de 6,2% em relação à safra 2014/15, que ficou em 1.348 kg/ha. Entre os motivos que levaram o produtor a tomar essa decisão estão os custos elevados com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pelas indústrias em Campo Novo do Parecis, fez que a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrassem para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas. O estado é produtor do grão com destino à produção de ração para aves, mas atualmente há cultivo também para a

produção de óleo. A queda de 6,2% na produtividade é reflexo do maior número de produtores cultivando o girassol que ainda possui pouca tecnologia e tratamentos culturais diferenciados de culturas tradicionais como soja, milho e algodão. Apesar disso, sabe-se do empenho dos produtores em difundir o conhecimento que alcançaram entre os demais que têm investido no cultivo desta cultura. O plantio concentra-se de fevereiro a março, com a colheita programada de junho a agosto, e a área encontra-se toda plantada, estando em desenvolvimento vegetativo. A produção já foi praticamente toda negociada pelo agricultor. A comercialização antecipada foi compensatória, pois com o preço garantido o produtor ficou menos susceptível às oscilações do mercado. Com isso a lucratividade não fica tão impactada quando se compara com as despesas que os produtores têm com os insumos, visto que são adquiridos em dólar. Grande parte da produção dos subprodutos, óleo e farelo, seguem para São Paulo e Santa Catarina.



Em Goiás a área plantada com o girassol ficou em 8,5 mil hectares, acréscimo de 14,9% em relação à safra anterior que foi de 7,4 mil hectares, a produção ficou em 13,6 mil toneladas, acréscimo de 32% em relação à safra 2014/15 que foi de 10,3 mil toneladas, incremento também na produtividade de 15,4%, saindo de 1.386 kg por hectares da safra passada, ficando em 1.600 kg por hectares na atual safra. As áreas plantadas no estado encontram-se em desenvolvimento vegetativo.

Em Minas Gerais o presente levantamento sinaliza tendência de redução de 32,9% na área de plantio, passando de 14 mil hectares em 2014/15 para 9,4 mil hectares na safra atual, em face dos fracos resultados alcançados na safra passada, que sofreu perdas com a intensificação de doenças, notadamente mofo branco, e devido, também, à insatisfação dos produtores com o elevado índice de descontos aplicado no

recebimento do produto para fins de cumprimento dos contratos de comercialização. Dados ainda sujeitos a confirmar no próximo levantamento, visto que algumas intenções de plantio ainda não haviam sido confirmadas. Na safra passada os resultados ficaram aquém da expectativa, visto que o prolongamento das chuvas ao longo do primeiro semestre concorreu para intensificação de doenças e comprometimento da produção. Dessa forma, a produtividade média esperada é de 1.500 kg/ha, superior em 2,4% ao obtido na safra anterior, expectativa que pode ser revertida pela ausência de chuva ao longo deste mês de abril. Isto posto, a produção pode atingir 14,1 mil toneladas, 31,2% abaixo da safra passada. O plantio normalmente ocorre em março e abril, com previsão de colheita entre julho e agosto. Lavouras já plantadas se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo.

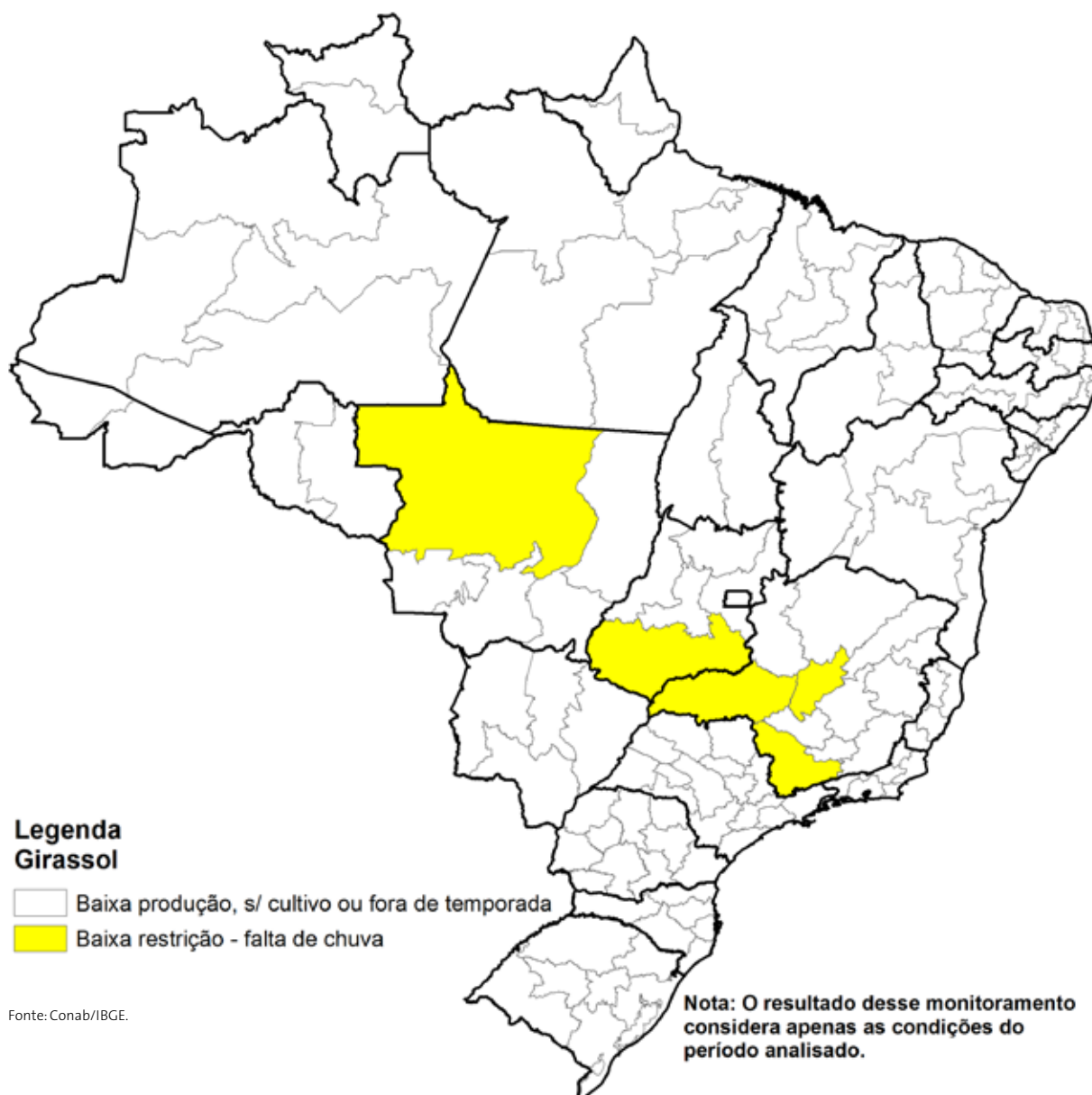
Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 28 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 12 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol				<ul style="list-style-type: none"> - norte de MT (DV/F) - sul de GO (F) - Triângulo e sul de MG (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.







































Tabela 40– Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	29,8	(68,4)	1.352	1.480	9,5	127,4	44,1	(65,4)
MT	86,4	20,9	(75,8)	1.348	1.431	6,2	116,5	29,9	(74,3)
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.500	-	0,6	0,6	-
GO	7,4	8,5	14,9	1.386	1.600	15,4	10,3	13,6	32,0
SUDESTE	14,0	9,4	(32,9)	1.465	1.500	2,4	20,5	14,1	(31,2)
MG	14,0	9,4	(32,9)	1.465	1.500	2,4	20,5	14,1	(31,2)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	42,5	(61,9)	1.374	1.474	7,3	153,2	62,6	(59,1)
BRASIL	111,5	42,5	(61,9)	1.374	1.474	7,3	153,2	62,6	(59,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

8.1.6. MAMONA

As expectativas para a safra 2015/16 de mamona é de redução de área, alcançando 72 mil hectares, que representa decréscimo de 12,3% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

Para a Bahia a estimativa é de que sejam cultivados 61,3 mil hectares, redução de 12,6% em relação à safra anterior, que foi de 70 mil hectares, produção de 37,9 mil toneladas de mamona, redução de 15,6% em relação à safra passada que foi de 44,9 mil toneladas e produtividade de 619 kg/ha, decréscimo de 3,3% em

relação à safra 2014/15, que ficou em 640 kg/ha. Era aguardado um expressivo aumento de área em relação à safra anterior, no entanto, não foi confirmado até o momento, podendo ser atribuído o desestímulo à baixa incidência de chuvas e à falta de sementes. Outro motivo apontado para diminuição da produção é o fato de que as plantas remanescentes da safra 2014/15, que se somaria com o volume de produção da safra 2015/16, por não terem resistido às condições climáticas adversas do ano anterior. No território de Irecê, com a grande quantidade de chuva em janeiro e a estiagem nos meses seguintes dificultou o plantio



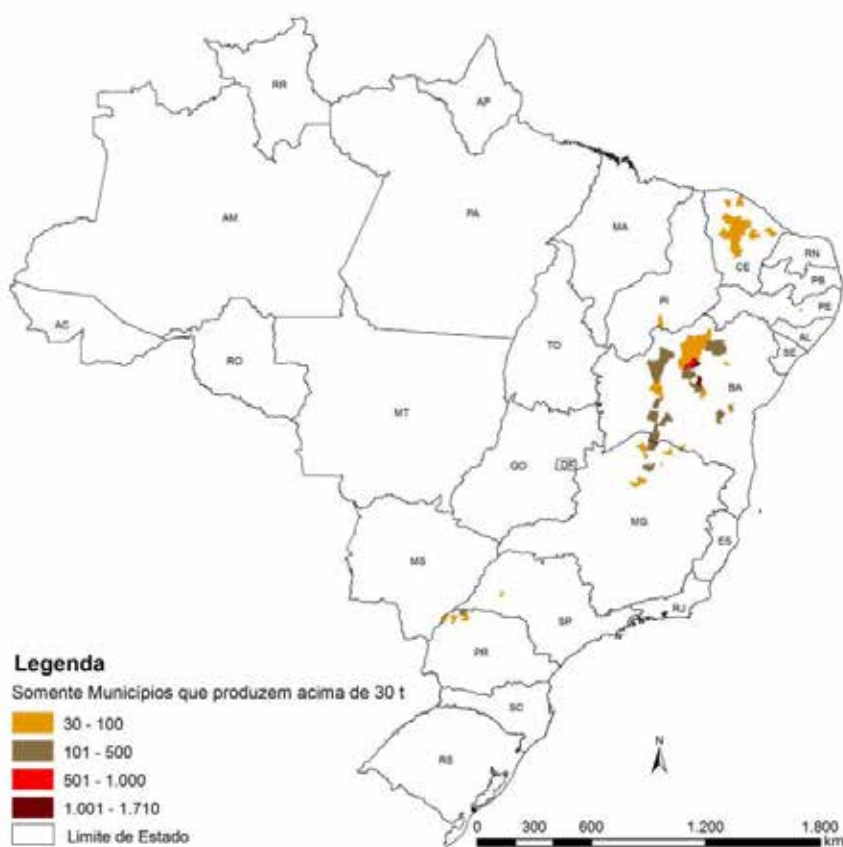
da cultura. O preço do produto no mercado está bom, porém, agricultores relatam que a comercialização da mamona vem sendo realizada por atravessadores, o que constitui um desestímulo para o produtor da oleaginosa na região. Na região de Irecê, principal produtora, estima-se que a cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo.

O Ceará apresenta uma área de 9,7 mil hectares, incremento de 7,8% na área em relação à safra passada, que foi de 9 mil hectares. Produção de 3,1 mil toneladas, acréscimo de 121,4% em relação à safra passada, que foi de 1,4 mil toneladas. A produtividade de 319 kg/ha mostra crescimento de 104,5% em relação à safra 2014/15, que ficou em 156 kg/ha. O plantio está sendo realizado de janeiro a abril. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação. O município que possui maior área estimada é Tauá, com 1.436 hectares. As sementes são geralmente doadas pelo governo estadual e distribuídas pela

Ematerce, onde cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até 10 hectares, porém esta empresa está com dificuldades para distribuir essas sementes, por esta razão os produtores estão deixando de plantar. O principal motivo para essa desistência é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do terreno, através da cessão de tratores para o preparo do solo.

Minas Gerais confirma a forte tendência de redução das áreas de cultivo de mamona, estimado em 50%, em razão dos resultados insatisfatórios, por motivos de rendimento ou em relação à comercialização. Concentrado, basicamente na região Norte de Minas, o plantio da mamona está estimado em 0,4 mil hectares. A produtividade está estimada em 920 kg/ha, 200,7% maior em comparação com a safra passada, que foi de 306 kg/ha, incremento também na produção de 0,4 mil toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 0,2 mil toneladas, variação de 100%.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.







Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	71,6	(11,9)	576	579	0,6	46,8	41,4	(11,5)
PI	0,6	0,6	-	506	727	43,7	0,3	0,4	33,3
CE	9,0	9,7	7,8	156	319	104,5	1,4	3,1	121,4
PE	1,6	-	(100,0)	142	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	61,3	(12,6)	640	619	(3,3)	44,9	37,9	(15,6)
SUDESTE	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
MG	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
NORTE/NORDESTE	81,3	71,6	(11,9)	576	579	0,6	46,8	41,4	(11,5)
CENTRO-SUL	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
BRASIL	82,1	72,0	(12,3)	573	581	1,4	47,0	41,8	(11,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No oitavo levantamento a área com milho primeira safra apresentou redução de 10,6%, atingindo 5.488,8 mil hectares quando comparada com a safra passada, 6.142,3 mil hectares. Na Região Centro-Sul ocorreu a maior redução nacional, estimada em 13,4%, quando comparado com o exercício anterior.

No Rio Grande do Sul a área semeada com milho na safra 2015/16 sofreu nova redução – 4,6%, quando comparado com a pesquisa do sétimo levantamento e 12,5% quando se coteja com a safra passada. Este

quadro relaciona-se com o alto custo de produção, à concorrência com o milho produzido no Paraná e Mato Grosso, além de áreas perdidas para soja. Outro fator que influenciou no número da área de milho foi a segregação das lavouras destinadas ao milho silagem. Está mantido o crescimento dessa atividade o que a torna cada vez mais significativa na produção de alimento para as atividades pecuárias. A colheita do milho semeado no trimestre agosto/setembro/outubro está próxima do final. As lavouras, tanto da zona sul quanto da região norte do estado semeadas mais



tarde já ultrapassaram 50% da colheita. Segundo os informantes, ainda restam na lavoura cerca de 40% da área semeada. A colheita foi interrompida para atender a soja que é mais perecível. Isso justifica, em parte, a escassez do produto no mercado. O resultado obtido e a projeção para o restante da safra, permite estimar que a produtividade dessa safra é recorde para o Rio Grande do Sul - 7.207 kg/ha. O resultado foi proporcionado pelo desempenho da lavoura de sequeiro, que favorecida pelo clima, alcançou em algumas regiões, produtividade igual ou superior a lavoura irrigada. O comportamento dos preços de mercado está sendo apontado com um estímulo para o crescimento da lavoura. A tendência é de aumento de área na próxima safra que começará ser semeada em julho.

No Paraná a safra de verão já está praticamente colhida, sendo que o pouco milho que resta é de pequenos produtores que usam o cereal na própria propriedade para alimentação animal. Neste momento os produtores relutam em vender o produto, acreditando que os preços poderão subir ainda mais. Apesar do preço vantajoso, os produtores não estão fixando o grão para venda. Segundo informação dos entrevistados, os produtores estão capitalizados, e somente fixam o grão quando é necessário o pagamento de certos custos da propriedade.

Em Santa Catarina, as chuvas irregulares desde o início do ciclo, além de retardar o plantio comprometeram o desenvolvimento das lavouras em consequência da baixa luminosidade. Além de dificultar o desenvolvimento do sistema radicular, causar lixiviação dos nutrientes aplicados no plantio e, em alguns locais, erosão do solo, as lavouras sofreram a influência das geadas em setembro passado o que obrigou em locais pontuais, a realização de replantios. A estiagem por 20 dias no mês de janeiro também afetou o rendimento das lavouras, mais precisamente as que se encontravam nos estágios de floração e granação.

Na Região Sudeste as lavouras apresentaram bom desenvolvimento em termos de produtividade. Em Minas Gerais o plantio de milho da primeira safra, apresentou uma forte queda na área de 18,1% em relação à safra anterior, passando de 1.022,4 mil ha para 837,4 mil ha. Além dos custos de produção que sofreram aumento substancial, os produtores enfrentaram dificuldades para obtenção de financiamento, e como as perspectivas eram mais favoráveis para o mercado de soja, acabaram optando por aumentar o plantio de soja na safra de verão. Com o atraso das chuvas, o plantio foi iniciado mais cedo apenas em áreas de pivô, concentrando-se notadamente no mês de novembro, e sendo finalizado em dezembro.

O rendimento médio ainda está estimado conser-

vadoramente, em 6.100 kg/ha, 14,2% acima da safra anterior, que foi prejudicada pela estiagem, que será melhor avaliado após a colheita, prevista para se estender até maio/junho. As lavouras se encontram em fase maturação (40%) e colheita (60%).

Em São Paulo o desenvolvimento das lavouras, tem se mostrado bastante satisfatório ao longo de todo o ciclo de desenvolvimento, em razão das excelentes condições climáticas que ocorreram em praticamente todas as regiões produtoras do estado. A produtividade teve um crescimento de 4,7% atingindo 6.164 kg/ha, em relação ao que ocorreu na safra passada.

Na Região Centro-Oeste o desempenho das lavouras, confirmaram no seu aspecto geral, os dados levantados no mês anterior. Em Goiás, praticamente 90% da área estadual encontra-se colhida, com rendimento médio atingindo 7.636 kg/ha, auxiliado pelo clima que não trouxe maiores comprometimentos e pelo fato da maior parte dessa lavoura ter sido plantada nas regiões que utilizam alta tecnologia.

Em Mato Grosso do Sul, o uso do aporte tecnológico, juntamente com o clima favorável, contribuíram para manter a alta produtividade da cultura no estado, que está estimada atingir 9.000 kg/há. Apesar das chuvas frequentes que atrapalhavam a entrada das máquinas nas lavouras, a partir do final de fevereiro, com um maior período de insolação, o manejo adequado pode ser realizado.

Na Região Norte e Nordeste a área plantada apresentou forte variação negativa de 6,5%, quando comparada com a do exercício anterior. Na região do Matopiba as condições climáticas desfavoráveis ao plantio, observadas em novembro e dezembro, foram os grandes responsáveis por esse desempenho. No Maranhão a cultura se encontra atualmente em início de colheita. Em consequência do forte veranico ocorrido na fase de plantio houve redução acentuada na área de plantio quando comparado à safra anterior de 28,1%, com uma produtividade média em torno de 2.677 kg/ha em virtude do forte veranico coincidindo com o estágio reprodutivo das lavouras.

No Piauí, as adversidades climáticas tem comprometido o desenvolvimento das lavouras, cujo rendimento esperado deverá apresentar uma diferença acentuada em relação as possibilidades que o pacote tecnológico (agricultura empresarial) da cultura, pode estabelecer. Produtores ainda esperam por chuvas nos primeiros dias de maio, como forma de melhorar o rendimento da cultura.

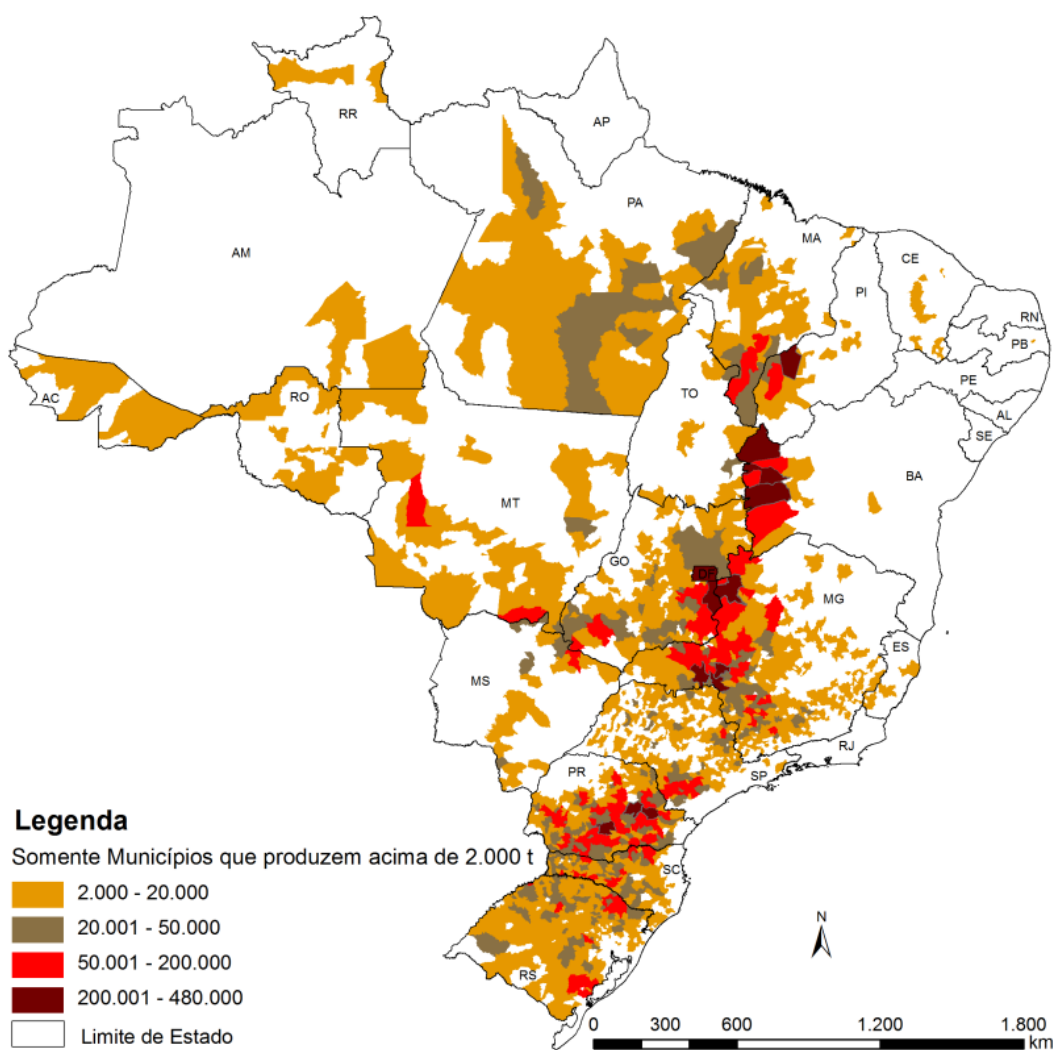
Na Bahia a atual safra de milho será cultivada numa área de 342,4 mil hectares. Apesar das expectativas



iniciais positivas, a estiagem observada entre fevereiro e abril prejudicou seriamente as lavouras. Dentre as motivações inicialmente elencadas para motivar a cultura, deve-se destacar a maior oferta de sementes disponibilizada para os produtores nesta safra, as boas expectativas criadas com as chuvas de janeiro e as condições favoráveis do mercado para o milho. Infelizmente, essas expectativas foram frustradas com a forte estiagem ocorrida. Projeta-se uma redução de 18,9% na produtividade da atual safra, quando comparado com o período anterior.

Em Tocantins a lavoura desponta como uma das que apresentaram grande incremento na área plantada, com uma variação de 14,7% em relação à safra anterior. Este desempenho resultou da substituição do plantio da soja, em regiões onde não foi possível finalizar a semeadura da oleaginosa. Considerando que a colheita só iniciará após a conclusão da colheita da soja, o forte impacto causado pela redução das chuvas sobre os números de produtividade deverão ser melhor dimensionados no próximo levantamento.

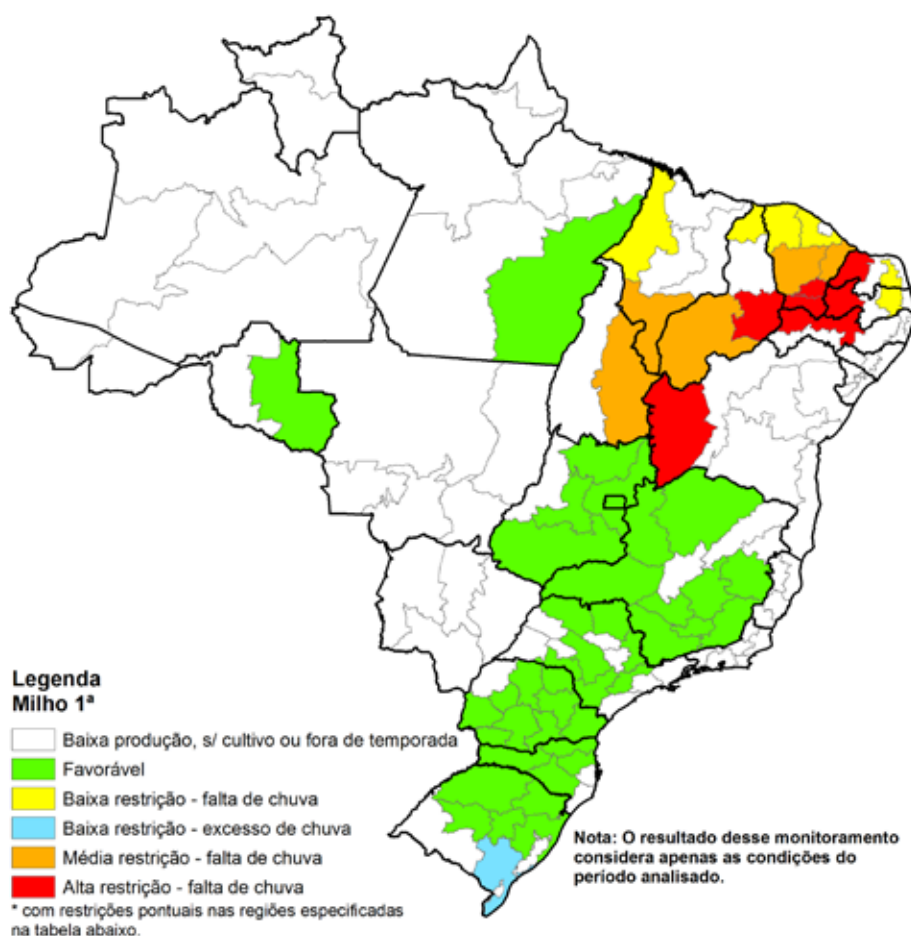
Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 31 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 15 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

























































































































































































































Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- sudeste do PA (FR/M)	- sudeste do RS (C) - regiões pontuais do centro e nordeste do RS (C)	- leste de RO (C) - todo estado de GO (C) - DF (C) - todo estado de MG (C) - todo estado de SP (C) - todo estado do PR (C) - todo estado de SC (C) - noroeste do RS (C) - centro e nordeste RS (C), exceto regiões pontuais.	- leste de TO (FR) - oeste do MA (FR/M) - sul do MA (FR) - extremo norte e sudeste do PI (FR) - sudoeste do PI (FR) - todo estado do CE (FR) - oeste do RN (FR) - Agreste do RN (DV/F) - Sertão de PE (FR) - Sertão da PB (FR) - Agreste da PB (DV/F) - oeste da BA (FR) - oeste da BA (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	367,4	(6,7)	3.239	3.112	(3,9)	1.275,5	1.143,4	(10,4)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	37,7	(18,0)	2.174	2.171	(0,1)	100,0	81,8	(18,2)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.561	9,8	96,3	101,4	5,3
AM	15,5	6,7	(56,8)	2.540	2.573	1,3	39,4	17,2	(56,3)
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	203,2	(7,1)	3.232	3.135	(3,0)	706,8	637,0	(9,9)
TO	64,3	73,8	14,7	4.914	3.934	(19,9)	316,0	290,3	(8,1)
NORDESTE	2.056,5	1.924,2	(6,4)	2.165	1.898	(12,4)	4.452,9	3.651,6	(18,0)
MA	380,1	273,3	(28,1)	2.500	2.677	7,1	950,3	731,6	(23,0)
PI	380,5	471,1	23,8	2.495	2.501	0,2	949,3	1.178,2	24,1
CE	480,6	492,1	2,4	315	669	112,4	151,4	329,2	117,4
RN	25,9	35,1	35,5	288	572	98,6	7,5	20,1	168,0
PB	62,9	91,3	45,2	322	573	78,0	20,3	52,3	157,6
PE	214,7	218,9	2,0	271	382	40,8	58,2	83,6	43,6
BA	511,8	342,4	(33,1)	4.525	3.670	(18,9)	2.315,9	1.256,6	(45,7)
CENTRO-OESTE	361,6	343,2	(5,1)	6.930	7.574	9,3	2.506,0	2.599,3	3,7
MT	63,6	54,0	(15,1)	7.205	7.282	1,1	458,2	393,2	(14,2)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.636	14,1	1.677,2	1.881,5	12,2
DF	26,8	26,8	-	7.326	6.740	(8,0)	196,3	180,6	(8,0)
SUDESTE	1.435,4	1.236,6	(13,8)	5.436	6.070	11,7	7.802,1	7.506,4	(3,8)
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,0)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	392,6	382,4	(2,6)	5.889	6.164	4,7	2.312,0	2.357,1	2,0
SUL	1.895,0	1.617,4	(14,6)	7.412	7.509	1,3	14.045,5	12.145,9	(13,5)
PR	542,5	424,4	(21,8)	8.633	8.052	(6,7)	4.683,4	3.417,3	(27,0)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.560	(2,5)	3.189,1	2.797,2	(12,3)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.207	9,9	6.173,0	5.931,4	(3,9)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.291,6	(6,5)	2.338	2.092	(10,5)	5.728,4	4.795,0	(16,3)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.197,2	(13,4)	6.596	6.960	5,5	24.353,6	22.251,6	(8,6)
BRASIL	6.142,3	5.488,8	(10,6)	4.898	4.928	0,6	30.082,0	27.046,6	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A área plantada prevista para esta temporada deverá apresentar incremento de 6,4% em relação à safra passada. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o país, especialmente na Região Centro-Oeste, maior região produtora do país. Em Mato Grosso, os trabalhos relacionados ao plantio de milho perduraram em algumas regiões até o final de março. Com isso, observou-se a continuidade do comportamento por parte dos produtores semelhante ao ocorrido nas safras anteriores, quando arriscavam plantar o cereal muito fora da janela ideal, e mesmo assim, obtinham bons rendimentos, uma vez que às chuvas se prolongavam pelo mês de abril até maio. A repetição desse quadro não ocorreu nesta safra, estimando-se no atual levantamento uma produtividade parcial de 5.689 kg/ha. Na semana do levantamento realizado pela Conab - 17 a 23/04, a maior parte da lavoura já ultrapassava o estágio de desenvolvimento vegetativo, e a partir daí a planta exigirá uma maior demanda hídrica, que se não for atendida,

afetará o desenvolvimento das lavouras, comprometendo o rendimento de boa parte do cereal plantado na atual safra.

No Paraná o plantio foi concluído e as lavouras encontram-se nos estágios de desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação. As regiões de Londrina, Cornélio Procopio, Jacarezinho, Palotina e Umuarama que ficaram entre 25 a 32 dias sem receberem chuvas, acompanhado de altas temperaturas registradas durante o dia e a noite, já estão sujeitas a redução do potencial produtivo, principalmente nas lavouras que se encontravam nos estágios de enchimento de grãos. Registra-se também chuvas de granizo ocorrido em Santa Mariana e Cornélio Procopio onde foram perdidos aproximadamente 1.850 hectares, dos quais 400 foram replantados. Na semana do levantamento (dias 25 e 26/04) ocorreram chuvas nessa região em volumes de 77 mm a 82 mm, amenizando o déficit hídrico.

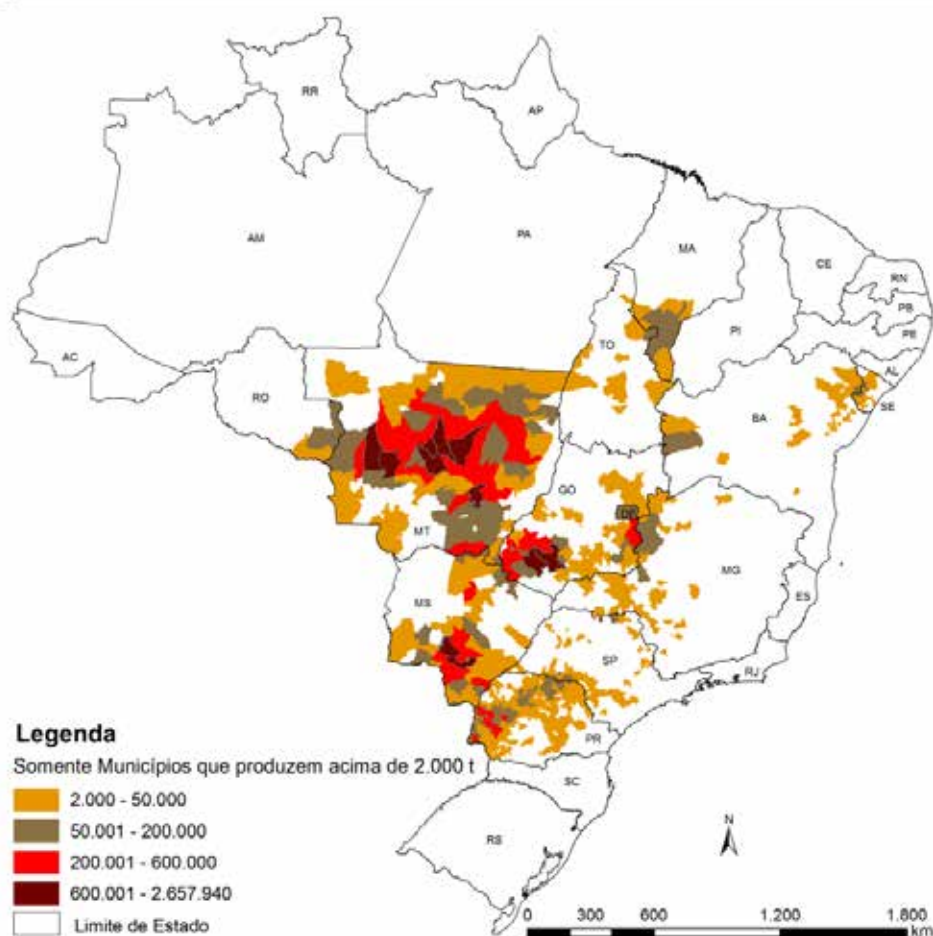


Assim como ocorreu com a primeira safra, o investimento tecnológico foi muito alto e as previsões foram feitas baseadas numa produtividade excelente. Essa expectativa de produtividade inicial não deverá ocorrer, mas o volume total colhido ainda será grande devido ao forte incremento da área plantada em todas as regiões do Estado.

No Mato Grosso do Sul, a semeadura do milho segunda safra foi encerrada. Um grande percentual do plantio ocorreu a partir da segunda quinzena de março, terminando apenas no início da segunda quinzena de abril. Os estágios da cultura variam desde o desenvolvimento vegetativo até a fase de enchimento de grãos, em proporções bastante parecidas, refletindo esta situação atípica de safra. Observou-se neste levantamento uma redução na expectativa de produtividade para esta safra, tendo em vista as condições climáticas desfavoráveis ocorridas até fins de abril, quando completou-se 30 dias de estiagem, acompanhadas por elevadas temperaturas na maior parte das regiões produtoras. Esta condição propiciou o surgimento de pragas como as lagartas-do-cartucho, percevejos bariga-verde e marrons.

Outro fator levantado pela pesquisa está relacionada às lavouras plantadas antecipadamente. Como o plantio coincidiu com o período de chuvas até então abundantes, as plantas em suas fases iniciais não necessitaram aprofundar tanto o sistema radicular em busca de umidade e nutrientes. Conforme as precipitações cessaram e as temperaturas médias se elevaram, a umidade do solo decaiu rapidamente, não sendo acompanhada pelo aumento da área de exploração das raízes, o que agravou o estresse hídrico, numa fase onde as lavouras encontravam-se em floração e na fase inicial de enchimento de grãos. Têm-se portanto uma situação onde são esperados melhores resultados nas lavouras plantadas antecipadamente (aproximadamente 20% da área) e nas lavouras plantadas tardiamente (aproximadamente 20% da área). A posição consolidada da área brasileira de milho nesta temporada, reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir na temporada atual 15.655,1 mil hectares, representando uma redução de 0,2% em relação ao ocorrido no ano passado.

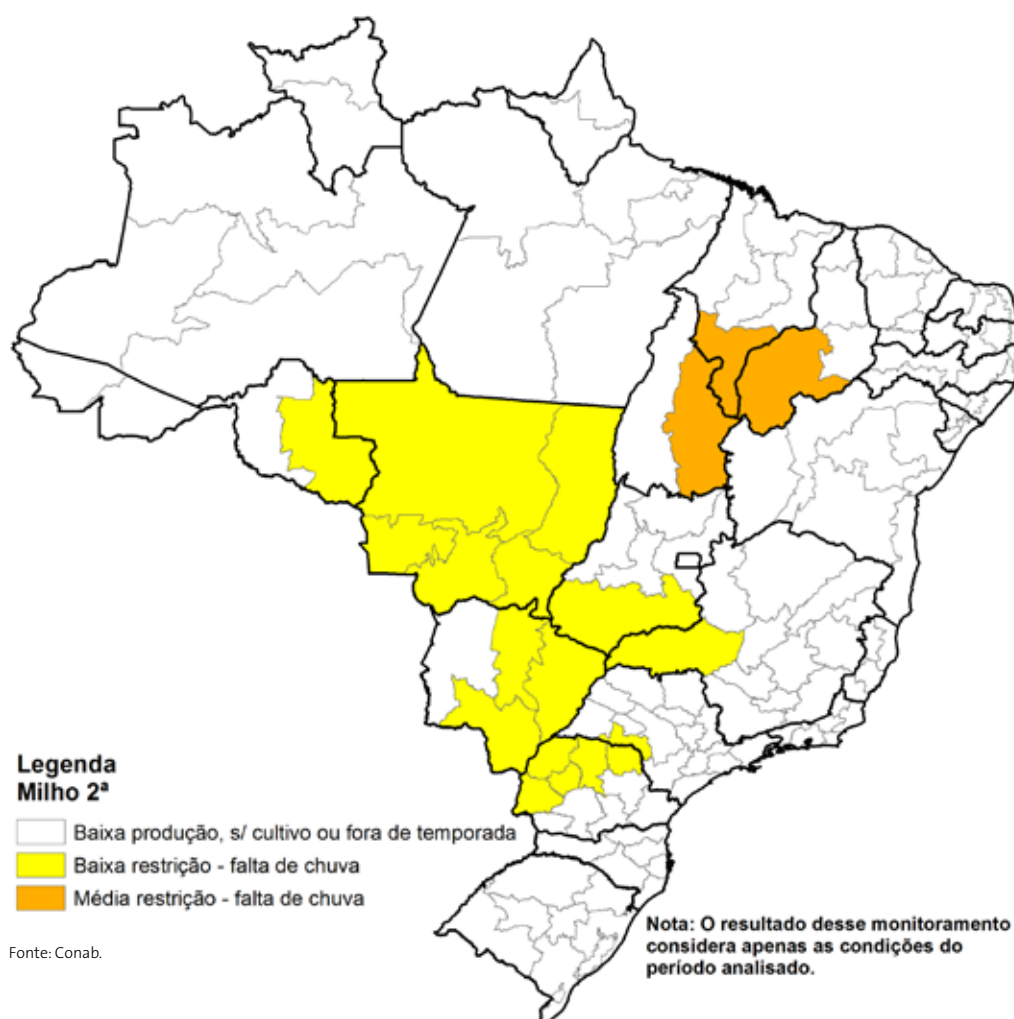
Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 33 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 17 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*










































































































Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra				<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (F/FR) - leste de TO (F/FR) - sul do MA (F/FR) - sudoeste do PI (F/FR) - sul de SP (FR) - Triângulo de MG (F/FR) - sul de GO (FR) - todo estado do MT (FR) - todo estado do MS (FR) - norte e oeste do PR (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

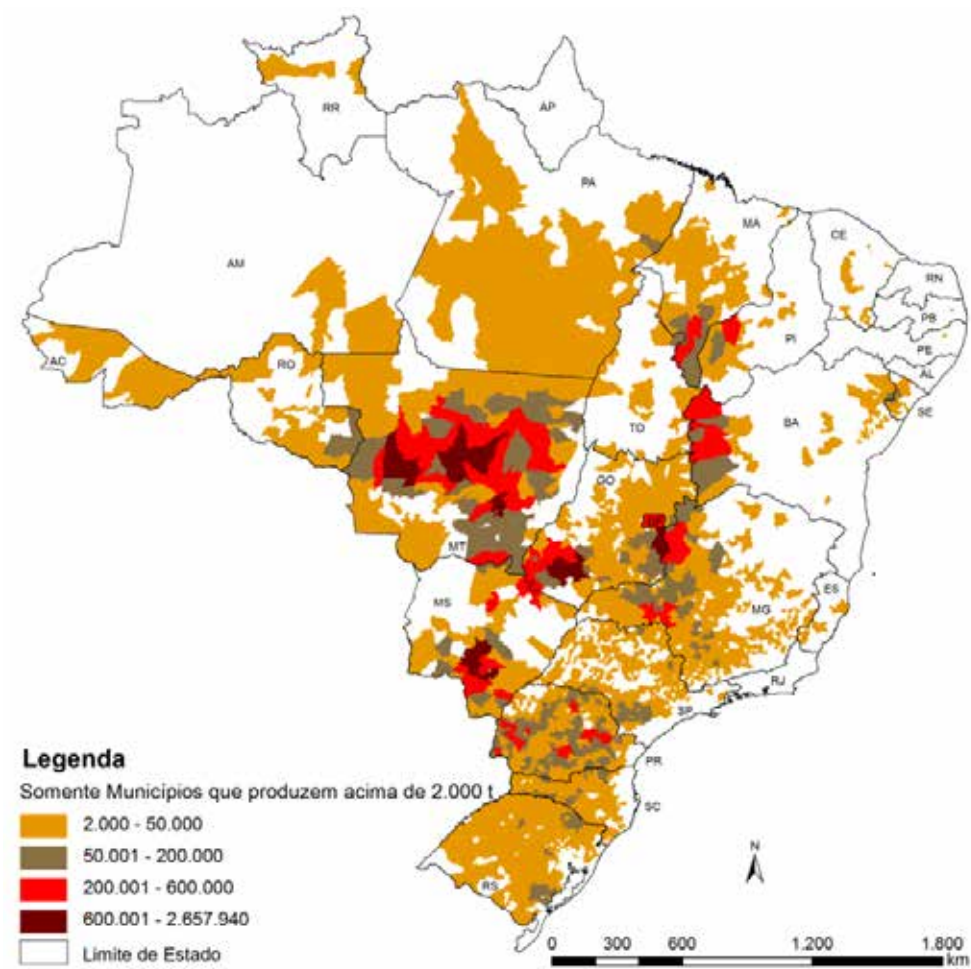
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	200,4	(26,7)	4.700	4.406	(6,3)	1.285,6	882,9	(31,3)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.611	-	551,3	551,0	(0,1)
TO	154,0	80,9	(47,5)	4.768	4.102	(14,0)	734,3	331,9	(54,8)
NORDESTE	618,9	590,5	(4,6)	2.893	2.800	(3,2)	1.790,2	1.653,4	(7,6)
MA	134,2	67,9	(49,4)	3.867	3.500	(9,5)	519,0	237,7	(54,2)
PI	25,9	20,3	(21,8)	4.437	4.284	(3,4)	114,9	87,0	(24,3)
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	252,5	296,0	17,2	1.812	1.812	-	457,5	536,4	17,2
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.370,5	4,1	6.060	5.304	(12,5)	37.076,1	33.787,4	(8,9)
MT	3.352,9	3.442,4	2,7	6.056	5.664	(6,5)	20.305,2	19.497,8	(4,0)
MS	1.615,0	1.615,0	-	5.640	5.050	(10,5)	9.108,6	8.155,8	(10,5)
GO	1.112,3	1.274,7	14,6	6.578	4.556	(30,7)	7.316,7	5.807,5	(20,6)
DF	38,4	38,4	-	9.000	8.500	(5,6)	345,6	326,4	(5,6)
SUDESTE	625,3	797,7	27,6	5.212	4.695	(9,9)	3.259,1	3.745,3	14,9
MG	255,2	357,5	40,1	5.505	5.200	(5,5)	1.404,9	1.859,0	32,3
SP	370,1	440,2	18,9	5.010	4.285	(14,5)	1.854,2	1.886,3	1,7
SUL	1.914,3	2.207,2	15,3	5.840	5.817	(0,4)	11.179,5	12.839,3	14,8
PR	1.914,3	2.207,2	15,3	5.840	5.817	(0,4)	11.179,5	12.839,3	14,8
NORTE/NORDESTE	892,4	790,9	(11,4)	3.447	3.207	(7,0)	3.075,8	2.536,3	(17,5)
CENTRO-SUL	8.658,2	9.375,4	8,3	5.950	5.373	(9,7)	51.514,7	50.372,0	(2,2)
BRASIL	9.550,6	10.166,3	6,4	5.716	5.204	(9,0)	54.590,5	52.908,2	(3,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	567,8	(14,9)	3.838	3.569	(7,0)	2.561,0	2.026,4	(20,9)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	157,2	(5,0)	3.935	4.026	2,3	651,3	632,9	(2,8)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.561	9,8	96,3	101,4	5,3
AM	15,5	6,7	(56,8)	2.540	2.573	1,3	39,4	17,2	(56,3)
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	203,2	(7,1)	3.232	3.135	(3,0)	706,8	637,0	(9,9)
TO	218,3	154,7	(29,1)	4.811	4.022	(16,4)	1.050,2	622,2	(40,8)
NORDESTE	2.675,4	2.514,7	(6,0)	2.333	2.110	(9,6)	6.243,1	5.305,1	(15,0)
MA	514,3	341,2	(33,7)	2.857	2.841	(0,6)	1.469,2	969,3	(34,0)
PI	406,4	491,4	20,9	2.619	2.575	(1,7)	1.064,3	1.265,2	18,9
CE	480,6	492,1	2,4	315	669	112,4	151,4	329,2	117,4
RN	25,9	35,1	35,5	288	572	98,6	7,5	20,1	168,0
PB	62,9	91,3	45,2	322	573	78,0	20,3	52,3	157,6
PE	214,7	218,9	2,0	271	382	40,8	58,2	83,6	43,6
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	764,3	638,4	(16,5)	3.629	2.809	(22,6)	2.773,4	1.793,0	(35,4)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.713,7	3,6	6.108	5.420	(11,3)	39.582,1	36.386,8	(8,1)
MT	3.416,5	3.496,4	2,3	6.077	5.689	(6,4)	20.763,4	19.891,0	(4,2)
MS	1.635,5	1.631,0	(0,3)	5.676	5.089	(10,3)	9.282,9	8.299,8	(10,6)
GO	1.363,0	1.521,1	11,6	6.599	5.055	(23,4)	8.993,9	7.689,0	(14,5)
DF	65,2	65,2	-	8.312	7.777	(6,4)	541,9	507,0	(6,4)
SUDESTE	2.060,7	2.034,3	(1,3)	5.368	5.531	3,0	11.061,2	11.251,7	1,7
MG	1.277,6	1.194,9	(6,5)	5.373	5.831	8,5	6.864,5	6.967,1	1,5
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	762,7	822,6	7,9	5.462	5.158	(5,6)	4.166,2	4.243,4	1,9
SUL	3.809,3	3.824,6	0,4	6.622	6.533	(1,3)	25.225,0	24.985,2	(1,0)
PR	2.456,8	2.631,6	7,1	6.457	6.177	(4,3)	15.862,9	16.256,6	2,5
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.560	(2,5)	3.189,1	2.797,2	(12,3)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.207	9,9	6.173,0	5.931,4	(3,9)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.082,5	(7,8)	2.634	2.378	(9,7)	8.804,1	7.331,5	(16,7)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.572,6	1,8	6.143	5.776	(6,0)	75.868,3	72.623,7	(4,3)
BRASIL	15.692,9	15.655,1	(0,2)	5.396	5.107	(5,3)	84.672,4	79.955,2	(5,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Apesar da intenção de plantio milho dos Estados Unidos, publicada em março/16, os preços em Chicago, em abril, tiveram um pequeno incremento em relação à variação das cotações do mês anterior, em função do aumento das exportações norte americanas e a situação climática adversa da América do Sul, variando entre US\$ 3,54 (US\$ 139,52/t) e US\$ 3,90/bushel (US\$ 153,61/t).

A cotação da moeda norte americana, por sua vez, variou entre R\$ 3,45 e 3,69, o que permite uma paridade de exportação média de R\$ 32,45/60Kg.

Por sua vez, os preços domésticos chegaram a ultrapassar R\$ 30,00/60Kg no Mato Grosso e R\$ 40,00/60Kg no Paraná e Rio Grande do Sul.



Nas praças demandantes dos Nordeste, as cotações domésticas estão variando entre R\$ 54,00 e 56,00/60Kg, o que permitiu uma importação, por parte de algumas granjas, de pouco mais de 105 mil toneladas em abril, sendo a maior parte destinada à Santa Catarina, Paraná, Pernambuco e Paraíba, indicando a necessidade do mercado interno pelo cereal e de que, possivelmente, se atinja pelo menos 1,0 milhão de toneladas de importação até o fim da safra 2015/16.

Com a estimativa de produção de 79,9 milhões de toneladas, o cenário conjuntural do milho tende a se agravar, provocando, inclusive aumento das importações. Os preços devem permanecer elevados, visto que as exportações, até o momento, permanecem altas, porém com pequena redução em relação ao levantamento anterior, de 30,4 para 28,4 milhões de toneladas e, dentro de um consumo de 58,4 milhões de toneladas, o estoque final para início de fevereiro de 2017 pode chegar a 5,2 milhões apenas, ou seja, menos de um mês de consumo e o menor volume desde a safra 2006/07.

8.1.8. SOJA

O oitavo levantamento aponta um aumento nacional na área plantada de 3,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, confirmou o incremento de 2,1% em relação à safra passada e a colheita da safra 2015/16 encontra-se na reta final.

A safra 2015/16 está praticamente finalizada em Mato Grosso, apresentando ainda alguns registros em áreas isoladas, especialmente na Região Sudeste. Os níveis de produtividade alcançado nesta temporada, ficaram aquém do esperado, com rendimento médio no estado de 2.956 kg/ha, que é o menor nível ocorrido desde a temporada 2006/07, quando se atingiu 2.997 kg/ha. Contribuiu para o fraco rendimento, a escassez e a irregularidade das chuvas que perduraram durante todo desenvolvimento da atual safra. Aguardava-se uma recuperação das lavouras plantadas com sementes de ciclo médio e tardio, fato que não ocorreu. Adicionalmente, observa-se forte incidência de soja classificada como regular ou ruim, devido às avarias dos grãos fora do padrão ideal para comercialização, principalmente na região Médio Norte.

Em Mato Grosso do Sul as informações obtidas junto aos órgãos pesquisados dão por encerrada a colheita no estado. A produtividade média foi de 2.990 kg/ha, representando uma redução de 4,2% em relação à safra 2014/15. Os roteiros mais afetados pelas instabilidades do clima e excesso de chuvas foram os do sul do estado, com média de 3.003 kg/ha e centro-sul, com 2.819 kg/ha, apresentando redução da produtivi-

O número de exportação continua elevado visto que já foram exportadas, no início da safra, 7,8 milhões de toneladas e, segundo, informações de entidades regionais, corretoras de grãos tradings e cooperativas, o volume de milho da segunda safra já comercializado é pouco mais de 20 milhões de toneladas.

Há algumas indicações que, diante do descolamento do preço interno e a paridade de exportação, bem como a tendência de forte demanda interna do 2º semestre, pode acontecer o fenômeno do mercado conhecido como “wash out”, que seria a recompra do produto já comercializado para atender o mercado interno.

No entanto, ainda é cedo para afirmar esta prática, visto que o produtor de carnes no Brasil tem um perfil de negociação no mercado spot ou de no máximo 30 dias, bem como o fato de que deve pesar sobre este tipo de negociação, o quanto deve se pagar de multa ou “pedágio” como é conhecido no mercado para desfazer o negócio de venda, além do custo logístico operacional deste processo.

dade em relação ao levantamento passado de -3,8% e -5,4%, respectivamente. Devidos às chuvas houve dificuldade e inviabilidade em algumas áreas para realizar os tratos culturais, observando-se a elevação dos percentuais de grãos avariados e ardidos, com perdas em alguns municípios, de áreas que não puderam ser colhidas. Já as regiões situadas no norte e sudoeste foram menos afetadas, apresentando médias melhores. A região norte apresentou média de 3.149 kg/ha, redução de -0,8% em relação ao levantamento passado. Já a região sudoeste apresentou média de 3.045 kg/ha, redução de -2,8% em relação ao levantamento anterior. Em linhas gerais, os melhores resultados na região centro-norte se devem basicamente ao bom clima, com precipitações bem distribuídas, que coincidiram com as fases mais críticas de desenvolvimento da cultura, principalmente em dezembro e fevereiro.

A colheita da soja em Goiás foi encerrada e a estiagem contribuiu para a agilização nos trabalhos de colheita, com a produtividade média atingindo 3.120 kg/ha, representando um incremento de 20,3% em relação à produtividade do ano anterior. Alguns relatos explicando a redução na produtividade estão relacionados ao excesso de chuvas e falta de luminosidade no início de janeiro, que prejudicou o enchimento de grãos.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja cresceu 3,9%, a maior parte em áreas semeadas com milho, áreas de campo nativo e áreas de pastagem, atingindo 5,455 milhões de hectares. Pelo segundo ano consecutivo ocorre o crescimento no plantio da segunda safra da oleaginosa, proporcionado pelo plane-



jamento dos produtores que usam híbridos de milho precoce semeados cada vez mais cedo (fim de julho e início de agosto) e pela utilização de áreas semeadas com milho para silagem, também colhido mais cedo. A colheita já superou 90% no estado. Na zona sul, há vários dias, o excesso de umidade não permite a entrada das máquinas para realizarem a colheita.

Em Santa Catarina a lavoura apresenta-se com mais de 80% das áreas colhidas e o resultado da safra ficou dentro das expectativas na maior parte das regiões. De modo geral, as primeiras lavouras colhidas apresentaram rendimento abaixo do esperado. A estiagem em janeiro interferiu em algumas lavouras, comprometendo parte do potencial produtivo esperado, resultando em médias cujas diferenças ultrapassaram 1.000 kg/ha ao comparar uma região com outra. Por outro lado, as lavouras mais tardias, apesar de terem sido mais beneficiadas pelo clima, foram mais atacadas por doenças, como a ferrugem asiática, a qual necessitou acompanhamento contínuo durante grande parte do ciclo da cultura. Em média o número de aplicações teve um crescimento de 10 a 20% devido ao ataque de doenças como a ferrugem, que devem impactar os custos de produção.

No Paraná a colheita encontra-se praticamente concluída, com registros negativos na produtividade obtida, especialmente na região norte. Foi constatado forte aumento nos custos desta safra devido ao excesso de chuvas e aos descontos referente a perda de qualidade dos grãos. Ocorreu uma grande dispersão nos rendimentos obtidos em todo o estado. Algumas regiões produtoras colheram menos de 2900 kg/ha, enquanto outras conseguiram ultrapassar 4.500 kg/ha. Com relação à evolução da segunda safra da oleaginosa as lavouras encontram-se nos estágios de frutificação e as suas condições são apontadas como regulares. A grande maioria das lavouras de segunda safra, são plantadas logo após a lavoura de feijão primeira safra ou das lavouras de milho para silagem, raramente a soja é plantada sobre área de soja, como acontece em algumas regiões.

Na Região Centro-Oeste a safra atual alcançou números no mesmo patamar da safra passada, e mesmo com os desafios de excesso de umidade e falta de luminosidade, o resultado foi considerado excelente. Foi apontada uma redução de produtividade em relação à safra anterior de 6% devido ao excesso de chuva na colheita. Na região oeste houve aumento de área em relação à safra anterior, ocupando as áreas do milho em função do quadro comercial mais favorável durante o planejamento do plantio. A associação de excesso de chuvas no período de novembro e dezembro, estiagem em janeiro, retorno das chuvas no final de fevereiro, com a consequente redução na luminosida-

de, contribuiu para a incidência de doenças e algum comprometimento na qualidade dos grãos. Na região centro sul as lavouras de soja plantadas no início da primavera tiveram produtividade comprometida devido à falta de luz na fase de desenvolvimento vegetativo e floração. As áreas plantadas em novembro e dezembro não sofreram tanto com a falta de luz, mas tiveram forte pressão da ferrugem asiática.

Em Minas Gerais confirmou-se a tendência de avanço do plantio de soja em áreas de milho, com a área estimada em 1.469,3 mil hectares, 11,4% acima da safra passada. À semelhança do milho, também o plantio da soja atrasou e uma pequena parcela irrigada foi plantada em outubro, com a concentração ocorrendo em novembro e a finalização se dando em dezembro. Estima-se que 90% das lavouras já foram colhidas. Há registros de casos pontuais de perdas por chuva na colheita, e houve também registros da ocorrência de pragas, como lagartas, e doenças, notadamente de final de ciclo e ferrugem, com necessidade de pronto controle através de pulverizações com inseticidas e fungicidas. Essas ações foram realizadas no início da segunda quinzena de janeiro, aproveitando a estiagem. Estima-se produtividade de 3.200 kg/ha, 20,4% acima da safra passada, que sofreu perdas com estiagem, notadamente nas áreas de plantio de soja precoce. Essa performance deverá concorrer para que o estado apresente nesta temporada o segundo maior percentual de incremento na produção nacional, estimado na ordem de 34,1% na sua produção, confirmando assim as expectativas iniciais, tanto em termos de produção quanto de qualidade.

Em São Paulo os preços atrativos, tanto no mercado interno quanto externo, ajudam a estimular o avanço da colheita, que se encontra na fase final. Nesta temporada a lavoura da oleaginosa sinaliza um ganho expressivo de área e também de produtividade devido, principalmente, às excelentes condições climáticas observadas durante todo o seu ciclo de desenvolvimento. Apresentou nesta safra crescimento na área de 8,1% e os níveis de produtividade tiveram evolução na ordem de 10,9%, comparativamente ao ano passado.

Na Região Norte e Nordeste a área de plantio da safra 2015/16, manteve-se inalterada em relação ao exercício anterior. Na Bahia estima-se que já foram colhidos cerca de 80% da lavoura. Estima-se que foram plantadas cerca de 1.520,0 mil hectares de soja, com uma produção de 3.347,7 mil toneladas. Esta estimativa representa um crescimento de 6,9% da área e redução de 20% da produção em relação à safra passada, devido ao veranico prolongado. As plantas de soja sofreram com estresse hídrico intenso no veranico de fevereiro, ocorrendo a morte de alguns estandes.



Não houve registros de perdas por ataque de pragas e doenças.

Em Tocantins o crescimento significativo registrado na área plantada em algumas localidades contribuiu para um resultado positivo de 3,5% se comparada à safra 2014/15. No entanto, a severa adversidade climática ocorrida durante todo o ciclo da cultura, influenciou diretamente na queda até agora estimada de 31,5% na produtividade e a conseqüente redução na produção estimada. Diferentemente dos dados já confirmados da área plantada, os atuais números da produção ainda poderão sofrer alterações, considerando que até esta oportunidade a colheita ainda não foi concluída. Com previsão de iniciar o plantio da soja irrigada em maio, a expectativa dos produtores é que as atuais adversidades climáticas não influenciem negativamente o plantio, uma vez que o total colhido desta oleaginosa é destinado exclusivamente à produção de sementes.

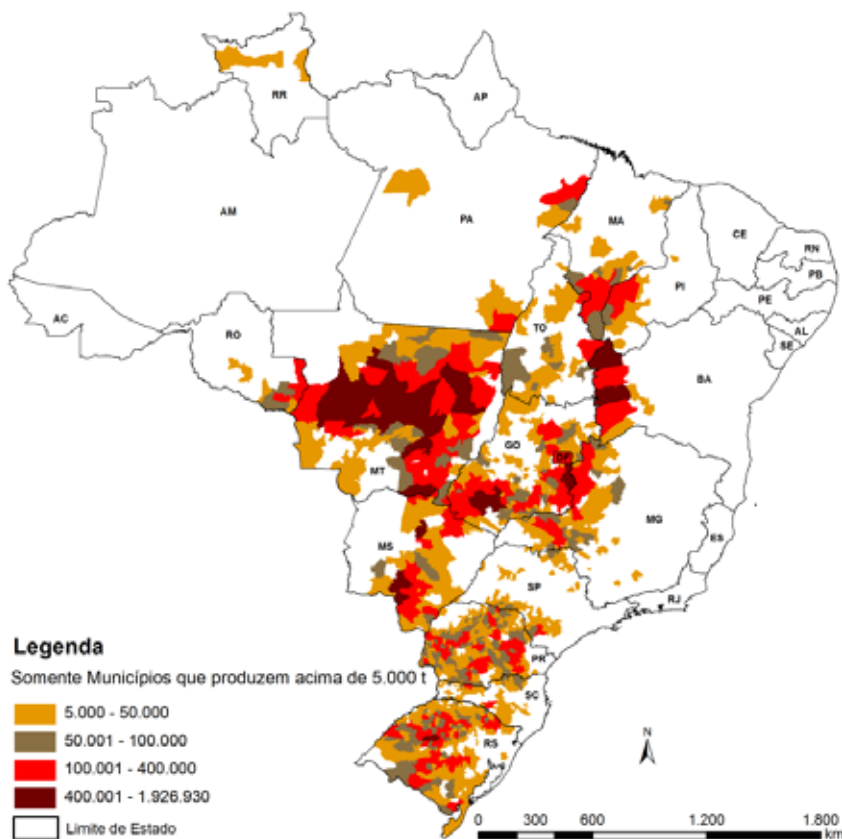
No Piauí o plantio de soja no cerrado piauiense iniciou-se entre os meses de outubro e novembro de 2015, sendo interrompidos em dezembro devido à escassez de chuvas. Em janeiro deste ano, com o retorno das precipitações pluviométricas, foram retomados os

plantios e em algumas áreas foram feito replantios. A colheita da soja segue avançando e atinge a marca de 50% da área estadual, estimada em 564,1 mil hectares. Para o atual exercício, a área de soja apresentou retração de 16,3% em relação à safra anterior. Esta diminuição foi motivada pelas irregularidades climáticas que vêm ocorrendo durante todo o período chuvoso no estado. É bom lembrar que para a área da cultura de soja, inicialmente havia indicadores de incrementos na ordem de 4,5%.

No Maranhão a soja na principal região produtora encontra-se na fase de colheita. Essa região situada no entorno do município de Balsas vem se destacando pelo crescente aumento na área, particularmente nos remanescentes de chapadas da região. O comportamento hídrico na região, observado durante todo o desenrolar da safra, provocou forte queda de produtividade, causado pelos recorrentes veranicos ocorridos no desenvolvimento da cultura.

A evolução no comportamento das lavouras de soja nesta temporada, aonde o clima apresentou destacada influencia, indica para a safra 2015/16, incremento de 0,8% na produção em relação à safra passada, totalizando 96.958,3 mil toneladas.





Figura 35 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



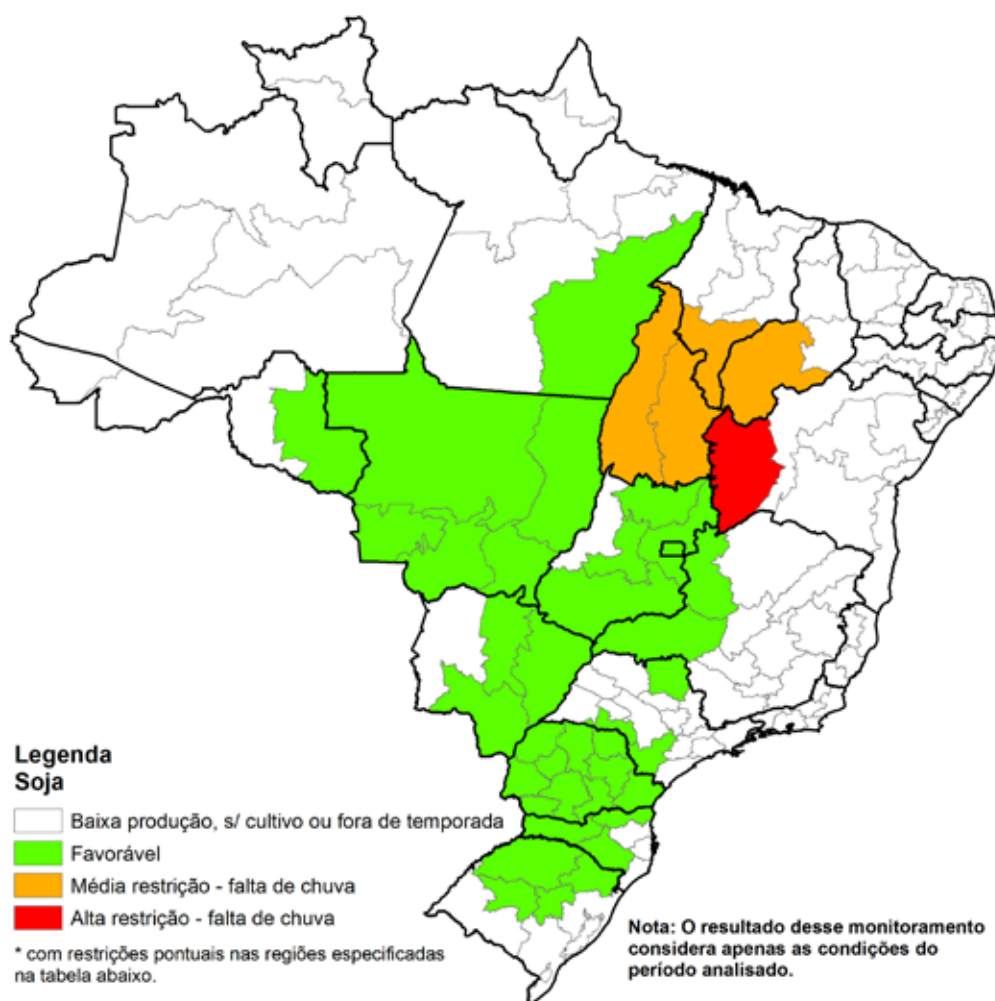
Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	<div></div>						<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>
RO	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					
PA		<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>			
TO	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Nordeste												
MA	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	
PI		<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>			
BA	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Centro-Oeste												
MT	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
MS	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
GO	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					
DF		<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>					
Sudeste												
MG	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
SP	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				<div></div>
Sul												
PR	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>					<div></div>
SC	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
RS	<div></div>	<div></div>	<div></div>			<div></div>	<div></div>	<div></div>				

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab



Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..

Quadro 20 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja		- regiões pontuais do centro e nordeste do RS (C)	- leste de RO (C) - sudeste do PA (C) - todo estado do MT (C) - todo estado do MS (C) - todo estado de GO (C) - DF (C) - Triângulo e noroeste de MG (C) - norte e sul de SP (C) - todo estado do PR (C) - norte, sul e oeste de SC (C) - noroeste do RS (C) - centro e nordeste do RS (C), exceto regiões pontuais.	- todo estado do TO (FR) - sul do MA (FR) - sudoeste do PI (FR) - oeste da BA (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.577,4	9,5	2.976	2.487	(16,4)	4.289,5	3.923,4	(8,5)
RR	23,8	23,0	(3,4)	2.685	3.300	22,9	63,9	75,9	18,8
RO	231,5	251,6	8,7	3.166	3.130	(1,1)	732,9	787,5	7,4
PA	336,3	425,6	26,6	3.024	3.078	1,8	1.017,0	1.310,0	28,8
TO	849,6	877,2	3,3	2.914	1.995	(31,5)	2.475,7	1.750,0	(29,3)
NORDESTE	2.845,3	2.707,8	(4,8)	2.841	2.146	(24,5)	8.084,1	5.811,5	(28,1)
MA	749,6	623,7	(16,8)	2.761	2.053	(25,6)	2.069,6	1.280,5	(38,1)
PI	673,7	564,1	(16,3)	2.722	2.099	(22,9)	1.833,8	1.184,0	(35,4)
BA	1.422,0	1.520,0	6,9	2.940	2.202	(25,1)	4.180,7	3.347,0	(19,9)
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.925,1	2,1	3.008	2.998	(0,3)	43.968,6	44.750,0	1,8
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	2.956	(5,7)	28.018,6	27.017,8	(3,6)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	2.990	(4,2)	7.177,6	7.265,7	1,2
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.100	18,1	147,3	217,0	47,3
SUDESTE	2.116,2	2.332,4	10,2	2.775	3.231	16,4	5.873,5	7.536,2	28,3
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.200	20,4	3.507,0	4.701,8	34,1
SP	796,8	863,1	8,3	2.970	3.284	10,6	2.366,5	2.834,4	19,8
SUL	11.074,1	11.539,6	4,2	3.071	3.023	(1,6)	34.012,3	34.884,0	2,6
PR	5.224,8	5.445,5	4,2	3.294	3.142	(4,6)	17.210,5	17.109,8	(0,6)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.400	6,3	1.920,3	2.172,9	13,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.860	0,9	14.881,5	15.601,3	4,8
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.285,2	-	2.887	2.272	(21,3)	12.373,6	9.734,9	(21,3)
CENTRO-SUL	27.806,4	28.797,1	3,6	3.016	3.027	0,4	83.854,4	87.170,2	4,0
BRASIL	32.092,9	33.082,3	3,1	2.998	2.929	(2,3)	96.228,0	96.905,1	0,7

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

No dia 12/04/2016 o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou o seu quadro de oferta e demanda mundial. Na expectativa de dados sobre a produção mundial, a grande novidade da safra 2015/16 veio de um pequeno ajuste de produção da Argentina de 0,85%, passando de 58,50 milhões de toneladas para 59,00 milhões de toneladas. Porém este valor não deve se confirmar pois o clima chuvoso tem dificultado a colheita na Argentina e a produtividade deve diminuir.

Mesmo com o mercado internacional em compasso de espera quanto a uma diminuição da produção brasileira de grãos, dado problemas climáticos em alguns estados brasileiros, o Usda manteve a produção por mais um mês em 100 milhões de toneladas. Desta forma, estima aquele Departamento que a produção mundial, para a safra 2015/16, passa a ser de 320,15 milhões de toneladas.

Tabela 56 - Produção mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2014/2015 (a)	2015/16 mar (b)	2015/16 abr (b)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,88	106,93	106,93	0,06	0,05	0,00	0,00
Brasil	97,20	100,00	100,00	2,80	2,88	0,00	0,00
Argentina	61,40	58,50	59,00	-2,90	-4,72	0,50	0,85
China	12,15	12,00	11,80	-0,15	-1,23	-0,20	-1,67
Paraguai	41,92	42,77	42,42	0,85	2,03	-0,35	-0,82
Índia	319,55	320,21	320,15	0,66	0,21	-0,05	-0,02
Canadá	4,47	5,09	5,36	6,05	6,24	6,24	
Outros	14,84	16,20	16,28	19,32	20,22	20,02	
Total	240,43	268,82	282,87	318,80	320,11	319,01	

Fonte: USDA, abr/16



Na expectativa de exportações para a safra 2015/16 o Usda afirma que o Brasil continua sendo o maior exportador de soja do mundo, elevando, inclusive, as exportações brasileiras de 58 milhões de toneladas para 59,5 milhões de toneladas. Tal aumento advém das altas exportações ocorridas entre os meses de janeiro a abril de 2016 em consequência da alta do dólar frente ao real; esta alta incentiva as exportações brasileiras de grãos. Porém o Usda ainda não apurou as perdas

de produtividade brasileira que devem reduzir a produção estimada para o Brasil e assim as exportações brasileiras devem diminuir.

As inspeções semanais de exportações nos Estados Unidos têm aumentado no mês de abril e voltando ao patamar estimado pelo mercado, sendo assim, as exportações americanas devem ultrapassar as 46,6 milhões de toneladas estimadas pelo Usda.

Tabela 56 - Exportação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2014/2015 (a)	2015/16 mar (b)	2015/16 abr (b)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	50,61	58,00	59,50	7,39	14,60	1,50	2,59
Estados Unidos	50,17	45,99	46,40	-4,18	-8,32	0,41	0,89
Argentina	10,57	11,80	11,40	1,23	11,61	-0,40	-3,39
Paraguai	4,49	4,60	4,60	0,11	2,50	0,00	0,00
outros	10,13	10,50	10,46	0,37	3,63	-0,04	-0,42
Total	125,98	130,90	132,36	4,92	3,91	1,46	1,12

Fonte: USDA, abr/16

Na China apesar de todos os problemas econômicos ocorridos, e com o baixo crescimento das indústrias deste país, o Usda aumentou as estimativas de sua

importação para a safra 2015/16 para 83 milhões de toneladas.

Tabela 56 - Importação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2014/2015 (a)	2015/16 mar (b)	2015/16 abr (b)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	78,35	82,00	83,00	3,65	4,66	1,00	1,22
Europa	13,39	13,20	13,20	-0,19	-1,40	0,00	0,00
México	3,82	3,85	3,95	0,03	0,81	0,10	2,60
Japão	3,00	2,90	3,10	-0,10	-3,46	0,20	6,90
outros	23,52	26,21	26,60	2,70	11,47	0,38	1,46
Total	122,08	128,16	129,85	6,09	4,99	1,68	1,31

Fonte: USDA, abr/16

Assim como as exportações, os esmagamentos americanos voltaram ao patamar normal estimado pelo. Porém o Usda, em abril, continua a manter os esmagamentos em 50,89 milhões de toneladas. Porém é esperado para próxima divulgação de maio um aumento dos esmagamento americano.

A China provavelmente esmagará 80,8 milhões de toneladas - valor próximo ao importado -, já que este país deverá produzir, apenas, 11,8 milhões de toneladas de grãos.

A Argentina deverá esmagar 45,7 milhões de tonela-

das de soja. Comparativamente com esmagamentos do ano de 2014, os esmagamentos de 2015 devem aumentar em 13,58%, visto que o governo atual eliminou a taxa de exportação para o farelo e óleo de soja.

Para o Brasil, a estimativa é de que os esmagamentos sejam de 40 milhões de toneladas; valor muito próximo ao esmagado no ano de 2014, de 40,44 milhões de toneladas, segundo o Usda.

Por fim, o Usda estima que os esmagamentos mundiais devem ser de 277,66 milhões de toneladas-, valor 6,09% maior que o da safra 2014/15.



Tabela 56 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2014/2015 (a)	2015/16 mar (b)	2015/16 abr (b)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	74,50	81,80	81,80	7,30	9,80	0,00	0,00
Estados Unidos	50,98	50,89	50,89	-0,08	-0,16	0,00	0,00
Argentina	40,24	45,70	45,70	5,47	13,58	0,00	0,00
Brasil	40,44	40,00	40,00	-0,44	-1,08	0,00	0,00
outros	55,94	59,65	59,27	3,71	6,63	-0,38	-0,64
Total	262,08	278,04	277,66	15,96	6,09	-0,38	-0,14

Fonte: USDA, abr/16

A grande novidade do relatório Usda para o mês de abril vem do estoque de passagem americano que prevê uma pequena redução dos estoques em relação ao relatório passado, com os estoques de passagem passando de 12,51 milhões de toneladas para 12,11 mi-

lhões de toneladas de grãos, mas os Estados Unidos devem continuar com altos estoques de passagem, valor 141,15% maior que os estoques de passagem da safra 2014/15.

Tabela 56 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2014/2015 (a)	2015/16 mar (b)	2015/16 abr (b)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,70	28,65	29,30	-3,05	-9,62	0,65	2,26
Brasil	19,50	18,31	17,30	-1,19	-6,10	-1,01	-5,52
China	17,03	15,58	16,43	-1,45	-8,51	0,85	5,45
Estados Unidos	5,19	12,51	12,11	7,32	141,15	-0,40	-3,20
outros	4,30	3,81	3,87	-0,50	-11,52	0,06	1,71
Total	77,73	78,87	79,02	1,14	1,47	0,15	0,19

Fonte: USDA, abr/16

Em 31/03/16, aquele Departamento de Agricultura Americano (Usda) divulgou uma possível diminuição de 0,5% de área para o próximo plantio de soja dos Estados Unidos, ou seja, passando de 33,45 milhões de ha da safra 2015/16 para 33,28 milhões de toneladas.

Além disto, estima-se que para o meio oeste americano, onde se encontra a maior produção, venham a

ocorrer problemas climáticos que afetarão a produtividade para próxima safra.

O Usda estima que o plantio da safra 2016/17 americana, até o dia 1 maio de 2016, era de 8% da área estimada em 2015, este valor está um pouco menor que os 10% aferido para safra anterior, devido a grande quantidade de chuvas ocorridas nos principais estados produtores americano.

Tabela 56 -Progresso das áreas de soja americana - safra 2015/16

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)			
01/mai/15	24/abr/16	01/mai/16	Média dos últimos 5 anos
10%	3%	8%	6%

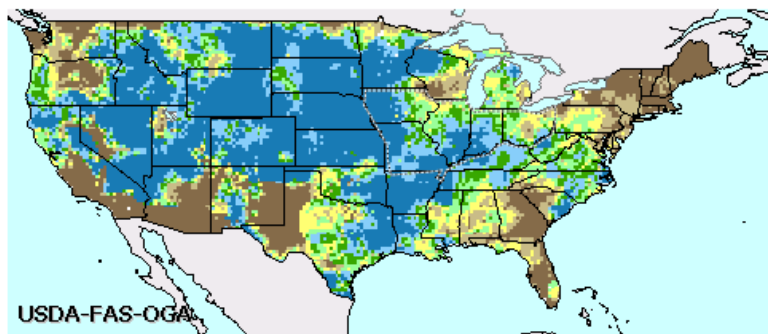
Fonte: USDA, abr/16

Nota: * *Estes 18 estados equivalem a 95% da área de 2015

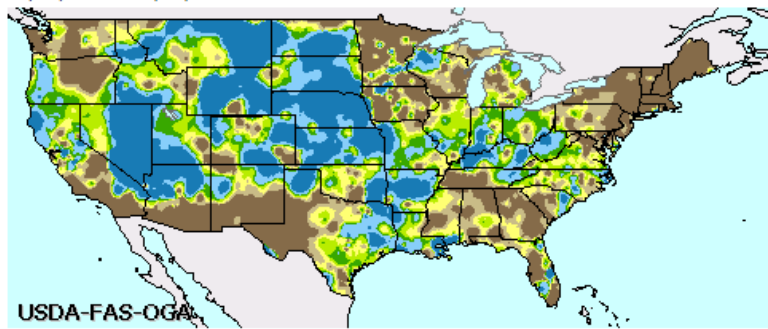


Figura 37 – Mapa de precipitações EUA

04/21/2016 - 04/30/2016



04/21/2016 - 04/30/2016



Precipitação acima da média normal (%)

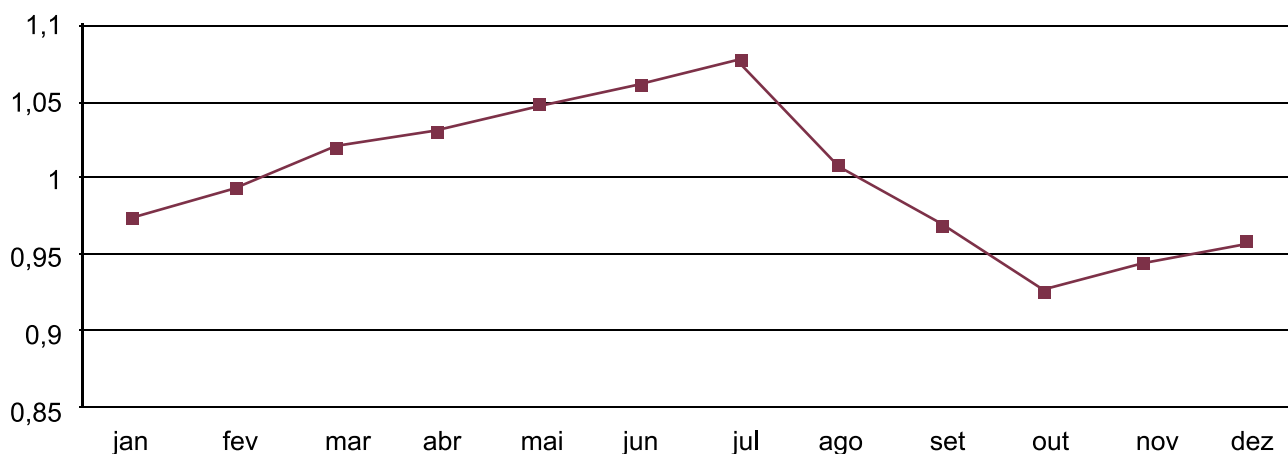
Fonte: USDA/FAS/OGA

Embora seja ainda prematura qualquer especulação sobre área e clima já que o plantio nos Estados Unidos se inicia apenas em abril, os preços já se encontram em alta no mercado internacional.

Baseando-se no comportamento de preços entre 2004 e 2015, pode-se conjecturar que o aumento de

tais preços no mercado internacional em março/16 é de comportamento normal para este período, devendo, inclusive, continuar até julho, mês, que a depender do que ocorrerá nas áreas de soja americana, deverá voltar a baixar, principalmente em setembro quando a colheita terá início.

Gráfico 97 – Comportamento dos preços (CBOT) 2004 a 2015



Fonte: CBOT



Mesmo com toda as especulações da área de plantio norte-americana e do clima nas regiões produtoras deste país, cabe salientar que os estoques de passagem estão altos, e tanto as exportações quanto os esmagamentos estão abaixo do esperado para a safra 2015/16, com o mercado internacional sofrendo bastante influência destes fatores.

Nessa análise, os preços internacionais não devem se estabelecer muito acima dos US\$ 10,00/bu, até a efetiva implantação da safra americana, com provável inversão de posição para a realização de lucros, após chegar perto deste patamar.

Mesmo porque, caso os EUA não aumente suas exportações e esmagamentos na próxima safra, e caso não ocorram problemas climáticos no meio oeste americano como previsto, a produção norte-americana

pode continuar no mesmo patamar de 2015, e com isto, os Estados Unidos poderão continuar com altos estoques de passagem, afetando os preços internacionais.

Outros fatores que tem afetado os preços internacionais são os problemas climáticos ocorridos no Brasil e na Argentina e com isto o mercado prevê uma redução de produção na América do Sul, lembrando que o Brasil e a Argentina juntos são responsáveis por aproximadamente 50% de toda produção mundial.

Os preços médios do mês de abril de 2016 na bolsa de valores de Chicago (CBOT) fecharam em Uscents 962,79/bu (US\$ 353,76/t.), ficando, assim, 0,95% menores que os preços praticados no mês de março de 2015.

Tabela 44 – Preços médios internacionais da soja

	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21		
JUN	965,78		
JUL	1014,67		
AGO	945,12		
SET	880,33		
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

Fonte: CBOT

Gráfico 98 – Preços internacionais 2015/16 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME Group

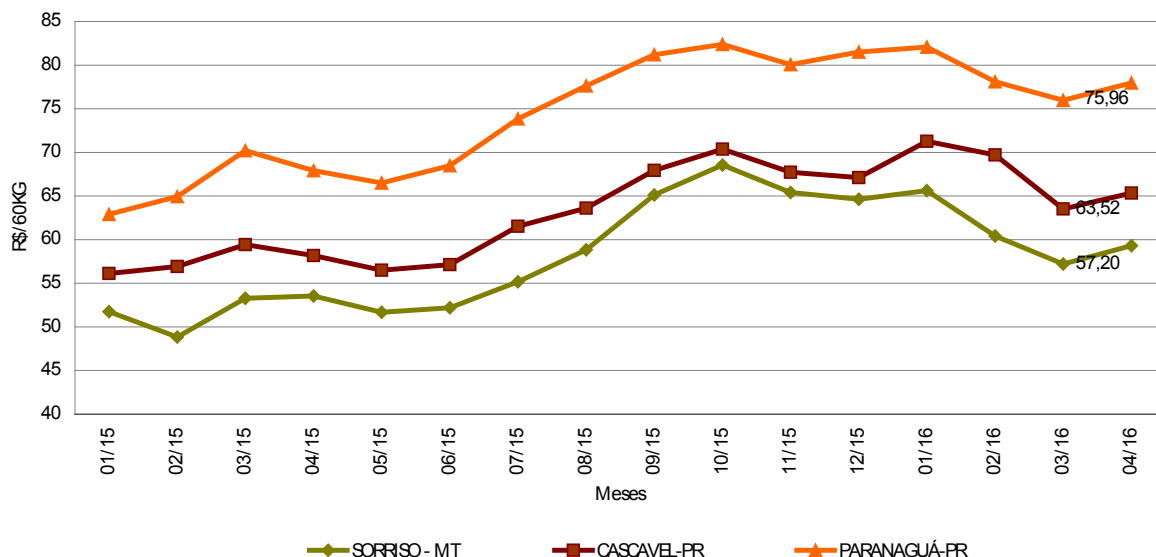


Mercado nacional

Com os preços internacionais em alta nos meses de

março e abril, os preços no mercado nacional voltaram a subir.

Gráfico 100 - Soja - Preços médios mensais pagos ao produtor- R\$/60kg



Fonte: Conab

Para a próxima safra vários cenários terão que ser analisados. O primeiro se refere às exportações e esmagamentos americanos, devendo o Brasil deverá ficar atento, pois, os estoques de passagem neste país estão muito altos, fazendo com que os preços internacionais sejam mantidos em baixa até o novo plantio da safra 2016/17.

Se os estoques de passagem americanos continuarem nesse ritmo-, hoje estimados em mais de 12 milhões de toneladas-, é bem provável que os americanos diminuam a área plantada e colhida para a safra 2016/17. Além disto, o Usda estima que no meio-oeste americano, onde ocorre a maior parte do plantio de soja, o clima seja quente e seco -, o que pode prejudicar a produtividade, fazendo com que os preços internacionais voltem a subir; caso tal não ocorra, os preços internacionais devem continuar baixos e os preços nacionais devem seguir sustentados na valorização do dólar frente ao real.

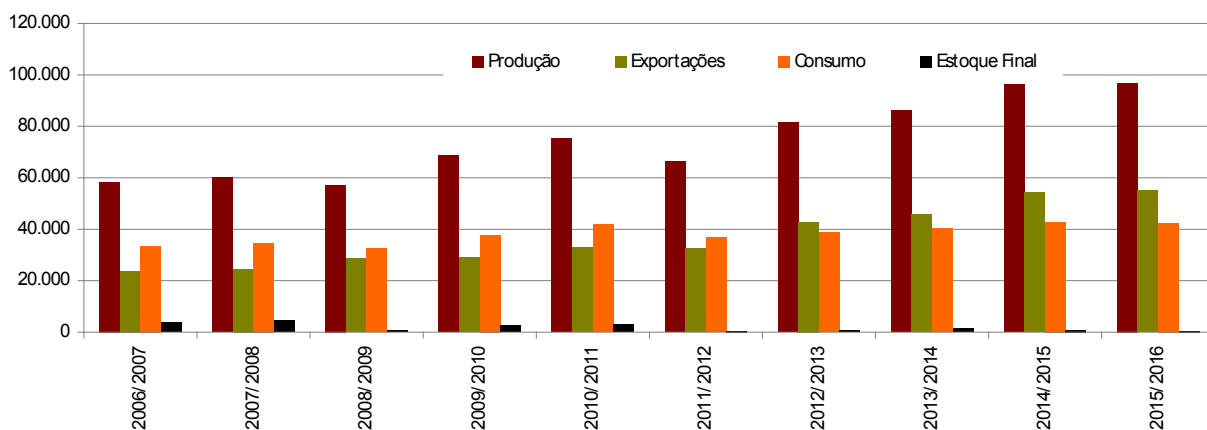
Desta feita, os agricultores que estão iniciando novos contratos de venda futura têm que ficar atentos com os seguintes pormenores: estimativa de área da próxima safra americana, previsão climática deste país e, principalmente, estimativa da cotação do dólar frente ao real, uma vez que todos esses fatores irão certamente determinar os preços para a safra 2016/17 no Brasil.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) o Brasil exportou, no mês de abril, aproximadamente 10,08 milhões de toneladas, totalizando, portanto, mais de 10,88 milhões em exportações entre os meses de janeiro a abril.

Desta maneira, com a quebra de safra no chamado Matopiba, espera-se que as exportações brasileiras alcancem o total de 55,00 milhões de toneladas em 2016, consumo interno estimado em 42,5 milhões de toneladas e um estoque de passagem de 0,49 milhões de toneladas.



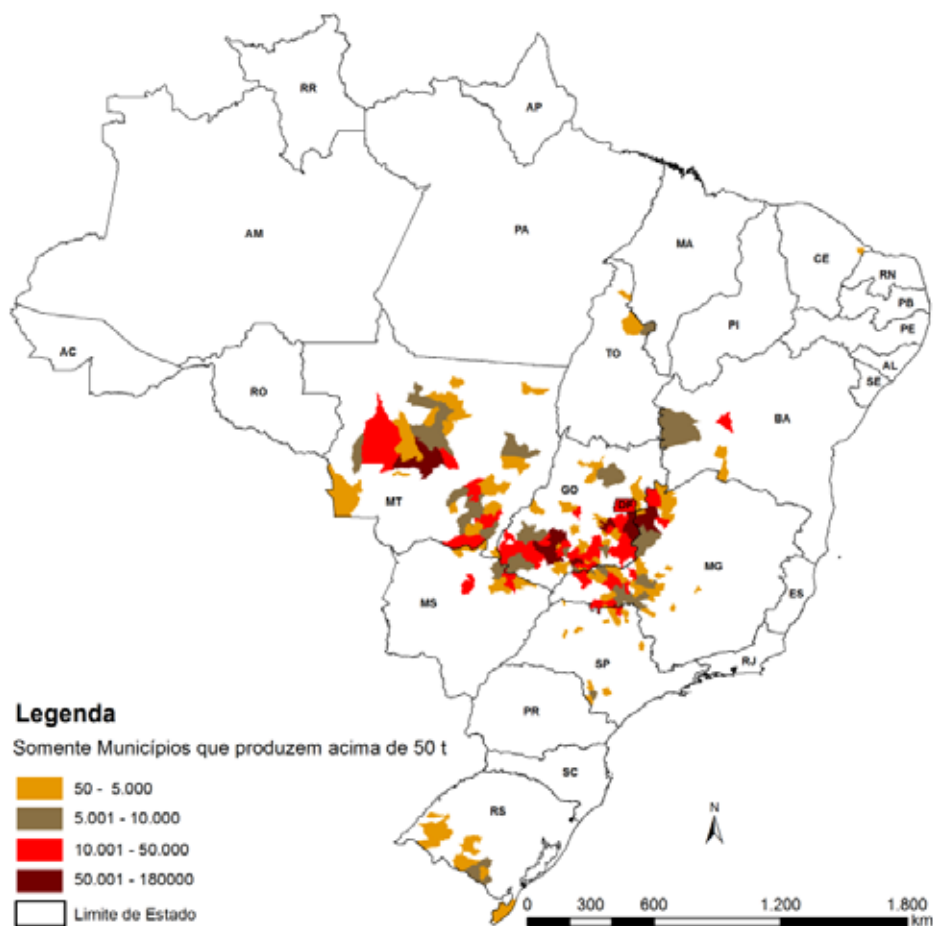
Gráfico 100 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: Conab

8.1.9.SORGO

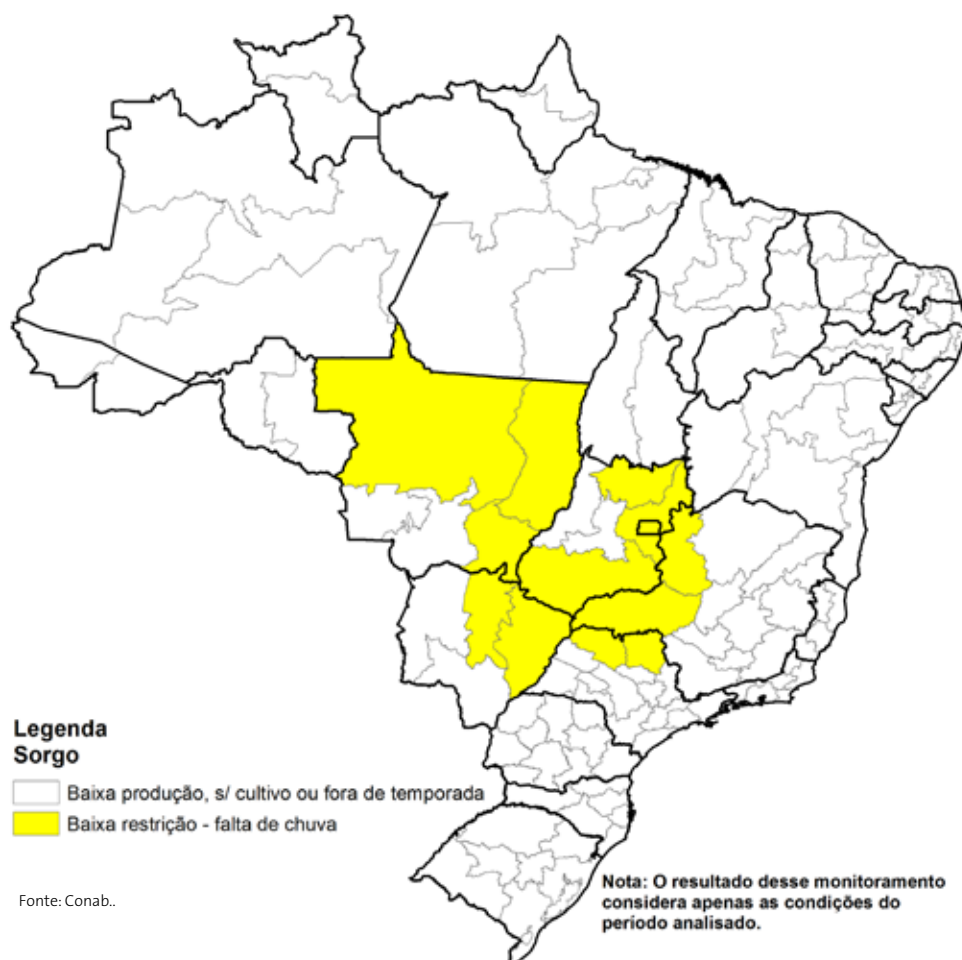
Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 39 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*





Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo				<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo e noroeste de MG (FR) - norte de SP (F/FR) - centro-norte e leste do MS (FR) - norte e sudeste de MT (FR) - norte, leste e sul de GO (FR) - DF (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/032			0/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	NovD	ez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	JulA	go	Set
Norte												
TO		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Nordeste												
PI			<div></div>				<div></div>					
CE				<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>			
RN				<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>		
PB				<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>			
PE					<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
BA		<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>				
Centro-Oeste												
MT					<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
MS					<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
GO					<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
DF						<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
Sudeste												
MG					<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
SP					<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>
Sul												
RS	<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>		<div></div>	<div></div>	<div></div>	<div></div>			

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	24,3	13,6	1.849	1.731	(6,4)	39,6	42,1	6,3
TO	21,4	24,3	13,5	1.849	1.731	(6,4)	39,6	42,1	6,3
NORDESTE	155,7	109,6	(29,6)	871	1.197	37,5	135,6	131,1	(3,3)
PI	6,2	12,4	100,0	2.548	2.414	(5,3)	15,8	29,9	89,2
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,5	(16,7)	1.522	1.668	9,6	0,9	0,8	(11,1)
PB	-	0,3	-	-	2.000	-	-	0,6	-
PE	6,2	6,2	-	430	256	(40,5)	2,7	1,6	(40,7)
BA	142,0	89,5	(37,0)	811	1.087	34,0	115,2	97,3	(15,5)
CENTRO-OESTE	360,6	331,4	(8,1)	3.356	3.117	(7,1)	1.210,1	1.032,8	(14,7)
MT	111,7	111,7	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	(5,0)
MS	13,0	15,0	15,4	3.700	3.200	(13,5)	48,1	48,0	(0,2)
GO	232,6	201,4	(13,4)	3.661	3.441	(6,0)	851,5	693,0	(18,6)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.551	(21,0)	19,0	15,0	(21,1)
SUDESTE	174,4	164,2	(5,8)	3.696	3.150	(14,8)	644,5	517,2	(19,8)
MG	160,6	152,3	(5,2)	3.700	3.150	(14,9)	594,2	479,7	(19,3)
SP	13,8	11,9	(13,8)	3.645	3.153	(13,5)	50,3	37,5	(25,4)
SUL	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
RS	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
NORTE/NORDESTE	177,1	133,9	(24,4)	989	1.294	30,8	175,2	173,2	(1,1)
CENTRO-SUL	545,5	506,1	(7,2)	3.447	3.113	(9,7)	1.880,1	1.575,5	(16,2)
BRASIL	722,6	640,0	(11,4)	2.844	2.733	(3,9)	2.055,3	1.748,7	(14,9)

Nota: Estimativa em Maio/2016.



8.2 CULTURAS DE INVERNO

No Rio Grande do Sul a definição das áreas que serão utilizadas para as culturas de inverno não tem consenso. Deverão crescer os cultivos com aveia branca, cevada, centeio, canola e linhaça em detrimento do trigo que deverá apresentar redução de área.

A maior aposta dos produtores gaúchos será na aveia branca devido ao custo de produção menor do que o trigo e ao preço de mercado que está bastante atrativo. Outro atrativo é a instalação de indústrias de processamento que estão incentivando o cultivo.

A canola deverá crescer em relação a safra passada, devido aos bons resultados obtidos na safra anterior e principalmente em relação ao preço. O fator limitante continua sendo a disponibilidade de sementes. O mesmo acontece com a linhaça, que na safra anterior foi cultivada em inúmeras áreas no RS e obteve preço de comercialização atrativo.

A cevada terá nova investida da indústria cervejeira que pretende fomentar a produção em 50 mil ha e tem a aceitação dos produtores pelo fato de que o produto que não serve para produção de malte pode ser usado para fabricação de ração contando com alto teor de proteína.

No Paraná as demais culturas de inverno seguem a mesma tendência do Rio Grande do Sul. A aveia é uma das poucas culturas de inverno que poderá ter incremento de área neste ano, ainda não confirmado pelos dados de campo. A opção pela aveia se dá pelo fato de necessitar menos tratos culturais. Boa parte dos grãos colhidos são destinados à alimentação de animais e outra parte é usada para semente para a próxima sa-

fra e muito pouco usado para alimentação humana. As ocorrências de chuvas e temperaturas amenas na última semana de abril beneficiam as lavouras na fase de germinação.

A área a ser plantada de canola no Paraná deverá sofrer redução em relação a safra passada. Nas regiões de Apucarana e Cornélio Procopio o plantio já foi iniciado e atinge 55,75% da área prevista. As chuvas ocorridas beneficiam as lavouras. A canola é um cereal típico de outono, não de inverno como ocorre na Europa. As áreas plantadas são pequenas, pois a única destinação da produção é a indústria de óleo e os produtores que investem nesta cultura têm contrato de venda antecipado. Os produtores cooperados costumam entregar o produto direto na indústria enquanto a cooperativa realizar o trâmite fiscal e comercialização.

A aveia e o triticale que tem suas áreas definidas e independente de mercado são plantadas como cobertura ou para uso nas propriedades. Os números, portanto, ainda não estão fechados, muito embora já se registre o início de plantio em diversas regiões.

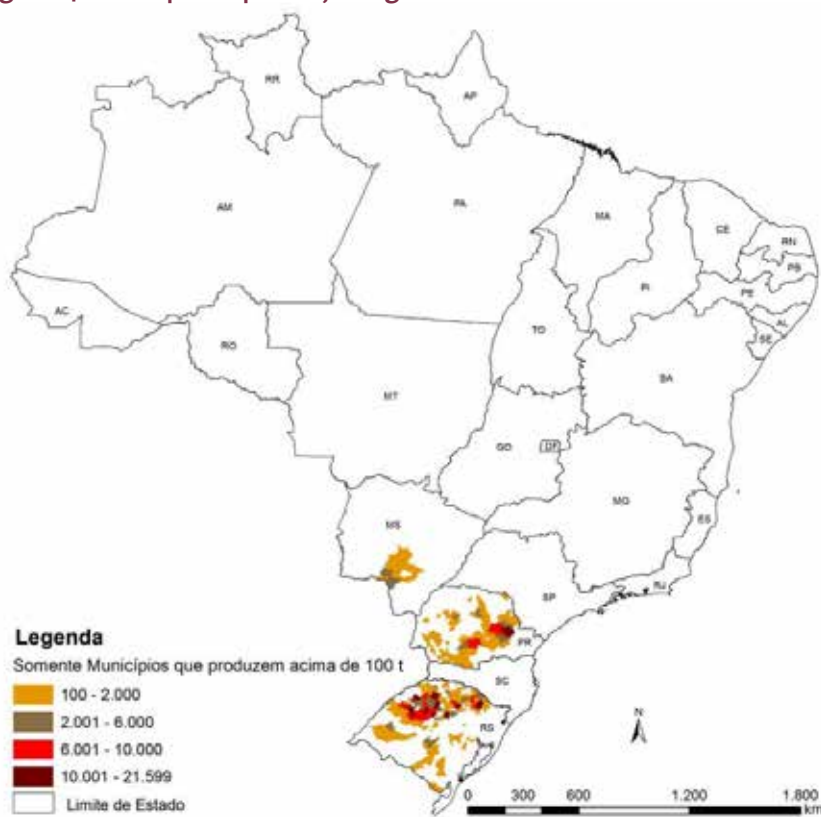
No caso do centeio no Paraná há relatos de falta de sementes no mercado. Informações mais substanciais surgirão à medida que o plantio avançar.

Apesar de haver demanda de cevada por parte das maltarias a área desta cultura deverá diminuir neste ano. Os produtores ficaram frustrados com a safra anterior, na qual amargaram prejuízos, devido ao excesso de chuvas principalmente na colheita. O plantio ocorre em junho e julho e até lá a intenção de plantio pode aumentar.



8.2.1. AVEIA

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..

Quadro 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	- noroeste de MG (G) (irrigado)			- Triângulo de MG (G) - sudoeste do MS (G) - sul de SP (G) - norte e oeste do PR (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
MS	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
SUL	176,5	248,5	40,8	1.879	2.559	36,2	331,7	636,0	91,7
PR	58,1	51,7	(11,0)	1.959	2.384	21,7	113,8	123,3	8,3
RS	118,4	196,8	66,2	1.840	2.605	41,6	217,9	512,7	135,3
CENTRO-SUL	189,5	261,5	38,0	1.853	2.507	35,3	351,2	655,5	86,6
BRASIL	189,5	261,5	38,0	1.853	2.507	35,3	351,2	655,5	86,6

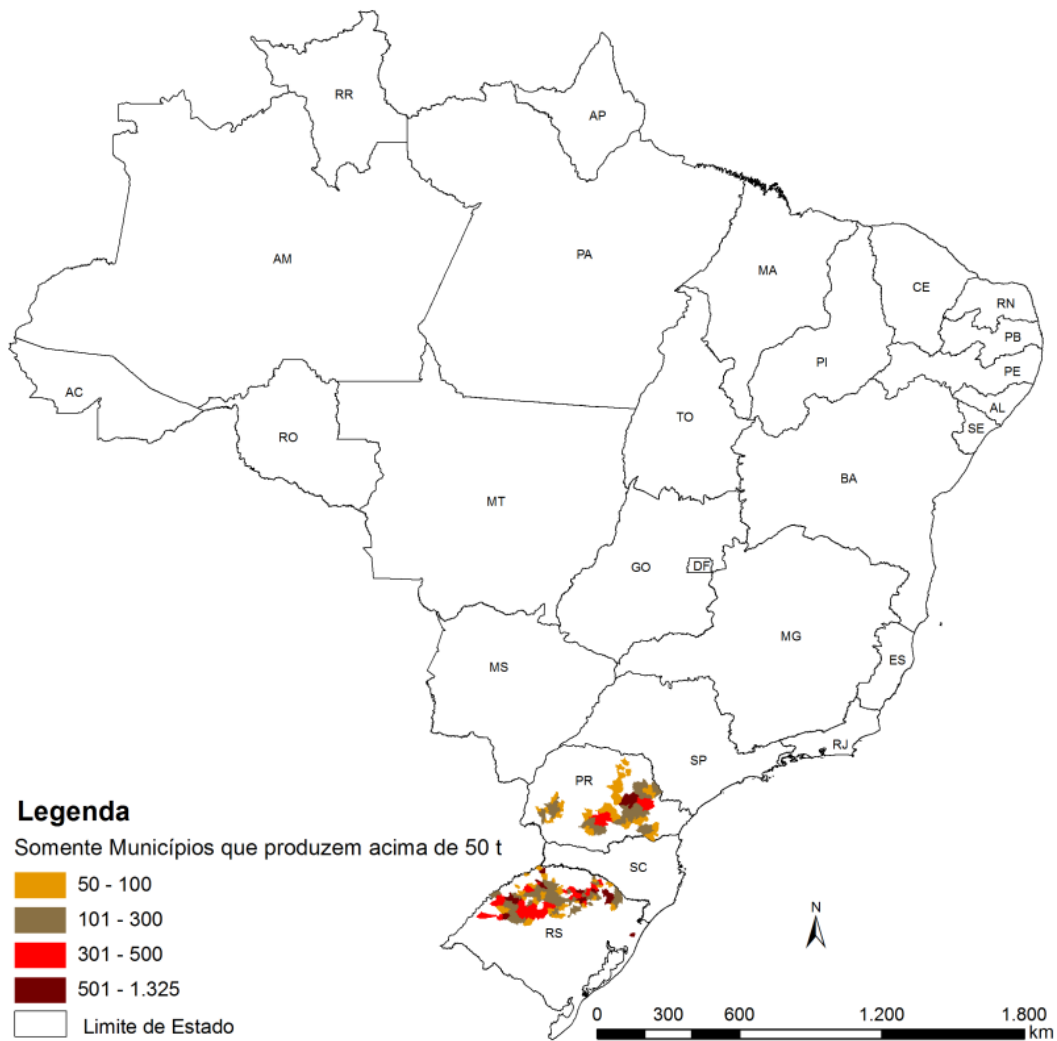
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.



8.2.2. CANOLA

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

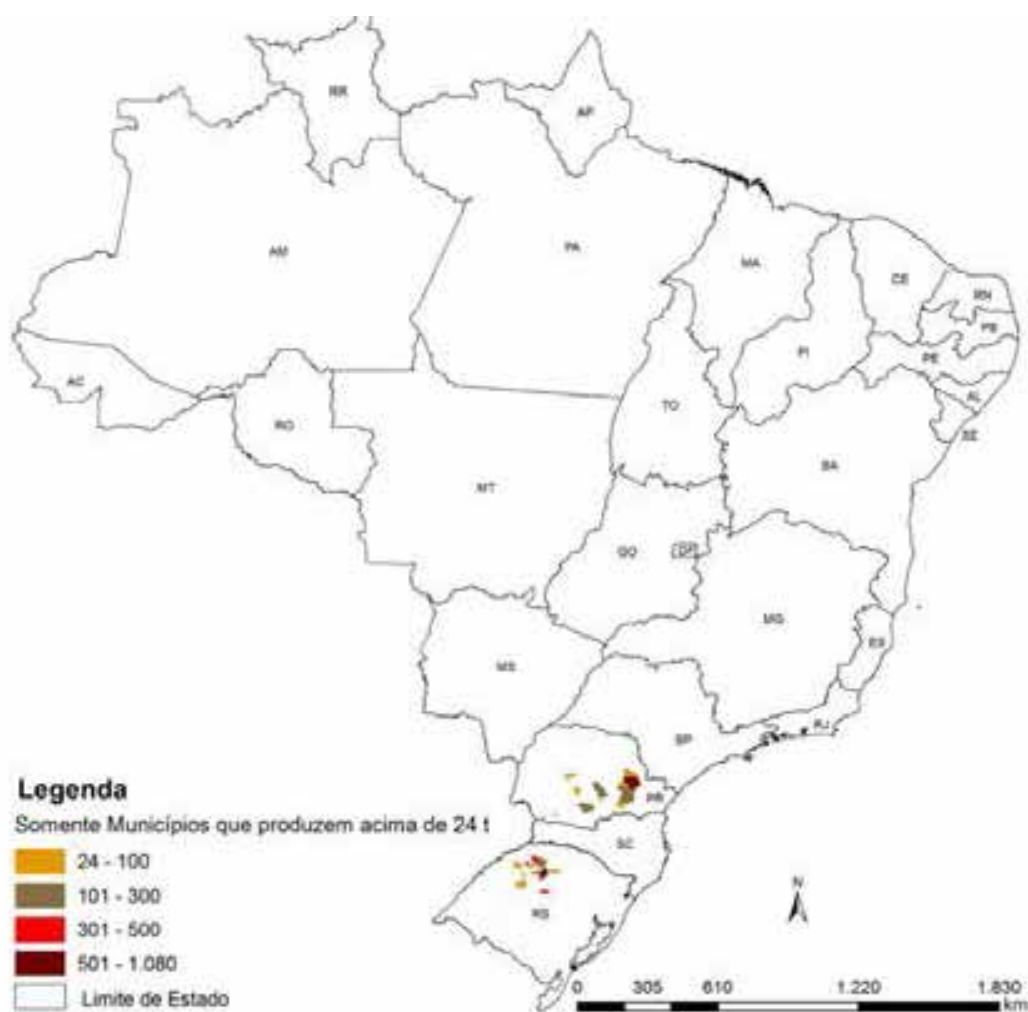
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	42,4	(4,5)	1.236	1.531	23,9	54,9	64,9	18,2
PR	7,9	5,9	(25,3)	1.403	1.708	21,7	11,1	10,1	(9,0)
RS	36,5	36,5	-	1.200	1.500	25,0	43,8	54,8	25,1
CENTRO-SUL	44,4	42,4	(4,5)	1.236	1.531	23,9	54,9	64,9	18,2
BRASIL	44,4	42,4	(4,5)	1.236	1.531	23,9	54,9	64,9	18,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.2.3. CENTEIO
















Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

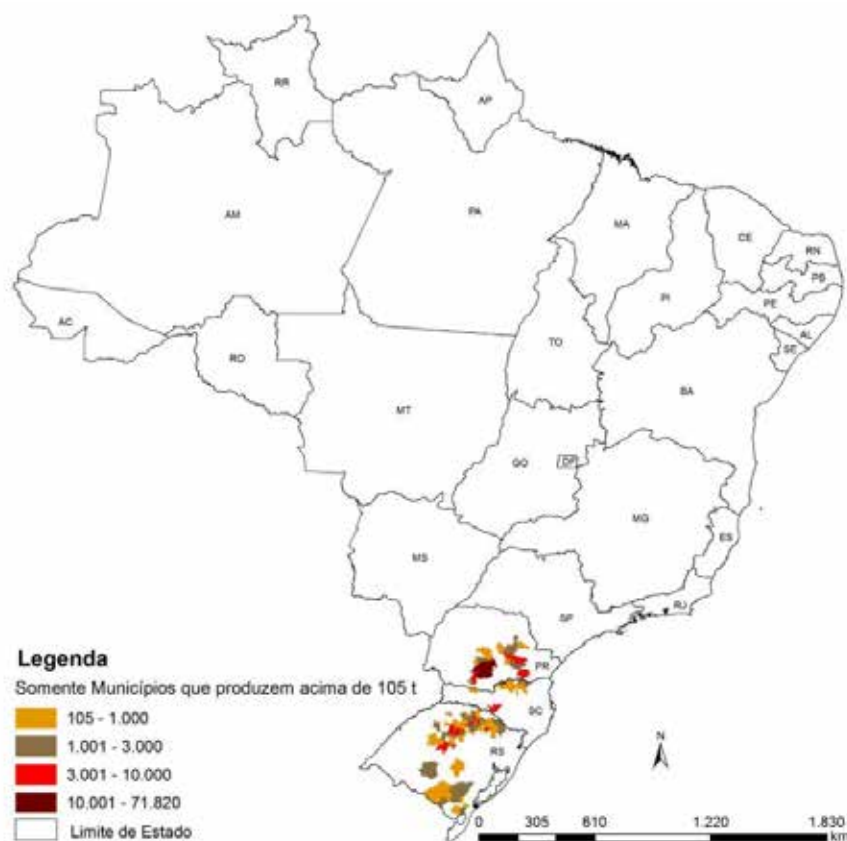
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8
PR	1,2	1,1	(8,3)	1.890	2.381	26,0	2,3	2,6	13,0
RS	0,5	0,5	-	1.200	1.367	13,9	0,6	0,7	16,7
CENTRO-SUL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8
BRASIL	1,7	1,6	(5,9)	1.706	2.063	20,9	2,9	3,3	13,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.2.4. CEVADA















Figura 44 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab

Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	95,2	(7,0)	2.568	3.300	28,5	263,0	314,2	19,5
PR	50,1	42,9	(14,4)	3.689	3.828	3,8	184,8	164,2	(11,1)
SC	2,8	2,8	-	1.380	2.932	112,5	3,9	8,2	110,3
RS	49,5	49,5	-	1.500	2.864	90,9	74,3	141,8	90,8
CENTRO-SUL	102,4	95,2	(7,0)	2.568	3.300	28,5	263,0	314,2	19,5
BRASIL	102,4	95,2	(7,0)	2.568	3.300	28,5	263,0	314,2	19,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.2.5. TRIGO

Segundo dados do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (Usda)¹, o trigo (*Triticum aestivum* L.) é a cultura mais plantada no mundo. Em termos de produção, estima-se que a produção mundial seja de 2,7 bilhões de toneladas.

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e era produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

O comportamento climático irregular no decorrer dos últimos anos vem sendo fundamental na tomada de decisão do agricultor em investir nas lavouras de trigo. Na busca constante da melhoria e qualificação das informações da safra agrícola, a Conab utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de inverno. Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas. Portanto, as informações são preliminares e sujeitas à reavaliação nos próximos levantamentos, onde os produtores de trigo tomarão a decisão final acerca do cultivo do trigo ou

substituição por outras culturas de acordo com diversos parâmetros de mercado.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, há posicionamentos diferentes de região para região no que se refere à expectativa de área plantada. O plantio do trigo está atrasado este ano, o tempo seco não permitiu o avanço dos trabalhos. Nas regiões de Apucarana, Londrina, Cornélio Procopio e Maringá, iniciaram o plantio que é denominado de “plantio no pó” e estima-se uma semeadura de 5% da área, de um total de 331.875 hectares. Nos dias 25 e 26/04, foram registrados chuvas em volumes variando entre 77 mm a 82mm, amenizando o déficit hídrico da região. A chuva foi benéfica para as lavouras semeadas e possibilita a continuidade das operações de plantio. Em outras regiões o quadro não é diferente, pois se iniciam as atividades de plantio a partir das chuvas no início do mês. Espera-se que a área plantada com trigo no Paraná seja 13,9% inferior a safra passada.

Em outro estado importante no cenário produtivo do trigo, o Rio Grande do Sul, também há indicativos de redução de área. No entanto, levando-se em consideração que nas duas últimas safras as perdas foram expressivas e impactaram na média da produtividade, espera-se uma recuperação significativa nos índices de produtividade, mais próximo à média histórica

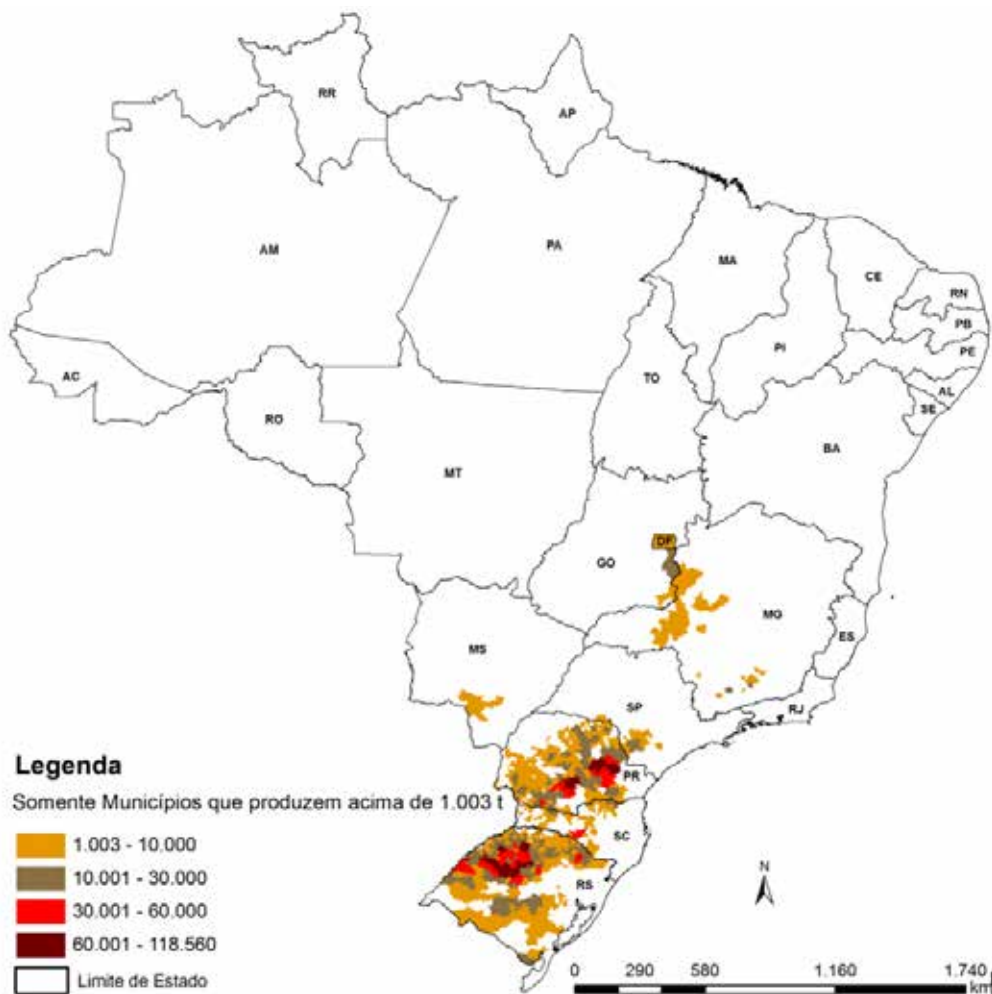


dos últimos anos, alcançando 2.725 kg/ha. Contudo, há um cenário de indefinição sobre a área que será semeada com as culturas de inverno. Pelo exposto, os agricultores e técnicos visitados são unânimes em afirmar que os dados ainda não podem ser avaliados como absolutos. Há relatos, porém, de que no ano corrente haverá investimentos menores em tecnologia quando comparado com a safra passada. A área deverá sofrer redução de 15,8%.

A produção de trigo no Brasil central concentra-se em Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do

Sul, Minas Gerais e São Paulo, em sua maioria é irrigado. O fenômeno de se buscar áreas alternativas à região subtropicais para o cultivo de trigo é a alternativa para o abastecimento do mercado interno de trigo, para se evitar problemas bióticos (pragas e doenças) e abióticos (principalmente condições climáticas) e questões referentes à logística, armazenamento, beneficiamento e distribuição do trigo e seus derivados. As primeiras previsões para a safra brasileira de trigo é de que a área tenha uma redução de 14,1% em relação a 2015, o que corresponde a uma redução de 345,8 mil hectares, atingindo 2.103 mil hectares.






















































Figura 45 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	27,2	3,8	3.363	3.386	0,7	88,1	92,1	4,5
MS	15,0	16,0	6,7	2.000	2.054	2,7	30,0	32,9	9,7
GO	9,6	9,6	-	5.054	5.182	2,5	48,5	49,7	2,5
DF	1,6	1,6	-	6.000	5.939	(1,0)	9,6	9,5	(1,0)
SUDESTE	156,4	141,4	(9,6)	3.247	3.097	(4,6)	507,8	437,9	(13,8)
MG	82,2	82,2	-	2.982	3.070	3,0	245,1	252,4	3,0
SP	74,2	59,2	(20,2)	3.541	3.134	(11,5)	262,7	185,5	(29,4)
SUL	2.266,2	1.934,4	(14,6)	2.179	2.738	25,7	4.939,0	5.295,5	7,2
PR	1.339,9	1.153,3	(13,9)	2.506	2.724	8,7	3.357,8	3.141,6	(6,4)
SC	65,0	55,9	(14,0)	1.800	3.178	76,6	117,0	177,7	51,9
RS	861,3	725,2	(15,8)	1.700	2.725	60,3	1.464,2	1.976,2	35,0
CENTRO-SUL	2.448,8	2.103,0	(14,1)	2.260	2.770	22,6	5.534,9	5.825,5	5,3
BRASIL	2.448,8	2.103,0	(14,1)	2.260	2.770	22,6	5.534,9	5.825,5	5,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Maio/2016.

8.2.5. OFERTA E DEMANDA

A produção de trigo em 2015 foi estimada pela conab em 5.534,9 mil toneladas ante a primeira avaliação de 7,0 milhões de toneladas. A quebra foi resultado do dano causado pelo clima na cultura de trigo nas zonas de produção da região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

O primeiro levantamento de intenção de plantio para

a safra 2016 mostra uma estimativa de área de 2.103,0 mil hectares, significando um recuo de 14,1% em nível global e de 14,6% na região Sul, responsável por 92% do cultivo no Brasil.

Como ainda faltam dados de importação e exportação relativos aos três meses até o final do ano safra



em julho, bem como, a prematuridade das estimativas do levantamento de intenção de plantio, optou-se por não incluir as informações de 2016/17 no quadro de oferta e demanda.

Os elevados prejuízos aos produtores de trigo do Rio Grande do Sul e a situação favorável ao cultivo de milho safrinha no Paraná explicam a forte queda de área constatada, até agora, no Sul do país. Acrescentando-se, além disso, o declínio da demanda de farinha de trigo pela indústria consumidora impedindo preços compatíveis com os elevados custos da indústria de moagem, dependente de importações da Argentina, Paraguai, Uruguai e Estados Unidos.

De janeiro a dezembro de 2015 foram importados 5,17 milhões de toneladas; 73,8% de origem Argentina, 10,9% do Paraguai, 8,7% dos Estados Unidos e 6,1% do Uruguai. Nesse período, a região Norte/Nordeste importou 2,91 milhões de toneladas, a Sudeste 1,39 milhão, a Sul 788,6 mil e, a Centro-Oeste, 72,6 mil toneladas.

Entre agosto/2015 e abril/2016 foram importadas 3.991.130 toneladas, o que representa 443,4 mil toneladas mensalmente, ao custo de US\$207,08/tonelada, ou seja, ao custo total de US\$826,5 milhões. O trigo argentino participou com 61,74% do total importado; o paraguaio com 19,87%; o uruguaio com 10,26% e os

EUA com 8,11%.

Por outro lado, a estimativa de exportação é de 1.100 mil toneladas ante 1.020 mil de toneladas de agosto/15 a abril/16. A estimativa do estado do Rio Grande do Sul é de 917 mil toneladas, sendo que as operações com comprovação pelo Mdic/Secex até abril/16, são de 858,9 mil toneladas. Os informantes de mercado que complementam o Mdic/Secex são agentes de comercialização e de exportação.

O trigo exportado pelo Rio Grande do Sul teve como destinos principais; o Vietnã (35,9%), Filipinas (25,9%), Colômbia (15,2%), Tailândia (12,8%). Israel (6,2%) e Equador (3,7%).

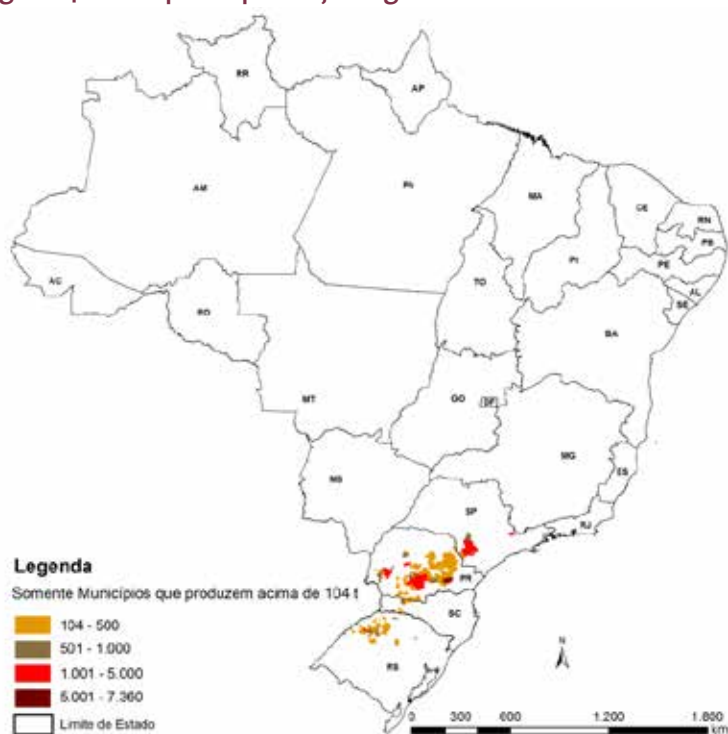
O produto do Paraná, em volume de 158.194 toneladas destinou-se às Filipinas (40,78%), Indonésia (33,89%), Equador (18,75%), Vietnã (3,51%) e Taiwan (2,24%).

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo para consumo industrial, a previsão da moagem foi reduzida para 9,85 milhões de toneladas, ante 10,3 milhões no período anterior.

Assim sendo, espera-se um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 770 mil toneladas, inferior a um mês de consumo previsto em 820 mil toneladas.

8.2.6. TRITICALE






























Figura 46 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 28 - Calendário de plantio e colheita – Tríticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trítical

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	4,3	-	3.140	2.860	(8,9)	13,5	12,3	(8,9)
SP	4,3	4,3	-	3.133	2.863	(8,6)	13,5	12,3	(8,9)
SUL	17,2	16,6	(3,5)	2.523	2.633	4,4	43,4	43,7	0,7
PR	10,9	10,3	(5,5)	2.829	2.875	1,6	30,8	29,6	(3,9)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.146	14,8	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.243	11,3	11,5	12,8	11,3
CENTRO-SUL	21,5	20,9	(2,8)	2.647	2.679	1,2	56,9	56,0	(1,6)
BRASIL	21,5	20,9	(2,8)	2.647	2.679	1,2	56,9	56,0	(1,6)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Maio/2016.





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 53 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.441,1	5,0	1.795,2	800,0	740,0	255,2
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.700,0	1.362,1	758,0
	2015/16	758,0	10.998,1	1.200,0	12.956,1	11.600,0	1.100,0	256,1
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.115,3	156,7	3.575,8	3.350,0	122,6	103,2
	2015/16	103,2	3.182,7	200,0	3.485,9	3.300,0	65,0	120,9
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	316,1	96.824,0	56.145,0	30.172,3	10.506,7
	2015/16	10.506,7	79.955,2	1.500,0	91.961,9	58.391,0	28.400,0	5.170,9
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.692,0	1.414,8
	2014/15	1.414,8	96.228,0	324,1	97.966,9	42.850,0	54.324,0	792,9
	2015/16	792,9	96.905,1	300,0	97.998,0	42.500,0	55.000,0	498,0
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.702,5	12,0	8.013,1	6.380,0	1.400,0	233,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.380,0	12.089,5	10.217,3	1.100,0	772,2

Nota: Estimativa em maio de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

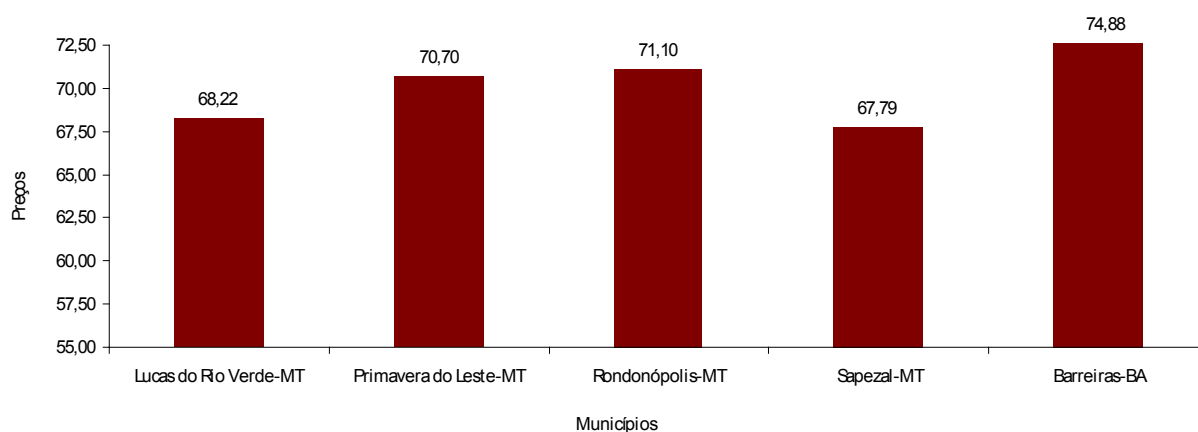
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

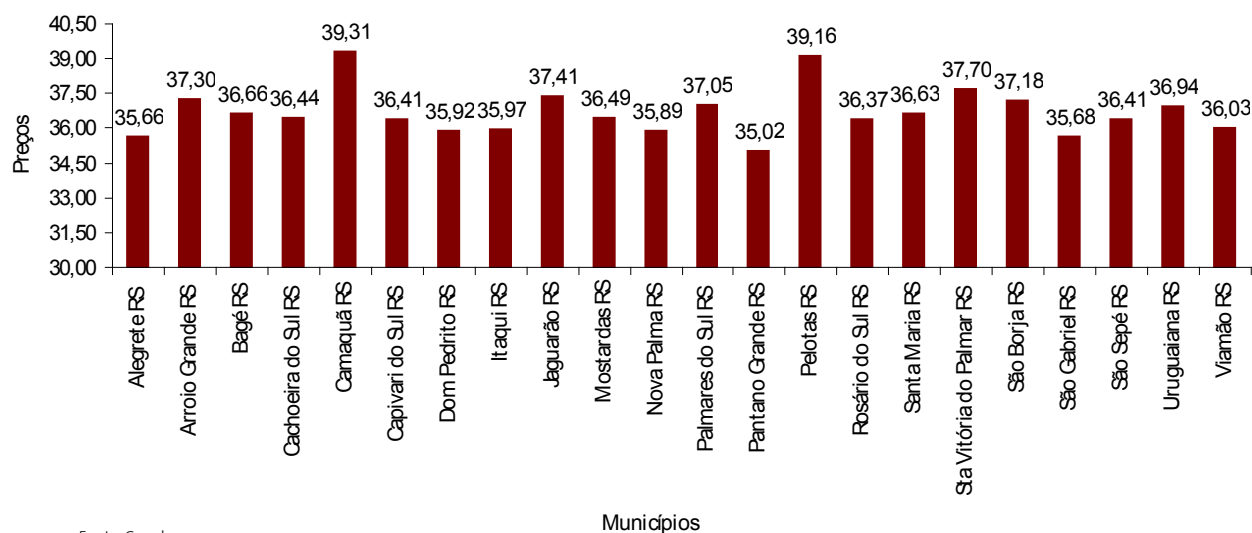
Gráfico 101 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

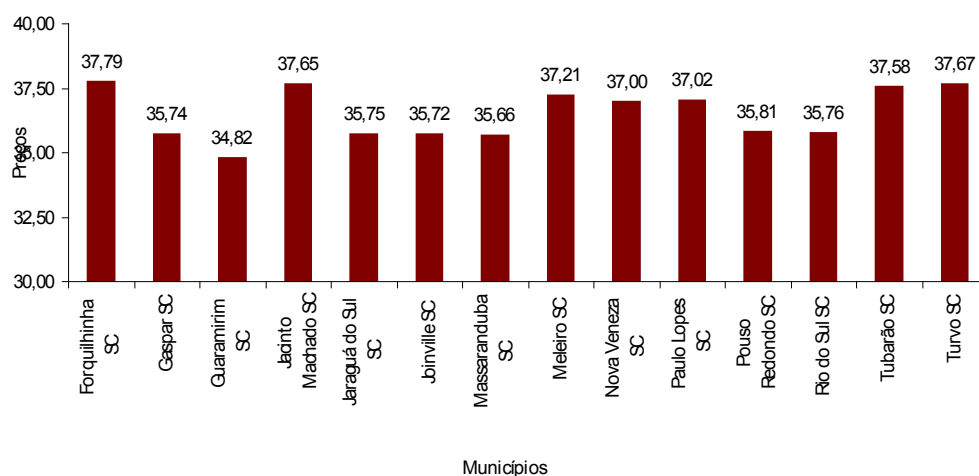
Gráfico 102 - Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 103 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

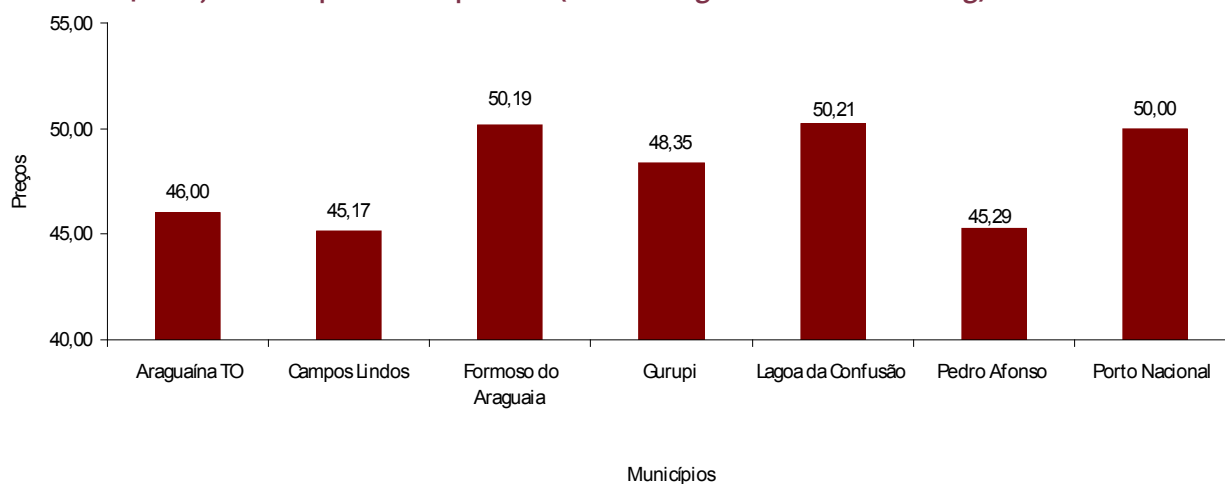


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



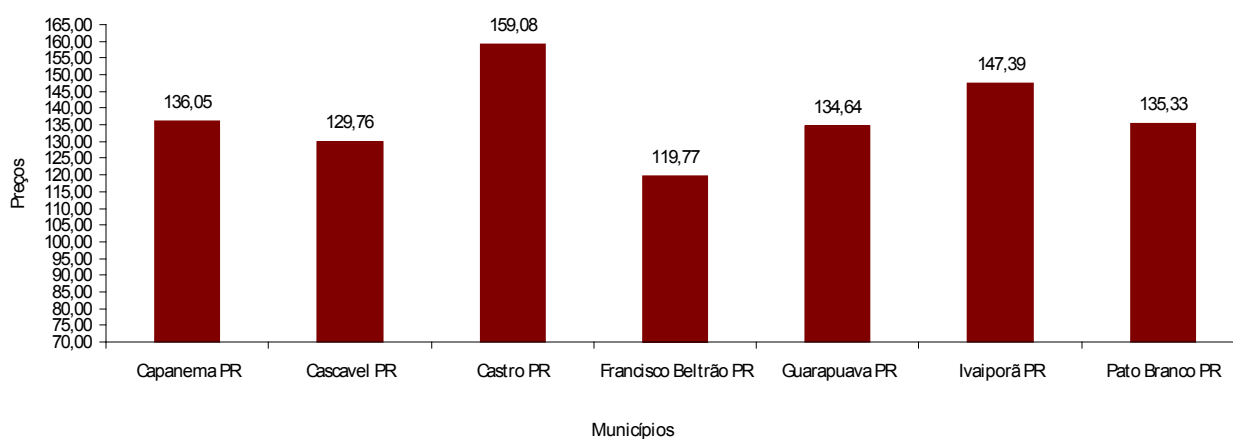
Gráfico 104 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

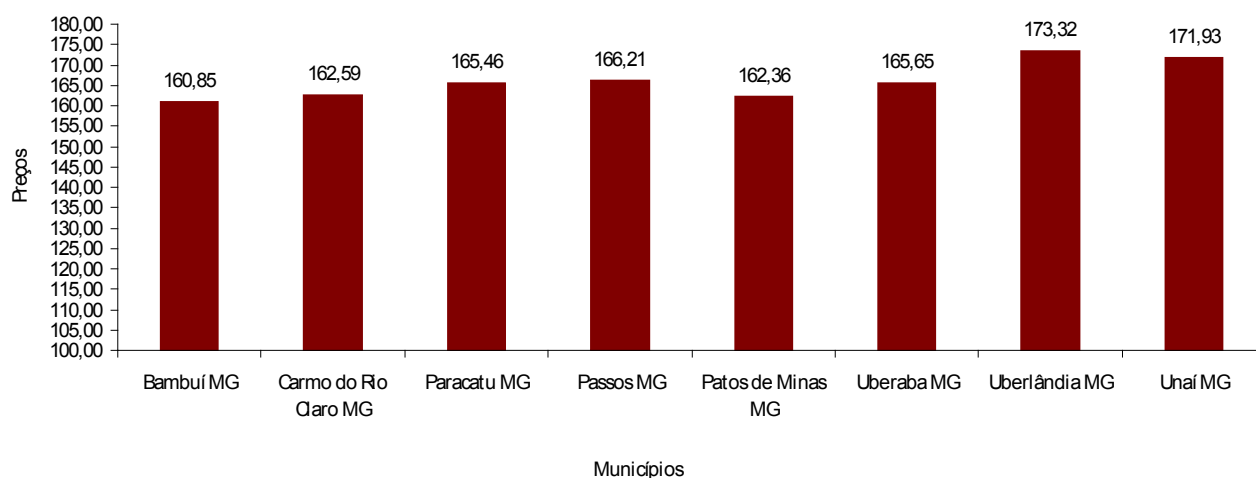
Gráfico 105 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 106 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

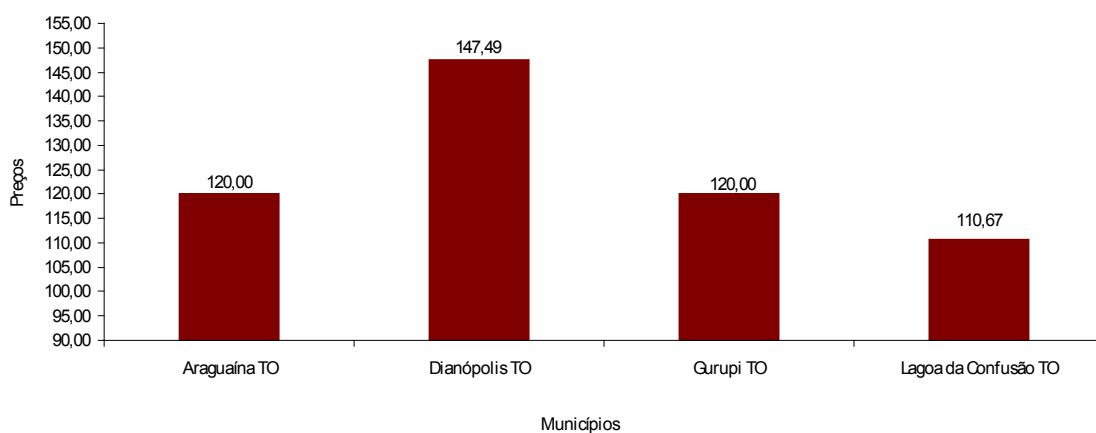


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



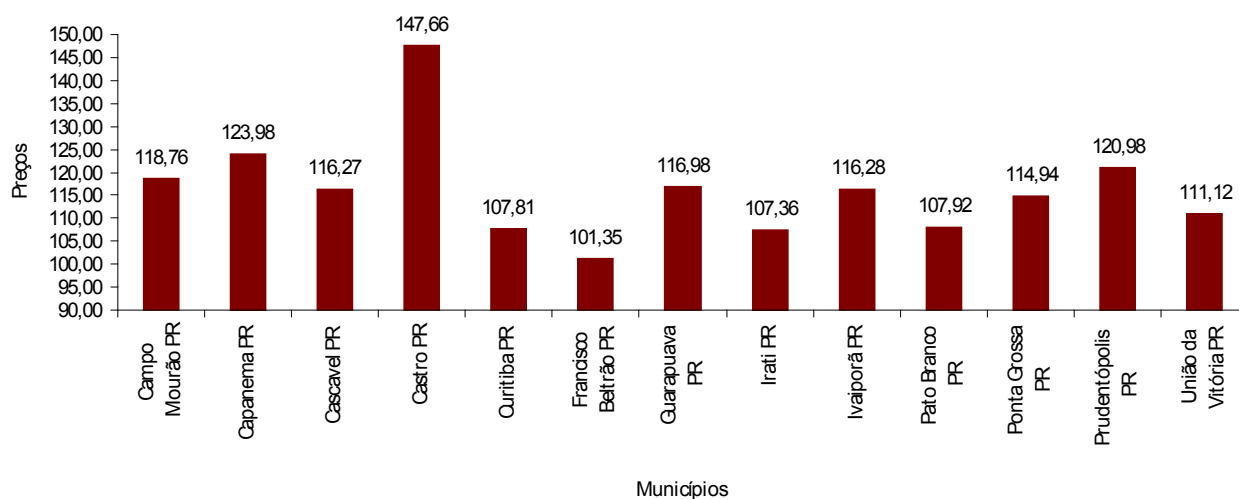
Gráfico 107 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

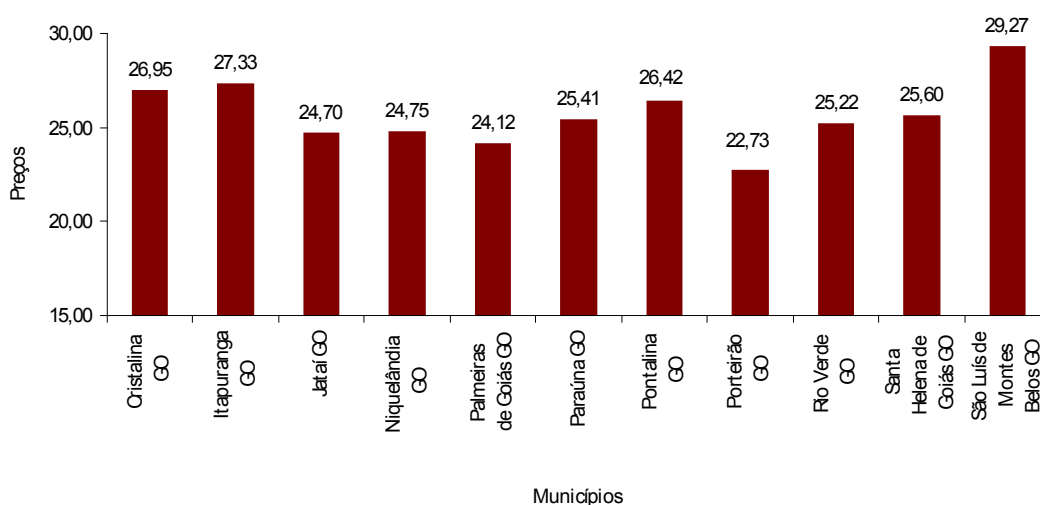
Gráfico 108 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 109 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

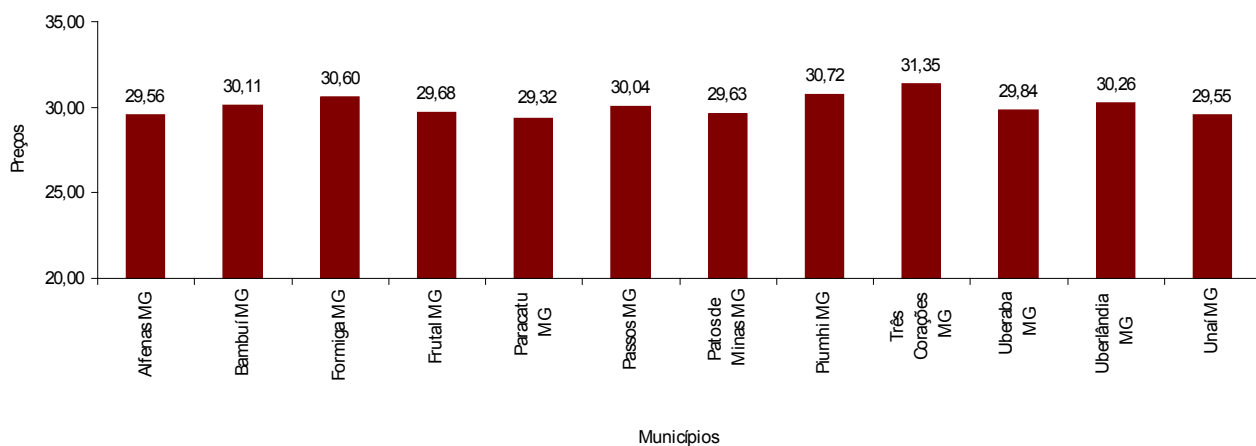


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



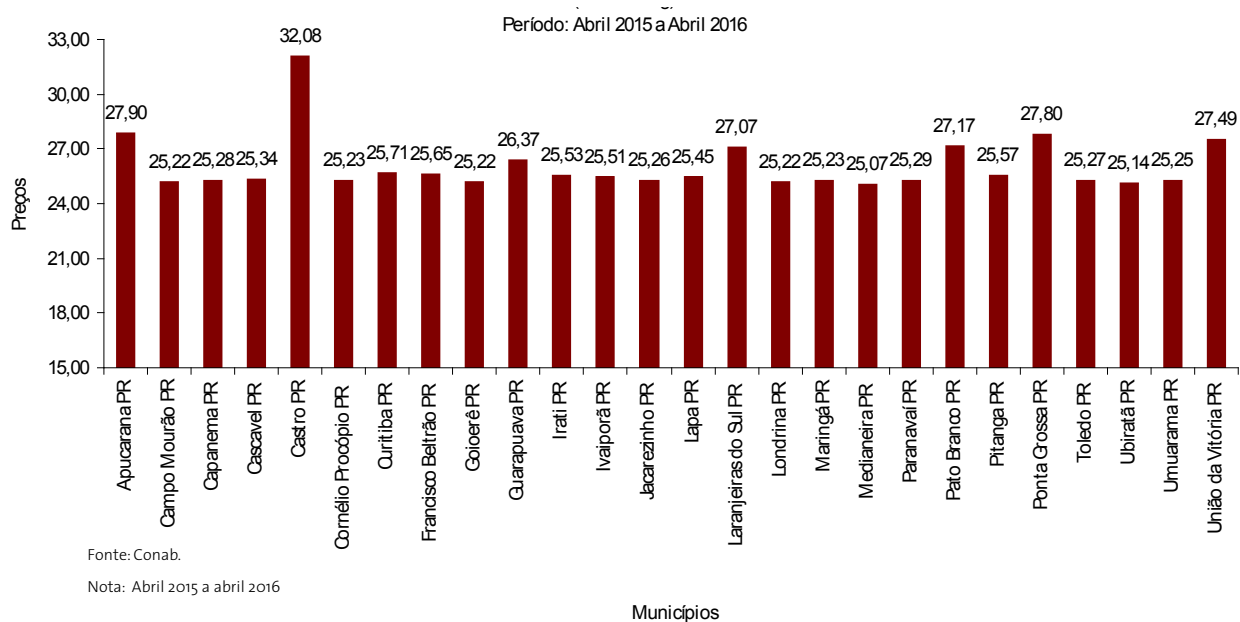
Gráfico 110 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

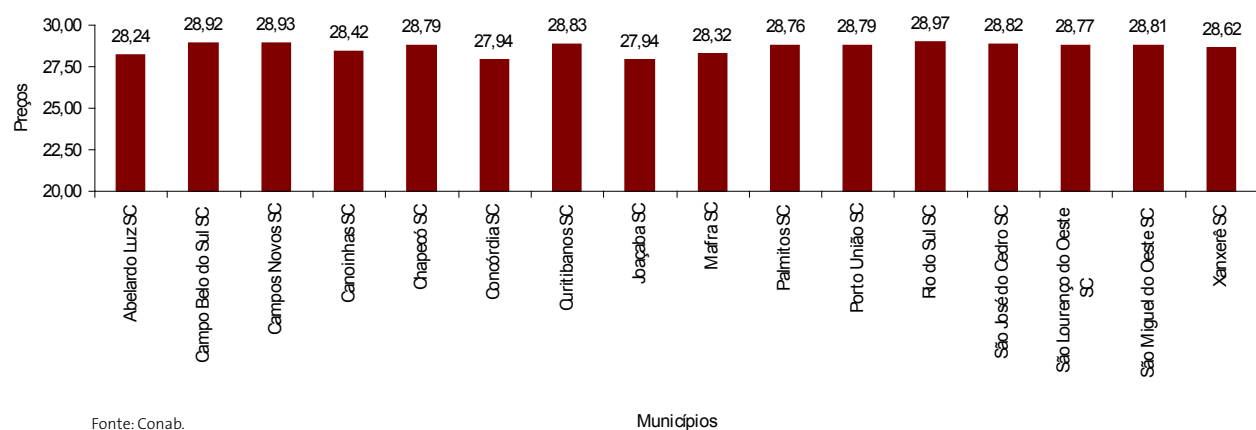
Gráfico 111 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 112 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

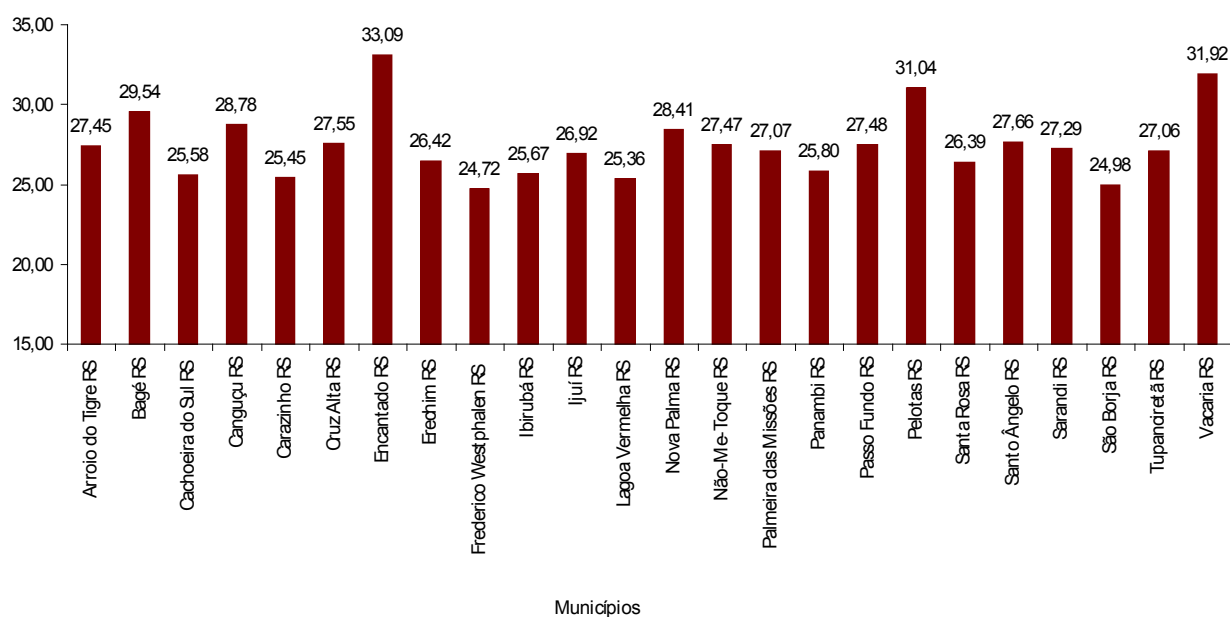


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



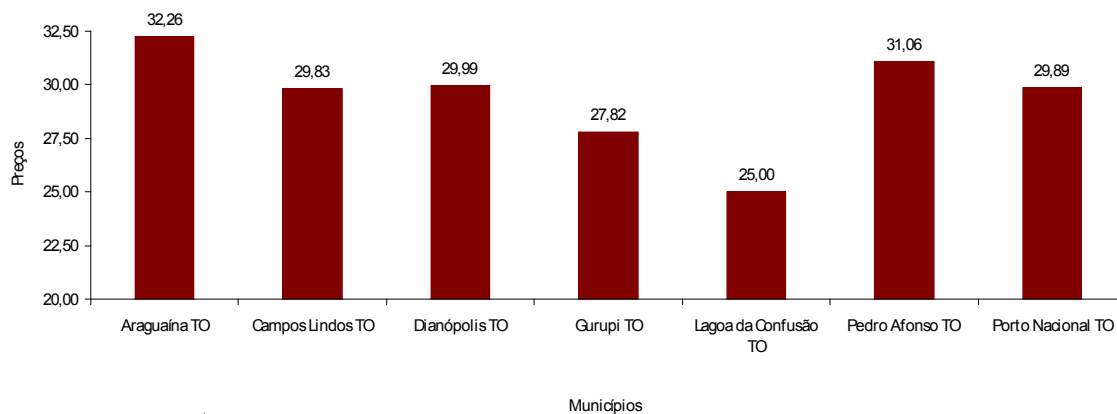
Gráfico 113 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Abril 2015 a abril 2016

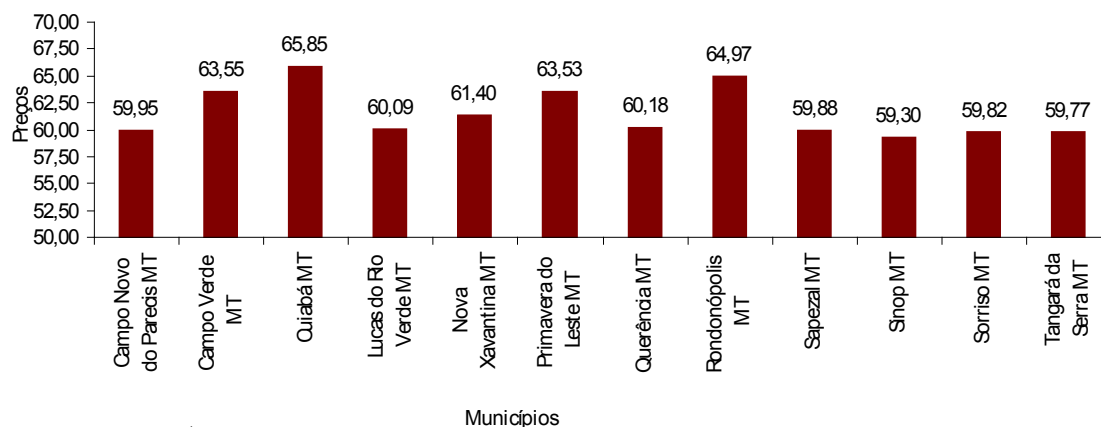
Gráfico 114 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 115 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

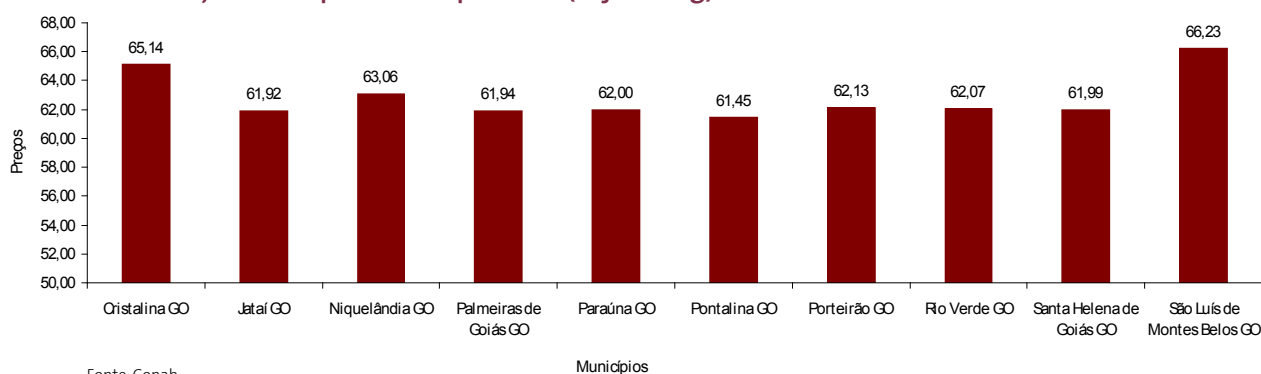


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



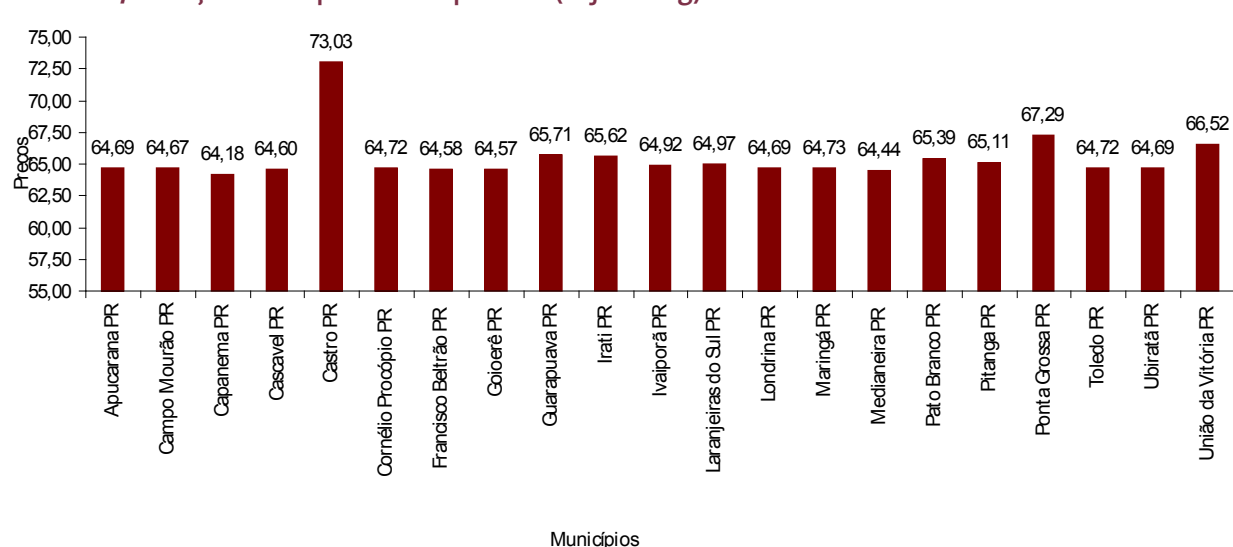
Gráfico 116 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

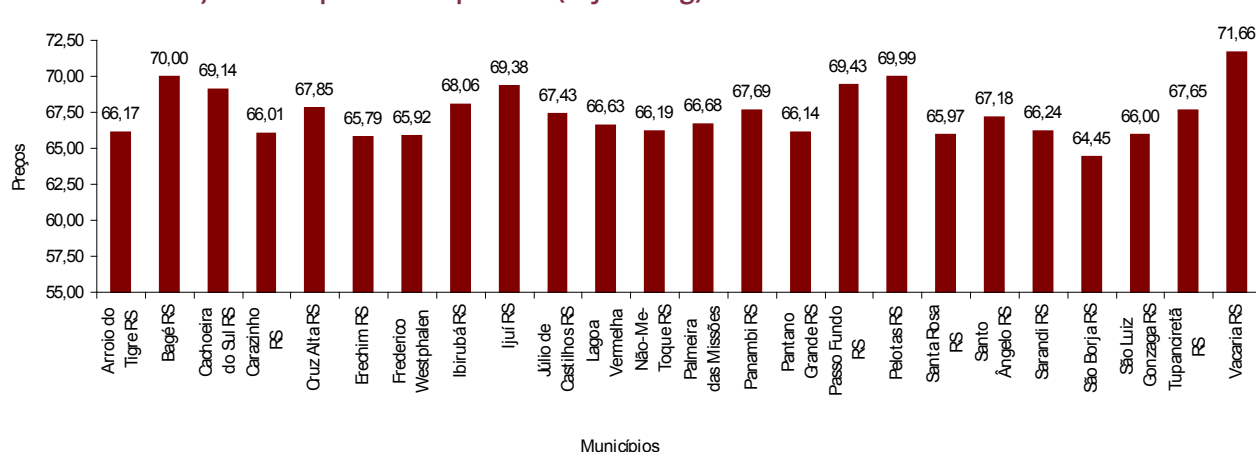
Gráfico 117 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

Gráfico 118 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

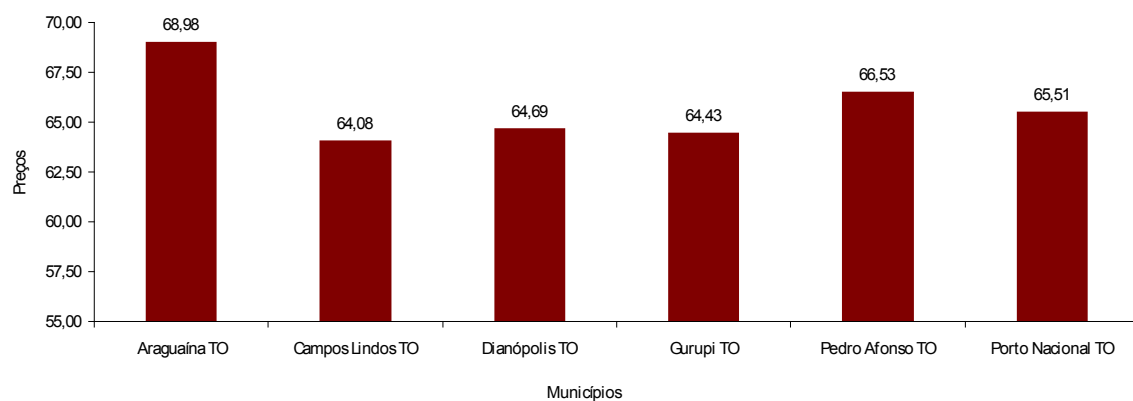


Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016



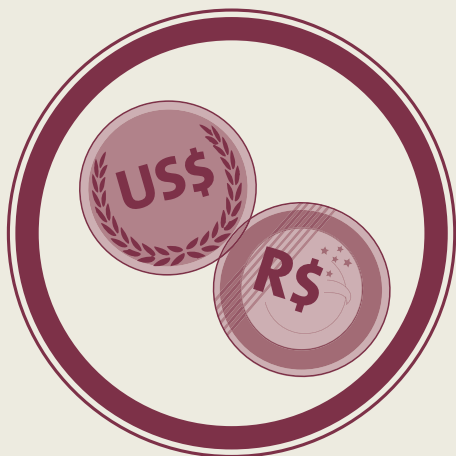
Gráfico 119 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Abril 2015 a abril 2016

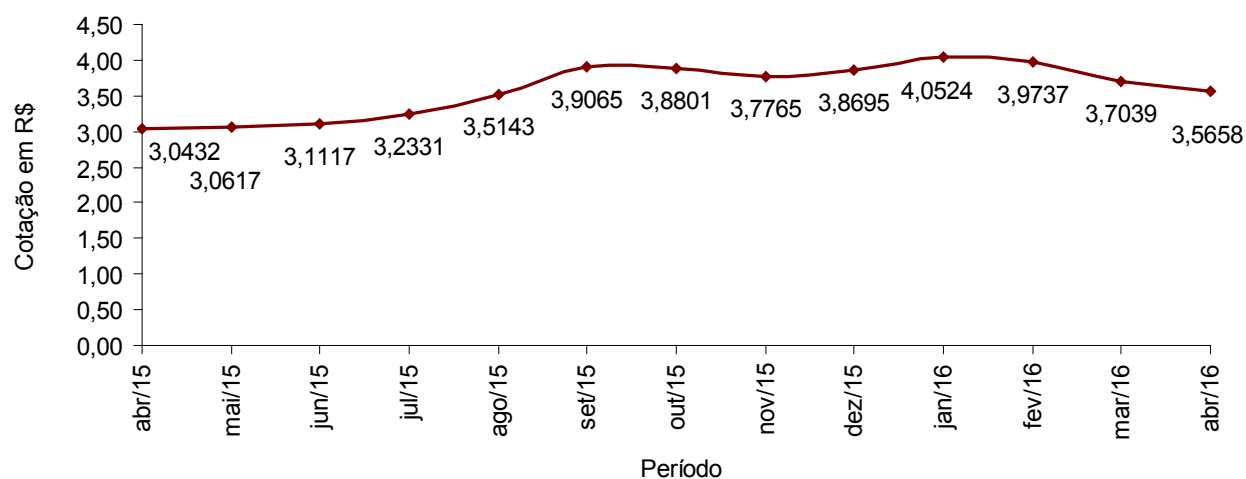




11. CÂMBIO

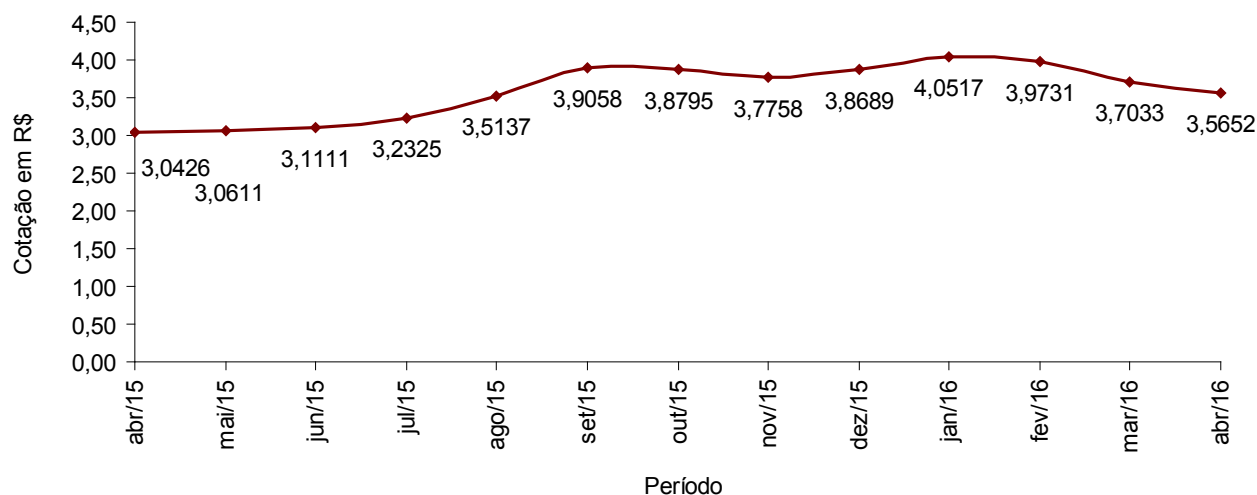
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de abril de 2015 a abril de 2016.

Gráfico 120 - Câmbio venda - abril de 2015 a abril de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 121 - Câmbio compra - abril de 2015 a abril de 2016



Fonte: Bacen.





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

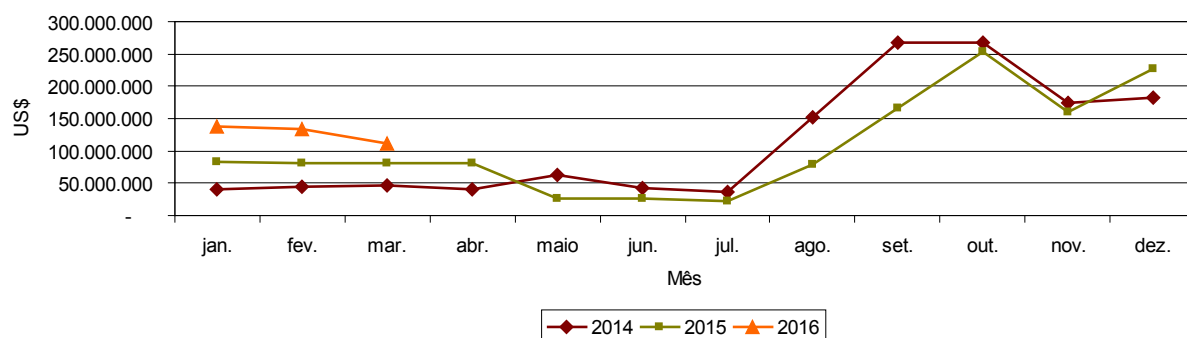
Em termos quantitativos, no ano de 2016 (janeiro e fevereiro), destaca-se o incremento das exportações de algodão, arroz, feijão e do milho, comparando com o mesmo período de 2014 e 2015. Com relação à soja e do complexo soja, a exportação é superior ao ano de 2015, mas inferior ao quantitativo exportado em 2014. O texto abaixo comenta a respeito dessas culturas.

No segmento da importação, observa-se o aumento do quantitativo de feijão e redução com o trigo.

12.1. ALGODÃO

As exportações de algodão bruto em 2016, nos meses de janeiro a março, continuam superiores aos anos sob análise. O quantitativo exportado atinge 258,1 mil toneladas – 65% superior ao mesmo período de 2015 (156,3 mil toneladas) e 278% em relação a 2014 (68,3 mil toneladas). No que se refere aos recursos auferidos no mercado internacional, o que reflete nos recursos auferidos com a exportação.

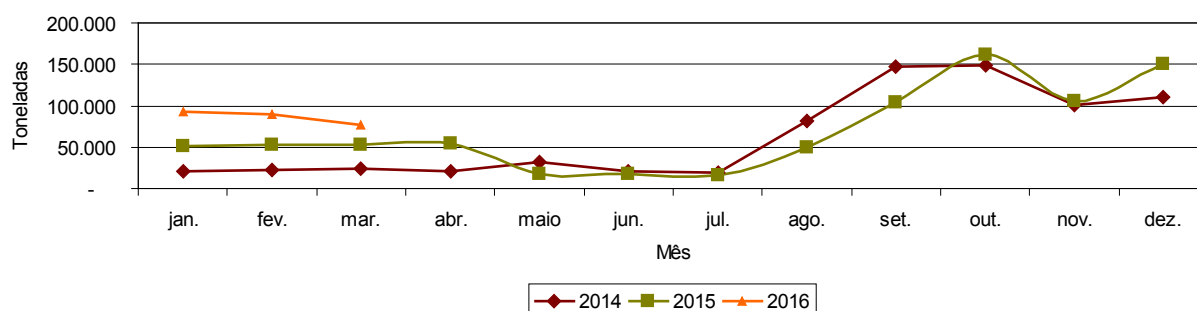
Gráfico 122 - Exportações - US\$ - Algodão, em bruto



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 123 - Exportações - Toneladas - Algodão, em bruto

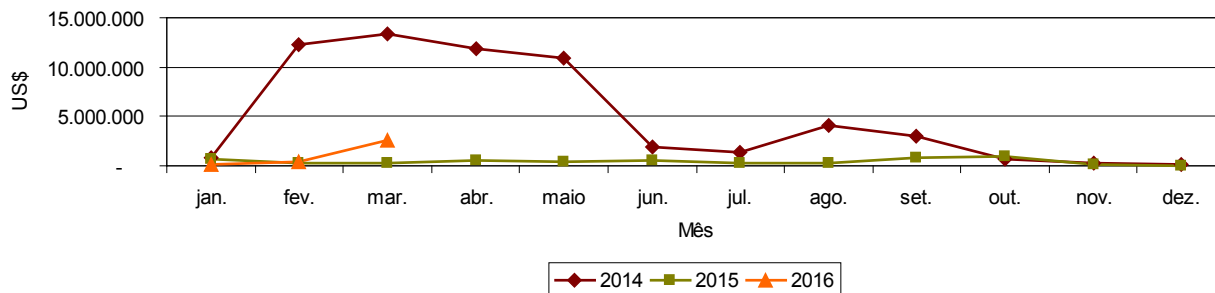


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

A importação de algodão bruto apresenta-se superior ao ano de 2015, mas é ínfima em relação a 2014.

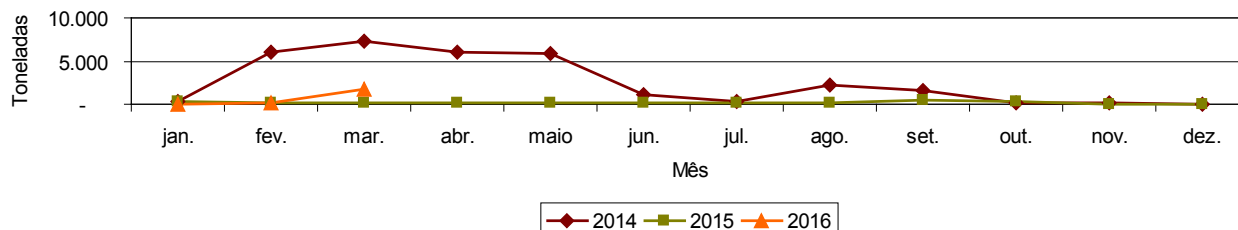
Gráfico 124 - Importações - US\$ - Algodão, em bruto - janeiro 2014 a março de 2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 125 - Importações - Toneladas - Algodão, em bruto - janeiro 2014 a março de 2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

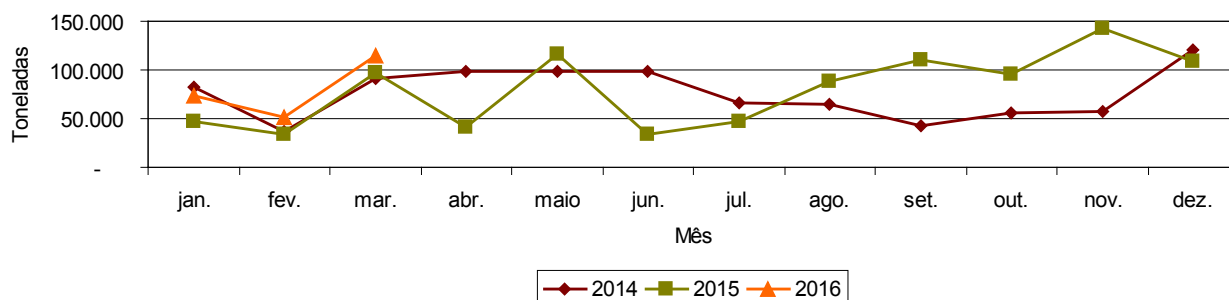


12.2. ARROZ

O comportamento da exportação de arroz nos meses de Janeiro a Março de 2016 é superior ao mesmo período de 2014 e 2015 e as informações constantes do gráfico demonstram semelhança no período

analisado. O montante de recursos obtidos com a exportação nesse período é de aproximadamente US\$ 79,5 milhões de dólares americanos.

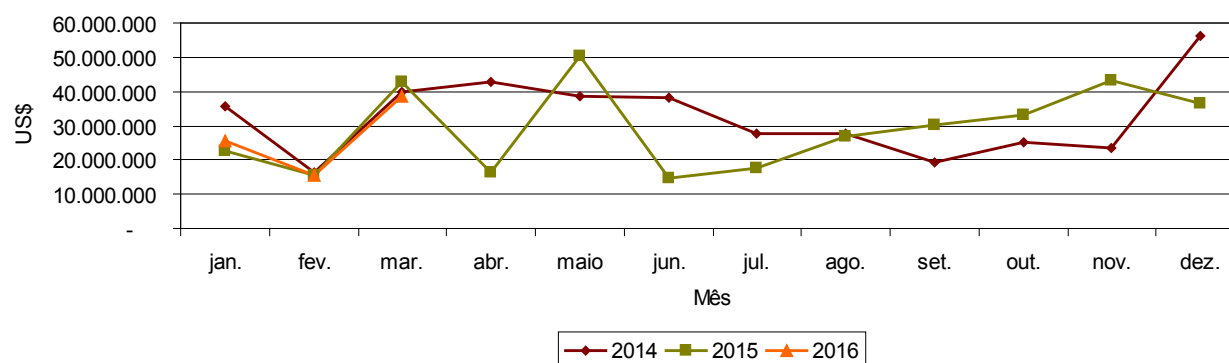
Gráfico 126 - Exportações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 127 - Exportações - US\$ - Arroz - Toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

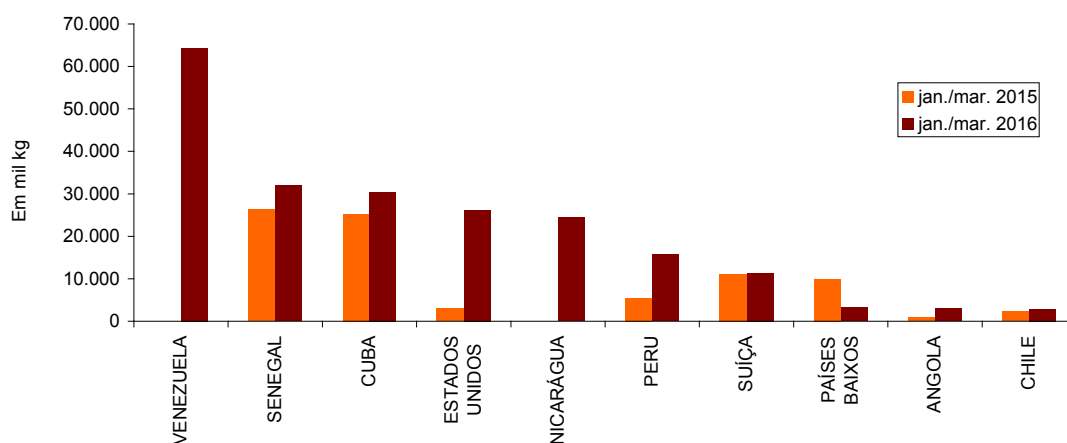
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

A exportação de arroz em janeiro e março em 2016, comparada com o mesmo período em 2015 teve incremento de 34,06% com destaque o aumento de exportação para os Estados Unidos da América (760%), Angola (243%) e Peru (183%). Outro ponto

a registrar é a inclusão neste ano de novos destinos para o produto brasileiro, como é o caso de Nicarágua, Venezuela. A importação de arroz no período de janeiro e fevereiro/16 é inferior ao mesmo período de 2014 e 2015.



Gráfico 128 - Exportações brasileiras de arroz - Principais países importadores

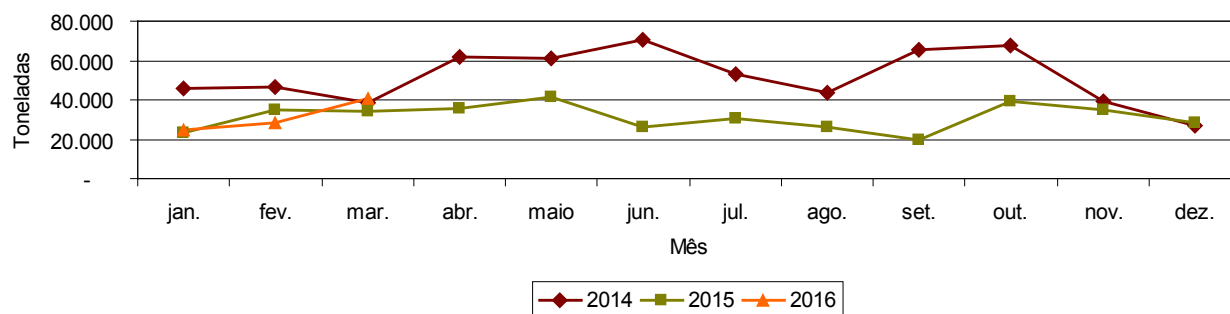


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

A importação de arroz no período de Janeiro a março/16 (93,0 mil toneladas) é inferior ao mesmo período de 2014 e 2015.

Gráfico 129 – Importações - Toneladas - Arroz



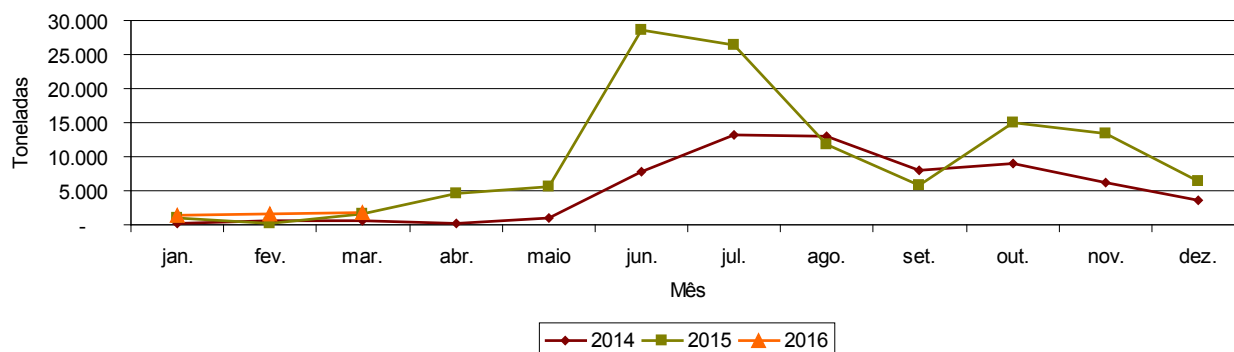
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

12.3. FEIJÃO

A exportação de feijão neste ano atingiu aproximadamente 4,6 mil toneladas, com receita de 2,9 milhões de dólares americanos.

Gráfico 130 – Exportações - Toneladas - Feijão

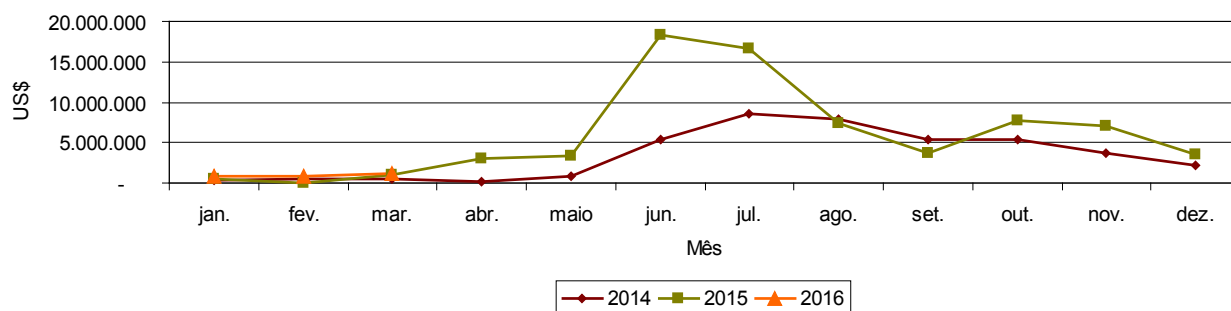


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016



Gráfico 131 – Exportações - US\$ - Feijão



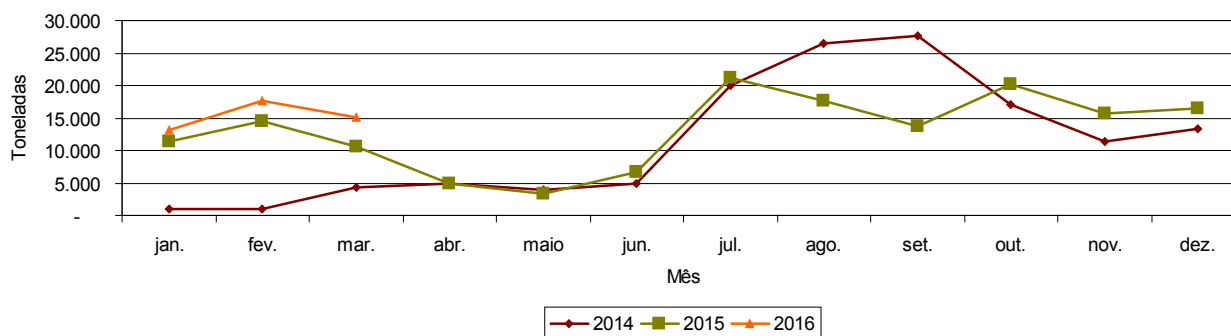
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

No período de janeiro a março de 2016, houve a importação de 45,9 mil toneladas de feijão - quantidade superior a 2014 (6,2 mil toneladas) e 2015 (36,4 mil to-

neladas), com envolvimento de US\$ 24,7 milhões de dólares americanos.

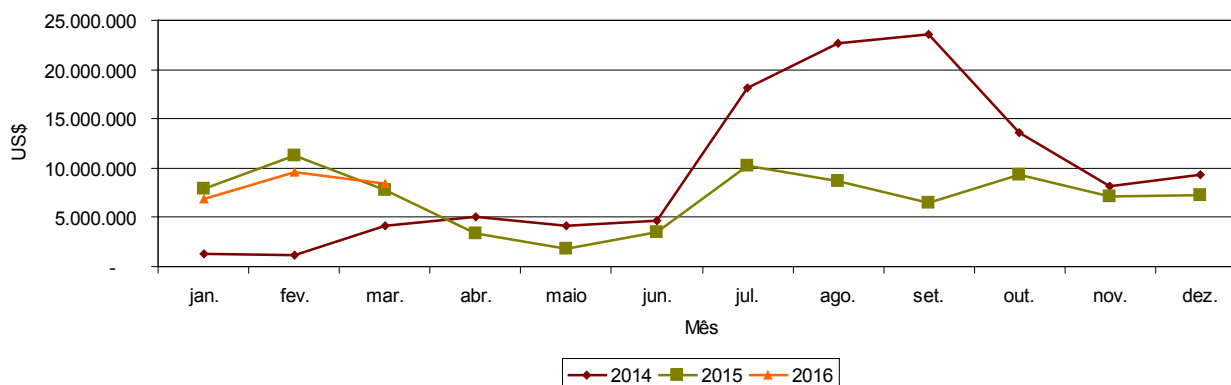
Gráfico 132 – Importações - Toneladas - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 133 – Importações - US\$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

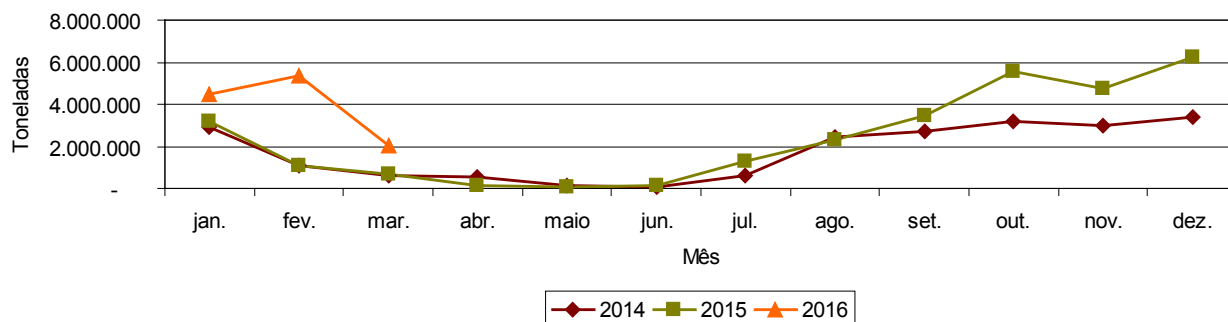


12.4. MILHO

Nos últimos 03 anos o Brasil exportou 61,4 milhões de toneladas, com envolvimento de 10,7 bilhões de dólares americanos. No período compreendido entre Janeiro a Março de 2016 a exportação de milho atingiu 11,8 milhões de toneladas, superior em 138% em

relação a 2015 (5,0 milhões de toneladas) e 162% comparado com o mesmo período de 2014 (4,5 milhões de toneladas). O montante envolvido neste ano é de US\$ 1,9 bilhões de dólares americanos.

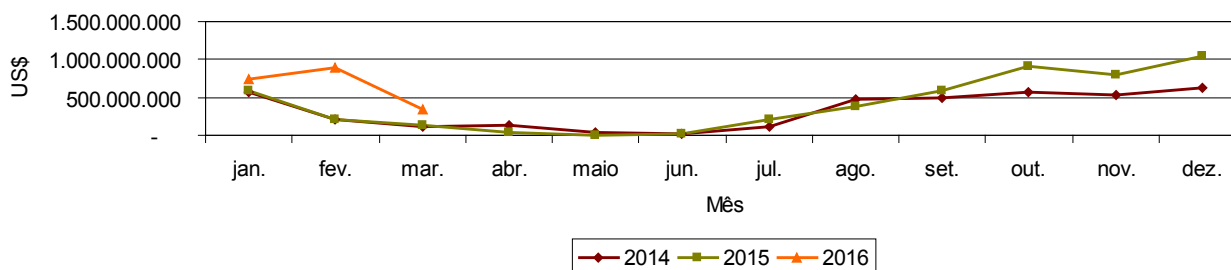
Gráfico 134 - Exportações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 135 - Exportações - US\$ - Milho



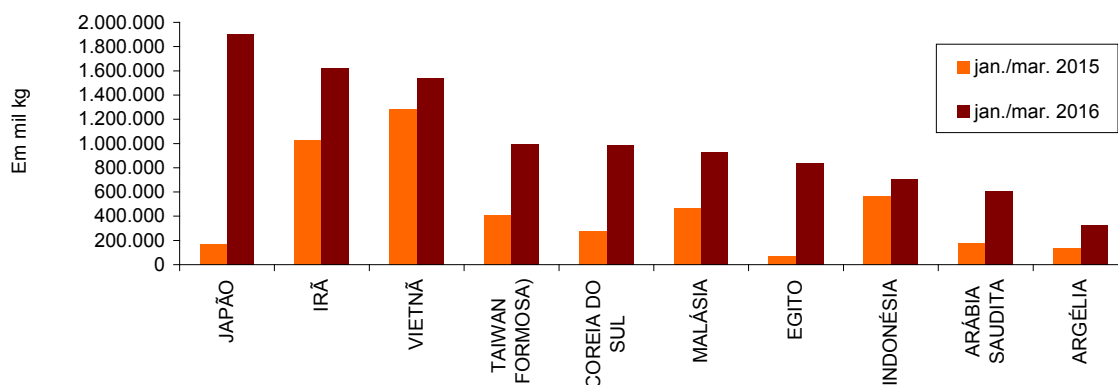
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Observando os meses de janeiro a março de 2016 em relação ao mesmo período do ano anterior, destaca-se o crescimento do quantitativo exportado para o Egito (1073%), Japão (1003%). As exportações de milho tam-

bém aumentaram para a Coreia do Sul (259%), Arábia Saudita (240%) Taiwan – Formosa (144%), Argélia (132%) e Malásia (98%). Os principais países de destino estão destacados no gráfico abaixo

Gráfico 136 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

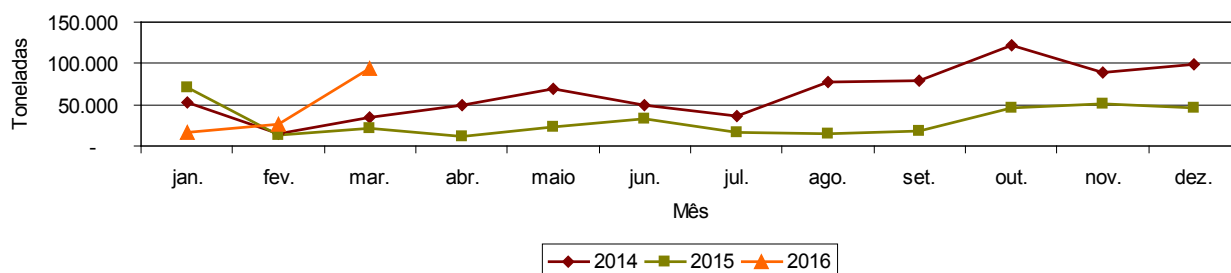
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016



No que se refere à importação de milho observa-se que o comportamento no mês de março/16 é bem di-

ferente do mesmo período dos anos de 2014 e 2015.

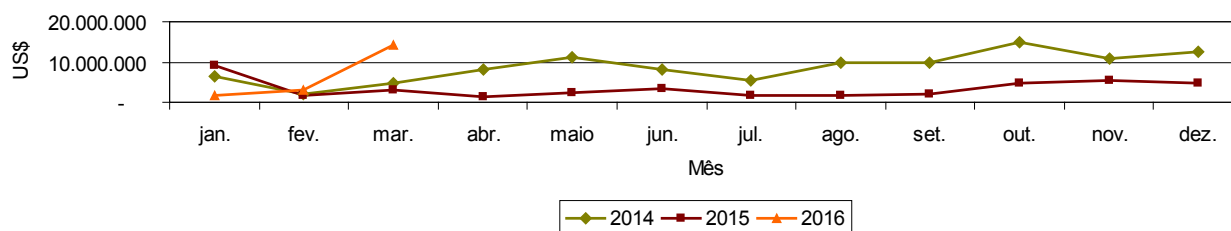
Gráfico 137 - Importações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 138 - Importações - US\$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

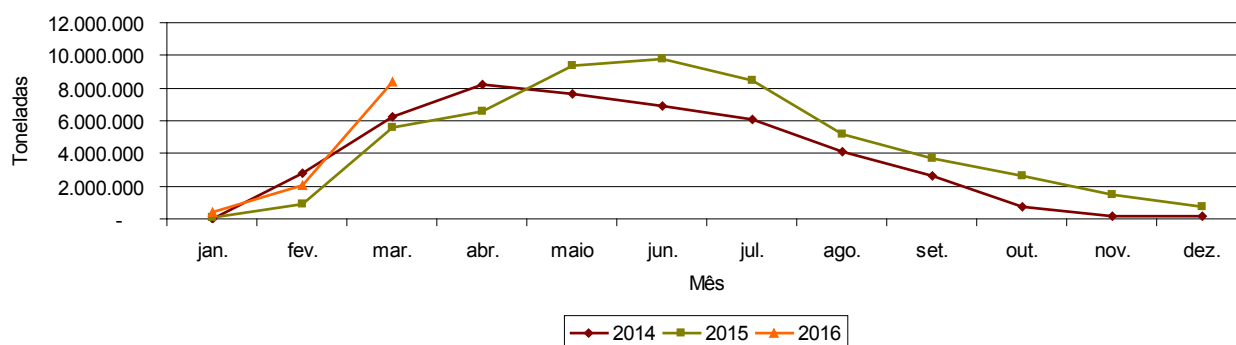
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

12.5. SOJA EM GRÃOS

A exportação de soja em 2014, 2015 e até março de 2016 atinge 110,8 milhões de toneladas, com envolvimento de 48 bilhões de dólares americanos. No período de janeiro a março de 2016 foi exportado 10,8 milhões de toneladas de soja, enquanto que no mesmo

período de 2015 o quantitativo foi de 6,5 milhões de toneladas. O ano de 2014 (janeiro a março) a quantidade exportada foi de 9 milhões de toneladas. O montante envolvido na exportação de soja em 2016 é de US\$ 3,8 milhões de dólares americanos.

Gráfico 139 - Exportações - Toneladas - Soja, em grãos

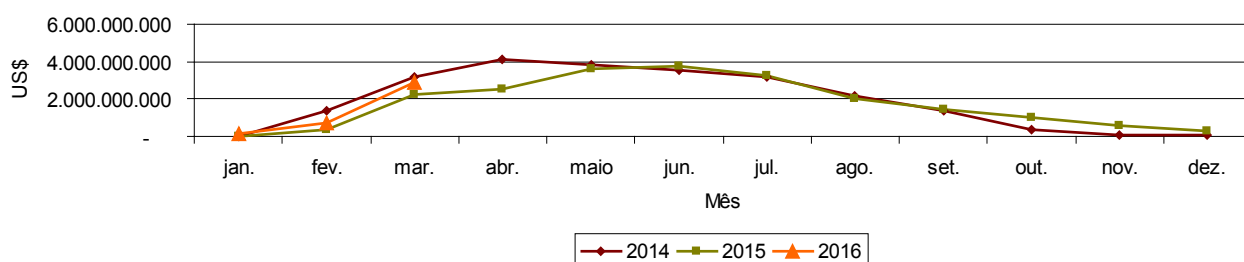


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016



Gráfico 140 - Exportações - US\$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

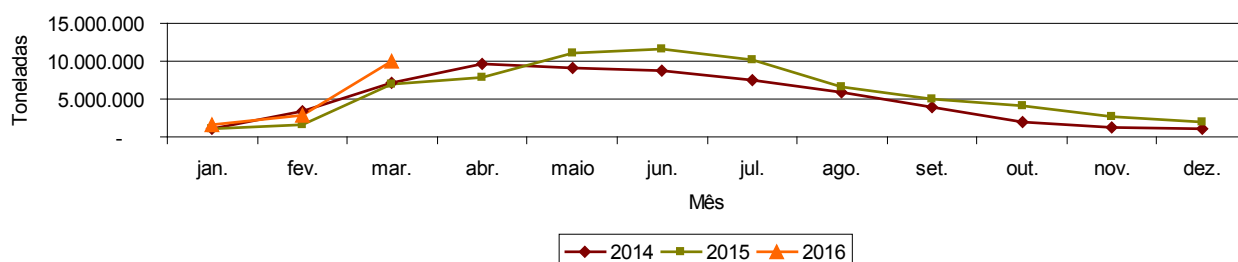
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

12.6. COMPLEXO SOJA

Observando os anos de 2014, 2015 e até março de 2016, o Brasil exportou 146,1 milhões de toneladas do complexo soja, perfazendo 64,5 bilhões de dólares americanos. Os gráficos abaixo demonstram que no

período de janeiro a março de 2016, ocorreu aumento da exportação em termos quantitativos. O montante envolvido com a exportação em 2016 atinge 5,1 bilhões de dólares americanos.

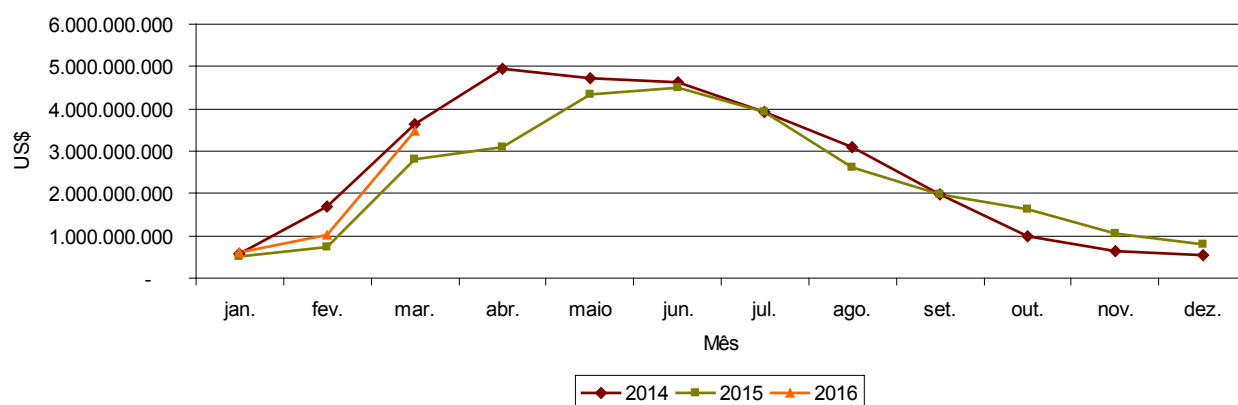
Gráfico 141 – Exportações- Toneladas - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 142 – Exportações - US\$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

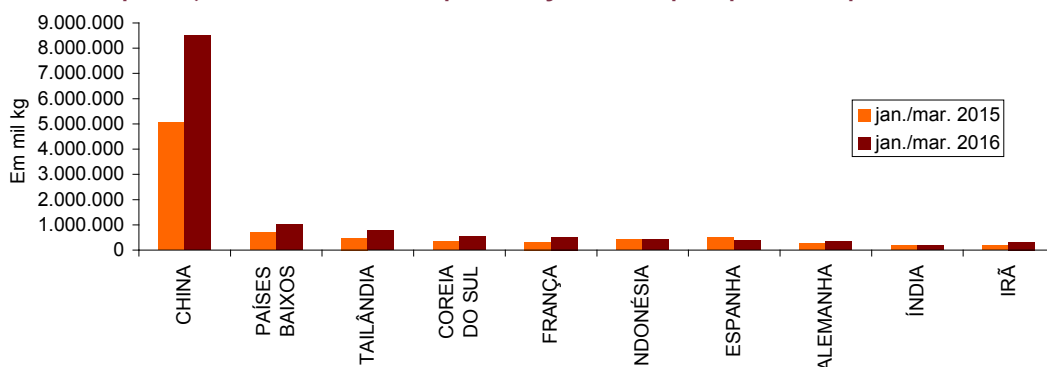
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

As exportações do complexo soja cresceram 49,59% observando os meses de janeiro a março de 2016 e 2015. O principal destino é a China, com crescimento de 68% em relação ao ano anterior. Destaca-se o

aumento da exportação do complexo soja para o Irã (67,06%), França (64,57%) Tailândia (62,69%) e Coreia do Sul (62,44%).



Gráfico 143 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

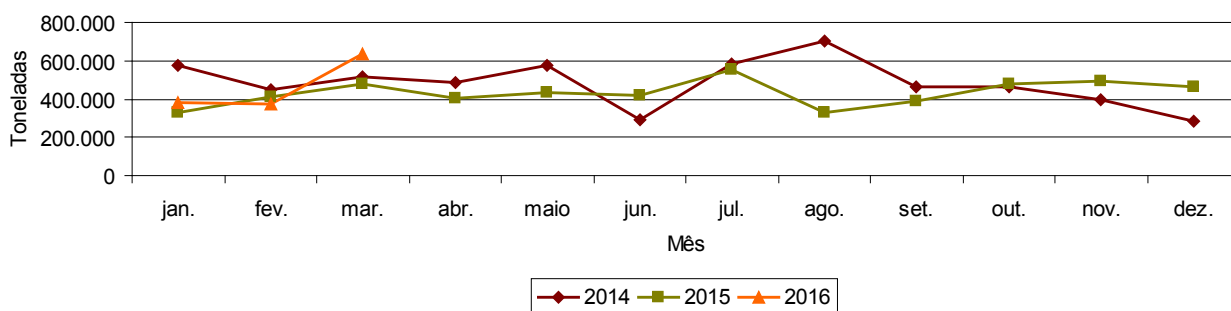
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

12.7. TRIGO

O Brasil, de janeiro a março de 2016, importou 1,38 mil toneladas de trigo, com desembolso de 272,7 milhões

de dólares americanos. Nos anos de 2014 e 2015, a importação de trigo foi de 1,2 e 1,5 mil toneladas.

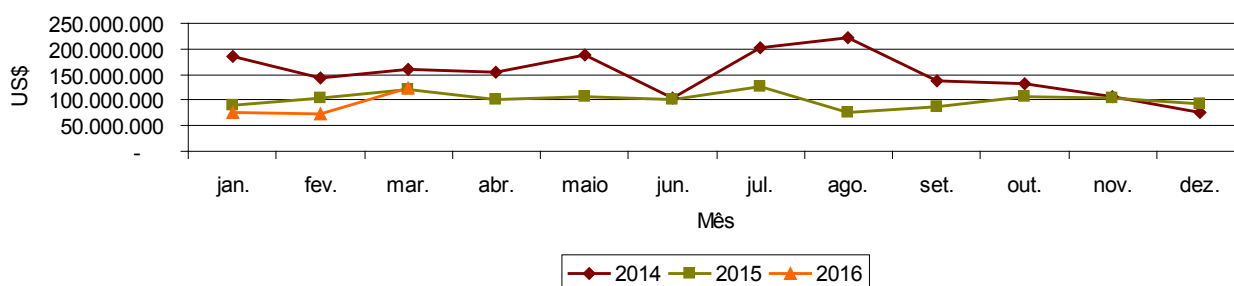
Gráfico 144 – Importações - toneladas - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

Gráfico 145 – Importações - US\$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

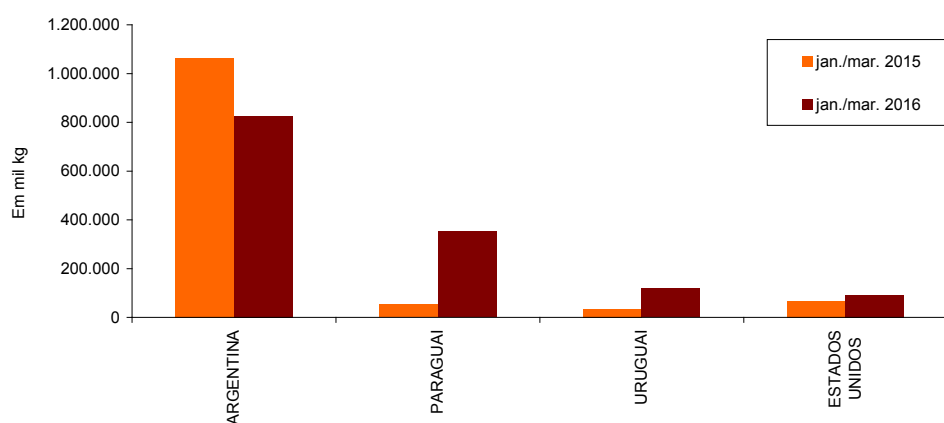
Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

A Argentina, mesmo reduzindo sua participação em 22% em relação ao ano de 2015, continua sendo a principal fornecedora de trigo para o Brasil (826,3 mil toneladas). Pode-se destacar que no período de janeiro a

março de 2015 e 2016 houve incremento de 557 e 256% na quantidade importada do Paraguai e do Uruguai respectivamente.



Gráfico 146 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a março de 2016

No período de janeiro a março de 2016 ocorreu a exportação de 590,7 mil toneladas de trigo, com geração de receita no montante de US\$ 95,5 milhões de dó-

lares americanos. No ano de 2015 a exportação nesse mesmo período atingiu 1.183 mil toneladas.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



772318

685002



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

